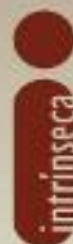


do autor do
best-seller nº 1
A MENINA QUE
ROUBAVA LIVROS

MARKUS ZUSAK

eu sou o mensageiro





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



M A R K U S Z U S A K

eu sou o



intrínseca

Copyright © 2002 Markus Zusak

TÍTULO ORIGINAL

The Messenger

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Mariana Newlands

IMAGEM DA CAPA

Bettmann/Corbis/LatinStock

REVISÃO

José Figueiredo

Isabel Newlands

REVISÃO DE EPUB

Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-098-4

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais à Baycrew, ao NSW Taxi Council e à Anna McFarlane por seus conhecimentos e comprometimento.

P A R T E U M

A P R I M E I R A
M E N S A G E M

Rua Edgar, 45,
meia-noite.
Avenida Harrison, 13,
18:00.

Rua Macedoní, 6,
5:30 da manhã.



O assaltante é um mané.

Eu sei disso.

Ele sabe disso.

O banco inteiro sabe disso.

Até meu parceirão Marvin, que é mais mané do que o assaltante, sabe disso.

O pior de tudo é que o carro do Marv está estacionado lá fora, e o parquímetro, correndo. Estamos todos deitados aqui no chão de cara pra baixo, e os 15 minutos de estacionamento estão quase acabando.

— Por que esse cara não anda logo com isso? — falo bem baixinho.

— Pois é — Marvin responde. — Que absurdo — o som da voz dele bate no chão e faz aquela vibração seca. — Vou levar uma multa por causa desse otário. Outra multa não dá, Ed. Não tô podendo.

— E esse carro aí nem vale a dor de cabeça.

— Como é que é?

Marv olha pra mim. Dá pra sacar que ele está ficando puto. Ofendido. Se tem um lance que o Marv não admite, é que alguém fale mal de seu carro. Ele pergunta de novo.

— O que você disse mesmo, Ed?

Respondo baixinho:

— Eu disse que esse carro não vale a dor de cabeça, Marvin.

— Olha só, eu engulo qualquer desaforo, Ed, mas...

Eu me desligo do que ele está dizendo, porque com toda sinceridade, quando o Marv começa a falar do carro, ninguém aguenta a chatice. Ele não consegue parar de falar, parece até criança; só que dá um tempo! O cara acabou de fazer 20 anos!

A falação continua por mais um minuto até que eu tenho que dar um corte.

— Marv, esse carro é uma vergonha, tá ligado? O troço não tem nem freio de mão, pô! Tá ali parado por causa dos dois tijolos que você colocou nas rodas de trás, cara — tento falar o mais baixo possível. — Na maioria das vezes você nem se dá ao trabalho de trancar. Acho até que você quer mais é que alguém faça um estrago nele pra você poder receber o seguro.

— Não tem seguro nenhum.

— Tá vendo só?

— O pessoal do Automóvel Clube disse que não valia a pena.

— Dá pra entender.

Nesse momento, o bandido se vira e grita:

— Quem é que tá de papo aí atrás?!

Marv não dá a mínima. Está nervosinho por causa do carro.

— Quando eu te dou uma carona pro trabalho, você não reclama, né, seu presunçoso?
— Presunçoso? Que diabo quer dizer isso?
— Ae, já mandei calar o bico aí atrás — o bandido grita de novo.
— ENTÃO ANDA LOGO COM ISSO! — Marv responde todo puto. Agora já era, o cara está com a macaca. Ferrou.

Ele está com a cara virada pro chão do banco.

Está acontecendo um assalto.

Está quente demais para a primavera.

O ar-condicionado está pifado.

Acabaram de avacalhar com o carro dele.

O velho Marv já está a ponto de explodir, ou de enlouquecer, sei lá; a coisa vai ficar feia.

Continuamos esticados no chão, de cara para o carpete azul-claro, velho, sujo, e nós dois estamos ali, um comendo o outro com os olhos. Ritchie, um camarada nosso, está com a metade do corpo embaixo da mesa do Lego, deitado entre todas as peças que se esparramaram quando o bandido entrou gritando e sacudindo tudo. Audrey está bem atrás de mim, e minha perna está ficando dormente porque o pé dela está bem em cima.

A arma do assaltante está apontada para o nariz de uma infeliz atrás do balcão. O nome no crachá é “Misha”. Coitada da Misha. A garota treme tanto quanto o assaltante enquanto ela espera um zé-mané colocar o dinheiro na sacola — uma figura de 29 anos, com a cara cheia de espinha, usando uma gravata e com o sovaco todo ensopado de suor.

— Pô, por que esse cara não anda logo? — Marv reclama.

— Eu já disse isso — lembro.

— E daí? Não posso fazer um comentário, não?

— Tira o pé de cima de mim — digo pra Audrey.

— O quê? — ela pergunta.

— Eu disse pra tirar o pé de cima de mim... Minha perna tá ficando dormente.

Ela tira, meio que de má vontade.

— Valeu.

O bandido se vira e grita pela última vez:

— Quem é o filho-da-puta que tá falando?

O negócio com o Marv é o seguinte: mesmo quando tudo está na boa, o cara já é problemático. Gosta de criar uma encrenca. É quase antipático. É aquele tipo de amigo com quem a gente está sempre discutindo — ainda mais quando o assunto é a merda do Falcon, a lata-velha. E quando ele não está com a macaca, é um babaca imaturo.

Ele grita de sacanagem:

— É o Ed Kennedy, moço. É ele que tá de papo.

— Muito obrigado! — eu digo.

(Meu nome completo é Ed Kennedy. Sou taxista, tenho 19 anos. Não sou nada diferente dos outros jovens daqui destes subúrbios — não tenho lá muitos planos pro futuro, e as possibilidades são poucas. Tirando isso, leio mais livros do que deveria, sou um zero à esquerda na cama e não entendo nada de imposto de renda. Prazer.)

— Cala essa boca, Ed! — o bandido grita. — Senão vou até aí e mando chumbo nesse

traseiro.

Marv dá uma risadinha.

Parece até que estou na escola de novo, com o professor de matemática — aquele sádico — na frente da sala só dando ordens, quando no duro mesmo ele está cagando e andando, não vê a hora da sirene tocar e poder voltar pra casa, encher o bucho de cerveja e engordar feito um porco de cara pra TV.

Olho pro Marv. Dá vontade de esganar o moleque.

— Qual é, meu irmão? Tá querendo morrer? Você já tem 20 anos na cara.

— Cala essa boca, Ed! — o bandido grita mais alto desta vez.

Falo mais baixinho ainda:

— Se eu levar um tiro, a culpa é sua. Você sabe disso, né?

— Eu mandei calar a *boca*, Ed!

— Você está achando isso muito engraçado, não tá, Marv?

— Agora chega — o assaltante deixa de lado a mulher do balcão e se aproxima da gente, puto da vida. Quando ele chega, nós todos olhamos pra ele.

Marv.

Audrey.

Eu.

E todos os outros infelizes espalhados pelo chão.

A ponta da arma encosta bem na minha cara, no meio dos olhos. Dá vontade de coçar, mas eu me seguro.

O bandido olha pra frente e pra trás, pra mim e pro Marv. Através da meia fina que ele colocou na cara, dá pra eu ver o bigode ruivo e as marcas de espinha. O sujeito tem os olhos pequenos e é orelhudo. É bem provável que esteja roubando o banco pra se vingar do mundo por ele ter vencido o concurso de feiura três anos seguidos.

— E então, quem aí é o Ed?

— É ele — respondo, apontando pro Marv.

— Ih, sai fora, velho — Marv protesta, e sua cara me diz que ele está muito calmo pro meu gosto. Ele sabe que esse bandido não é de nada, pois, se fosse, a gente já estaria morto. Ele olha pro cara-de-meia e diz:

— Opa, peraí... — ele passa a mão no queixo. — Você não me é estranho.

— Tá bom, tá bom — resolvo confessar. — *Eu sou o Ed.*

Só que o bandido está prestando atenção no que o Marv tem a dizer.

— Marv — sussurro alto — cala a boca, mané.

— Cala a boca, Marv — Audrey manda.

— Cala a boca, Marv! — grita Ritchie do outro lado.

— Quem é você, diabo? — o bandido grita pro Ritchie, se virando pra descobrir de onde veio a voz.

— Ritchie.

— Então nem começa, Ritchie. Cala essa matraca!

— Tudo bem — a voz responde. — Valeu!

Todos os meus amigos parecem um bando de idiotas metidos a valentões. Não me

pergunte por quê. Como muitas coisas, só sei que é assim.

O bandido então começa a ficar com o sangue fervendo. O suor começa a ultrapassar a meia que esconde o rosto.

— Já tô de saco cheio disso — ele resmunga. Quando ele fala, parece que solta fogo.

Só que nem assim o Marv cala a droga da boca.

— Cara, acho que estudamos na mesma escola, sei lá, um troço desse, sacou? — ele continua.

— Tu tá querendo morrer, não tá? — o bandido está uma pilha, ainda fervendo.

— Olha só — Marv explica —, na verdade só tô querendo que você pague a multa de estacionamento pra mim. Não posso passar dos 15 minutos estacionado ali e você tá me prendendo aqui.

— Tô mesmo, e daí? — ele aponta a arma.

— Pra que essa agressividade toda, cara?

Ai, meu Deus, eu penso. O Marv já era. Ele vai levar um teco na garganta.

O bandido olha lá pra fora através da porta de vidro, tentando sacar qual é o carro do Marv.

— Qual é o seu carro? — ele pergunta, reconheço até que com educação.

— É aquele Falcon azul-claro ali.

— Aquela porcaria ali? Essa porra não serve nem pra mijar em cima; é ruim de eu pagar multa por ela, hein.

— Opa, alto lá — o Marv fica todo ofendido de novo. — Já que você tá roubando o banco, o mínimo que pode fazer é pagar minha multa, não acha, não?

Enquanto isso.

O dinheiro está pronto pra viagem, e Misha, a garota do balcão, chama o bandido. O bandido se vira e volta pra lá.

— Anda logo, vadia — ele grita, e ela passa a sacola. Imagino que seja preciso falar assim quando se está assaltando. Ele viu tudo quanto foi filme e prestou bem atenção. Não demora muito e ele volta pro nosso lado, com o dinheiro na mão.

— Você! — o ladrãozinho grita pra mim. Agora que ele está com a grana, parece que se reanimou. O cara está prestes a me porrar com a arma quando de repente alguma coisa chama sua atenção lá fora.

Ele olha.

Bem pra fora do vidro.

Uma gota de suor pinga de seu pescoço.

Ele respira fundo.

Ele fica todo bolado.

Ele diz:

— Essa não!

A polícia está lá fora, mas não faz ideia do que está rolando dentro do banco. A notícia ainda não vazou. Os guardas estão expulsando alguém que estacionou um Torana dourado em fila dupla na porta da padaria do outro lado da rua. O carro rala dali, os guardas também, e o bandido mané fica na mão, sem a carona, só com a grana.

Daí ele tem uma ideia.

Ele se vira de novo.

Pra gente.

— Você — ele se dirige ao Marv. — Passa as chaves.

— O quê?

— É isso mesmo que você ouviu.

— Esse carro é peça rara, meu irmão!

— É uma merda rara, isso sim, Marv — sacaneio. — Agora passa logo as chaves pra ele ou quem vai acabar com sua raça sou eu!

Fazendo uma cara de poucos amigos, Marv enfia a mão no bolso e tira as chaves do carro.

— Toma cuidado — ele pede.

— Chupa meu pau — o bandido responde.

— Ô, não tem necessidade disso! — Ritchie grita embaixo da mesa do Lego.

— E você cala essa boca! — o bandido responde aos berros e sai batido.

O problema é que as chances do carro do Marv pegar logo de primeira são de cinco por cento.

O bandido sai varado pela porta do banco e ruma em direção à rua. Ele tropeça e derruba a arma perto da entrada, mas resolve continuar sem ela. De repente, vejo que o cara fica bolado, na dúvida entre voltar e pegar a arma ou seguir em frente. O tempo é curto e ele continua correndo, deixando a arma pra lá.

Quando ficamos de joelhos pra ver o que o safado está fazendo, vemos ele se aproximando do carro.

— Fica olhando... — Marv começa a rir. Eu, Marv e Audrey estamos só de olho, e o Ritchie se aproxima da gente.

Lá fora, o bandido dá uma parada e tenta descobrir com que chave abre o carro. Nesse instante, todo mundo começa a rir da incompetência do cara.

Finalmente ele consegue entrar e tenta ligar o carro várias vezes, mas a lata-velha se recusa a dar partida.

Então.

Por algum motivo que nunca vou entender.

Saio correndo, pego a arma no caminho. Quando atravesso a rua, olho bem nos olhos do bandido. Ele tenta sair do carro, mas agora é tarde.

Fico parado na frente da janela do Ford.

Estou com a arma apontada nos olhos dele.

Ele para.

Nós dois paramos.

Ele tenta sair e correr, e eu juro por Deus como nem me dou conta de que estou mandando chumbo até que avanço na direção do cara e ouço o vidro se estilhaçando.

— O que é que você tá fazendo? — Marv grita desesperado do outro lado da rua. Caiu o mundo dele. — Você está atirando no meu carro!

Surgem então as sirenes.

O bandido se ajoelha.

Ele diz:

— Que *idiota* que eu sou!

Eu só concordo.

Por um momento eu olho pra baixo e sinto pena do cara, pois me dou conta de que posso estar olhando para o homem mais azarado e infeliz do planeta. Primeiro, ele rouba um banco onde encontra uma cambada de imbecis como eu e o Marv. Daí o carro que era pra ser usado na fuga some. Aí, quando ele acha que resolveu a situação pegando outro carro, encontra a lata-velha mais escrota do hemisfério sul. De certa forma, tenho pena dele. Imagina só que humilhação.

Depois que os guardas tiram o bandido algemado dali, viro pro Marv e digo:

— Tá vendo aí? — continuo e me empolgo, falando mais alto, apontando pro carro. — Tá vendo aí? Isso é pra você ver que esse carro é pra lá de escroto! — dou uma parada pra deixar o cara pensar um pouco. — Se essa droga valesse alguma coisa, o malandro teria ralado daqui, concorda?

Marv dá o braço a torcer.

— Acho que sim.

Na verdade, é até difícil saber se pra ele não teria sido melhor se o bandido tivesse fugido, pois assim ele poderia mostrar que a carroça não era tão escrota assim.

É caco de vidro pra tudo quanto é lado: na rua, nos bancos do carro. Tento decidir quem ficou mais no chão: se foram os cacos de vidro da janela ou se foi a cara do Marv.

— Ae — digo — desculpa aí pela janela. Foi mal.

— Deixa pra lá — Marv responde.

A arma, que ainda estou segurando, está quente e grudenta, parecendo chocolate derretido.

Chegam mais outros guardas pra fazer perguntas.

Vamos até a delegacia e eles perguntam sobre o assalto, o que rolou e como que a arma foi parar na minha mão.

— Ele deixou cair?

— Foi isso que eu disse, não foi?

— Olhe aqui, meu filho — diz o policial. Ele tira os olhos dos papéis. — Não precisa dar uma de nervosinho pra cima de mim.

O policial tem uma pança de cerveja e um bigode já ficando branco. Por que será que uma porrada de policiais acha que precisa deixar o bigode crescer?

— Nervosinho? — pergunto.

— Isso mesmo, nervosinho.

Nervosinho.

Até que eu gosto dessa palavra.

— Desculpa aí, seu guarda. Ele deixou a arma cair quando estava saindo do banco, e eu peguei quando fui atrás dele. Foi isso. Ele era do mal, tá ligado?

— A-hã.

Passamos bastante tempo lá dentro. A única hora em que o policial perde a paciência é quando não aguenta mais ouvir o Marv exigindo indenização pelo carro.

— O Falcon azul? — o policial pergunta.

— Esse mesmo.

— Filho, vou ser curto e grosso: esse carro é simplesmente um ultraje. É uma desgraça.

— Eu te disse — lembrei.

— Pelo amor de Deus, o carro não tem nem freio de mão!

— E daí?

— E daí que você tem sorte de não sair daqui multado. O veículo não tem a menor condição de estar rodando.

— Muito obrigado.

O policial sorri.

— Não tem de quê.

— E vê se segue meu conselho.

Estamos quase saindo quando percebemos que o policial ainda não acabou. Ele manda a gente voltar, ou pelo menos manda o Marv voltar.

— Que conselho? — Marv pergunta.

— Por que não arranja um carro novo, filho?

Marv olha pro cara todo sério.

— Por questões pessoais.

— Tipo o quê? Falta de grana?

— Ah, dinheiro não é problema. Fique o senhor sabendo que eu trabalho — ele consegue até parecer o dono da verdade. — Só que tenho outras prioridades.

Ele agora dá um sorriso como só mesmo alguém que tenha tanto orgulho de um carro assim consegue dar. — Além disso, eu adoro meu carro.

— Então tudo bem — o guarda encerra o papo. — Tchau pra você.

— Quer fazer o favor de me dizer que prioridades são essas que você tem? Logo você? — pergunto pro Marv depois que a gente sai da sala.

Marv olha pra frente, todo esquisito.

— Vê se cala a boca, Ed — ele diz. — Uma porrada de gente pode até ter te achado um herói hoje, mas, pra mim, você não passa de um babaca que meteu bala na janela do meu carro.

— Se você quiser, eu pago pelo estrago.

Ele dá mais um sorriso.

— Não precisa.

Pra ser sincero, é um alívio. Prefiro a morte do que ter que colocar um centavo furado naquele Falcon.

Quando saímos da delegacia, Audrey e Ritchie estão lá fora esperando, mas não estão sozinhos. Tem uns jornalistas por perto e tiram uma porrada de fotos.

— É aquele ali! — alguém grita; quando vejo, a galera toda está em cima de mim, fazendo perguntas. Tento responder tudo rapidinho, explicando mais uma vez o que aconteceu. Não moro numa cidade pequena e aqui tem gente do rádio, da televisão e dos jornais, todos eles vão escrever matérias e mostrar os acontecimentos no dia seguinte.

Imagino as manchetes.

Até que seria bem maneiro alguma coisa do tipo: “TAXISTA VIRA HERÓI”, mas é bem provável que eles publiquem algo assim: “MALANDRO TOMA VERGONHA E FAZ ALGUMA COISA QUE PRESTE”. Marv vai morrer de rir dessa.

Depois de mais ou menos uns dez minutos de perguntas, o povo vai embora e a gente volta pro ponto onde o carro está estacionado. Encontramos uma bela de uma multa presa entre o limpador e o para-brisa do Falcon.

— Filhos-da-puta — protesta Audrey, enquanto Marv pega o papel pra ler. A gente estava no banco porque o Marv ia depositar o salário dele. Ele agora vai usar a grana pra pagar a multa.

Tentamos retirar os vidros dos bancos pra podermos entrar. Marv tenta fazer o carro pegar umas oito vezes, só que nada.

— Que ótimo — ele diz.

— Grande novidade — responde Ritchie.

Eu e Audrey ficamos na nossa.

Audrey assume o volante enquanto a gente empurra. Levamos a lata velha pra minha casa, que fica mais perto do centro.

Alguns dias depois, recebo a primeira mensagem.

Isso muda a coisa toda.



SEXO DEVE SER COMO MATEMÁTICA: UMA INTRODUÇÃO À MINHA VIDA

Vou te contar um pouco sobre minha vida.

Toda semana, pelo menos em algumas noites, eu jogo cartas.

É o que fazemos.

Jogamos um lance chamado *Porre*, que não tem nada de difícil e é o único jogo que a gente curte sem cair no bate-boca toda hora.

Tem o Marv, que nunca fecha a matraca, que fica lá sentado, tentando fumar charutos e curtir ao mesmo tempo.

Tem o Ritchie, que fica sempre na dele, exibindo uma tatuagem supertosca no braço direito. Ele tira um gole de sua VB *long-neck* do início ao fim e toca no bigodinho, que parece até que foi colado fio por fio naquela cara de moleque.

Tem a Audrey. Audrey sempre se senta de cara pra mim, bem na minha frente, não interessa o jogo. Ela tem cabelo amarelo, pernas finas, o sorrisinho torto mais lindo do mundo, quadris enlouquecedores e se amarra em ver filmes. Ela também trabalha como taxista.

Daí vem eu.

Antes até de começar a entrar em detalhes sobre mim, acho melhor ir contando alguns outros fatos:

1. Quando tinha 19 anos, Bob Dylan já era veterano da noite do Greenwich Village, em Nova York.

2. Salvador Dalí já tinha pintado uma porrada de quadros sensacionais e se rebelado quando fez 19 anos.

3. Joana D'Arc era a mulher mais procurada e caçada no mundo quando tinha 19 anos, tendo criado uma revolução.

Daí vem Ed Kennedy, também com 19 anos de idade...

Um pouco antes do assalto lá no banco, eu já estava fazendo um balanço geral de minha vida.

Taxista — pra conseguir este emprego, tive que mentir na idade. (É preciso ter no mínimo 20 anos.)

Não segue carreira nenhuma.

Não tem o menor respeito na comunidade.

Porra nenhuma.

Percebi que tinha uma porrada de gente em tudo quanto é canto realizando coisas bacanas enquanto eu recebia ordens dos Dereks da vida, uns executivos praticamente carecas, sem contar que ainda tinha que ficar de olho pros pés-de-cana que eu pegava às

sextas-feiras à noite não vomitarem no meu táxi ou não me darem o cano, saindo sem pagar a corrida. Na verdade foi a Audrey quem teve essa ideia de tentar dirigir táxi. Não precisou muito pra me convencer, ainda mais porque eu estava de quatro por ela fazia um tempão. Eu nunca saí desse subúrbio. Faculdade nunca foi minha praia. Minha praia era Audrey.

Eu estou sempre me perguntando: “E aí, Ed, o que você fez de útil nesses 19 anos de vida?” A resposta é simples:

Porra nenhuma.

Já comentei sobre isso com algumas pessoas, mas tudo que elas fizeram foi mandar eu colocar a cabeça no lugar. O Marv me chamou de reclamão de primeira. Audrey disse que ainda faltavam 20 anos pra eu ter uma crise de meia-idade. Ritchie só olhou pra mim, como se eu estivesse falando grego. E quando eu toquei no assunto com a minha mãe, ela disse: “Ohhhh, por que você não chora um pouquinho, Ed?”. Você vai adorar minha velha. Podes crer.

Moro numa casinha onde pago um aluguel bem barato. Logo depois que eu me mudei pra cá, o corretor me disse que meu chefe é o proprietário. Meu chefe é o orgulhoso fundador e diretor da cooperativa em que eu trabalho: TÁXI LIVRE. Pra não entrar em detalhes, só sei dizer que é uma empresa sinistra. Foi molinho, molinho convencer o pessoal de que eu e a Audrey tínhamos idade suficiente pra trabalhar com táxi e que a gente tinha carteira. O negócio é simples: misture uns números na sua certidão de nascimento, apareça com uma carteira fria, mas que seja convincente, e você está dentro. Uma semana depois, a gente já estava rodando, pois os caras estavam com poucos motoristas. Ninguém ligou pra confirmar as referências. Foi superfácil. É surpreendente o que a gente consegue com enrolação e caô. Como disse Raskolnikov, “Quando a razão falha, o diabo ajuda!” Ao menos posso exigir o direito ao título de Taxista Mais Jovem da área — um taxista prodígio. E minha vida está toda estruturada neste beco sem saída e sem futuro. Audrey é mais velha do que eu alguns meses.

A casa onde moro é bem perto do centro e, já que sou obrigado a devolver o táxi pra cooperativa todo dia, é uma boa caminhada entre o trabalho e minha casa. A não ser quando o Marv me dá uma carona. Eu não tenho meu próprio carro porque já passo o dia inteiro, às vezes noites, levando gente de um lado pro outro. Quando tenho uma folga, a última coisa que me dá vontade de fazer é dirigir.

A cidade onde a gente mora é bem ruinzinha. Fica pra lá da periferia e tem umas partes boas e outras podres. Tenho certeza de que você nem vai ficar espantado se eu disser que venho de uma das partes podres. Minha família toda cresceu no extremo norte da cidade, um lance que todo mundo meio que esconde dos outros. É por lá que se encontra uma porrada de adolescentes grávidas, uma porrada de pais escrotos desempregados, e mães como a minha, que fumam, enchem a cara e saem pelas ruas usando botas de pele de carneiro. Fui criado numa espelunca, mas fiquei lá até o Tommy, meu irmão, terminar o ensino médio e se mandar pra faculdade. Às vezes tenho consciência de que eu poderia ter feito a mesma coisa, mas esse lance de escola nunca foi muito a minha praia. No lugar de

estudar matemática e as outras matérias, eu passava o tempo com a cara nos livros de ficção. Talvez eu devesse ter me formado em alguma coisa pra ter uma profissão, mas também eles não dão oportunidades de estágio por essas bandas, ainda mais pra alguém como eu. Por causa da preguiça, sempre fui um aluno muito do ruim, menos em inglês, graças aos livros que eu lia. E quando terminei o ensino médio, tratei logo de arranjar um emprego, já que meu pai torrava a grana toda enchendo a cara. Comecei numa rede de lanchonetes que nem vale a pena lembrar e que nem menciono de tanta vergonha. Depois fui parar num escritório de contabilidade, onde eu organizava os arquivos, só que a firma fechou algumas semanas depois que comecei a trabalhar. E, por fim, o ponto alto, o auge de minha história profissional até agora.

Motorista de táxi.

Moro com um camarada. O nome dele é Porteiro. Tem 17 anos. Ele se senta na porta coberta por tela pra proteger contra os insetos, com o sol batendo no seu pelo preto. Seus olhos velhos brilham. Ele sorri. Seu nome é Porteiro porque desde muito cedo ele já curtia ficar sentado na porta da frente. Ele fazia isso lá na casa dos meus pais e continua fazendo a mesma coisa aqui em casa. Curte ficar sentado no quentinho e não deixa ninguém entrar. Isso porque de tão velho o bicho mal consegue se mexer. É uma mistura de rottweiler com pastor alemão e tem um futum que banho nenhum dá jeito. Na verdade, acho até que é por isso que os únicos que conseguem entrar aqui em casa são os camaradas que vêm pra jogar cartas. A primeira coisa que as pessoas sentem quando chegam aqui é o fedor do cachorro, que se estende pela casa toda. Ninguém tem coragem de ficar muito tempo por perto, muito menos de entrar. Eu já até tentei incentivar o bicho a usar um desodorantezinho. Esfreguei uma boa quantidade no axila dele. Cheguei até a meter aromatizador de ambiente por todo seu corpo, só que o bicho acabou fedendo mais do que já fede. Ficou com cheiro de banheiro de boteco mal lavado, saca?

Ele era do meu pai, mas, quando o coroa morreu seis meses atrás, minha mãe empurrou o bicho pra mim. Ela se encheu porque o bicho se amarrava em passar um tempo paradinho embaixo do varal.

(“Com tanto lugar no quintal pra esse bicho ficar, onde ele resolve parar?” — ela perguntava e ela mesma respondia — “Bem embaixo da porra do varal.”)

Daí, quando saí de lá, eu o trouxe comigo.

Aqui pra minha casa.

Pra porta dela.

E ele está feliz.

E eu também.

Ele fica feliz quando sente os raios do sol entrando pela tela na porta e esquentando seu pelo. Ele fica feliz de dormir ali, e dá uma olhadinha preguiçosa pra cima quando eu tento fechar a porta de madeira à noite. Nesses momentos, eu adoro esse cachorro. Gosto dele de montão. Mas, pelo amor de Deus, como o bicho fede!

Acho que logo, logo ele vai morrer. Já estou até esperando, o que é normal quando se tem um cachorro com 17 anos. Só Deus sabe como vou encarar isso. Quando eu me der conta, ele já vai estar longe, depois de ter morrido quietinho, calmo e tranquilo. Fico

imaginando que eu vou me abaixar ali na porta, cair em cima dele e desabar no choro com a cara enfiada naquele pelo fedido. Vou ficar na expectativa de que ele acorde, só que ele não vai acordar. Vou então enterrar o corpo. Vou carregá-lo lá pra fora, sentindo seu corpo esfriar enquanto o horizonte vai escurecendo até desaparecer no meu quintal. Mas por enquanto ele está bem. Dá pra ver ele respirar. Só que, pelo fedor, parece até que o bicho está morto.

Tenho uma televisão que precisa de um tempinho pra aquecer, um telefone que quase nunca toca e uma geladeira que fica fazendo um chiado que parece rádio fora da estação.

Em cima da televisão, coloquei uma foto que tirei com o pessoal lá de casa uns anos atrás.

Já que quase nunca assisto à TV, de vez em quando paro e fico olhando pra foto. Até que é um programa bem bacana, falando sério, mas a imagem está piorando cada vez mais com a poeira. Um pai, uma mãe, duas irmãs, eu e um irmão mais novo. Três ali estão sorrindo. Os outros três, não. Eu gosto.

Em termos de família, minha mãe é uma daquelas mulheres duronas, que ninguém conseguiria matar com um machado. Chegou uma época em que deu pra xingar feito louca; depois falo mais sobre esse lance.

Como eu disse, meu pai morreu seis meses atrás. Ele era um malandro solitário, caladão, educado, e se amarrava numa birita. Eu poderia até dizer que ele passou a encher a cara pra conseguir aguentar minha mãe, só que não tem desculpa. A gente pode até inventar desculpas pras coisas, mas acreditar nelas, não. Bem, meu coroa trabalhava entregando móveis. Quando ele morreu, foi encontrado sentado numa velha espreguiçadeira lá dentro do caminhão. E lá estava ele, esticado, no maior *relax* e morto. Logo de início, os caras ficaram putos, pois pensaram que ele estivesse ali de boa vida, fazendo corpo mole, e ainda tinha uma porrada de coisas pra descarregar. O fígado dele não aguentou e entregou os pontos.

Meu irmão Tommy é todo certinho. É um ano mais novo do que eu e está na faculdade. Minhas irmãs se chamam Leigh e Katherine.

Quando Katherine tinha 17 anos e ficou grávida, eu chorei. Na época eu tinha 12. Ela saiu de casa logo em seguida. Ninguém expulsou ninguém. Ela saiu e se casou. Foi um evento do caramba.

Um ano depois, quando Leigh saiu, não teve nenhum problema.

Ela não estava grávida.

Atualmente sou o único que sobrou aqui por essas bandas. Os outros todos foram morar na cidade. Tommy é quem está se dando bem mesmo. Está quase se formando advogado. Desejo tudo de bom pra ele. Sério mesmo.

Ao lado da foto de família em cima da TV, tem ainda uma outra, só que é comigo, Audrey, Marv e Ritchie. No Natal do ano passado, Audrey trouxe a câmera, a gente programou o automático e pronto: lá estamos nós. Marv com um charuto. Ritchie com um sorriso amarelo. Audrey rindo. E eu segurando as cartas de baralho, impressionado com a

pior mão que eu já tirei em toda a história do Natal no mundo.

Eu cozinho.

Eu como.

Lavo roupa, mas raramente passo.

Vivo no passado e acredito que a Cindy Crawford é de longe a melhor modelo do mundo.

Essa é a minha vida.

Tenho cabelo escuro, sou moreno claro, olhos castanho-escuros. Sou um cara bem normal, nada sarado. Eu devia endireitar a postura e parar de me curvar, mas não consigo. Quando estou de pé, coloco as mãos nos bolsos. Minhas botas já estão se desmantelando, mas mesmo assim não as tiro dos pés, porque gosto delas pra caramba.

Quase sempre enfio as botas e vou bater perna. Às vezes vou até o rio que corta a cidade, ou dou uma volta no cemitério, pra visitar meu pai. O Porteiro vem comigo, é claro, se estiver acordado.

O que eu mais gosto é de andar com as mãos nos bolsos, com o Porteiro de um lado e fazendo de conta que a Audrey está do outro.

A imagem que tenho da gente na cabeça é sempre de costas.

Tem sempre um brilho escurecendo.

Tem sempre a Audrey.

Tem sempre o Porteiro.

Tem sempre eu.

E eu estou sempre segurando os dedos da Audrey com os meus.

Ainda não escrevi uma música do nível do Dylan, nem arrisquei dar minhas primeiras pinceladas surrealistas, e duvido muito que fosse capaz de causar uma revolução, porque, pra completar, não estou em forma, apesar de ser magro feito um varapau. Sou um fracote mesmo.

Basicamente, acho que nada me diverte tanto quanto jogar cartas, ou dirigir de volta pro subúrbio depois de deixar alguém em algum lugar na cidade ou talvez mais pro norte. Abaixo os vidros das janelas, deixo o vento acariciar meu cabelo e fico sorrindo pro horizonte.

Então chego no subúrbio e paro o carro na TÁXI LIVRE.

Às vezes odeio ouvir o som de porta de carro batendo.

Como eu já disse, sou gamadão na Audrey.

Audrey, que já deu pra uma porrada de gente, menos pra mim. Ela vive dizendo que gosta tanto de mim que não consegue me dar, e eu, por minha vez, nunca tentei vê-la peladona e toda trêmula na minha frente. Eu me cago de medo. Eu já te disse que, em

matéria de sexo, sou um ridículo. Já namorei uma ou duas garotas, e elas nunca se empolgaram muito comigo no departamento da trepada. Uma disse que eu era o cara mais atrapalhado que ela já tinha namorado. A outra sempre ria quando eu tentava dar alguma investida. A risadinha me deixava meio bolado, e ela acabou me dando um pé na bunda.

Pra mim, sexo devia ser como matemática. Tipo assim:

Na escola.

Ninguém liga de ser um zero à esquerda em matemática. Chegam até a espalhar isso pra todo mundo. Saem dizendo: “Pois é, eu não esquento com ciências nem com inglês, mas sou um merda em matemática.” E os outros riem e dizem: “Pois é, eu também. Não faço a menor ideia do que seja esse lance de logaritmo.”

Seria bom se a gente pudesse dizer a mesma coisa sobre sexo.

Seria bacana se pudéssemos dizer com orgulho: “Pois é, não faço a menor ideia do que seja esse lance de orgasmo. Sou bom em quase tudo, mas, quando chega nessa parte, eu boio completamente.”

Só que ninguém abre a boca pra dizer isso.

Não dá.

Ainda mais homem.

Nós, cuecas, achamos que é uma obrigação ser bom no negócio. Pois estou aqui pra dizer que não sou. Ah, e tenho que dizer também que meu beijo deixa muito a desejar. Uma daquelas namoradas tentou me ensinar uma vez, mas acho que ela acabou desistindo. Sinto que não sei muito o que fazer com a língua lá dentro, mas paciência.

É só sexo.

Pelo menos é isso que fico dizendo pra mim mesmo.

Eu minto pra caramba.

Mas, voltando à Audrey, acho que eu devia encarar como um elogio isso de ela não querer transar comigo por gostar de mim mais do que de qualquer outra pessoa. Sério, faz todo o sentido, não faz?

Quando ela fica pra baixo ou deprimida, olho pra janela da frente e vejo seu vulto se aproximando aqui de casa. Ela entra e a gente toma umas cervejas ou um vinho de quinta, ou vê um filme, ou as três coisas juntas. Geralmente é um filme bem velho e demorado, tipo *Ben-Hur*, que vara a noite. Ela se senta do meu lado no sofá, usando aquela blusa flanelada e um short jeans que era uma calça, e, quando ela cai no sono, eu a cubro com um cobertor.

Dou um beijinho em seu rosto.

Acaricio sua cabeça.

Fico pensando que ela mora sozinha como eu, e que nunca teve uma família de verdade, e que transa sem se envolver. Audrey nunca deixa essa história de amor atrapalhar. Acho que ela já teve uma família, mas o povo devia viver quebrando o pau. O que não falta por aqui é família assim. Acho que ela amava os pais, mas eles só lhe meteram a porrada.

É por isso que ela se recusa a amar.

Seja lá quem for.

Acho que ela se sente melhor assim, e quem pode condenar a coitada?

Quando ela dorme no meu sofá, fico pensando nisso tudo. É sempre assim. Eu coloco o cobertor em cima dela, daí vou pra cama e sonho.

De olhos abertos.



Os jornais aqui da cidade publicaram algumas matérias sobre o assalto que rolou no banco. Estão dizendo que eu tirei a arma do bandido depois de o seguir e sair no braço com ele. É bem coisa de jornal mesmo. Eu sabia que eles iam inventar história.

Eu sento na mesa da cozinha e dou uma passada rápida em algumas dessas matérias; Porteiro só fica ali de butuca, como sempre. Ele tá cagando e andando se eu sou herói. A única coisa que interessa pra ele é encontrar a comidinha ali na hora certa.

Abro uma cerveja pra minha mãe, que resolve dar uma passada aqui. Diz que está toda orgulhosa. Segundo ela, todos os filhos se deram bem, menos eu, mas agora pelo menos eu dei um motivo de orgulho, ainda que só por uns dois dias.

“Esse aí é meu filho”, dá pra imaginar a coroa dizendo pra todo mundo com quem ela esbarra pelas ruas. “Eu não disse que *um dia* ele ia fazer alguma coisa que prestasse?”

Marv e Ritchie, é claro, dão as caras por aqui.

Até a Audrey vem me visitar com o jornal embaixo do braço.

Todos os artigos me citam como um taxista de 20 anos, Ed Kennedy, já que menti pra todos os repórteres sobre minha idade. Quando se mente uma vez, é preciso manter a mesma história do começo ao fim. Isso não é novidade pra ninguém.

Minha cara confusa aparece estampada em todas as manchetes; o negócio fica tão bom que um belo dia, quando estou saindo pra comprar leite, recebo a visita inesperada de um radialista que aparece pra gravar uma entrevista comigo. Ofereço um cafezinho pro cara, mas tenho que servir preto mesmo, já que não tem leite na casa.

Noite de terça-feira. Chego do trabalho e pego as correspondências na caixa de correio. No meio das contas pra pagar — luz e gás — e de umas propagandas, tem um envelope pequeno. Jogo tudo na mesa e deixo pra lá. Meu nome está escrito com uns garranchos e fico curioso pra saber do que se trata. Vou pra cozinha e, enquanto preparo um sanduba, fico pensando em ir logo lá abrir o troço pra saber o que é. Só que acabo esquecendo.

Já é bem tarde quando resolvo abrir o envelope.

Passo a mão.

Sinto alguma coisa.

Sinto um negócio solto dentro do envelope quando rasgo pra ver o que é. A noite está fria, como em toda primavera.

Eu tremo.

Vejo meu reflexo na tela da TV e na foto de minha família.

Porteiro ronca.

O vento sopra lá fora.

A geladeira chia.

Por um instante, parece que tudo para pra me ver tirar uma carta velha de baralho lá de dentro do envelope.

É um ás de ouros.

Na luz fraca de minha sala, seguro a carta com cuidado, como se ela fosse quebrar ou amassar na minha mão. Tem três endereços escritos nela com a mesma letra do envelope. Leio devagar, com todo o cuidado. Tem uma *vibe* sinistra passando pelas minhas mãos. A *vibe* penetra no meu corpo e corre tudo, corroendo silenciosamente meus pensamentos. Leio:

Rua Edgar, nº 45, meia-noite.

Avenida Harrison, nº 13, 18:00.

Rua Macedoni, nº 6, 5:30 da manhã.

Abro a cortina e olho lá pra fora.

Nada.

Passo por cima do Porteiro e paro na varanda.

— Oi! Tem alguém aí? — grito.

Só que, mais uma vez, nada.

A brisa se afasta — quase que envergonhada por ter presenciado aquele mico — e fico lá, parado. Sozinho. A carta ainda está na minha mão. Não conheço esses endereços, ou, melhor dizendo, não conheço muito bem. Conheço as ruas, mas não tenho ideia de onde ficam as casas.

Com certeza é a coisa mais estranha que já me aconteceu.

Quem iria me enviar um lance desse?, pergunto pra mim mesmo. *O que foi que eu fiz pra receber uma carta velha de baralho na minha caixa de correio, com uns endereços esquisitos rabiscados nela?* Volto lá pra dentro e me sento na cozinha. Tento entender o que está acontecendo e quem me enviou esse negócio que pode até ser alguma coisa do destino. Uma porrada de caras me vem à cabeça.

Será que foi a Audrey?, pergunto. *O Marv? Ritchie? Mamãe?* Não faço a menor ideia.

Alguma coisa me diz que é melhor jogar a carta fora — melhor jogar na lata de lixo e esquecer. Mas sinto uma dor na consciência só de pensar em fazer isso.

Talvez seja o destino mesmo, penso.

Porteiro se aproxima e dá uma fungada na carta.

Que merda, dá pra ver ele pensando. *Pensei que fosse alguma coisa de comer.* Depois de cheirar pela última vez, ele dá uma parada e tenta decidir o que vai fazer em seguida. Como sempre, ele volta se arrastando pra porta, dá meia-volta e se deita. Ele se acomoda no conforto do pelo preto e dourado. Seus olhos brilham, mas também caem na escuridão profunda. Estica as patas no carpete velho e áspero.

Ele olha pra mim.

Eu olho pra ele.

E aí?, vejo ele pensar. *Que diabos você quer?*

Nada.

Bom.

Legal.

E fica tudo por isso mesmo.

Só que ainda estou segurando o ás de ouros, só pensando.

Liga pra alguém, digo a mim mesmo.

O telefone se apressa e toca. Talvez seja a resposta que estou esperando.

Tiro o fone do gancho e enfio na orelha. Chega a machucar, mas escuto com toda a atenção. Infelizmente, é minha mãe.

— Ed?

Conheço essa voz em qualquer lugar. Sei também que é certo desta mulher gritar, pois é o que ela faz sempre que fala ao telefone.

— Oi, mãe, tudo bem?

— Tudo bem é o caramba! Não se faça de desentendido, mocinho.

Ninguém merece... E ela continua:

— Você não esqueceu de nada hoje, não?

Penso um pouco, tentando me lembrar. Não me vem nada à cabeça. A única coisa que consigo ver é a carta que estou virando na mão.

— Mãe, não faço a menor ideia.

— Você não muda mesmo! — e ela vai ficando puta. — Você ficou de pegar a mesinha de centro pra mim lá na KC, Ed! — ela se esgoela tanto que dá pra sentir o cuspe bater no meu ouvido. — Seu filho-da-puta!

Ela é um doce de criatura, né, não?

Como já mencionei antes, minha mãe tem uma boca pra lá de suja. Ela xinga o dia inteiro, todos os dias, não importa se está feliz, triste, indiferente, qualquer coisa. É claro que ela põe a culpa em mim e no Tommy. Diz que, quando a gente era pequeno e jogava bola no quintal, ficava xingando feito louca.

“Eu desisti de tentar dar um para em vocês”, ela sempre me diz. “Daí pensei: se não posso com eles, vou me juntar a eles.”

É um milagre quando consigo levar um papo com ela sem ser pelo menos uma vez chamado de veado ou filho-da-puta. O pior dessa história é que ela xinga com toda a força. Sempre que me chama de alguma coisa desse nível, o palavrão sai cuspidado de sua boca, parecendo até que ela está vomitando o negócio em cima de mim.

A velha continua reclamando, mas minha cabeça está longe. Daí volto a prestar atenção.

— ... e o que vou fazer quando dona Faulkner aparecer aqui pra tomar chá de manhã, Ed? Vou servir no chão?

— Diga que a culpa é minha, mãe.

— Ah, mas você não tenha dúvida de que vou dizer isso mesmo. Vou dizer que o merda do Ed esqueceu de pegar minha mesa.

O merda do Ed.

Odeio quando ela me chama assim.

— Não se preocupa, mãe.

Ela continua a encher o saco mais um tempo, só que eu volto a me concentrar no ás de ouros. A carta brilha em minha mão.

Eu toco nela.

Seguro.

Sorriso.

Olhando pra ela.

Esta carta tem um certo tipo de *vibe* e foi enviada pra *mim*. Não pro filho-da-puta do Ed. Pra mim — o verdadeiro Ed Kennedy. O futuro Ed Kennedy. Não mais o cara que vai morrer como taxista.

O que faço com esta carta?

Quem vou ser?

— Ed?

Não respondo.

— Ed?! — a velha grita.

Volto pra conversa.

— Você tá prestando atenção?

— Tô... claro que tô.

Rua Edgar, no 45... Avenida Harrison, no 13... Rua Macedoni, nº 6...

— Foi mal, mãe — repito. — Eu me esqueci. Peguei uma porrada de passageiros hoje. Muito trabalho na cidade. Amanhã eu pego, falou?

— Tem certeza?

— Tenho, sim.

— Você não vai esquecer?

— Não.

— Então tá. Tchau.

— Peraí! — falo correndo.

Ela volta.

— O que é?

Luto pra conseguir abrir a boca, mas preciso perguntar pra ela. Sobre a carta. Decidi que devo perguntar pra todo mundo de que eu desconfio que tenha mandado o treco. Melhor começar pela minha mãe.

— O que é? — ela pergunta de novo, dessa vez um pouco mais alto.

Consigo abrir a boca, e cada palavra parece brigar feio, tentando não sair.

— A senhora mandou alguma coisa pra mim pelo correio hoje?

— Tipo o quê?

Dou uma parada.

— Tipo um negócio pequeno...

— Tipo o que, Ed? Eu não tô com tempo pra isso.

Está bem. Tenho que dizer.

— É uma carta de baralho, um ás de ouros.

Ela não fala nada. Está pensando.

— E aí? — pergunto.

— E aí o quê?

— Foi a senhora que mandou a carta?

Percebo que ela já está de saco cheio. Uma sensação esquisita cruza a linha, enfia a mão pelo fone e me dá um sacode.

— Claro que não fui eu! — é como se ela estivesse retaliando alguém. — Por que diabos eu me daria ao trabalho de te mandar uma carta de baralho pelo correio? Eu deveria ter mandado um lembrete pra pegar — e ela volta a se esgoelar — A PORRA DA MINHA MESINHA!

— Tudo bem, tudo bem...

Por que ainda estou tão calmo?

Será a carta?

Não sei.

Mas daí, sim, eu sei. É porque eu sou sempre assim. Tão calmo que chega a ser patético. Eu deveria mandar a vacona calar a matraca, mas nunca fiz isso e nunca vou fazer. Afinal, ela não consegue ter uma relação assim com nenhum dos meus irmãos. Só comigo. Quando eles aparecem pra visitar (uma raridade), ela só falta beijar os pés deles, e eles se mandam de novo. Comigo pelo menos ela tem consistência.

Eu digo:

— Tá bem, mãe, só tava querendo saber se foi você. Só isso. É que achei estranho receber uma carta de baralho pelo...

— Ed? — ela me corta, com a voz de quem está de saco cheíssimo.

— O que foi?

— Vai tomar no cu, tá?

— Tudo bem, até amanhã.

— Tá, tá.

Desligamos.

Aquela porra de mesinha de centro.

Eu sabia que estava esquecendo alguma coisa quando estava voltando pra casa. Amanhã dona Faulkner vai aparecer por lá querendo conversar sobre meu heroísmo no banco. Tudo que ela vai ouvir é minha mãe dizendo que eu esqueci de pegar a mesinha de centro. Nem sei ainda como vou enfiar aquele trambolho no meu táxi.

Faço de tudo pra parar de pensar no assunto. Não tem a menor importância. Preciso, isso sim, descobrir por que esta carta veio parar aqui e de onde ela veio.

É alguém que conheço.

Isso é certo.

É alguém que sabe que eu estou sempre jogando cartas. Ou seja, só pode ser o Marv ou a Audrey ou o Ritchie.

Marv não é, com certeza. Jamais poderia ser ele. Ele não seria tão criativo assim.

Daí vem o Ritchie. Duvido muito que tenha sido ele. Não parece ser o tipo de pessoa que faz um negócio desse.

Audrey.

Digo a mim mesmo que é muito provável que tenha sido a Audrey, mas não sei, não.

Alguma coisa me diz que não foi nenhum deles.

Às vezes a gente joga cartas na varanda aqui de casa, ou na varanda de outra pessoa. Centenas de pessoas podem ter passado e visto a gente jogando. De vez em quando, quando rola um bate-boca, o pessoal que está passando ri e grita perguntando quem está roubando, quem está ganhando e quem está reclamando.

Logo, pode ter sido qualquer pessoa.

Não consigo dormir.

Só fico pensando.

De manhã, acordo mais cedo do que de costume e saio andando pela cidade com Porteiro e um guia de ruas, procurando cada casa. A da Rua Edgar é uma espelunca caindo aos pedaços, bem no fundo da rua. A da Harrison é meio velha, mas decente. Tem um canteiro de rosas na varanda, mas a grama está amarela e maltratada. A da Macedoni fica nas colinas. Parte grã-fina da cidade. É um casarão de dois andares com uma entrada bem inclinada para a garagem.

Saio pra trabalhar e penso.

Naquela noite, depois de levar a mesinha de centro pra minha mãe, dou uma passada no Ritchie e a gente joga cartas. Eu conto pra galera. Conto pra todos eles de uma vez só.

— Você tá com ela aí?

Balanço a cabeça dizendo que não.

Antes de ir dormir ontem, eu guardei a carta na primeira gaveta do armário do meu quarto. Nada vai tocar nela. Nem um ventinho sequer. Ela é a única coisa dentro da gaveta.

— Não foi nenhum de vocês, foi? — pergunto. Resolvi que não posso ficar fazendo muitos rodeios.

— Eu? — pergunta o Marv. — Acho que todo mundo aqui sabe que eu não sou inteligente assim pra inventar um lance desse nível — ele encolhe os ombros. — Além disso, eu não perderia meu tempo criando uma parada pra pegar alguém como você, Ed.

Como sempre, baixou o senhor Encrenqueiro.

— É isso mesmo — Ritchie concorda. — Marv é casca-grossa demais pra um negócio desse.

Agora que se manifestou, o Ritchie fica calado.

Todos nós olhamos pra ele.

— O que foi, pessoal?

— Foi você, Ritchie? — Audrey pergunta.

Com o polegar, ele faz sinal na direção do Marv e diz:

— Se ele é burrão, eu sou preguiçoso — ele estica os braços. — Olha só pra mim: eu

sou o maior vagabundo que existe. Passo metade dos dias na casa de apostas. Ainda moro com meus pais...

Deixa eu contar um lance que você ainda não sabe: o Ritchie nem se chama Ritchie de verdade. O nome dele é David Sanchez. Nós o chamamos de Ritchie porque ele tem uma tatuagem do Jimi Hendrix no braço direito, mas todo mundo acha que o desenho parece mais com o Richard Pryor. Daí é que vem Ritchie. Todo mundo sacaneia e diz que ele deveria tatuar o Gene Wilder no outro braço pra ter a combinação perfeita. Se houve de fato uma dupla dinâmica, foi aquela. Vai discutir com filmes como *Loucos de Dar Nó* e *Cegos, Surdos e Loucos*?

Isso aí.

Não dá.

Mas, se um dia você se encontrar com ele, não mencione esse lance do Gene Wilder. Vá por mim. Taí uma coisa que deixa o cara furioso. Ele odeia essa história. Ainda mais quando está bêbado.

Ele é moreno e está sempre com aqueles pelinhos na cara. Tem cabelo encaracolado, cor de lama, e os olhos são pretos, mas simpáticos. Ele não diz a ninguém o que fazer e espera das pessoas que também não venham lhe cobrar nada. E não tira a calça jeans surrada do corpo, entra dia, sai dia — a menos que tenha várias calças idênticas. Nunca pensei em perguntar.

Sempre que ele está chegando, dá pra escutar, porque ele anda de moto. O cara tem uma Kawasaki, ou coisa assim. Vermelha e preta. Ele raramente põe uma jaqueta no verão, pois anda de moto desde quando era pequeno. Está sempre com uma camiseta lisa ou com alguma camisa cafona que pega emprestado com o pai.

Continuamos todos a olhar pra ele.

O cara fica nervoso e vira a cabeça, junto com todos nós, pra Audrey.

— Tá bem — ela começa a se defender. — Eu diria que, se tem alguém que poderia criar um negócio ridículo assim, esse alguém sou eu...

— Não é ridículo — eu digo. Estou quase defendendo a carta, como se ela fizesse parte de mim.

— Posso continuar?

Faço que sim com a cabeça.

— Ok. Bom, como eu ia dizendo, não fui eu mesmo. Só que eu tenho uma teoria de como e por que ela foi parar em sua caixa de correio.

Ficamos todos aguardando enquanto ela organiza os pensamentos.

Ela continua.

— Tudo começa no assalto lá do banco. Alguém leu a história no jornal e deve ter pensado: “Taí um cara que promete. Ed Kennedy. Essa cidade tá precisando exatamente de um tipo como ele.”

Ela sorri, mas quase que imediatamente fica séria. E diz:

— Vai acontecer alguma coisa em cada um desses endereços na carta, Ed, e você vai ter que reagir.

Penso no que ela disse e decido.

Eu falo.

— Isso não parece nada bom, não é, não?

— Por que não?

— Por que não? E se tiver pessoas se porrando e eu precisar apartar a briga? Não é nada raro isso acontecer por aqui, certo?

— Acho que vai ser na sorte mesmo. Vai depender da carta que sair.

Penso na primeira casa.

Rua Edgar, nº 45.

Num lugarzinho sinistro como aquele, não consigo imaginar nada de bacana acontecendo.

Passo o resto da noite tentando tirar o lance da carta da cabeça, e o Marv ganha três partidas, uma atrás da outra. Como sempre, ele faz questão de ficar sacaneando a gente.

Pra ser sincero, odeio quando o Marv ganha. Ele se amarra em tirar uma onda. O filho-da-puta fica só cantando vitória e fumando o charuto.

Como o Ritchie, ele ainda mora com os pais. Ele ajuda o pai nos serviços de marcenaria. Na verdade, trabalha pra cacete, embora não gaste um centavo do que ganha. Não compra nem os charutos. Ele rouba do coroa. Marv é o rei da pão-durice. O príncipe dos mãos-de-vaca.

O cara tem um cabelo louro, grosso, que fica pra cima quase dando nó, veste umas calças velhas dizendo que são confortáveis e passa o tempo todo com as mãos dentro dos bolsos, mexendo nas chaves. Está sempre com um sorrisinho sacana no rosto, debochando de alguma coisa que só ele sabe. Nós crescemos juntos, e só por isso que somos amigos. Na verdade, ele tem uma porrada de conhecidos também, por poucas razões. A primeira é que ele joga bola no verão e tem uns camaradas da pelada. A segunda e mais importante é que ele perde as estribeiras com a maior facilidade, feito um idiota. Você já percebeu que os idiotas têm uma porção de amigos?

É só uma observação.

Só que nada disso me ajuda. Escrachar o Marv não resolve a questão do ás de ouros.

Não tem como fugir, por mais que eu tente.

O negócio não larga do meu pé, está sempre ali martelando.

Chego a uma conclusão.

Digo a mim mesmo:

Ed, você tem que começar logo. Rua Edgar, nº 45. Meia-noite.

É noite de quarta-feira. Está bem tarde.

Sento na minha varanda com Porteiro, sob a claridade do luar.

Audrey dá uma passada aqui, e eu digo que vou começar amanhã à noite. É mentira. Olho pra ela e fico pensando que seria muito bacana se a gente entrasse e fizesse um amorzinho gostoso no sofá.

Se um mergulhasse no outro.

Se os dois se agarrassem.

Se um comesse o outro.

Mas não rola nada.

Ficamos lá sentados tomando uma merdinha de bebida suburbana metida a alcoólica que ela trouxe, e eu esfrego meus pés no Porteiro. Adoro as pernas finas da Audrey. Fico olhando pra elas por um momento.

Ela olha pra lua que agora está mais alta lá no céu. A danada subiu pra bem longe.

E eu pego a carta de novo e fico com ela na mão. Eu leio e me preparo.

Nunca se sabe, digo a mim mesmo. Pode ser que um dia alguém diga: “Sim, o Dylan estava prestes a virar um astro quando tinha 19 anos. Dalí estava bem no caminho de se tornar um gênio e Joana D’Arc foi queimada na fogueira por ser a mulher mais importante da História... E, aos 19 anos, Ed Kennedy encontrou aquela primeira carta entre as correspondências.”

Quando o pensamento passa, olho pra Audrey, pra lua pegando fogo lá em cima e pro Porteiro, e digo pra parar de me enganar.



O JUÍZ E O ESPELHO

Minha próxima surpresa adorável é uma bela de uma intimação. Vou ter que ir ao tribunal mais próximo e contar minha versão do que rolou no banco. Aconteceu mais cedo do que eu tinha pensado.

Está marcado pras duas e meia da tarde. Vou dar um tempinho durante o trabalho e voltar pra cidade, direto pro tribunal.

Quando chega o dia, apareço usando meu uniforme, e eles me deixam esperando do lado de fora do tribunal. Quando entro pra dar meu testemunho, dou de cara com uma porrada de câmaras, todas espalhadas. A primeira pessoa que vejo é o bandido. Ele é mais feio ainda sem máscara. A única diferença é que agora ele parece mais puto da vida. Acho que uma semana no xadrez deixa qualquer um assim mesmo. Ele já não tem mais aquele ar de idiota e azarado.

O malandro está de terno.

Um terno de quinta. Combina bem com a cara dele.

Quando ele me vê, vou logo olhando pro outro lado, pois o cara tenta me fuzilar com os olhos.

Que se dane, agora é tarde, eu penso, mas só porque ele está lá embaixo e eu, aqui em cima, na segurança do banco de testemunhas.

O juiz me cumprimenta.

— Bem, vejo que você se vestiu muito bem para a ocasião, seu Kennedy.

Eu dou uma checada no *visu*.

— Obrigado.

— Eu não estava falando sério. Foi ironia.

— Eu sei.

— Bem, não vá bancando o esperto.

— Não, senhor.

A sensação que tenho é de que o juiz está com vontade de me colocar no banco dos réus também.

Os advogados me fazem perguntas, e eu respondo com toda a sinceridade.

— Senhor Kennedy, este é o homem que assaltou o banco?

— Sim.

— Está certo disso?

— Totalmente certo.

— Mas, diga-me, senhor Kennedy: como pode ter tanta certeza disso?
— Porque eu reconheceria esta feiura desgraçada em qualquer lugar. Além disso, foi exatamente ele que a polícia algemou naquele dia.

O advogado olha, fazendo pouco de mim, e se explica.

— Queira me desculpar, senhor Kennedy, mas precisamos fazer estas perguntas para que possamos analisar o caso com todos os detalhes e dados possíveis, seguindo todos os regulamentos.

Eu concordo:

— Por mim, tudo bem.

O juiz agora se mete na parada:

— E quanto às feiuras desgraçadas, senhor Kennedy, será que você poderia evitar a utilização desses termos ofensivos? Até mesmo porque, caso ainda não tenha percebido, você também não é nenhuma obra de arte.

— Muito obrigado.

— Não há de que — ele sorri. — Agora responda às perguntas.

— Sim, meritíssimo.

— Obrigado.

Quando termino, passo pelo bandido e ele me diz:

— Fala ae, Kennedy.

Não dê ouvidos, digo a mim mesmo, mas não consigo segurar a onda.

Dou uma parada e olho pra ele. O advogado lhe pede pra calar a boca, mas ele não cala.

Ele diz baixinho:

— Tu é um homem morto, velho. Espera só pra ver... — as palavras dele não chegam a me deixar realmente abalado. — Se liga no que tô te dizendo. Lembre disso todo dia quando se olhar no espelho, malandro — ele quase sorri. — Tu é um homem morto.

Eu finjo.

Que estou calmo.

Faço que sim com a cabeça e digo:

— Valeu — e continuo meu caminho.

E Deus, eu rezo, *permita que ele pegue prisão perpétua*.

Quando deixo o tribunal, as portas se fecham e vou dar no saguão. O sol ilumina tudo ao redor.

Uma policial me chama de volta e diz:

— Se eu fosse você, não me preocuparia com aquilo, Ed.

Pra ela é fácil falar.

— Tô com vontade de sair da cidade — digo pra ela.

— Ouça — ela continua. Eu gosto dela. É uma mulher baixa, troncuda e simpática. —

Quando esse casca-grossa terminar de cumprir a pena, a última coisa que ele vai querer é

voltar — ela pensa no que disse e parece firme. — Algumas pessoas endurecem na prisão — ela joga a cabeça na direção do bandido. — Esse aí não é esse tipo de pessoa. Ele passou a manhã toda chorando. Duvido muito que ele venha a te perseguir.

— Valeu — respondo. Sinto um alívio correndo pelo corpo todo, mas não acredito que dure muito tempo.

“Tu é um homem morto,” ouço aquela voz de novo, e vejo as palavras na minha cara quando entro no táxi e olho no espelho retrovisor.

Isso me faz pensar sobre minha vida, minhas realizações inexistentes e minhas habilidades gerais de incompetência.

Quando estou tirando o carro do estacionamento, penso: *Um homem morto. Ele tem razão.*



Seis meses.

O cara pegou seis meses. É bem típico da impunidade nos dias de hoje.

Não contei a ninguém sobre a ameaça; preferi seguir o conselho da policial e tirar o cara da cabeça. De certa forma, me arrependi de ter lido no jornal a notícia da pena que ele pegou. (A sorte é que recusaram o pedido de condicional logo de cara.) Eu me sento na cozinha tipo assim, bem normal, com Porteiro e o ás de ouros. O jornal está na mesa, dobrado. Tem uma foto do bandido quando era pequeno: coisa meiga. Só consigo ver os olhos dele.

Os dias vão passando e pouco a pouco consigo tirar o cara da cabeça.

Fico imaginando:

Pensa bem: o que um cara como esse vai fazer?

Faz mais sentido continuar tocando a vida e tentar chegar aos endereços escritos na carta.

O primeiro é a Rua Edgar, nº 45.

Tento ir numa segunda-feira, mas dou uma amarelada.

Tento de novo na terça, mas não consigo sair de casa; a desculpa esfarrapada é que estou lendo um livro — muito do tosco, por sinal.

Só que, na quarta-feira, resolvo fazer alguma coisa e saio cruzando a cidade.

Já é quase meia-noite quando chego na Rua Edgar. Está tudo escuro: tacaram pedra nas luzes dos postes. Só sobrou uma e, mesmo assim, a danada fica piscando pra mim, toda fraca.

Conheço muito bem esta área porque o Marv vinha aqui direto.

Ele namorava uma garota daqui, em uma das ruas deste buraco. A menina se chamava Suzanne Boyd, e Marv ficou com ela quando estava na escola. Quando a família dela se mudou, praticamente na surdina, ele ficou arrasado. Foi por isso que ele comprou aquela merda de lata-velha, pra poder ir procurar pela gata, só que mal conseguiu sair do subúrbio. Acho que o mundo era grande demais, e o Marv desistiu. Foi a partir daí que ele ficou mais esquisito e encenqueiro. Acho que ele decidiu só se preocupar consigo mesmo daquele dia em diante. Talvez. Não sei. Nunca paro pra pensar muito no Marv. É uma política que criei e sigo.

Lembro disso tudo enquanto vou andando, mas também logo esqueço.

Chego ao fim da rua onde fica o número 45. Do outro lado da rua, passo pela casa e vou

em direção às árvores, todas inclinadas, umas sobre as outras. Eu me agacho ali e fico esperando. As luzes da casa estão apagadas e a rua, silenciosa. A tinta da parede está descascando e uma das calhas, comida de ferrugem. A tela de proteção contra insetos está toda furada de picadas. Os mosquitos fazem a festa em cima de mim.

Tomara que não demore muito, penso.

Passam uns 30 minutos e eu quase caio no sono, mas, quando chega a hora, as batidas do meu coração tomam conta da rua.

Chega um cara tropeçando pelo caminho.

É um sujeito grande.

Mamado.

Ele sobe a escada da varanda e nem me vê, faz um esforço desgraçado pra conseguir enfiar a chave na porta e entrar.

Acende a luz do corredor.

E bate a porta.

— Cê tá acordada? — ele grita com raiva. — Venha aqui agora!

Sinto um aperto no peito, quase perco o ar. O coração praticamente vem à boca e chego a sentir o gosto. Dá até pra sentir o danado batendo na minha língua. Baixa uma tremedeira, eu me controlo, mas ela volta.

As nuvens descobrem a lua e eu fico me sentindo pelado. Como se o mundo pudesse me ver. A rua está toda parada e silenciosa; o único som que se ouve é do grandalhão que chegou bêbado em casa e que está fazendo força pra falar com a mulher.

Agora é a luz do quarto que se acende.

Pelas frestas das árvores, dá pra ver as sombras.

A mulher está se levantando de camisola, mas é agarrada pelas mãos do cara, que arranca a camisola com toda a força.

— Pensei que você estivesse acordada me esperando — ele diz. Ele segura a mulher nos braços. Me dá um nó na garganta. Em seguida, ele joga a criatura na cama e vai arriando as calças.

Ele trepa nela.

Ele enfia nela.

Ele transa com ela, e a cama grita de dor. A cama range, lamenta, e eu sou o único que está ouvindo tudo. Meu Deus do céu, o barulho é ensurdecedor. *Por que o mundo não tá ouvindo isso?*, eu me pergunto. Repito a pergunta várias vezes. *Porque o mundo não tá nem aí*, respondo finalmente, e sei que estou certo. É como se eu tivesse sido escolhido. *Mas escolhido pra quê?*, pergunto.

A resposta é bem simples:

Pra se importar e cuidar.

Aparece uma garotinha na varanda.

Ela chora.

Eu observo.

Só ficou a luz agora, o barulho acabou.

Fica tudo no maior silêncio por alguns minutos, mas o barulho começa de novo — e eu não sei quantas que este cara consegue dar numa noite, mas com certeza é um feito e tanto. A parada continua lá no quarto, e a menina fica ali sentada, chorando.

Ela deve ter uns oito anos, mais ou menos.

Quando o lance termina finalmente, a garota se levanta e entra. Será que isso acontece toda noite? Eu digo a mim mesmo que é impossível, e a mulher agora é quem sai pra varanda.

Ela também se senta, como a menininha. Ela botou a camisola de novo, toda rasgada, e está segurando a cabeça com as mãos. Um dos seios é iluminado pela lua. Consigo ver o biquinho do peito apontando pra baixo, desanimado e ferido. Chega uma hora em que ela estica os braços e junta as mãos, como se estivesse segurando o coração. O sangue escorre pelos seus braços.

Eu quase vou lá, mas o instinto me segura.

Você sabe o que fazer.

Ouçõ uma voz dentro de mim sussurrar. É o que me segura de ir até a mulher. Não é isso que eu tenho que fazer. Não estou aqui pra confortar essa mulher. Posso confortá-la pelo resto da vida. Só que não vai adiantar nada: a parada vai continuar rolando amanhã, e depois, e depois.

Eu tenho é que dar um jeito nele.

É ele que eu tenho que encarar.

Mas não faz diferença: ela está chorando na varanda, e fico com uma baita vontade de ir lá e dar um abraço nela. Pena que não dá pra salvá-la e segurá-la nos braços.

Como as pessoas conseguem viver assim?

Como sobrevivem?

Acho que é por isso que estou aqui, talvez.

E se não estiver mais dando pra eles viverem assim?



Estou dirigindo o táxi, pensando: *As coisas têm que melhorar. Não é possível! Ninguém merece — pô, minha primeira mensagem tinha que ser logo uma porcaria de um estupro.* E, pra completar, ainda tenho que dar conta de um camarada que é um monstro de tão grande. Grande é até apelido.

Não conto pra ninguém. Pra nenhum amigo. Pra nenhuma autoridade. Tem coisa muito mais importante que precisa ser feita. Infelizmente, quem tem que fazer sou eu, que fui escolhido.

Audrey me pergunta sobre a parada quando estamos almoçando no centro, mas eu digo que ela não quer saber.

Ela me olha com aquela cara de preocupação que eu adoro e diz:

— Ed, toma cuidado, tá bem?

Digo que vou tomar cuidado e voltamos para nossos táxis.

Passo o dia inteiro pensando no negócio. Tenho até medo dos outros dois endereços, embora uma parte de mim fique dizendo que não podem ser piores do que o primeiro.

Toda noite dou uma passada lá, e, aos poucos, a lua vai completando seus ciclos. Às vezes não acontece nada. Às vezes ele chega em casa e não rola nenhuma baixaria. Nessas noites, o silêncio da rua aumenta. É muito sinistro ficar ali fora esperando alguma coisa acontecer.

Passo por um momento de grande tensão quando vou fazer compras numa tarde. Estou andando pelo setor de ração pra cachorro quando uma mulher passa por mim com uma menininha sentada no carrinho.

— Angelina — ela diz. — Não mexa nisso.

Ela fala baixo, mas a voz é inconfundível. É a mesma voz que pede socorro à noite quando ela está na cama sendo estuprada por um bêbado com um tesão do tamanho de um trem. É a voz da mulher que chora baixinho na varanda na noite silenciosa e cruel.

Por um segundo, olho pra menininha exatamente quando ela está olhando pra mim.

Ela é lourinha, olhos verdes, bem bonitinha. A mãe, a mesma coisa, só que com o rosto abatido pelo cansaço.

Sigo as duas por um tempo, e uma hora, quando a mãe se abaixa pra olhar as sopas de saquinho, vejo ela desabar discretamente. Ali agachada, ela fica louca de vontade de se ajoelhar, mas se controla.

Quando se levanta, eu estou lá.

Estou lá olhando com atenção e pergunto:

— Tá tudo bem?

Ela faz que sim com a cabeça, mentindo.

— Tá tudo bem.

Tenho que fazer alguma coisa logo.



Neste ponto, acho que já dá pra você ter uma ideia do que eu fiz com relação à parada da Rua Edgar. Ou pelo menos, se você for um pouco parecido comigo, já até sabe.

Um grande.

Cagão.

Definitivamente covarde.

É claro que, com a minha infinita sabedoria, estou preferindo dar um tempo. *Nunca se sabe, Ed. Vai que as coisas até melhoram sozinhas.*

Cara, sei que é uma grande idiotice, mas acho que não tem como eu lidar com esse tipo de coisa assim desse jeito. Preciso de experiência no ramo. Preciso vencer numas lutas antes de ver como eu me saio contra um estuprador do tamanho do Tyson.

Numa noite, pego a carta de novo enquanto tomo café com Porteiro. Ontem eu dei Nescafé Tradição pra ele beber, e o bicho ficou amarradão. No início, ele nem queria tocar.

Olhou pra mim. Olhou pra tigela.

Pra frente e pra trás.

Demorei quase cinco minutos pra me dar conta de que ele me viu colocar açúcar na minha caneca onde está escrito “OS TAXISTAS NÃO SÃO OS MAIORES MANÉS DA RUA”. Depois que coloquei açúcar na tigela, ele ficou mais animado. Bebeu de lambar a tigela, todo alegrinho, e depois ficou olhando com cara de quem queria mais.

Nós dois, eu e Porteiro, estamos ali sozinhos na sala. Ele manda ver no café enquanto eu olho pra carta, para os outros endereços. Avenida Harrison, nº 13 é o próximo da lista, e decido ir lá na noite seguinte, às seis em ponto.

— O que você acha, Porteiro? — pergunto. — Essa vai ser melhor, concorda?

Ele me dá um sorriso, pois ficou todo ligado com o café.

— Eu já disse — Marv aponta o dedo para o Ritchie. — Eu bati, sim. Não tô nem aí pro que você diz.

— Ele bateu? — Ritchie me pergunta.

— Cara, não lembro.

— Audrey?

Ela pensa por um instante e faz que não com a cabeça. Marv joga as mãos pro ar. Ele agora tem que pegar quatro cartas. É assim que se joga Porre. O cara vai jogando fora até ficar com duas cartas na mão e bate. Se esquece de bater antes de baixar a penúltima carta, tem que pegar quatro. Marv sempre esquece de bater.

Ele franze a testa quando pega as cartas, mas, em segredo, tenta se segurar pra não rir. Ele sabe que não bateu, mas sempre tenta se safar. Faz parte do jogo.

Estamos na sacada da Audrey. Está escuro, mas os holofotes estão acesos e as pessoas olham pra cima quando passam pela vila. Audrey mora perto de mim; é só virar a esquina que estou na casa dela. O lugar é meio baixo nível, mas é legal.

Na primeira hora de jogatina, olho pra Audrey e sei que estou de quatro por ela, e estou nervoso. O nervoso é porque às vezes não sei o que fazer. Não sei o que dizer. O que posso dizer pra ela quando sinto a fome crescer aqui dentro? Como ela ia reagir? Acho que ela está decepcionada comigo porque eu caguei pra faculdade e agora só dirijo um táxi. Pelo amor de Deus, eu li *Ulisses* e metade das obras do Shakespeare. Mas ainda sou um caso perdido, um inútil, um zé-mané. O que eu percebo é que ela nunca se imagina comigo. Só que ela já deu pra outros caras que não são diferentes de mim. Às vezes nem consigo pensar nisso. Sabe? Pensar no que eles fizeram, como foi a parada e como ela gosta de mim e me considera.

Mas eu sei muito bem.

Eu não quero só sexo com ela.

Eu queria sentir nossos corpos se apertarem, só por um instante.

Ela sorri pra mim quando ganha uma partida, e eu sorrio pra ela.

Me deseje, eu imploro, mas nada acontece.

— E ae, que fim levou aquela carta esquisita? — Marv pergunta mais tarde.

— O quê?

— Você sabe muito bem o quê — ele aponta pra mim com o charuto. Bem podia raspar aquela barba.

Mando a maior mentira e todo mundo escuta:

— Eu joguei fora.

Marv aprova:

— Boa ideia. Aquilo tava me cheirando a maior merda.

— Podes crer — concordo. Fim de papo. Acho.

Audrey me olha achando aquilo engraçado.

Durante as partidas seguintes, fico pensando no que rolou mais cedo, quando fui à Avenida Harrison, nº 13.

Pra falar a verdade, foi até um alívio, porque não chegou a acontecer nada. A única pessoa lá era uma velhinha que não tem cortinas nas janelas. Ela estava lá dentro sozinha, preparando o jantar, depois se sentou, comeu e tomou um chá. Acho que ela comeu uma salada e tomou uma sopa.

E a solidão.

A solidão como sobremesa.

Gostei dela.

Fiquei dentro do táxi o tempo todo, só de butuca. Estava quente e daí bebi uma água que estava lá havia um bom tempo. Fiquei rezando pra que estivesse tudo bem com a mulher. Parecia que ela era bem maneira, gentil, e lembro de como a chaleira cafona que ela tem na cozinha começou a apitar até que ela se aproximou pra diminuir o fogo. Tenho quase certeza de que ela falou alguma coisa com a chaleira, como se estivesse falando com uma criança. Como se chaleira fosse um bebê chorando.

Fiquei meio deprê ao pensar que um ser humano pudesse ser tão solitário a ponto de se consolar com a companhia de utensílios domésticos que apitam e de se sentar sozinho pra comer.

Não que a minha situação seja melhor que a dela.

Vamos falar sério:

Quem me acompanha nas refeições é um cachorro de 17 anos. Ele bebe café comigo. Do jeito que a gente vive, parece até que somos casados. Mas mesmo assim...

A velhinha mexeu com meu coração.

Quando esticou o braço e colocou o chá, foi como se ela tivesse colocado alguma coisa dentro de mim, enquanto eu estava sentado no táxi. Foi como se ela tivesse puxado uma cordinha e me aberto. Ela entrou e colocou um pedacinho de si dentro de mim e saiu de novo.

Ainda sinto o negócio em algum lugar aqui dentro.

Estou sentado aqui jogando cartas, e a imagem dela está espalhada na mesa. Eu sou o único que consegue ver. Vejo a mão dela tremendo ao levar a colher até a boca. Fico com vontade de vê-la rir ou expressar algum tipo de felicidade ou alegria, pra que eu saiba que está bem. Só que logo percebo que tenho que ter certeza mesmo.

Chega a minha vez.

— É você agora, Ed.

É minha vez e eu não vou.

Cheguei a duas cartas e tenho que bater.

Um três de paus e um nove de espadas.

O único problema é que eu quero mais cartas hoje. Não estou interessado em ganhar. Acho que sei o que tenho que fazer pela velhinha e faço uma aposta comigo mesmo.

Se eu pegar o ás de ouros, é sinal de que estou certo.

Se não, estou errado.

Esqueço de bater e a galera ri da minha cara quando vou cavar.

Primeira carta: dama de paus.

Segunda carta: quatro de copas.

Terceira carta: yesss!

Todo mundo fica sem entender por que diabos estou sorrindo, menos a Audrey. Audrey dá uma piscadinha pra mim. Ela não precisa nem perguntar pra saber que eu fiz de propósito. O ás de ouros está na minha mão.

Isso é muito melhor do que a Rua Edgar.

Estou me sentindo bem.

É terça-feira e estou colocando minha calça branca de brim e as botas manieras cor de areia. Pego uma camisa responsa. Já dei uma passada na Cheesecake Shop e fui atendido muito bem por uma garota chamada Misha.

— Eu não conheço você? — ela perguntou.

— Talvez. Não sei bem...

— Mas é claro! Você é o cara do banco. O herói.

O *otário*, isso *sim*, penso, mas digo:

— Ah, é. Você é a garota do balcão. Tá trabalhando aqui agora?

Ela balança a cabeça, fazendo que sim.

— Tô — ficou meio envergonhada. — Não aguentei o estresse no banco.

— O assalto?

— Não. Meu chefe era um escroto.

— O da cara cheia de espinhas e sovaco suado?

— Esse mesmo... Tentou enfiar a língua na minha boca outro dia.

— Pois é... Coisa de homem, sabe? Somos todos um pouco assim.

— É, eu sei disso!

Misha foi superbacana do começo ao fim. Quando eu já tinha saído da loja, ela me chamou e disse:

— Espero que goste do bolo, Ed!

— Valeu, Misha! — respondo, mas acho que ela não ouviu. Não gosto de fazer barulho em público.

E vazei dali.

Por um instante, penso nisso enquanto abro a caixa e olho pra metade do bolo de chocolate. Fico com pena da garota, porque deve ter sido uma droga sentir o cara em cima dela daquele jeito e foi *ela* que pediu as contas. Que filho-da-puta. Eu, que não tenho espinha na cara nem suco feito um porco, sinto a maior tremedeira nas pernas antes de enfiar a língua na boca de uma garota. É muito besta mesmo, esse cara. Excesso de confiança. Só isso.

Deixa pra lá.

Dou uma última checada no bolo. Estou todo cheiroso. Botei as melhores roupas que tenho e já estou pronto pra ir.

Pulo Porteiro e fecho a porta quando saio. Vou andando pra Avenida Harrison e sinto o dia meio nublado e fresco. Chego lá por volta das seis e a velhinha já está de novo conversando com a chaleira.

A grama na frente da casa está superamarela.

Quando piso, faz um som que parece alguém mordendo uma torrada. Vou deixando pegadas de botas e tenho mesmo a sensação de estar pisando num pão torrado do tamanho do mundo. As rosas são as únicas coisas vivas, contornando a entrada da garagem, na maior firmeza.

A varanda é de cimento. A porra é velha e rachada, igualzinha à de lá de casa.

A tela contra insetos está rasgada nas beiradas. Bem gasta. Abro a tela e bato na porta de

madeira. O som rima com as batidas do meu coração.

Ouçõ os passos se aproximando. Os pés dela lembram o tique-taque de um relógio. Contando o tempo para este momento.

Ela para.

Olha pra mim, e por um instante os dois ficam meio perdidos um no outro. Ela se pergunta quem eu sou, mas só por um segundo. Então, com cara de quem se deu conta de alguma coisa depois de muito esforço, ela sorri pra mim. Ela dá um sorriso muito sincero e diz:

— Eu sabia que você viria, Jimmy — ela se aproxima e me dá um abraço apertado, me envolvendo nos braços macios e enrugados. — Eu sabia que você viria.

Quando o abraço termina, ela olha pra mim novamente, até que uma lágrima aparece nos seus olhos. A lágrima sai e escorre acompanhando o traço de uma das rugas.

— Ohh — ela balança a cabeça prum lado e pro outro, olhando pro bolo. — Obrigada, Jimmy. Eu sabia, eu sabia — ela me pega pela mão e me leva pra dentro da casa. — Venha, vamos entrando — ela me diz. Eu a acompanho.

— Você vai ficar para jantar, Jimmy?

— Só se não for dar trabalho — respondo.

Ela ri.

— Imagina, trabalho nenhum... — ela balança a mão pra cima e pra baixo, como se dissesse: “Para com isso!” — Você é um menino de ouro!

Com certeza! Sou o menino do três de ouros.

— É claro que não será trabalho algum — ela continua. — Será ótimo relembrarmos o passado, não acha?

— Claro.

Ela pega o bolo e leva pra cozinha. Escuto o barulho que faz lá dentro, meio atolada com as coisas, e pergunto se ela precisa de uma ajudinha. Ela manda eu relaxar e me sentir à vontade.

Tanto a sala de jantar quanto a cozinha dão pra rua, e quando me sento à mesa de jantar, vejo as pessoas passando, algumas andando normalmente, outras, às pressas, algumas esperando os cachorros antes de seguir caminho. O cartão de pensionista dela está em cima da mesa. Ela se chama Milla. Milla Johnson. Tem 82 anos.

Quando ela sai da cozinha, traz a mesma coisa que ela comeu no jantar ontem. Salada, sopa e chá.

A gente come, e ela me conta todas as coisas que faz no dia:

Passa cinco minutos conversando com Sid do açougue, mas não compra carne nenhuma. O barato é o bate-papo e as risadas quando ele conta as piadas que não são lá muito engraçadas.

Ela almoça às cinco pro meio-dia.

Senta no parque, olha a criançada brincando e os skatistas fazendo manobras e voltas na rampa.

Toma um cafezinho à tarde.

Assiste ao *Roletrando* às cinco e meia.

Janta às seis.

Vai dormir às nove.

Mais tarde ela me faz uma pergunta. Nós já lavamos a louça e estou de volta à mesa de jantar. Milla volta e se senta nervosa na cadeira.

Ela estica os braços e pega nas minhas mãos. As mãos dela estão tremendo.

Segura bem minhas mãos e seus olhos suplicantes me deixam todo aberto.

Ela diz:

— Então me conte, Jimmy — a tremedeira das mãos aumenta um pouco. — Por onde você andou esse tempo todo? — ela não fala com agressividade, mas parece que está magoada. — Por onde você andou?

Algo fica engasgado aqui — as palavras.

Finalmente, olho pra ela e digo:

— Estava procurando você — digo isso como se fosse a grande verdade que eu conheço.

Ela me tira um peso, fazendo que sim com a cabeça.

— Foi o que pensei — puxa minhas mãos pra mais perto e beija meus dedos. — Você sempre foi bom com as palavras, não é mesmo, Jimmy?

— Sim — respondo. — Acho que sim.

Logo em seguida ela me diz que precisa dormir. Tenho certeza de que ela se esqueceu do bolo de chocolate, e estou louco pra comer um pedaço. Já são quase nove horas e estou desconfiado de que não vou ver nem um farelinho daquele bolo. Me sinto muito mal por isso, é claro. Eu me pergunto que tipo de pessoa eu sou, chateado por ficar sem comer a droga de um pedaço de bolo.

Ela se aproxima de mim por volta das cinco pras nove e diz:

— Acho melhor eu ir deitar, Jimmy. Tudo bem?

Respondo suavemente:

— Sim, dona Milla, acho que sim.

Andamos até a porta e eu dou um beijo em seu rosto.

— Obrigado pelo jantar — agradeço e saio.

— Foi um prazer. Vou vê-lo novamente?

— Com certeza — eu me viro e respondo. — E não vai demorar.

A mensagem desta vez é pra aliviar a solidão desta velhinha. Este sentimento vai tomando conta de mim enquanto ando pra casa, e, quando vejo Porteiro, levanto o danado e seguro os 45 quilos nos braços. Beijo o bichão com toda a imundície e fedor, e tenho a impressão de que conseguiria segurar o mundo nos braços hoje. Porteiro olha pra mim todo confuso e pergunta: *Que tal um cafezinho, meu velho?*

Eu o coloco de volta no chão, dou uma risada e preparo um café pro velho malandrão,

com bastante açúcar e leite.

— Vai querer um cafezinho também, Jimmy? — pergunto a mim mesmo.

— Se não for incômodo — respondo.

— Incômodo nenhum — e caio na risada de novo, me sentindo um mensageiro de verdade mesmo.



Já faz um tempo que levei a mesinha de centro pra minha mãe. Tem umas duas semanas que não apareço por lá — pra deixar que ela esfrie um pouco a cabeça. Ela encheu o saco quando apareci com a mesinha.

Dou uma passada nela no sábado de manhã.

— Mas vejam só! Quem é vivo sempre aparece — ela dá uma sacaneada quando entro pela porta. — Como anda a vida, Ed?

— Tá tudo bem. E com a senhora?

— Trabalhando feito uma condenada, como sempre.

Ela trabalha no caixa de uma lanchonete. Não faz porra nenhuma, mas, sempre que alguém pergunta como ela está, a resposta é a mesma: “trabalhando feito uma condenada”. Ela está preparando alguma coisa gostosa, tipo um bolo, mas não me deixa comer nem um pedacinho porque está esperando a visita de alguém mais importante. Provavelmente alguém do Lion’s Club, ou alguma coisa assim.

Chego mais perto pra ver melhor o que é.

— Nem toque — ela avisa. De onde estou nem dá pra colocar um dedinho.

— O que é isso aí?

— É um *cheesecake*.

— Tá esperando quem?

— Os velhos Marshall.

Bem típico mesmo — uns caipiras que moram ali na esquina — mas fico na minha. Melhor deixar pra lá.

— Como é que estamos de mesinha de centro? — pergunto.

Ela dá uma risada sinistra e responde:

— Muito bem. Vá dar mais uma olhada nela.

É o que eu faço: entro na sala de visita e não acredito no que vejo. Não é que ela trocou a porcaria?

— Peraí! — grito pra cozinha. — Esta aqui não é a mesinha que eu trouxe!

Ela vem até a sala.

— Eu sei. Decidi que não gostava daquela outra.

Agora eu fiquei puto. Sério mesmo. Parei de trabalhar uma hora mais cedo pra pegar a outra mesinha e agora o negócio não presta pra ela.

— Que diabos aconteceu?

— Eu tava conversando com o Tommy no telefone, e ele disse que esse negócio de pinho é uma porcaria e que não dura nada — ela se balança toda entre as frases. — E, pode acreditar, seu irmão entende muito bem dessas coisas. Ele comprou uma mesa velha de cedro pra ele lá no centro. Conseguiu mandar uma letra no cara e descolar um abatimento

de 300 paus, e ainda levou as cadeiras pela metade do preço.

— E daí?

— E daí que ele sabe o que tá fazendo. Ao contrário de certas pessoas que conheço.

— A senhora não me pediu pra ir buscar essa aí...

— E por que diabos eu ia fazer isso?

— Ué, a primeira a senhora me pediu pra ir buscar...

— É, mas vamos ser sinceros, Ed: seu serviço de entrega é uma desgraça.

Chega a ser irônico.

— Tá tudo bem, mãe? — pergunto mais tarde. — Tô indo fazer umas comprinhas daqui a pouco. A senhora tá precisando de alguma coisa?

Ela dá uma pensada.

— Na verdade, a Leigh tá vindo aí semana que vem, e eu tô com vontade de preparar um bolo de chocolate com avelã pra ela e pra família. Compre as avelãs picadas pra mim.

— Tudo bem.

Agora dá o fora, Ed, eu penso logo ao sair. É o que ela estava pensando, tenho certeza disso.

Gosto de ser o Jimmy.

— Lembra-se de quando você lia pra mim, Jimmy?

— Lembro, sim — respondo.

Nem preciso dizer que estou na casa da Milla de novo, à noite.

Ela estica as mãos e segura no meu braço.

— Será que você poderia pegar um livro e ler algumas páginas? Adoro o som de sua voz.

— *Que livro?* — pergunto quando chego perto do armário.

— O meu preferido.

Que merda... dou uma vasculhada nos livros que estão na minha frente. *Qual será o preferido dela?*

Mas não tem problema.

Qualquer um que eu escolher vai ser o preferido dela.

— *O Morro dos Ventos Uivantes?* — sugiro.

— Como você sabia?

— Intuição — respondo e começo a ler.

Ela cai no sono depois de algumas páginas; daí eu a acordo e a levo pro quarto.

— Boa-noite, Jimmy.

— Boa-noite, Milla.

Enquanto vou andando pra casa, penso numa parada que vi. É um pedaço de papel que estava no livro, usado como marcador. Não passava de um pedacinho normal de papel de bloco, todo amarelo e velho. Tinha uma data escrita: 1/5/41 e tinha alguma coisa escrita com uns garranchos de homem. Um pouco parecidos com meus garranchos.

Dizia assim:

*Querida Milla,
Minha alma precisa da sua.
Com amor,
Jimmy.*

Quando a gente se encontra de novo, ela pega os álbuns velhos e ficamos lá, vendo as fotos. Toda hora ela aponta para um cara que está abraçando-a ou beijando-a ou só está parado lá na dele.

— Você sempre foi tão bonito — ela me diz. Ela chega a tocar no rosto do Jimmy nas fotos e entendo como é amar alguém como a Milla amou esse cara. As pontas de seus dedos estão cheias de amor. Quando ela fala, sua voz é carregada de amor. — Você mudou bastante, mas ainda está bonito. Sempre foi o garoto mais lindo da cidade. Era o que diziam todas as meninas. Até minha mãe me disse que você era ótimo, carinhoso e forte, e que eu deveria tratá-lo muito bem — ela olha pra mim agora, com uma cara meio que desesperada.

— Eu o tratei muito bem, não tratei, Jimmy?

Eu me derreto.

Eu me derreto e olho naqueles olhinhos velhos, mas adoráveis.

— Você me tratou muito bem, Milla. Muito bem mesmo. Você foi a melhor esposa que eu poderia ter...

É quando então ela se deságua a chorar na minha manga. Ela chora, chora e ri. Ela treme de desespero e alegria, e as lágrimas mornas encharcam minha manga; isso causa uma sensação bacana no meu braço.

Depois de um tempo, ela me oferece bolo de chocolate. É o mesmo que eu trouxe noutro dia.

— Não lembro quem foi que me trouxe este bolo, mas está uma delícia. Quer um pedacinho, Jimmy?

— Eu aceito, sim.

O bolo já está velho, passado e meio duro.

Mas o gosto está perfeito.

Algumas noites mais tarde, estamos todos na varanda aqui da minha casa, jogando cartas. Eu estou mandando superbem até que, de repente, todo mundo fica em silêncio. Em seguida, vem um som lá de dentro.

— É o telefone — diz Audrey.

Alguma coisa está errada. Tenho uma sensação muito esquisita.

— E aí, tu vai atender? — Marv pergunta.

Eu me levanto e vou andando meio que na dúvida e pulo Porteiro.

O toque do telefone me chama pra perto.

Eu atendo.

Silêncio. Silêncio total.

— Alô?

De novo.

— Alô?

A voz tenta encontrar o centro de minha alma. Quando encontra, diz três palavras:

— Como está, *Jimmy*?

Sinto um estalo por todo o corpo.

— O quê? — pergunto. — O que você disse?

— Você ouviu muito bem.

O telefone fica mudo, e eu, sozinho.

Volto me arrastando pra varanda.

— Você perdeu — Marv diz, mas quase nem escuto o cara direito. Não estou mais nem aí pro jogo.

— Que cara é essa? — Ritchie pergunta. — Senta aí, *brother*.

Aceito o conselho dele e me sento de novo pra jogar.

Audrey olha pra mim e faz uma cara como se estivesse me perguntando “Tá tudo bem?” Respondo que sim, e mais tarde, depois do jogo, ela fica por aqui, e eu quase conto sobre Milla e Jimmy. Chego bem perto de perguntar o que ela acha disso tudo, mas eu já tenho as respostas. O que ela pensa não vai mudar nada; daí acho melhor eu aceitar o fato de que tenho que continuar. Venho oferecendo a companhia de que Milla precisa, mas chegou a hora de ir adiante e passar pro próximo endereço ou voltar pra Rua Edgar. É claro que ainda posso fazer umas visitinhas pra Milla, mas já está na hora.

Está na hora de seguir em frente.

Naquela noite, saio pra andar com Porteiro, bem tarde. Vamos até o cemitério, vemos meu pai e damos uma volta pelas outras sepulturas.

Uma lanterna nos ilumina.

É o segurança.

— Você sabe que horas são? — o cara pergunta. É um cara grande, de bigode.

— Não tenho ideia — respondo.

— Meia-noite e onze. O cemitério tá fechado, meu velho.

Quase vazo dali, mas hoje não dá. Abro a boca e digo:

— Tô dando uma volta, cara... Tô procurando uma sepultura.

Ele olha pra mim pensando no que fazer. Será que ele deveria me ajudar ou não? Ele decide que sim.

— Qual o nome do defunto?

— Johnson.

Ele balança a cabeça prum lado e pro outro, e ri, meio que criticando.

— Você faz ideia de quantos Johnsons tem neste lugar?

— Não.

— *Uma porrada* — ele dá uma fungada no bigode, como se tentasse parar uma coceira.

O cara é ruivo.

— Mesmo assim, será que podemos tentar achar?

— Qual é a raça desse cachorro?

— É uma mistura de rottweiler com pastor.

— Pô, ae, o bicho fede que é um inferno, cara. Você não dá banho nele, não?

— Claro que dou.

— Caramba! — ele se vira, fazendo cara feia. — O fedor é diabólico.

— Mas e aí? A sepultura?

Ele já tinha até esquecido.

— Ah, sim, é mesmo. Bem, podemos tentar. Você sabe mais ou menos quando o pobre coitado morreu?

— Opa, olha o respeito!

Ele para.

— Olha aqui — o ruivo está ficando meio puto agora. — Você quer a minha ajuda ou não?

— Tudo bem, foi mal.

— Por aqui.

Andamos quase metade do cemitério e achamos alguns Johnsons, menos o que eu procuro.

— Tu é um pouco exigente, não é, não, malandro? — o segurança pergunta. — Esse aí não serve?

— Essa aí é Gertrude Johnson.

— E quem é mesmo que tu tá procurando?

— Jimmy... — só que dessa vez eu digo mais uma coisa. — A esposa se chama Milla.

Ele dá uma parada brusca, olha pra mim e diz:

— Milla? Caralho, acho que conheço essa aí. Lembro do nome, porque ela é mencionada na lápide — ele agora fica sussurrando enquanto andamos pra outra ponta do cemitério. — Milla, Milla...

A lanterna dele bate numa lápide e é essa mesma.

JAMES JOHNSON

1917-1942

MORREU SERVINDO À NAÇÃO

AMADO ESPOSO DE MILLA JOHNSON

Passamos mais ou menos dez minutos ali, a luz da lanterna assando a sepultura. O tempo todo fico tentando imaginar onde e exatamente como ele morreu e, mais objetivamente, me dando conta de que a coitada da Milla já está sem ele há 60 anos.

Dá até pra sacar.

Nenhum outro homem entrou na vida dela. Não da forma que seu Jimmy entrou.

Há 60 anos ela espera Jimmy voltar.

E agora ele voltou.



Mesmo assim, tenho que continuar.

A história de Milla é emocionante e trágica, mas tenho que dar conta de outras mensagens. A próxima é na Rua Macedoni, nº 6, às cinco e meia da manhã. Por um instante, penso em voltar à Rua Edgar, mas ainda estou com um medo danado depois do que vi e ouvi por aquelas bandas. Vou lá mais uma vez, só pra checar se as coisas ainda estão na mesma. Estão.

Chego junto com o sol na Rua Macedoni, meados de outubro. Em geral, não é muito comum fazer esse calor todo a esta altura do ano, e quando eu chego na rua da colina, já está bem quente. Vejo a casa de dois andares no topo da ladeira.

Um pouquinho depois das cinco e meia, aparece um vulto que sai do lado da casa. Acho que é uma garota, mas não dá pra ter certeza, pois a criatura está usando um capuz. Está vestindo um short vermelho de ginástica, um casaco cinza com capuz, mas está sem nada nos pés. Tem mais ou menos um metro e setenta e cinco de altura.

Eu me sento entre dois carros estacionados e fico esperando que o vulto retorne.

Quando canso de esperar e começo a ir pro trabalho, finalmente a vejo (é definitivamente uma garota) dando a volta na esquina, correndo. O casaco agora está amarrado em volta da cintura, daí consigo ver o rosto e o cabelo.

Ela me pega de surpresa, porque nós dois chegamos na esquina juntos, vindos de direções opostas.

A gente para, por um momento.

Só por um segundo, nossos olhos se encontram.

Ela olha pra mim e vejo que tem um cabelo da cor do sol amarrado pra trás num rabo-de-cavalo, olhos claros, feito água. É o azul mais suave que eu já vi. Lábios macios que formam um sorriso simpático, de quem já me conhece.

E ela continua correndo.

Quando vejo, ela inclina a cabeça e se vira.

Suas lindas pernas compridas estão raspadas, me fazendo pensar que eu já deveria saber logo de cara que era uma menina. Elas são longas e adoráveis. Ela é uma dessas meninas sem frescuras. Magrinha, peitinhos pequenos, mas bem jeitosos, as costas alongadas, quadris retos e pernas compridas. Seus pés têm tamanho médio e batem no chão bem de leve.

Ela é linda.

Ela é linda, e eu estou com vergonha.

Ela não deve ter mais que 15 anos, e eu estou na maior briga. Na maior briga comigo mesmo. Aqui dentro de mim, começou uma batalha entre amor e tesão, e vou me dando conta de que fiquei amarradão nesta garota que corre descalça às cinco e meia da manhã.

Agora ferrou.

Volto pra casa e fico tentando descobrir o que ela precisa — o que eu preciso fazer desta vez. De certa forma, vou por um processo de eliminação. Se ela mora nas colinas, não precisa de grana. Acho que não está precisando de amigos, mas quem sabe?

Ela corre.

Tem alguma coisa a ver com isso.

Toda manhã, estou lá, mas fico escondido e acho que ela não me vê.

Um dia, resolvo estreitar os laços e sigo a menina. Estou com meu jeans, botas e uma camiseta velha, e ela está bem lá na frente.

Ela vai em passos largos.

Eu vou pensando.

Quando comecei a correr, pareceu até que eu estava participando da final dos 400 metros rasos na Olimpíada. Isso já passou, pois agora sinto quem sou de verdade: um taxista suburbano que não faz muito exercício.

É lamentável o meu estado.

Não tenho coordenação.

Minhas pernas dão um duro danado pra levantar e me arrastar adiante. Meus pés parecem que estão cravando na terra. Respiro o mais fundo possível, mas tem um muro na minha garganta. Meus pulmões estão famintos. Dentro de mim, sinto o ar subindo o muro para descer até eles, mas não é suficiente. Ainda assim, continuo correndo. Eu preciso.

Ela vai pro campo que fica no corredor esportivo, bem afastado da cidade. Fica no pé de um pequeno vale, o que é um alívio pra mim, pois vai ser uma descida! O que me preocupa é a volta.

Quando chegamos no campo, ela pula a cerca e deixa o casaco pendurado lá. Enquanto isso, tento diminuir o passo e caio bem na sombra de um bordo.

A menina vai dando voltas.

O mundo está dando voltas ao meu redor.

Me baixa uma tontura e sinto vontade de vomitar. Além disso, estou seco pra beber alguma coisa, mas não consigo nem me levantar pra ir até a torneira. Daí fico lá, todo estirado e suando feito um louco.

Que é isso, Ed?, penso enquanto respiro. Tu tá fora de forma mesmo, hein, desgraçado! Mais do que eu pensava.

Eu sei, respondo.

Que vergonha.

Eu sei.

Eu também sei que não deveria ficar aqui esticado embaixo desta árvore, mas agora não vou me esconder da garota nem a pau. Que se dane se ela me vir. Não consigo nem me mexer, que dirá me esconder, e sei que amanhã vou estar todo duro.

Ela dá uma parada e se alonga, quando o ar finalmente consegue chegar de verdade nos meus pulmões.

Ela tem a perna direita esticada pra cima, apoiada na cerca. É uma perninha linda, bem comprida.

Pare de pensar nisso, pare de pensar nisso, digo pra mim mesmo. Mal termino de pensar, e ela me vê, mas desvia o olhar logo de imediato. Balança a cabeça e olha pro chão. Igualzinho ao que fez noutro dia. Só por aquele segundo.

Vejo logo que ela nunca vai se aproximar de mim. Saco tudo quando ela tira a perna da cerca e coloca a outra. Vou ter que me aproximar.

Quando ela termina o alongamento e vai pegar o casaco, eu me levanto do chão e vou em sua direção.

Ela começa a correr, mas para.

Ela sabe.

Acho que ela consegue sentir que estou aqui por ela.

Estamos a uns seis ou sete metros um do outro agora. Olho pra ela, e ela olha pro chão a menos de um metro do meu tornozelo direito.

— Oi! — eu digo. O tom babaca de minha voz é uma desgraça.

Uma parada.

Toma-se um fôlego.

— Oi! — ela responde, ainda com os olhos grudados no chão ao meu lado. Dou mais um passo. Não mais.

— Eu sou Ed.

— Eu sei. Ed Kennedy — a voz dela é alta, mas suave, tão suave que faz cócegas. Me lembra a Melanie Griffith. Sabe aquela voz suave que ela tem? Pois é, a voz da garota é assim mesmo.

— Como você sabe quem eu sou?

— Meu pai lê o jornal todo dia, e eu vi sua foto... depois do roubo no banco, entendeu?

Avanço um pouco.

— Entendi.

Depois de um tempo, ela finalmente olha pra mim direito.

— Por que você tá me seguindo?

Paro ali, morrendo de cansaço, e digo:

— Não sei muito bem ainda.

— Você não é nenhum tarado, é?

— Não! — penso com meus botões: *Não olhe para as pernas dela. Não olhe para as pernas dela!*

Ela olha pra mim agora daquele mesmo jeito com que me olhou noutro dia: um jeito de quem já me conhece.

— Ufa, que alívio. Eu te vejo quase todo dia.

A voz dela é tão doce que chega a ser ridículo. Parece até que tem gosto de morango, sei lá.

— Desculpa aí por te assustar.

Carinhosamente, ela arrisca sorrir para mim.

— Tudo bem. É que... eu não sou muito boa pra conversar com as pessoas — ela desvia o olhar de novo, enquanto é sufocada pela timidez. — Tem algum problema se a gente não conversar? — ela agora fala rapidinho pra não me magoar. — Tipo assim, não me

incomoda se você estiver por aqui de manhã comigo, mas não dá pra papear, tá bem? Não me sinto à vontade.

Faço que sim com a cabeça e espero que ela veja.

— Sem problema.

— Obrigada — ela dá uma última olhada pro chão, pega o casaco e me faz uma última pergunta: — Você não é muito chegado numa corrida, é?

Fico ali saboreando aquela voz por um instante. Meus lábios ficam com gosto de morango. Talvez esta seja a última vez que eu esteja ouvindo algo tão doce. Então...

— Não sou, não — respondo. Passamos mais uns segundos de papo até ela sair correndo. Fico só olhando, ouvindo aqueles pezinhos descalços, tocando suavemente na terra. Gosto daquele som. Me faz lembrar da voz dela.

Vou até o campo toda manhã antes de ir pro trabalho, e ela está lá. Todo santo dia, sem falta. Numa manhã, cai o maior temporal, mas mesmo assim ela está lá.

Numa quarta-feira, tiro uma folga (dizendo a mim mesmo que este é o tipo de sacrifício que devemos fazer quando temos uma tarefa mais importante). Junto com Porteiro, vou andando pra escola mais ou menos às três horas. Ela sai com alguns amigos, o que me deixa contente, pois eu estava torcendo pra que ela não fosse solitária. Sua timidez me deixou preocupado.

É engraçado que sempre que a gente vê alguém de longe, tudo parece sem som. É como assistir a um filme mudo. A gente fica imaginando o que as pessoas estão falando. Olhamos pro movimento das bocas e imaginamos o som dos pés delas batendo no chão. A gente fica tentando imaginar sobre o que estão conversando e, mais ainda, no que estão pensando.

Enquanto observo, vejo um lance esquisito: quando um garoto se aproxima, fala com as meninas e anda com elas, a corredora aperta o botão “olhe pro chão” de novo. Quando ele se afasta, ela volta ao normal.

Paro pra pensar um instante e chego à conclusão de que é bem capaz de ela ter o mesmo problema que eu: falta de confiança.

Vai ver ela se acha muito alta, desajeitada, e não faz a menor ideia de que todo mundo sabe que ela é linda. Acho que, se for só isso, não vai demorar muito pra ela sair dessa.

Balanço a cabeça, reprovando.

A mim mesmo.

Olha só quem fala, digo pra mim, quer dizer então que ela vai sair dessa. Como é que você sabe? Por acaso você saiu dessa, Ed? É ruim, hein. Eu tenho toda razão. Não tenho nada que ficar inventando um destino nem prevendo nada pra essa garota. Só tenho que fazer o que eu *tenho que fazer* e espero que seja o bastante.

Algumas vezes, vigio a casa dela à noite.

Não acontece nada.

Nunca.

Enquanto estou lá pensando na garota, na velha Milla e no terror da Rua Edgar, me dou conta de que nem sei como a garota se chama. Não sei por que, mas imagino que seja algo

tipo Alison, só que penso nela mais como a corredora.

Durante o verão, compareço aos encontros atléticos que rolam todo final de semana. Ela está lá, sentada com o resto da família. Tem uma garota mais nova e um garotinho. Estão todos usando shorts pretos e camisetas azul-claras com um retângulo costurado nas costas. O retângulo da garota tem o número 176, bem embaixo do slogan dizendo: “Siga o exemplo de Milo”.

É então anunciado o início dos 1.500 metros pros de menos de 15 anos, e ela se levanta, passando a mão no short para tirar a grama seca.

— Boa sorte, filha — deseja a mãe.

— É, boa sorte, Sophie — o pai repete.

Sophie.

Taí, gostei.

Ouçõ o nome na mente e faço logo uma relação nome-rostos. Os dois se encaixam perfeitamente.

Ela ainda está limpando o short com a mão quando eu lembro que as outras duas crianças existem — depois que elas se foram, consegui me concentrar totalmente na Sophie. A menina saiu pra fazer arremesso de peso, e o menino se enfiou em algum lugar pra brincar de soldado com um molequinho desgraçado de feio chamado Kieren.

— Posso ir brincar com o Kieren, mamãe? Vai, deixa! Deixa!

— Está bem, mas preste atenção pra quando chegar sua vez — os 70 metros começam logo, logo.

— Tá bom. Vamos, Kieren.

Por um instante, dou graças a Deus por ter um nome fácil, simplesmente Ed. Nada de Edward, Edmund, Edwin. Só Ed. Pelo menos uma vez na vida a mediocridade me faz sentir bem.

Sophie me vê quando se levanta, e seu rosto mostra um pouquinho de felicidade. Ela fica feliz de me ver, mas ainda vira o rosto pro outro lado. Ela caminha pra concentração segurando um par de tênis todo ferrado (acho que deixam as crianças mais velhas usarem tênis nas corridas mais longas) quando o pai grita de novo.

— Sophie!

Ela se vira pra ele.

— Você consegue vencer, minha filha! Tenho certeza... É só querer.

— Obrigada, papai.

Ela se afasta, andando rápido, virando-se mais uma vez pro lado onde estou sentado no sol, devorando um bolinho. Estou com o canto da boca sujo de coco ralado, mas agora não dá mais pra tirar. Já era. E também ela não conseguiria ver mesmo. Não de onde ela está. Ela só me olha de relance e continua. Eu sei o que tenho que fazer agora.

Se eu fosse um baixinho convencido, diria que essa missão é moleza. Molinho, molinho.

Mas não sou.

Não consigo dizer isso porque ainda penso na Rua Edgar. Me dou conta de que, para

cada mensagem boa, vai ter sempre uma que vai me deixar bolado, na maior agonia. Estou mais é agradecido por esta aqui. Está fazendo um dia lindo e eu gosto dessa garota. Gosto mais ainda quando ela corre ao lado de outra garota magrela e alta que anda toda empinada. Elas correm juntas, mas, no final, a outra garota termina com mais força. Ela alarga os passos, e um homem não para de gritar: “Manda brasa, Annie! Manda ver, filha! Manda ver! Acabe com ela, filha! Você consegue!”

Prefiro chegar em segundo lugar a ter alguém gritando esse tipo de merda pra mim.

O pai da Sophie é diferente.

Ele vai pra perto da cerca e fica só assistindo à corrida com a maior concentração. Não grita nada. Só fica ligado. Às vezes, dá pra perceber que ele fica um pouco tenso, querendo que a filha passe à frente da outra garota. Quando a outra é quem passa à frente, ele dá uma olhada rápida no outro pai, e é só. Quando ela vence, ele aplaude a Sophie também. O outro pai fica lá parado, com um orgulho obsceno, como se *ele* que tivesse acabado de correr e chegado em primeiro lugar.

Quando Sophie se aproxima do pai, ele dá um abraço nela. A menina está com os ombros pra baixo, expressando a decepção.

De certa forma, o pai da Sophie me lembra meu velho, só que meu pai nunca me abraçou. Isso sem mencionar que ele era alcoólatra. É alguma coisa no jeito caladão dele. Meu pai era um cara caladão, que nunca falava mal de ninguém. Ele ia pro bar e só saía de lá quando fechava. Andava pelas ruas pra diminuir o efeito do álcool e ficar sóbrio, mas não adiantava nada. Ainda assim, não posso negar, no dia seguinte ele se levantava e ia trabalhar, sem falta. Minha mãe ficava gritando uma porrada de desaforo e palavrão por ele ter saído, mas ele nunca reagiu. Ele nunca mandou ela pra merda.

O pai da Sophie parece a mesma coisa, tirando o lado da birita. Resumindo, ele parece ser um cara muito do elegante e educado.

Os dois voltam juntos até a mãe e se sentam lá no morrinho. Os pais se dão as mãos enquanto Sophie toma uma daquelas bebidas pra atletas. Parecem aquele tipo de família em que eles dizem que se amam antes de ir dormir, quando acordam, ou antes de saírem pra trabalhar.

Sophie tira os tênis ferrados. Ela olha pra eles e suspira: “Pensei que eles fossem me dar sorte.” Acho que os sapatos eram da mãe ou de um outro parente de sucesso.

Quando eles se sentam no chão, dou uma olhada mais atenta naqueles sapatos. São azul e amarelo, meio desbotados. Estão velhos e gastos.

E não está certo.

A menina merece coisa melhor.



— Nossa, você anda sumido!

— Ando ocupado.

Estou com a Audrey na varanda, tomando uma bebida de quinta, como sempre. Porteiro vem pra fora e pede pra tomar um gole, mas só descola mesmo um carinho que eu faço nele.

— Recebeu mais alguma outra carta pelo correio?

É claro que ela sabia o tempo todo que eu estava mentindo com aquela história de jogar fora o ás de ouros. Só doido pra jogar um ás de ouros fora, certo? São valiosos. Pelo menos precisam ser protegidos.

Milla, penso. Sophie. A mulher na Rua Edgar e a filha, Angelina.

— Não, ainda tô na primeira.

— Você acha que vai ter mais alguma?

Dou uma pensada e fico na dúvida se quero ou não receber mais outra carta.

— A primeira já tá dando muito trabalho.

E continuamos a beber.

Faço várias visitas à Milla, e ela me mostra as fotos todas de novo, e continuo lendo *O Morro dos Ventos Uivantes*. Na verdade, já estou até começando a curtir. Algumas noites atrás o bolo acabou, graças a Deus, mas a velhinha continua superbacana.

Sophie perde novamente na semana seguinte, desta vez na corrida de 800 metros. Ela não corre da mesma forma com aqueles sapatos velhos remendados. Precisa de alguma coisa melhor pra pelo menos chegar próximo do que ela corre de manhã. É de manhã que a garota é ela mesma. Praticamente entra em transe, quase fora de si.

No sábado seguinte, de manhã bem cedo, vou à casa dela e bato na porta. O pai dela atende.

— Pois não?

Me bate um nervoso dos diabos, como se eu estivesse aqui pra pedir pra namorar a filha dele. O cara olha pra caixa de sapato que seguro com a mão direita. Não perco tempo, levanto a caixa e digo:

— Tenho uma entrega pra sua filha Sophie. Espero que este número dê nela.

O cara pega a caixa e fica sem entender nada.

— É só dizer pra ela que um cara trouxe uns sapatos novos.

O homem olha pra mim como se eu estivesse drogado.

— Tudo bem — ele se esforça pra não zoar com a minha cara. — Pode deixar que eu darei o recado.

— Muito obrigado.

Eu me viro e começo a me afastar, mas ele me chama de volta.

— Espere.

— Pois não?

Ele segura a caixa, confuso, levantando.

— Eu sei — digo.

A caixa está vazia.

Eu não fiz a barba e só entreguei o táxi às seis da manhã; fui direto pra casa da Sophie e depois me mandei pra pista de corrida, onde senti um calor dos diabos. Como um salgadinho de salsicha e tomo um café.

Quando a chamam pros 1.500 metros, ela vai descalça.

Quando penso nisso, dou um sorriso.

Sapatos pés-descalços...

— Só espero que ninguém pise nela — digo.

Alguns minutos mais tarde, o pai dela vai pra perto da cerca. A corrida começa.

O outro otário começa a gritar.

E a Sophie tropeça no final da volta.

Ela cai entre o grupo das cinco que estão liderando e o resto passa a frente, ganhando uma vantagem de talvez uns 25 metros. Quando ela se levanta, a cena me lembra aquela parte em *Carruagens de Fogo* quando Eric Liddell cai, acaba passando todo mundo e ganha.

Ainda faltam duas voltas, e ela ainda está bem pra trás.

Ela bate as duas primeiras corredoras molinho e está correndo como corre de manhã. Sem esforço. A única coisa que se vê nela é a sensação de liberdade, e a sensação bem pura de estar viva. Ela só precisa do capuz e da calça vermelha. Com os pés descalços, ela passa a terceira e não demora muito pra ficar lado a lado com sua rival. Passa a rival e a segura, faltando ainda 200 metros.

Igualzinho ao que ela faz de manhã, eu penso, e as pessoas pararam pra assistir. Viram a menina cair, se levantar e continuar a batalha. Agora todos a veem lá na frente, aprontando um feito que nunca foi visto em um final de semana normal nesta cidade. Parou tudo: o arremesso de discos, o salto à distância, tudo. As atenções se voltam pra menina de cabelo dourado e aquela voz maravilhosa lá na frente de todas...

A outra garota a alcança.

Ela vai com tudo, tentando a liderança.

Os joelhos de Sophie estão sangrando da queda, e acho que ela espetou o pé em algum lugar, mas é assim que tem que ser. Os últimos 100 metros quase a matam. Vejo a dor estampada no seu rosto contorcido. Os pés descalços sangram ao passarem pela grama rasteira. Ela quase sorri de dor — quase sorri da própria natureza disso tudo. Ela está fora de si.

Descalça.

Mais viva do que qualquer pessoa que eu já tenha testemunhado.

E cruzam a linha.

E a outra garota vence.
Como sempre.

Ao cruzarem a linha, Sophie cai, e lá embaixo, no chão, ela rola, fica de barriga pra cima e olha pro céu. Sente dor nos braços, nas pernas e no coração. Mas, no rosto, está a beleza da manhã, e, pela primeira vez, acho que ela reconhece. Cinco e meia da manhã.

O pai dela aplaude, como sempre, só que, desta vez, ele não é o único. O pai da outra menina aplaude também.

— Você tem uma filha e tanto — ele diz.

O pai de Sophie, muito modesto, só faz que sim com a cabeça e diz:

— Obrigado. Você também.



OUTRO SER HUMANO ESTÚPIDO

Antes de ir embora, jogo minha sujeirada no lixo: o copo de isopor do café e o papel do salgadinho de salsicha. Como sempre, meus dedos estão todos sujos de molho.

Ouçó os pés dela atrás de mim, mas não me viro. Quero ouvir a voz dela.

— Ed?

É inconfundível.

Eu me viro e sorrio pra garota que está com os pés e joelhos sangrando. O sangue está escorrendo todo torto de seu joelho esquerdo até a canela. Eu aponto e digo:

— É melhor dar um jeito nisso aí.

Ela responde na maior calma:

— Vou dar um jeito, sim.

Baixa uma sem-gracice entre a gente, e eu saco que esse já não é mais o meu lugar. Ela está linda de cabelo solto. Vale a pena se afogar naqueles olhinhos, e sua boca fala, comigo.

— Eu só queria agradecer — ela diz.

— Por ter colocado você nessa fria? Você acabou toda ralada...

— Não — ela recusa minha mentira. — Obrigada, Ed.

Eu dou o braço a torcer.

— De nada, foi um prazer — minha voz chega a doer nos ouvidos se comparada à dela.

Quando chego mais perto, percebo que ela não desvia o olhar agora. Não balança a cabeça nem olha pro chão. Ela se deixa olhar pra mim e estar comigo.

— Você é linda. Você sabe disso, né?

Ela fica vermelhinha enquanto concorda comigo.

— A gente vai se ver de novo? — ela pergunta, e pra ser sincero acho que vou me arrepender da resposta.

— Não às cinco e meia da madrugada.

Ela mexe com um dos pés, rindo baixinho pra si mesma.

Estou quase indo embora quando ela diz:

— Ed?

— Oi, Sophie?

Ela fica surpresa, sem saber como eu sei o nome dela.

— Você é algum tipo de santo?

Aqui dentro, eu dou uma risada. *Eu? Santo?* Faço uma lista do que sou. Taxista. Vagabundo da redondeza. Modelo de mediocridade. Um desastre sexual. Péssimo jogador de cartas.

Digo minhas palavras finais pra ela:

— Não, não sou santo, Sophie. Só mais um ser humano estúpido.

A gente sorri, e eu vou embora. Sinto que ela fica me observando, só que eu não olho

pra trás.



MAIS UMA VISITA À RUA EDGAR

Parece que as manhãs bateram palmas.
Pra me acordar.

Sempre que abro os olhos, vejo três coisas, uma de cada vez.

Milla.

Sophie.

Rua Edgar, nº 45.

As duas primeiras me encorajam com o nascer do sol. A terceira me dá calafrio por todo o corpo: pele, carne e ossos.

Passo os finais de noite vendo as reprises dos episódios de *Os Gatões*. O gorduchão sempre fica sentado lá comendo *marshmallow* na sua mesa de trabalho. *Como é mesmo que se chama esse cara?*, eu me perguntei quando vi o primeiro episódio. Daí apareceu a Daisy e disse: “Tudo bem, Boss Hogg?”

Boss Hogg.

É claro.

Putz, a Daisy está linda com esse jeans apertadinho. Toda noite quando eu a vejo, meu coração dispara feito louco, mas ela nunca fica muito tempo na tela.

Porteiro faz cara feia pra mim, toda vez.

— Eu sei — digo.

Mas então ela aparece de novo e não adianta discutir. As mulheres lindas são o tormento de minha existência.

As noites e os gatões vão passando.

Dirijo meu táxi com uma dor de cabeça que fica só me esperando por trás. Toda vez que eu me viro, ela está lá.

— Obrigado — agradeço ao passageiro. — Deu \$16,50.

— *Dezesseis e cinquenta?* — o velhote de terno reclama. As palavras dele parecem uma espuma na minha cabeça, fervendo, subindo e descendo.

— Quer fazer o favor de pagar? — não estou com saco pra isso hoje. — Da próxima vez vá andando, já que acha tão caro.

Tenho certeza de que ele coloca a corrida na conta da empresa.

Ele me dá a grana, e eu agradeço. *Não foi tão difícil, foi?*, eu penso. Ele bate a porta com força. Parece que minha cabeça estava lá também.

De certa forma, estou esperando outro telefonema na minha casa, mandando que eu vá pra Rua Edgar de novo, rapidinho. Espero algumas noites, mas ninguém liga.

Na noite de quinta, saio cedo do carteado na casa da Audrey. Me sinto meio incomodado. A sensação me faz levantar e vazar de lá, quase sem dizer nada. Chegou a hora e sei que preciso estar lá do lado de fora daquela casa no final da Rua Edgar — uma casa refém da violência que rola lá dentro quase toda noite.

Enquanto caminho pra lá, me dou conta de que estou andando rápido. Já consegui dar conta de duas.

Milla e Sophie.

Agora eu tenho que encarar essa.

Viro na Rua Edgar, cerrando o punho dentro dos bolsos da jaqueta. Dou uma olhada pra ver se não tem ninguém me vendo. Com Milla e Sophie, sempre me senti à vontade. Elas foram as mensagens boas. Não teve praticamente nenhum risco na parada, ao contrário dessa agora, onde todas as respostas parecem ser dolorosas. Para a esposa, para a menina, para o marido. E para mim.

Enquanto espero, tiro um pedaço de chiclete que eu já havia esquecido que tinha ali no bolso e coloco na boca. Tem gosto de doença, de medo.

A sensação aumenta quando o homem aparece e sobe as escadas da varanda. O silêncio se aproxima mais ainda, me dá uma porrada e me empurra pra frente.

Acontece.

A violência interfere. Ela enfia o dedo em tudo e sai rasgando. Tudo se destrói, e eu me odeio por esperar tanto tempo pra dar um fim nisso. Eu me odeio por escolher as opções mais fáceis noite após noite. Um ódio está se desenrolando e se soltando dentro de mim. Perturba meu espírito e o faz cair de joelhos, perto de mim. Ele tosse e sufoca enquanto meu próprio ódio por mim mesmo fica insuportável.

A porta, eu digo pra mim mesmo. Vá até a porta — tá aberta, cara.

Mas eu não me mexo.

Não me mexo porque meu cagaço me segura, mesmo quando tento fazer com que meu espírito, que está ainda de joelhos, se levante. Só que ele cai. Ele se vira pro lado e bate no chão fazendo um som seco. Ele olha pras estrelas lá em cima. São estrelas que piscam no céu.

Vá, eu repito pra mim mesmo e, desta vez, consigo sair do lugar.

Sinto tudo chacoalhar enquanto subo as escadas da varanda e paro na porta. Nuvens distantes me observam, mas estão se afastando. O mundo não quer saber dessa história. Não o culpo por isso.

Lá dentro, ouço os dois.

Ele está acordando a mulher.

Perturbando a coitada.

Pegando-a e abandonando-a ao mesmo tempo.

Ele a joga na cama, pega de novo e a abre. As molas da cama soltam um barulho desesperado de queda e, contrariadas, se esticam de novo. Não adianta se recusar. Não adianta reclamar. Um choro vem se arrastando pela porta onde estou parado. Sai mancando pela abertura na porta e para nos meus pés.

Como você consegue ficar aqui fora?, eu me pergunto, mas mesmo assim espero.

A porta se abre mais um pouco e tem alguém lá agora, de frente pra mim. É a garotinha.

A menina está na minha frente, cobrindo os olhos com os punhos cerrados tentando resgatar o sono preso ali em algum lugar. Está usando um pijaminha amarelo com barquinhos vermelhos; ela está torcendo e contorcendo os dedos dos pés.

Olha pra mim, mas sem medo. Está acostumada com coisa muito pior.

Ela pergunta bem baixinho:

— Quem é você?

— Eu sou o Ed — respondo baixinho.

— Eu sou Angelina. Você tá aqui pra salvar a gente?

Dá pra ver uma esperança brilhando naqueles olhinhos.

Eu me agacho pra vê-la melhor. Tenho vontade de dizer que sim, mas as palavras não saem. Vejo que o silêncio de minha boca não conseguiu matar a esperança que ela invocou. Está quase terminando quando finalmente eu falo. Olho pra ela com toda a sinceridade e digo:

— Você tem razão, Angelina: eu tô aqui pra salvar vocês.

Ela se aproxima quando a esperança se reacende.

— Você consegue? — ela pergunta surpresa. — Jura?

Até mesmo uma garotinha de mais ou menos oito anos consegue ver que quase não há resgate de sua vida. Ela tem que confirmar se pode acreditar em mim.

— Vou tentar — respondo, e a menina sorri. Sorri, me abraça e diz:

— Obrigada, Ed — ela se vira e aponta. Sua voz sussurra ainda mais baixinho — É o primeiro quarto ali do lado direito.

Quem dera que fosse fácil assim.

— Vamos, Ed. Eles estão lá dentro...

Só que, mais uma vez, não consigo me mexer.

O medo se amarrou nos meus pés, e eu sei que não posso fazer nada. Hoje não. Pelo jeito, nunca. Se eu tentar me mexer, vou tropeçar no medo.

Acho até que a garota vai gritar comigo. Alguma coisa tipo: “Mas você prometeu, Ed! *Você prometeu!*” Mas fica calada. Acho que ela saca a força física do pai e que eu sou magrelo. Tudo que faz é se aproximar e me abraçar de novo.

A menina tenta se enfiar na minha jaqueta quando o barulho do quarto aumenta. Ela me dá um abraço tão apertado que fico pensando como que ela não quebra os ossos. Quando ela me solta e vai embora, diz:

— Obrigada por pelo menos tentar, Ed.

Não respondo nada, porque agora a única coisa que sinto é vergonha. Vejo os pés dela virarem e irem embora embaixo do pijaminha amarelo. Ela se vira mais uma vez e diz:

— Tchau, Ed.

— Tchau — respondo atrás de minha cortina de vergonha.

Ela fecha a porta toda, me deixando ali agachado. Eu me inclino pra frente e descanso a cabeça na moldura da porta. Minha respiração sangra. As batidas de meu coração enchem meus ouvidos.

Agora estou deitado na cama, engolido pela noite. Como alguém pode dormir quando não consegue sentir mais nada além dos bracinhos de uma criança usando pijama amarelo, agarradinha no escuro? Cara, não dá.

Sinto que a insanidade logo virá atrás de mim. Se eu não voltar à Rua Edgar logo, acho que vou pirar. Que pena que a menina apareceu — se bem que eu sabia que ela ia aparecer. Ou pelo menos eu deveria saber. Ela havia aparecido nas outras noites e chorado na varanda, substituída mais tarde pela mãe. Sei que, enquanto estou aqui deitado de barriga pra cima, era pra eu conhecer a menininha. Eu queria que ela me desse coragem. Pra me forçar a entrar. Mas não funcionou nem a pau. Na verdade, mais desastroso que isso, impossível. Agora me sinto pior ainda.

Às 2:27 da madrugada, o telefone toca.

Dou um pulo da cama, saio correndo e olho pro telefone. Isso não está me cheirando bem.

— Alô?

A voz do outro lado espera.

— Alô? — repito.

Finalmente a voz se manifesta, e consigo imaginar a tal boca, articulando as palavras. A voz é seca, de taquara rachada. É simpática, mas com um tom completamente profissional.

— Dê uma olhada na sua caixa de correios, Ed.

Um silêncio toma conta e a voz desaparece completamente. Não ouço mais nenhuma respiração do outro lado.

Ponho o telefone no gancho e ando devagar até a porta da frente, chegando à caixa de correios. Não tem mais nenhuma estrela no céu e está caindo uma garoa fina à medida que vou me aproximando. Estou com as mãos tremendo quando me inclino e abro o trinco. Coloco a mão lá dentro.

Toco numa coisa fria e pesada.

Meu dedo toca no gatilho.

Sinto um calafrio.



Só tem uma bala no revólver. Uma bala pra um homem, é aí que me sinto o cara mais azarado deste planeta. Digo pra mim mesmo: *Você é um taxista, Ed! Como foi se meter nessa fria, meu irmão? Não deveria ter se levantado do chão daquele banco.*

Estou sentado na cozinha com a arma aquecendo na mão. Porteiro está acordado, doido pra tomar um café e só consigo ficar ali olhando pra arma. E, pra piorar, o filho-da-mãe que está armando isso tudo só enviou uma bala. Será que os caras não se tocam de que é mais provável que eu dê um tiro nos meus próprios pés antes mesmo de começar? Não sei. Isso já foi longe demais. Uma arma, pelo amor de Deus! Não posso matar ninguém. Pra início de conversa, sou um cagão. Em segundo lugar, não sou nada forte. Em terceiro, está na cara que o que rolou no dia do assalto no banco foi pura sorte — nunca me mostraram como se usa uma arma...

Agora fiquei puto.

Por que me escolheram pra isso?, pergunto, mesmo sabendo, com toda a certeza, o que tenho que fazer. *Você ficou feliz com as outras duas*, fico me castigando. *Então agora vai ter que dar conta dessa, maluco.*

E se eu não der conta? Talvez a pessoa do telefone venha atrás de mim. Talvez seja isso mesmo. Talvez o negócio seja o seguinte: ou eu faço a parada ou o resto das balas vai parar dentro de mim.

Putá que o pariu, agora perdi o sono!

Pelo amor de Deus, estou quase tendo uma hérnia.

Dou uma olhada na coleção de discos velhos que meu pai me deu. Pra dar uma aliviada no estresse, saca? Vou passando álbum por álbum, na maior secura, e encontro o que estou procurando — o Proclaimers. Ponho na vitrola e fico olhando o vinil girar. As primeiras notas ridículas de *Five Hundred Miles* começam a tocar e fico furioso. Até os Proclaimers estão me deixando puto hoje. Os caras cantam mal que é uma desgraça.

Ando pela sala.

Porteiro olha pra mim como se eu tivesse pirado.

E pirei mesmo. O negócio já está até oficializado.

São três da manhã, estou tocando Proclaimers no último volume e tenho certeza de que tenho que matar alguém. Agora sim minha vida realmente encontrou um sentido, não acha, não?

Uma arma.

Uma arma.

Aquelas palavras me atingem, e eu não paro de olhar pra ela, pra ver se isso está acontecendo mesmo. A luz branca da cozinha chega até a sala, Porteiro estica as patas e me arranha de leve, pedindo um cafuné.

— Sai fora, Porteiro! — reclamo, puto da vida, mas os olhões marrons dele me pedem pra relaxar.

Eu amoleço e faço um chamego na barriga dele, peço desculpa e preparo um cafezinho pra gente. Vai ser ruim de eu dormir hoje. Os Proclaimers estão só esquentando com aquela canção que vai da tristeza à felicidade — a que vem depois de *Five Hundred Miles*.

A insônia deve matar, penso, enquanto dirijo o táxi de volta do centro, no dia seguinte. Meus olhos estão coçando e ardendo enquanto dirijo com os vidros abertos. O calor do ar fica batendo nos meus olhos, mas eu deixo. A arma está embaixo do meu colchão, onde deixei ontem de noite. A arma está lá embaixo do colchão, e a carta, na gaveta. É difícil dizer qual das duas me atormenta mais.

Decido que tenho que parar de reclamar.

De volta ao TÁXI LIVRE, vejo Audrey beijando um dos novatos da cooperativa. Ele tem mais ou menos a minha altura, mas está na cara que malha. Os dois estão ali, no maior amasso, beijo de língua e tudo. Ele está com as mãos nos quadris dela e ela, com as mãos enfiadas nos bolsos de trás do jeans dele.

Graças a Deus eu não tô com a arma agora, penso, mas eu sei que sou muito garganta.

— Oi, Audrey — falo com ela quando passo, mas ela não escuta. Estou indo pro escritório pra falar com o chefe, Jerry Boston. Jerry é um cara obeso, cabelo oleoso com uns fios penteados de um jeito pra cobrir e disfarçar a parte careca.

Bato na porta.

— Entre! — ele grita lá de dentro. — Já estava na hora de você... — ele não completa a frase. — Oh, pensei que fosse a Marge. Já tem meia hora que ela ficou de me trazer um café.

Eu vi a Marge fumando um cigarro no estacionamento, mas decido não contar nada. Gosto da Marge e não gosto de me meter nesse tipo de coisa.

Entro, fecho a porta e nos olhamos.

— E aí? — ele pergunta. — O que é que tá pegando?

— Seu Jerry, meu nome é Ed Kennedy, eu trabalho pro senhor...

— Muito bom! O que você quer?

Invento uma mentira:

— Meu irmão está de mudança hoje, e eu queria saber se eu poderia ficar com o táxi pra ajudá-lo, levando alguma coisa.

Ele olha pra mim com uma cara generosa e diz:

— E por que diabos eu deixaria você fazer isso? — ele sorri. — Por um acaso tá pintado “Fazemos Mudança” nas portas dos meus táxis? Eu lá tenho cara de instituição de caridade? — agora ele está irritado. — Vá comprar um carro pra você, ora essa.

Mantenho a calma, mas me aproximo.

— Seu Jerry, às vezes chego a dirigir noite e dia e nunca tirei férias.

Pra falar a verdade, por causa dos meus nove meses de experiência, meus turnos flutuam entre noite e dia toda semana. Não sei bem se isso está dentro da lei. O pessoal

novo fica com a noite. Os veteranos ficam com o dia. Eu fico com os dois. Continuo:

— Só tô pedindo por uma noite. Se o senhor quiser, eu pago.

Boston se debruça na mesa. Ele me lembra o Boss Hogg.

Marge aparece com o café e diz:

— Oi, Ed. Como vai?

Ah, esse mão-de-vaca de uma figa não vai liberar o táxi pra mim, penso, mas só digo o seguinte:

— Tudo bem, Marge, e você?

Ela põe o café na mesa e sai educadamente.

Big Jerry toma um gole e diz:

— Ahh, tá uma delícia — e muda de ideia. Deus abençoe a Marge. Que chegada providencial! Ele diz: — Então tá, Ed, já que você trabalha bem, vou deixar o táxi com você. Mas é só por uma noite, falou?

— Obrigado!

— Você vem trabalhar amanhã? — ele checa a lista de nomes e responde à própria pergunta. — Vai pegar o turno da noite — ele dá uma pensada e resolve a situação. — Traga o carro de volta amanhã até o meio-dia. Nem um minuto a mais. À tarde vou colocá-lo na manutenção, pois é disso que ele tá precisando.

— Tudo bem, seu Jerry.

— Agora me deixe beber meu café em paz.

E saio da sala.

Passo pela Audrey, que ainda está no maior amasso com o cara novo. Eu me despeço, só que mais uma vez ela não ouve. Ela não vai jogar cartas esta noite, nem eu. O Marv vai ficar puto, mas com certeza não vai morrer por isso. Ele vai colocar a irmã no lugar da Audrey e o pai no meu lugar. A irmã dele de 15 anos é boazinha, mas come o pão que o diabo amassou com um irmão desse. Ele inferniza a vida da garota, de várias formas. Por exemplo, ela é odiada por todos os professores porque o Marv não valia nada enquanto estudava na escola. Todos acham que ela é uma tapada, quando na verdade é bem inteligente.

De qualquer forma, tenho coisas mais importantes hoje do que as cartas. Tento comer, mas não consigo. Pego o ás de ouros e a arma, e fico olhando pros dois na mesa da cozinha.

As horas vão passando.

Quando o telefone toca, me bate um cagaço, mas então me dou conta de que é o Marv, sem dúvida nenhuma. Eu atendo.

— Alô?

— Onde é que você tá, cara?

— Em casa.

— Por quê? Eu e o Ritchie estamos sentados aqui no maior tédio. E cadê a Audrey? Ela tá aí com você?

— Não.

— E onde ela se meteu?

— Ela tá com um cara lá do trabalho.

— Por quê? — ele parece criança, juro por Deus. Está sempre perguntando *por que* sem motivo nenhum. Se ela não está lá, não está lá e pronto. Marv não entende que não dá pra fazer nada.

— Marv, tô cheio de coisa pra fazer hoje. Não vai dar pra eu ir.

— O que você tem pra fazer?

Devo ou não dizer?, penso. Decido que sim.

— Tá bem Marv, vou dizer por que não dá pra ir hoje...

— Manda.

— Tudo bem. Tenho que matar alguém, falou? Tudo bem pra você?

— Olha só — ele está ficando de saco cheio. — Para de me sacanear, Ed. Não tô nada a fim de ouvir seu rosário de merdas.

Rosário? Desde quando o Marv conhece esse tipo de palavra? Bem, ele continua:

— Para de palhaçada e vem pra cá. Tô avisando, maluco: se você não vier pra cá, tá fora do Jogo de Verão deste ano. Eu tava até falando sobre isso com uns camaradas hoje.

O Jogo de Verão é uma partida de futebol ridícula que rola no corredor esportivo da cidade antes do Natal. Os participantes idiotas tipo Marv jogam descalços; o idiota do Marv me convenceu a jogar nos últimos anos. E todo ano eu quase quebro o pescoço.

— Bem, então não conta comigo este ano. Não vou pra aí, cara.

Desligo o telefone. Como já é de se esperar, o telefone toca de novo, mas eu tiro o fone do gancho e coloco de volta. Eu quase caio na gargalhada quando imagino o Marv xingando do outro lado. Neste exato momento, ele deve estar começando a gritar.

— Ok, Marissa! Venha jogar cartas com a gente!

Não levo muito tempo pra me concentrar no trabalho que me espera pela frente. Esta é a única noite que dá pra eu colocar o plano em prática. Uma noite com o táxi. Uma noite do meu jeito. Uma noite com a arma.

Quando olho pro relógio, já é quase meia-noite, mais cedo do que eu esperava.

Dou um beijo no rosto do Porteiro e vazo. Não olho pra trás, porque estou determinado a voltar só mais tarde. A arma está no bolso direito da jaqueta. A carta está no bolso esquerdo, junto com uma garrafinha de vodca. Misturei a parada com uma porrada de remédio pra dormir. Melhor que faça efeito.

A diferença hoje é que eu não vou pra Rua Edgar. Nada disso, fico mais perto da rua principal e espero lá. Na hora em que os bares encerrarem o expediente, um homem não vai voltar pra casa.

Já é bem tarde quando todos os pés-de-cana saem dos bares. Não tem como perder o meu cara de vista, por causa do tamanho do sujeito. Ele se despede dos amigos aos gritos, sem saber que esta é a última vez. Dou uma volta no táxi e tomo a mesma direção em que ele está andando. O cara se aproxima no meu espelho retrovisor lateral e passa. Quando ele está mais adiante no caminho, dou partida e dirijo em sua direção. O suor que sinto agora é normal, e eu sei que vou fazer. Já embarquei. Não tem escapatória.

Paro ao lado dele e chamo baixinho.

— Quer uma carona, parceiro?

Ele olha e arrota.

— Não vou pagar, não, cara.

— Anda logo, *brother*. Você parece que tá mal. Não vou cobrar a corrida, não, fica frio.

Então ele sorri, cospe e dá a volta pro lado do passageiro. Quando entra, começa a explicar como se chega em sua casa, mas eu digo:

— Pode deixar comigo. Eu sei onde você mora.

Tem alguma coisa que parece me tirar da realidade imediata, me deixando meio que dormente. Sem isso, não consigo ir adiante. Lembro da Angelina, e o jeito como sua mãe estava arrasada no mercado. Tenho que fazer isso. *Você tem que fazer isso, Ed*. Eu faço que sim com a cabeça.

Tiro a vodca do bolso e ofereço a ele.

Ele não pensa duas vezes e vai logo pegando.

Eu sabia, fico todo orgulhoso de mim mesmo. *Um cara desse tipo pega tudo que quer, sem nem pensar*. Um cara como eu pensa demais.

— Ah, eu aceito — ele diz e toma um belo de um gole.

— Pode ficar com a garrafa. É toda sua.

Ele não diz nada, mas continua entornando quando passo pela Rua Edgar e me dirijo pro oeste, indo em direção aos cafundós da cidade. Tem um lugar por lá numa rua de terra chamado Cathedral. Fica no topo de uma montanha rochosa que dá pra quilômetros e mais quilômetros de matagal. A gente ainda nem saiu do subúrbio quando o grandalhão adormece. Ele deixa a garrafa de vodca cair e derramar sobre ele enquanto continuo a dirigir.

Dirijo por mais ou menos meia hora, chego na estrada de terra e daí dirijo por mais meia hora. A gente chega lá pouco depois de uma hora da manhã e, quando paro o carro, estamos sozinhos, no maior silêncio.

Hora de partir pra grosseria, ou pelo menos é o que vou tentar.

Saio do carro e vou pro lado do passageiro. Abro a porta. Porro a cara dele com a arma.

Nada.

Bato de novo.

Depois de cinco tentativas, ele fica momentaneamente assustado, sentindo o gosto do sangue no nariz e na boca.

— Acorda!

Ele gagueja um pouco, sem saber onde está ou o que está havendo.

— Saia.

Tenho a arma apontada bem no meio da cara dele, entre os olhos.

— Se você tá pensando que a arma não tá carregada, acredite: esse pode ser seu último pensamento na vida.

Ele ainda está grogue, mas arregala os olhos. Ele pensa em fazer um movimento repentino, mas rapidinho saca que mal consegue sair do carro sozinho. Ele acaba conseguindo sair, e eu o acompanho até a rua com a arma contra suas costas.

— Posso te dar um teco bem aqui na espinha e então te deixar aqui mesmo. Ligo pra sua

esposa e pra sua filha, e elas vêm pra te ver. Vão fazer a maior festa. Você quer que isso aconteça? Ou prefere que eu meta uma bala na sua cabeça pra que você morra rapidinho? Você é que escolhe.

Ele cai, mas eu fico de joelhos pra acompanhar. Paraliso o cara com a arma apontada em sua nuca.

— Tá com vontade de morrer? — minha voz treme, mas se mantém durona. — Sei muito bem que é isso que tu merece. — pulo sobre ele e grito: — Levanta daí e continua andando, ou morre agora mesmo.

Ouçõ alguma coisa.

O som vem do chão.

Percebo que é o som de um homem chorando. Só que hoje não estou nem aí. Tenho que matar o cara porque toda noite ele mata a mulher e a filha aos poucos e sem fazer esforço, além de se divertir com a situação. E é o Ed Kennedy sozinho, o suburbano, quem tem a chance de dar um fim nessa história.

— Levanta daí! — eu me grudo nele de novo, e continuamos subindo em direção à Catedral.

Quando chegamos no pico, deixo ele parado lá, a uns cinco metros da beirada. A arma está apontada pra sua nuca. Estou três metros atrás dele. Nada pode dar errado.

Só que...

Eu começo a tremer.

Começo a cambalear e estremecer quando penso em matar outro ser humano. Eu estava todo no clima, só que o clima acabou. O ar de invencibilidade me deixou na mão e de repente tomo consciência de que tenho que fazer isso cercado de mais nada além de minha fragilidade humana. Respiro. Chego a quase amolecer.

Agora eu pergunto:

O que você faria no meu lugar? Me diga. Por favor, me diga!

Mas você está longe disso. Seus dedos vão virando a esquisitice destas páginas que de certa forma ligam a minha vida com a sua. Seus olhos estão seguros. A história pra você não passa de mais umas 100 páginas em sua mente. Pra mim, está aqui. É agora. Tenho que ir até o fim, considerando o custo a todo momento. Nada será o mesmo. Vou matar esse homem e vou morrer aqui por dentro. Quero gritar. Quero gritar, perguntando o porquê disso tudo. Hoje o céu está todo iluminado de pontinhos espalhados, parecendo até que vai chover estrelas, mas nada me acalma. Não tem saída. A figura na minha frente cai, e eu estou de pé sobre ele, esperando.

Esperando.

Tentando.

Tentando conseguir uma resposta melhor que esta.

Caraca, a arma está toda rígida na minha mão. Está fria e quente, escorregadia e rígida, tudo ao mesmo tempo. Eu tremo incontrolavelmente, sabendo que, se eu fizer isso, vou ter que atirar pra acertar. Vou ter que dar um teco nele e ver seu sangue humano cobrir seu corpo. Vou ficar vendo o cara morrer em uma torrente de violência inconsciente, e, até mesmo quando explico a mim mesmo que estou fazendo a coisa certa, ainda imploro pra

saber por que tem que ser eu. Por que não o Marv, a Audrey ou o Ritchie?

Os Proclaimers explodem em meus ouvidos.

Imagine só.

Imagine só matar alguém ao som de dois *nerds* quatro-olhos escoceses, de cabeças praticamente raspadas. Como vou poder ouvir essa música de novo? O que vou fazer se a tocarem no rádio? Vou me lembrar da noite em que assassinei um outro homem e tirei a vida dele com as próprias mãos.

Eu tremo e espero.

Ele começa a roncar. Por horas.

Os primeiros raios de luz começam a rasgar o céu e, quando o sol aparece mais perto do leste, decido que chegou a hora.

Acordo o cara usando a arma. Desta vez ele não demora pra responder e, de novo, estou três metros atrás dele. Ele se levanta, tenta se virar, mas pensa melhor. Eu me aproximo e seguro a arma atrás da cabeça dele, dizendo:

— Fui escolhido pra fazer isso com você. Tenho visto o que você apronta com sua família e agora isso tem que chegar ao fim. Balance a cabeça se você tá entendendo — ele obedece lentamente. — Você tem consciência de que vai morrer pelo que fez? — ele não balança a cabeça desta vez. Bato nele de novo. — E aí? — desta vez ele balança.

O sol desponta no horizonte, e eu seguro a arma bem firme. Meu dedo está no gatilho. O suor escorre pela minha cara.

— Por favor — ele suplica. Ele se dobra todo pra frente. Sente que vai morrer caso caia completamente. Um tipo perturbador de choro toma conta dele. — Sinto muito, sinto... Eu vou parar com isso. Eu vou parar.

— Parar com o quê?

Ele nem espera pra falar.

— Você sabe...

— Quero ouvir você dizer.

— Vou parar de forçá-la quando eu chegar...

— Forçá-la?

— Tá bem... estuprá-la.

— Melhorou. Continue.

— Vou parar com isso, eu prometo.

— E como é que posso confiar na tua palavra?

— Você pode.

— Não é a resposta que tô esperando. Se escrevesse isso aí numa redação, levaria zero — e bato a arma com mais força. — Responda à pergunta!

— Porque, se eu não parar, você vai me matar.

— Vou matar você agora! — estou alucinado de novo, molhado de suor, tentando acreditar no que estou fazendo. — Coloque as mãos na cabeça — ele obedece. — Vá pra perto da beirada — ele obedece. — Como é que você se sente? Pense antes de responder.

Tudo depende de você acertar ou não.

— Me sinto do jeito que minha esposa se sente toda noite quando eu chego em casa.

— Assustado pra cacete?

— Sim.

— É isso aí.

Eu o sigo até a beirada, aponto a arma e me certifico.

O gatilho sua no meu dedo.

Respire, eu me lembro. *Respire*.

Um momento de paz me envolve e puxo o gatilho. O barulho arde no meu ouvido e, igualzinho ao dia do assalto no banco, a arma agora parece quente e macia na minha mão.

P A R T E D O I S

A S P E D R A S D E C A S A

Faça uma oração

nas pedras de casa



Secura.

Saio cambaleando do carro e escorrego em direção à tela anti-inseto. Estou sentindo uma coisa que se parece mais com uma desolação total. Sinto a coisa me correndo direto pelo corpo. Direto, não. Em ziguezague. Cansei disso de ser mensageiro, não estou mais nem aí pra isso. Essa história me deixou cheio de culpa. Tento me livrar, mas volta sempre. Ninguém disse que ia ser fácil.

A arma.

Tudo que sinto na mão é a arma. O metal quente e macio se fundindo com minha pele. Está lá no porta-malas agora, fria e dura novamente, fingindo inocência.

Quando caminho pra varanda, ouço o corpo dele batendo no chão de novo. Acho que deve ter sido um choque pra ele ainda estar vivo. O cara ofegava toda vez que tomava um ar, tentando sugar a vida, tentando não morrer. Estava acabado. Eu tinha atirado pro sol, mas, é claro, estava longe demais. Naquele momento, me passou rapidamente pela cabeça a questão de onde a bala tinha parado.

O tempo todo enquanto eu voltava pra casa, com os pneus remarcando o caminho que a gente tinha trilhado, olhei pro banco do passageiro. Estava cheio de vazio. O que restou daquele cara provavelmente ainda estava lá deitado, respirando com a cara no chão, até entupir os pulmões de terra.

Tudo que eu quero agora é entrar em casa e abraçar Porteiro. Espero que ele retribua o abraço.

A gente toma um cafezinho.

— Tá bom? — pergunto.

Excelente, ele responde.

Às vezes eu queria ser cachorro.

O sol está bem alto, e as pessoas estão indo trabalhar. Eu me sento à mesa da cozinha e sinto uma certeza de que ninguém naquela rua anônima, coberta de orvalho, teve uma noite como a minha. Imagino todas elas se levantando no meio da noite para dar uma mijada, ou gozando juntas em suas camas — enquanto eu estava fora, com a ponta de uma arma na nuca de um outro ser humano. *Por que eu?*, penso, mas é sempre assim. Estou me queixando, embora eu ache que tenho todo o direito. Teria sido maneiro estar fazendo amor no lugar de tentar cometer um assassinato. Tenho a sensação de que perdi alguma coisa, e meu café está esfriando. O fedor de Porteiro se ergue e bate nos meus ombros. Apesar de

perturbado pelos meus pensamentos, eu me sinto aliviado por ele estar dormindo.

Não demora muito e o telefone toca.

Ah, não, você não tá podendo com isso, Ed.

São eles, não são?

O coração dispara feito louco. As batidas perdem o ritmo.

Êta, pulsação incompetente!

Eu me sento.

O telefone toca.

Quinze vezes.

Pulo Porteiro, olho atentamente pro telefone e decido então atender. Fico com a voz meio presa na garganta.

— Alô?

A voz do outro lado está irritada, mas graças ao pai do céu é a voz do Marv. No fundo, dá pra ouvir homens trabalhando. Martelando. Xingando. Cenário de fundo pra voz do Marv.

— Pô, ae, muito obrigado por atender à porra do telefone, Ed — ele reclama. Não posso com isso agora. — Eu já tava começando a pensar que...

— Cala essa boca, Marv — desligo.

Como é de se esperar, o telefone toca de novo. Eu atendo.

— O que é que tá pegando, Ed?

— Nada, Marv. Não tem nada pegando.

— Não venha de sacanagens, Ed. Minha noite foi péssima.

— Sei. Você também tentou matar alguém, Marv?

Porteiro olha pra mim como se estivesse perguntando se o telefonema era pra ele. Rapidamente, ele volta pra tigela e lambe, buscando um cheirinho perdido de café.

— De novo essa sandice? Olha, já ouvi tudo quanto é desculpa esfarrapada nesta vida, mas nada se compara a essa aí, Ed.

Sandice. Adoro quando um cara como o Marv usa uma palavra assim. Eu desisto.

— Deixa pra lá, Marv. Não é nada.

— Então ótimo — Marv está sempre mais feliz quando eu não tenho nada a dizer. Ele consegue então dizer o que estava tentando o tempo todo. — E aí, já pensou na parada?

— Que parada?

— Você sabe, cara.

Aumento a voz.

— Não, Marv, no estado em que me encontro, não faço a menor ideia do que você tá falando. Ainda é cedo pra caramba, passei a noite toda fora e, se quer saber, não tô pronto emocionalmente pra levar esse papinho honesto agora — me dá vontade de desligar de novo, mas eu me seguro. — Dá pra facilitar e me dizer exatamente do que estamos falando?

— Ok, ok — ele age como se eu fosse o maior filho-da-puta do mundo e que está me fazendo um favor por não bater o telefone na minha cara. — O pessoal tá querendo saber se você tá dentro, cara.

- Dentro do quê?
- Você sabe, pô.
- Cara, me atualiza.
- Você sabe... O Jogo de Verão.

Putá que o pariu, como você pôde esquecer, otário? A pelada de pés descalços. Vai ser egoísta assim lá no inferno, filho-da-puta.

- Marv, ainda não pensei muito bem no assunto.

Agora ele ficou triste. E não falo de qualquer tristeza, não. Marv está fervendo. O cara praticamente me dá um ultimato:

- Então vê se decide logo, Ed. Você tem 24 horas pra me avisar se vai ou não jogar. Se não, vamos chamar outra pessoa. Tem uma porrada de gente querendo jogar, sacou? Esses jogos já são uma tradição superprocurada. Tem uns caras tipo Jimmy Cantrell e Horse Hancock que tão doidinhos pra participar...

Eu me desligo. Horse Hancock? Eu nem quero pensar quem diabos pode ser esse desgraçado. Só me dou conta de que o Marv desligou na minha cara quando ouço o sinal de ocupado. Acho melhor ligar pra ele mais tarde e dizer que vou jogar.

Se Deus quiser, alguém vai quebrar meu pescoço no meio de um matagal cheio de espinhos. Seria muito bom.

Assim que largo o telefone, pego uma sacola plástica e levo pro táxi e tiro a dor na consciência do porta-malas. Eu a coloco de novo na gaveta e tento esquecer. Não consigo.

Durmo.

Nem sinto as horas passarem enquanto estou na cama.

Sonho com a noite passada, com o sol de rachar da manhã e com a enorme tremedeira de um homem. Será que ele já voltou pro subúrbio? Será que conseguiu voltar a pé ou pelo menos pegar uma carona? Tento não pensar nisso. Toda vez que esses pensamentos sobem na cama, eu me viro, tentando amassá-los contra o colchão. Só que eles conseguem escapar.

Quando acordo pra valer, parece que já estou no meio da tarde, só que ainda não são nem onze horas. O nariz molhado do Porteiro beija meu rosto. Devolvo o táxi, volto pra casa e levo Porteiro pra passear.

- Fique atento — digo pra ele quando pegamos o caminho. Agora estou todo paranoico. Penso no cara da Rua Edgar, embora eu saiba que ele está longe de fazer parte de minhas preocupações. Preciso me preocupar, isso sim, com quem me mandou o ás de ouros. Tenho um mau pressentimento: acho que os caras já sabem que eu completei a carta e logo, logo vão me enviar uma outra.

Espadas. Copas. Paus.

Qual será a próxima carta que vai parar na minha caixa de correios? Acho que é a carta de espadas que mais me preocupa. O ás de espadas me deixa bolado — sempre me deixou. Tento não pensar nisso. Sinto como se alguém estivesse me vigiando.

De tarde, andamos um bom pedaço e acabamos na casa do Marv, onde encontro vários caras nos fundos.

Quando chego no quintal, chamo o Marv. Ele não me escuta de primeira, mas, quando ele vem, eu digo:

— Tô dentro, Marv.

Ele aperta minha mão como se eu tivesse acabado de lhe pedir para ser meu padrinho de casamento. Pro Marv é importante que eu jogue porque nós dois participamos nos últimos anos e ele quer que isso vire uma tradição. Marv dá a maior importância ao jogo, e eu me dou conta de que não devo fazer pouco caso da parada. O negócio é assim e pronto.

Olho pro Marv e os outros caras no quintal.

Eles nunca vão sair deste lugar. Não vão querer, e também não tem problema.

Converso com o Marv um pouco mais e tento vazar, embora uma porrada de suburbanos carregando caixas de isopor já tenha me oferecido cerveja. Os caras vestem bermudas de tacetel, camisetas regata e chinelos de tiras. O Marv me acompanha até o portão onde Porteiro aguarda. Quando estou quase chegando na rua, ele chama.

— Ed!

Eu me viro. Porteiro, não. Ele não gosta muito do Marv.

— Valeu, cara!

— Falou.

E continuo andando. Levo Porteiro pra casa, vou pra TÁXI LIVRE e bato meu ponto. Dirijo pra cidade, pensando novamente na noite passada. Fragmentos dela estão pelas ruas e correm pertinho do carro. Quando uma imagem vai sumindo, é logo substituída por outra. Por um momento, quando olho no espelho retrovisor, não reconheço quem sou. Parece que não sou eu. Nem me lembro quem Ed Kennedy tem que ser.

Não sinto nada.

Pra minha sorte, o dia seguinte é minha folga. À tardinha, eu me sento com Porteiro no parque na rua principal do subúrbio. Comprei sorvete pra gente. Dois sabores numa casquinha só. Manga e laranja pra mim. Chiclete e capuccino para Porteiro. É legal sentar na sombra. Fico prestando atenção em Porteiro gentilmente atacar o sorvete, querendo sentir o doce, ele amolece a casquinha com a baba. Taí um sujeito bonitão.

Ouçõ passos na grama atrás da gente.

Meu coração dispara.

Vejo sombras. Porteiro continua comendo — um sujeito bonitão, mas um cão de guarda inútil.

— Oi, Ed.

Reconheço a voz.

Reconheço e no fundo fico meio sem graça. É Sophie. Dou uma rápida olhada em suas pernas atléticas quando ela pergunta se pode se sentar.

— Claro. Quer um sorvete?

— Não, obrigada.

— Não quer dividir um com meu amigo Porteiro?

Ela ri.

— Não, obrigada... Porteiro?

Nossos olhos se encontram.

— É uma longa história.

A gente fica calado, esperando, até que me lembro que sou o mais velho e assim devo puxar papo.

Mas não puxo.

Não quero encher essa garota com papo furado.

Ela é linda.

Ela faz carinho em Porteiro, e a gente fica ali sentado por meia hora. Acabo sentindo que ela está olhando pro meu rosto. Sua voz penetra em mim. Ela diz:

— Tô com saudade de você, Ed.

Olho bem pra ela e respondo:

— Eu também tô com saudade de você.

Pior que é verdade. Ela é tão novinha, e eu sinto falta dela. Ou será que não a esqueço porque ela foi uma mensagem bacana? Acho que sinto falta da pureza e da sinceridade dela.

Ela é curiosa.

Sinto isso.

— Você ainda tá correndo? — pergunto, negando.

Ela faz que sim com a cabeça e participa do papo.

— Descalça?

— Claro.

Seu joelho esquerdo ainda está esfolado, mas, quando olhamos pra ele, não existe arrependimento nos olhos da menina. Ela está contente, e pelo menos só de ver como ela está à vontade comigo já é um consolo pra mim.

Você fica tão linda correndo descalça, penso, mas não consigo dizer.

Porteiro termina o sorvete e continua se empanturrando, lambendo da mão e dos dedos de Sophie.

Um carro buzina atrás da gente e sabemos que é pra ela. Ela se levanta.

— Tenho que ir.

Não rola nenhum tchau.

Só os passos e uma pergunta quando ela se vira.

— Tá tudo bem com você, Ed?

Quando olho e a vejo, não aguento e dou um sorriso.

— Tô esperando — respondo.

— Esperando o quê?

— O próximo ás.

Ela é esperta e sabe o que dizer:

— E você tá pronto pro próximo?

— Não — encaro e aceito um fato muito claro. — Mas ele vai chegar do mesmo jeito.

Ela vai embora e eu vejo seu pai me olhando do carro. Espero que ele não ache que eu

sou um safado, sei lá, sentado em parques e espreitando adolescentes inocentes. Ainda mais depois do lance da caixa de sapatos.

Sinto o focinho do Porteiro na minha perna, e ele olha pra mim com seu olhar adorável de velhinho.

— E aí? — pergunto. — O que vai ser, amigão? Copas, paus ou espadas?

Que tal mais um sorvetinho?, ele sugere.

Ele não ajuda mesmo, né?

Mastigo minha casquinha e a gente se levanta. Percebo que estou todo duro e dolorido de duas noites atrás, na Catedral. É nisso que dá tentar assassinar alguém.



Três dias se passam e nada ainda.

Estive na Rua Edgar e a casa está escura. A mulher e a menina estão dormindo, e ainda não há sinal dele. Cogitei retornar à Catedral pra ver o que aconteceu com ele, afinal.

Ainda.

Cara, como sou ridículo!

Era pra matar o cara e aqui estou, todo preocupado com seu bem-estar. Eu me sinto culpado por tudo que fiz com ele, mas, por outro lado, me sinto culpado por *não* ter matado o safado. Afinal de contas, foi pra isso que me enviaram lá. Acho que a arma na minha caixa de correios deixou isso muito claro.

Talvez ele tenha conseguido chegar à rodovia e continuado a andar.

Talvez ele tenha se atirado do penhasco.

Dou um para antes que eu pense em todas as possibilidades. Não vai demorar pra eu não ter mais tempo de me preocupar. Só mais alguns dias.

Numa noite, depois de jogar cartas, volto e encontro a casa com um cheiro diferente. Tem o cheiro do Porteiro, mas tem outra coisa também. Alguma coisa assando. Daí reconheço.

Tortas.

Meio que sem querer, eu me arrasto até a cozinha e percebo que a luz está acesa. Tem alguém na minha cozinha comendo torta, que foi retirada do freezer e assada. Sinto o cheiro da carne processada e do molho. O cheiro do molho sempre se destaca.

Com otimismo sem sentido, procuro alguma coisa pra usar como arma, mas não tem nada no meu caminho além do sofá.

Quando chego na cozinha, vejo uma figura sozinha.

Fico chocado.

Tem um homem usando uma máscara de lã, sentado na mesa, comendo uma torta de carne com molho. Muitas perguntas me passam pela cabeça, mas todas me escapam. Não é todo dia que se encontra uma parada dessa quando se chega em casa.

Enquanto estou ali pensando no que fazer, me dou conta, apavorado, de que tem outro atrás de mim.

Não.

Acordo com uma lambida das grandes.

Porteiro.

Graças a Deus você está bem, digo a ele. Digo fechando os olhos aliviado.

Ele lambe de novo, e sua língua está vermelha do sangue que escorre no meu rosto. Ele sorri pra mim.

— Eu te amo também — digo, e minha voz soa distante. Não sei muito bem se ela saiu ou não, nem se é verdade. Percebo que não ouço nada fora de mim. É tudo interno, e como estática.

Anda, digo a mim mesmo, mas não consigo me mexer. Eu me sinto grudado no chão da cozinha. Até caio na besteira de tentar lembrar o que aconteceu. Isso só faz um barulho esquisito na minha frente e a cara do Porteiro se desfigura. A sensação é de que isso seja o precursor da morte. Um prólogo, talvez.

A minha mente vai se desligando, se transportando.

Para o sono.

Mergulho bem no fundo de mim mesmo e me sinto preso, sem saída. Caio passando por várias camadas de escuridão, quase alcançando o fundo, quando parece que uma certa mão me puxa pela garganta e me traz de volta à dor da realidade. Alguém está literalmente me arrastando pela cozinha. A luz fluorescente me esfaqueia os olhos, e o cheiro de torta com molho me dá vontade de vomitar.

Agora alguém me apoia pra sentar lá no chão, meio inconsciente, segurando a cabeça com as mãos.

Logo os vultos se misturam à névoa e consigo vê-los sob a luz branca da cozinha.

Estão sorrindo.

Estão sorrindo pra mim dentro daquelas máscaras de lã bem grossas. São um pouco grandes e sarados, fortes, ainda mais comparados a mim.

Eles dizem:

— Oi, Ed.

— Como tá se sentindo, Ed?

Tento me concentrar nos meus pensamentos como forma de me manter vivo.

— Meu cachorro — começo a gemer. Minha cabeça vai deixando minhas mãos ensopadas, e minhas palavras rapidamente se afogam. Já esqueci que foi Porteiro que me trouxe de volta à consciência antes.

— Ele tá precisando de um banho — um deles diz.

— Ele tá bem? — palavras serenas. Palavras de medo que saem pela boca, tremem e tentam se manter no ar.

— E de uma coleira antipulga.

— Pulga? — pergunto. Minha voz está espalhada pelo chão. — Ele não tem pulga nenhuma.

— E o que é isso aqui?

Um deles me agarra gentilmente pelo cabelo e levanta minha cabeça pra eu ver. Ele mostra o antebraço cheio de picadas de inseto.

— Não são do Porteiro — digo, sem entender muito bem por que decidi dar uma de teimoso numa situação desta.

— Porteiro? — como Sophie, os intrusos acham o nome curioso.

Balanço a cabeça pra confirmar e daí, pra minha surpresa, o movimento me desperta

um pouco.

— Escuta, com pulga ou sem pulga, ele tá bem ou não?

Os dois se olham, e um deles dá mais uma mordida na torta.

— Daryl — ele diz tranquilamente —, acho que não tô gostando muito do tom do Ed. Tá meio... — ele tenta achar a palavra certa. — É meio...

— Azedo?

— Não.

— Depreciativo?

— Não — mas agora ele encontrou. — Pior... É meio desrespeitoso.

A última palavra é dita com total desdém. Ele olha diretamente pra mim ao falar. Seus olhos me avisam mais do que a boca. Ele dá a entender que eu devo me descontrolar e cair no choro, implorando que não machuquem meu cachorro, meu companheiro de cafezinho.

— Por favor — digo finalmente. — Vocês não machucaram Porteiro, machucaram?

Os olhos duros se abaixam.

Ele balança a cabeça de um lado pro outro.

— Não.

A melhor palavra que já ouvi na vida.

— Mas, cá pra nós, êta cãozinho imprestável, hein! — diz o cara que ainda está terminando a torta, mergulhando o pedaço no molho que está no prato. — Sabia que a gente entrou aqui e ele continuou no maior ronco?

— Não duvido nada.

— Mesmo quando acordou, o bicho entrou pra pedir o que comer.

— E?

— A gente deu uma tortinha pra ele.

— Assaram primeiro ou deram congelada mesmo?

— Assada, Ed! — ele se ofendeu. — Não somos selvagens, tá sabendo? Até que somos bem civilizados.

— Sobrou alguma torta pra mim?

— Pô, desculpa aí, cara. O cachorro comeu a última.

Usurário, olho-grande do inferno!, penso, mas não posso usar isso contra ele. Cachorro come tudo mesmo. Não dá pra brigar com a natureza.

De qualquer modo, tento pegar os dois.

Disparo.

Uma perguntinha rápida.

— Quem mandou vocês aqui?

Depois de jogada ao ar, minha pergunta perde o ritmo. As palavras ficam pairando, e, com todo o cuidado, eu me levanto e me sento em uma das cadeiras vazias da cozinha. Estou me sentindo um pouquinho mais à vontade, sabendo que tudo isso faz parte do que está por vir.

— Quem mandou a gente? — o outro assume agora. — Boa tentativa, Ed, mas você sabe muito bem que não dá pra gente dizer. Nada nos daria maior prazer, mas nem a gente sabe. Só fazemos o serviço e pegamos a grana.

Fico puto.

— O quê?! — isso não é uma pergunta, mas uma acusação. — Porra, eu não recebo grana nenhuma. Ninguém me dá...

Levo um tabefe na cara.

Um tabefe bem forte.

Ele então se senta de novo e volta a comer, mergulhando a última crostinha de torta na poça de molho no prato.

Você colocou demais, penso. Muito obrigado.

Ele come calmamente a crosta, e com a boca cheia diz:

— Para de reclamar, Ed! Todos aqui temos nossas obrigações. Todos sofremos. Todos encaramos contratempos pelo bem maior da Humanidade.

Ele impressionou o parceiro e a si mesmo.

Os dois concordam um com o outro, balançando a cabeça.

— Maneiro — o outro diz pra ele. — Tenta lembrar da frase toda.

— É... Como foi mesmo? O bem maior da...?

Ele se esforça, mas não consegue lembrar.

— Humanidade — respondo baixinho.

— O que, Ed?

— *Humanidade.*

— É claro! Você tem uma caneta aí pra me emprestar, Ed?

— Não.

— Por que não?

— Tá achando o que, que isso aqui é papelaria?

— Lá vem ele nesse tom de novo! — ele se levanta, me dá um tabefe ainda mais forte e volta pra cadeira como se nada tivesse ocorrido.

— Essa doeu — reclamo.

— Obrigado — ele olha pra mão: pro sangue, pra sujeira e pra mancha. — Você tá mal, Ed, não tá, não?

— Eu sei.

— O que tá pegando?

— Eu quero uma torta.

Cara, juro por Deus — e tenho certeza de que você vai me entender muito bem baseado nas ações anteriores — às vezes viro criança. Uma criança bem pé-no-saco. O Marv não é o único.

O cara que me deu o tabefe me sacaneia, me imitando com uma voz de criancinha.

— *Eu quero uma torta...* — ele até suspira. — Você tá se ouvindo, maluco? Vê se cresce, faz favor!

— Eu sei.

— Bem, já é alguma coisa. É o primeiro passo.

— Obrigado.

— Bem, onde é que estávamos mesmo?

Os três param pra pensar.

Silenciosamente.

Porteiro entra, com cara de quem tem culpa no cartório.

Pelo jeito, acho que não vai dar pra rolar um cafezinho, né?, ele consegue me perguntar.

Ah, ele que se dane!

Só olho pra ele, e ele volta lá pra fora. Dá pra ele sentir que está sujo comigo.

Nós três ficamos olhando enquanto o bicho se afasta da cozinha.

— Dá pra sentir o cheiro quando ele se aproxima, não dá? — um diz.

— Com certeza.

O que come mais devagar se levanta e começa a enxaguar os pratos na pia.

— Deixa pra lá — digo.

— Nada disso... Civilizados, lembra?

— Ah sim, é mesmo.

Ele bate as mãos e se vira.

— Ae, minha máscara tá suja de molho?

— Que eu esteja vendo, não — o outro responde. — E a minha?

Ele se inclina e examina.

— Não, cê tá limpinho, limpinho.

— Que bom.

O que come devagar começa a brigar com a própria cara, dizendo:

— Ah, essa porra coça que é um inferno.

— Ah, para de reclamar, Keith.

— A sua não coça, não?

— É claro que coça! — Daryl não consegue acreditar que estão discutindo sobre isso. —

Mas você me vê reclamando a cada cinco minutos, por acaso?

— A gente tá aqui há uma hora.

— Mesmo assim, lembre: estas são as coisas que temos que passar pelo bem maior da...

— ele estala os dedos pra mim.

— Oh, Humanidade.

— Isso aí. Valeu, Ed. Bom trabalho.

— Tudo bem.

Ficamos meio que amiguinhos agora. Eu sinto isso.

— Olha só, será que dá pra acabar logo com isso pra eu poder tirar essa máscara de lã da cara, Daryl?

— Será que você poderia mostrar um pouco de disciplina, Keith? Todo matador que se preza é impecavelmente disciplinado, falou?

— Matador? — pergunto.

Daryl encolhe os ombros.

— Bem, é assim que a gente se chama.

— Parece plausível — concordo.

— Acho que sim — e ele pensa mais agora.

Ele reflete. Ele fala.

— Ok, Keith, você tem razão. É melhor ir logo embora. Você pegou a pistola, não

pegou?

— Peguei sim. Tava na gaveta.

— Bom — Daryl se levanta e tira um envelope do bolso da jaqueta. No envelope está escrito “Ed Kennedy”. — Tenho uma entrega pra você, Ed. Por favor, levante daí, filho.

Eu me levanto.

— Desculpa — ele agora usa a razão —, mas tô cumprindo ordens. Tenho que lhe dizer uma coisa: até agora você tá se saindo bem — ele abaixa a voz. — E só entre nós, e eu posso até acabar me ferrando por lhe dizer isso, a gente tá sabendo que você não matou o outro cara...

Ele se desculpa de novo e me dá um soco na costela.

Eu me dobro de dor.

O chão da cozinha está uma imundície.

É pelo de Porteiro pra tudo quanto é lado.

Com o punho, o cara martela minha nuca.

Meto a cara no chão.

O gosto se junta na minha boca.

Bem devagar, sinto o envelope parando nas minhas costas.

Bem longe, ouço a voz do Daryl pela última vez. Ele diz:

— Desculpa aí, Ed. Boa sorte.

Seus passos ecoam pela casa e agora ouço a voz do Keith também.

— Posso tirar a máscara agora?

— Falta pouco, cara — Daryl responde.

A cozinha vai escurecendo, e eu mergulho mais uma vez.



Eu queria muito poder dizer que Porteiro está me dando uma força, mas é claro que não está. Ele se aproxima e me dá umas lambidinhas até eu encontrar força suficiente pra me levantar.

A luz mergulha em mim.

A dor aumenta.

Quando tento manter o equilíbrio, Porteiro balança, e eu, desesperado, peço ajuda pra ele. Só que a única coisa que ele consegue fazer é ficar ali, balançando e olhando.

De canto de olho, vejo alguma coisa no chão.

Eu me lembro.

O envelope.

Caiu das minhas costas, debaixo das cadeiras da cozinha, no meio dos pelos do Porteiro.

Eu me abaixo e pego o envelope entre os dedos, feito criança segurando alguma coisa muito suja, tipo um lenço usado.

Com Porteiro me guiando, vou pra sala e me esparramo no sofá. O envelope oscila, fazendo graça de seu próprio perigo, como se dissesse, “É só papel. Só palavras”. Nunca menciona se as palavras vão ser de morte ou estupro, ou outros servicinhos horríveis e sanguinários.

Ou se vai ter mais algumas Sophies, ou Millas.

De qualquer forma, estamos sentados no sofá.

Porteiro e eu.

E aí?, ele pergunta com o queixo no chão.

Eu sei.

O negócio tem que ser feito.

Abro o envelope, e o ás de paus cai, com uma carta.

Caro Ed:

Se você estiver lendo esta carta, provavelmente está tudo bem. Espero que sua cabeça não esteja muito dolorida. Sem dúvida alguma, Keith e Daryl mencionaram que estamos muito satisfeitos com seu progresso. Se minha intuição estiver certa, eles provavelmente deixaram escapar que nós sabemos que você não matou o sujeito da Rua Edgar. Muito bem. Você deu conta da situação muito bem. De fato, foi impressionante. Parabéns.

Caso você esteja se perguntando, o Sr. Rua Edgar embarcou em um trem rumo a uma antiga cidade mineradora há pouco tempo. Tenho certeza de que você ficará contente em saber disso...

Agora novos desafios aguardam.

Paus não é brincadeira, meu caro.

A questão é: Você está disposto a encarar?

Ou seria tal questão irrelevante? Você não estava disposto para o ás de ouros.

Mas deu conta do recado.

Boa sorte e continue firme nas entregas. Tenho certeza de que você está consciente de que sua vida depende disso.

Adeus.

Que ótimo.

Simplesmente ótimo.

Tremo todo só de pensar no ás de paus revelando suas intenções. Tudo me leva a não pegar a carta. Contra toda a realidade, chego a imaginar Porteiro comendo a desgraçada.

O único problema é que eu a sinto logo ali, depois do dedão do pé. A droga da carta é como a própria gravidade. Como uma cruz pra eu carregar nas costas.

Ela está nos meus dedos agora.

Eu a seguro.

Está nos meus olhos.

Eu a leio.

Sabe quando você faz alguma coisa e só se dá conta de que realmente fez o troço depois de uns segundos? Pois é, foi isso que acabei de fazer, e resultado: estou lendo o ás de paus, esperando encontrar outra lista de endereços.

Me dei mal.

Como sempre, não vai ser tão fácil. Desta vez não tem endereço nenhum. Essa história não segue um padrão exato. Não tem nada que garanta a segurança dessa parada. Cada parte é um teste, e parte do teste está no inesperado.

Desta vez o negócio está nas palavras.

Só palavras.

Na carta está escrito o seguinte:

*Faça uma oração
nas pedras de casa*

E aí, o que você acha? Dá pra me dizer que diabos quer dizer isso? Pelo menos o lance dos endereços era curto e grosso, bem direto. As pedras de casa podem ser qualquer coisa. Em qualquer lugar. Qualquer pessoa. Como posso encontrar um lugar sem face, e nada pra me apontar na direção certa?

As palavras sussurram pra mim.

A carta suavemente fala no meu ouvido como se a recordação fosse vir à tona a qualquer momento.

Mas não tem nada.

Só a carta, eu e um cachorro roncando bem baixo.

Acordo mais tarde, todo amarfanhado no sofá, e me dou conta de que minha nuca sangra de novo. O sofá está sujo de sangue, e meu pescoço, cheio de ferrugem. A dor voltou, só que menos aguda. E constante.

A carta está na mesinha de centro, pairando sobre a poeira. Crescendo no meio do pó.

Está escuro lá fora.

A luz da cozinha está muito forte.

Ela me deixa surdo quando me dirijo pra lá.

O sangue enferrujado arranha meu pescoço e chega até as costas. No caminho, percebo que preciso beber alguma coisa, dou uma porrada no interruptor pra apagar a luz, e vou tropeçando pelo escuro em direção à geladeira. Lá no fundo encontro uma cerveja e volto pra sala, tentando beber até ficar de porre. No meu caso, ficar de porre significa ignorar a carta. Dou uma batidinha no Porteiro com os pés, querendo saber que dia é hoje e que horas são, o que deve estar passando caso eu decida me dar ao trabalho de levantar pra ligar a TV. Tem alguns livros no chão. Não vou ler nenhum deles.

Alguma coisa escorre pelas minhas costas.

Minha cabeça está sangrando de novo.



— Mais uma?

— Mais uma.

— Qual é o naipe desta vez?

— Paus.

— E você ainda não faz a menor ideia de quem tá te mandando? — Audrey olha pra cerveja que caiu na minha jaqueta, e agora pro sangue coagulado e podre no meu pescoço.

— Credo, em que fria você se meteu ontem à noite?

— Não se preocupe.

Me sinto meio patético, pra dizer a verdade. Vim direto pedir ajuda pra Audrey assim que amanheceu. A gente está aqui conversando na varanda já há algum tempo e só agora me toco que estou tremendo feito vara verde. O sol me aquece, mas minha pele tenta abandonar meu corpo, brigando com a carne.

Posso entrar?, penso, mas rapidinho tenho a resposta, quando aquele novato do trabalho aparece, perguntando:

— Quem é, gatinha?

— Oh... — Audrey fica meio...

Sem graça.

Então manda, sem pensar.

— Oh, é só o Ed.

Só o Ed.

— Bem, até mais tarde...

Começo a andar pra trás, esperando.

Esperando o quê?

Ela.

Mas ela não vem.

Finalmente, ela dá uns passos pra fora e diz:

— Você vai estar em casa mais tarde, Ed?

Continuo andando de costas.

— Não sei — é verdade. Eu *não* sei. Meu jeans parece ter mil anos de idade, embrulhando minhas pernas. Parece até uma mosca. Minha camisa arde no corpo. As mangas da jaqueta estão ásperas, meu cabelo, todo bagunçado, e meus olhos, bem vermelhos. E ainda não sei que dia é hoje.

Só o Ed.

Eu me viro.

Só o Ed sai andando.

Só o Ed anda rápido.

Ele faz que vai correr.

Mas ele tropeça.

Ele enfia um pé na terra e diminui o passo, ouvindo a voz dela chamar, se aproximando.

— Ed?

— Ed?!

Só o Ed se vira pra ouvi-la.

— Mais tarde eu dou uma passada na sua casa, tá bem?

Ele desiste.

— Falou. Então até mais — e vai embora. Ele olha pra Audrey lá na porta...

Uma camiseta supergrande fazendo a vez de um pijama. Cabelo superlindo. Mãos nos quadris. As pernas finas e compridas, bronzeadas. Os lábios secos, de quem acaba de acordar. Marcas de dentes no pescoço.

Putz, cara, dava pra sentir o cheiro de sacanagem nela.

E, na maior angústia silenciosa, fico pensando que seria bacana se eu também estivesse cheirando a sexo.

Só que o único cheiro que sinto aqui em mim é de sangue pisado e de cerveja respingada na jaqueta.

Está fazendo um dia lindo.

Não tem uma nuvem no céu.

Pare de se lamentar, digo a mim mesmo depois, comendo meus sucrilhos, e já que o senhor quer saber, seu Ed, hoje é terça-feira. O senhor vai trabalhar hoje à noite.

Deixo o ás de paus na mesma gaveta de cima onde coloquei o ás de ouros. Por um instante, imagino uma mão cheia de ases naquela gaveta, todos abertos feito um leque, como um jogador os seguraria numa partida. Nunca pensei que eu não fosse querer quatro ases. Num jogo de cartas, o cara reza pra pegar um jogo assim. Minha vida não é nenhum jogo de cartas. Tenho certeza de que o Marv não vai demorar pra me pentelhar de novo, querendo que eu vá correr com ele, tipo uma preparação pro Jogo de Verão. Por enquanto, consigo até rir um pouco quando penso na situação — imaginando nós dois correndo descalços pelo orvalho e os enfeites assustadores dos jardins das pessoas. Não adianta correr de tênis quando o pessoal vai jogar descalço.

Audrey chega lá pelas dez, toda cheirosinha, depois de tomar um banho. Amarrou o cabelo pra trás, deixou uns fiozinhos caindo nos olhos. Veste calça jeans, botas caramelo e uma camisa azul com o logo da TÁXI LIVRE bordado no bolso.

— Ed.

— Audrey.

A gente se senta na varanda e fica com as pernas balançando na beirada. Agora tem umas nuvens no céu.

— E aí, o que esta diz?

Dou uma pigarreada e falo baixo:

— ... Faça uma oração nas pedras de casa.

Silêncio.

— Alguma ideia? — ela acaba perguntando, olhando pra mim. Sinto os seus olhos. Sinto a maciez deles.

— Nenhuma.

— E como tá sua cabeça e... — ela olha pra mim agora com um certo tipo de preocupação. — ... tudo mais. Ed, você tá todo ferrado.

— Eu sei — minhas palavras batem nos meus pés e derrapam pra grama.

— Mas o que você fez nos endereços da primeira carta?

— Tá mesmo a fim de saber?

— Tô.

Eu conto e vejo o que acontece.

— Bem, tive que ler pra uma senhora, deixar uma garota supermeiga correr descalça até ficar toda contente, ensanguentada, gloriosa e... — ainda estou falando calmamente. — ... tive que matar um homem que estuprava a mulher toda noite.

O sol aparece depois que uma nuvenzinha se dispersa.

— Tá falando sério?

— Você acha eu ia brincar com uma coisa dessas? — tento falar com um pouco de hostilidade, mas não consigo. Estou sem a menor energia.

Audrey não tem coragem de me encarar agora, com medo de saber a resposta só de olhar pra mim.

— Você fez isso?

Agora me sinto culpado por pegar pesado e até por contar tudo isso. Ela não pode fazer nada pra ajudar. Nem consegue tentar entender. Ela nunca vai saber. Audrey nunca vai sentir os braços daquela criança, Angelina, em volta de seu pescoço; nunca vai ver a mãe se desmontando toda no mercado. Nunca vai sentir o frio daquela arma, nem vai ver o desespero de Milla querendo saber se tinha sido boa com o Jimmy, querendo ter certeza de que nunca decepcionou o cara. Ela nunca vai entender a timidez das palavras da Sophie no silêncio de sua beleza.

Fico perdido por uns segundos.

Eu me perco nesses pensamentos.

Quando recobro a consciência e me pego ali sentado ao lado de Audrey, respondo à pergunta.

— Não, Audrey. Eu não matei o cara, mas...

— Mas o quê?

Balanço a cabeça e sinto algumas lágrimas nos olhos. Não deixo que elas saiam.

— O que, Ed? O que você fez?

Lentamente. Vou falando. Lentamente.

Lentamente...

— Levei o cara lá pra cima, pra Catedral, com uma arma enfiada na cabeça dele. Puxei o gatilho, mas não atirei nele. Mirei pro sol — sinto que ficar enrolando o papo assim desse jeito só piora. — Ele saiu da cidade e não voltou. Na verdade nem sei se ele vai voltar um dia.

— Ele merece?

— O que *merecimento* tem a ver com a história? Quem sou eu pra decidir isso, Audrey?

— Tudo bem — a mão dela toca em mim com suavidade, em paz. — Se acalme.

— Me acalmar? Me acalmar?! Enquanto você tá trepando com aquele cara, enquanto o Marv planeja a partida de futebol idiota, enquanto o Ritchie faz sabe lá Deus o que quando não tá jogando cartas, e enquanto a cidade inteira dorme, eu lavo a roupa suja.

— Você é um escolhido.

— Putz, que consolo!

— Ah é? E o que você me diz da senhora e da menina? Não foram maneiras?

Eu me acalmo.

— É... mas...

— Não valeu a pena passar por essa merda pra conhecer as duas?

Putá merda.

Que ódio.

Eu concordo.

— É que... eu só queria que as coisas fossem um pouco mais fáceis, entende? — neste momento faço questão de não olhar pra ela. — Eu queria que tivessem escolhido outra pessoa pra isso. Alguém competente. Antes eu não tivesse me metido naquele assalto lá do banco. Não queria ter que passar por nada disso — as palavras esguicham de minha boca, feito leite derramado. — E eu queria que você estivesse comigo e não com aquele outro cara. Eu queria que fosse minha pele que estivesse tocando na sua...

E aí está.

A estupidez em sua forma mais pura.

— Ai, Ed... — Audrey olha pro outro lado. — Ai, Ed...

Balançamos os pés.

Fico olhando pra eles, e olho pro jeans nas pernas da Audrey.

Ficamos lá sentados.

Eu e Audrey.

E a sem-gracice.

Espremida ali, bem entre nós.

Não demora muito e Audrey diz:

— Você é meu melhor amigo, Ed.

— Eu sei.

Essas palavras podem matar um homem.

Não precisa nem de arma.

Nem de balas.

Só das palavras e de uma garota.

Ficamos mais um tempinho sentados na varanda, e eu olho pras pernas e pro colo da Audrey. Cara, que vontade de me encolher todo, colocar a cabeça e dormir nesse colo. Essa história toda só está começando e eu já estou exausto.

É hora de tomar uma decisão.

Tenho que me acalmar.



OS TÁXIS, A PROSTITUTA E ALICE

O dia já vai chegando ao fim e estou no meu táxi, dirigindo pro centro. Os prédios ao longe encobrem o pôr-do-sol.

A noitinha chega silenciosa e tranquila, bom pra pensar.

A cliente mais interessante que pego é uma criatura com a maior pinta de puta; ela se senta na frente. A mulher tem um corpaço. Toda durinha. O cabelo dela acena pra mim... E que boca é essa, meu irmão?! Muito linda. O que estraga são os dentes. Duas palavras para descrevê-la: loura e meiga. Ela termina todas as frases com uma palavra carinhosa.

“Por que a cara amarrada, gatinho?”

“Nunca me senti assim, amor.”

Ao contrário dos estereótipos, ela está usando uma maquiagem de bom gosto e leve. Botas pretas até o joelho, um *collant* branco todo grudado no corpo, que lhe dá uma forma maravilhosa, e uma jaqueta escura.

Não tire os olhos do caminho, Ed.

— Gatinho...

Eu me viro pra ela.

— Está lembrado para onde estamos indo, amor?

Dou uma pigarreada.

— Para o Quay Grand?

— Isso mesmo, tenho que estar lá por volta das dez, ok, doçura?

— Claro — e eu olho pra ela com uma cara simpática. Gosto desse tipo de cliente.

Quando chegamos lá, o taxímetro está marcando \$ 11,65, mas ela me dá \$ 15 e diz pra eu ficar com o troco. Inclina-se na janela.

— Você é uma gracinha.

Dou um sorriso.

— Obrigado.

— Tá agradecido pela grana ou pelo elogio?

— As duas coisas.

Agora ela estica o braço pra dentro do carro, me oferece a mão e diz:

— Eu me chamo Alice — seguro na sua mão. — As pessoas me chamam de Sheeba, mas você pode me chamar de Alice, ok, gatinho?

— Ok.

— E como você se chama?

— Eu? — solto a mão dela meio que a contragosto e respondo. Ela não deve ter visto minha identidade de taxista no painel. — Ed. Ed Kennedy.

Ela solta uma última frase carinhosa.

— Bem, obrigada por me trazer aqui, Ed. E pare de se preocupar tanto com a vida. Vai

se divertir, tá, amor?

— Tudo bem.

Quando ela se vai, eu a imagino se virando e dizendo: “Você poderia voltar pra me pegar de manhã, Ed?”

Mas ela não se vira.

Ela se foi.

Alice não mora mais aqui.

Fico ali sentado dentro do táxi, sozinho, só olhando aquela figura andando até as portas do hotel.

Atrás de mim, um carro buzina feito louco, e um homem esbraveja pela janela.

— Anda, piloto!

Ele tem razão. Somos um bando de otários.

Enquanto dirijo noite adentro, imagino Alice se transformando em Sheeba. Ouço a voz dela e sinto o cheiro na penumbra do quarto do hotel com vista para o porto de Sydney.

“Tá bom assim, gatinho?”

“Ai, amor...”

“Isso, gostosinho, isso... aí mesmo... assim... vai... não para.”

Eu me vejo embaixo dela.

Ela me pega e faz amor comigo.

Eu a sinto.

Eu a conheço.

Provo aquela boca de champanhe.

Ignoro os dentes feiosos.

Fecho os olhos e provo seu gosto.

Toco em sua pele nua.

O *collant* no chão.

A jaqueta perto da gente.

As botas jogadas perto da porta.

Vou me acomodando dentro dela.

“Ai!”, ela diz, sem fôlego, “Ed, ai, Ed!”. Fico doido. “Ai, Ed...”

— O sinal fechou, cara! — o passageiro no banco de trás grita.

Enfio o pé no freio.

— Que é isso, irmão?

— Me desculpe.

Respiro fundo.

Foi bom esquecer do ás de paus e da Audrey por um tempo, mas agora voltei à realidade. A voz do homem trouxe as duas coisas à memória.

— Ficou verde agora, cara.

— Obrigado.
E toco o táxi.



Em casa.

Volto pro subúrbio enquanto o sol vai despontando no céu. Todas as estradas estão vazias e eu paro na TÁXI LIVRE.

Como sempre, volto andando pra minha casa.

Porteiro fica feliz de me ver.

Tomamos o cafezinho obrigatório e tiro a carta da gaveta. Olho bem pra ela, tentando pegá-la desprevenida e fazê-la me revelar os segredos.

A noite podia ter sido de qualquer forma, mas eu me sinto pronto agora. Quero fechar essa boca que só reclama e inventa desculpas, quero prosseguir a jornada. Chego a me encurralar na luz cada vez mais forte da sala. Penso: *Não culpe ninguém, Ed. Aceite na boa.* Vou até a varanda e percebo minha própria visão limitada do mundo. Quero pegar este mundo, e pela primeira vez tenho a sensação de que posso fazer isso. Sobrevivi a tudo até agora. Ainda estou aqui, firme e forte. Tudo bem, vai, eu sei que é uma varanda toda fodida, caindo aos pedaços, e quem sou eu pra dizer que o mundo não é o mesmo? Mas Deus sabe que o mundo exige muito da gente. Porteiro fica paradinho só de butuca ao meu lado. Ao menos, tenta ficar parado. Quem olha até diz que é um cachorro confiável e obediente. Olho pra ele e digo:

— Chegou a hora.

Quantas pessoas têm esta chance?

E dessas poucas, quantas de fato aproveitam a oportunidade?

Eu me agacho e coloco a mão no ombro do Porteiro (ou alguma coisa muito próxima a um ombro num cachorro), e vamos à luta, à caça das tais pedras de casa.

Depois de meia hora de caminhada pela rua, a gente para.

A gente para porque tem um pequeno detalhe.

A gente não faz a menor ideia de onde ir pra procurar a parada.

O resto da semana passa voando — jogo uma porrada de partidas de cartas, trabalho e fico de bobeira com Porteiro. Jogo uma bolinha com o Marv no campo perto de casa na noite de quinta-feira e depois do jogo, lá na casa dele, fico só olhando enquanto ele enche a cara.

— Falta um pouco mais de um mês pro jogo — ele diz, bebendo a cerveja do pai. Ele nunca compra a dele. Nunca.

O cara ainda mora com os pais. Tenho que admitir que a casa é bem maneira por dentro. Tábua corrida. Janelas limpas. A mãe é que se junta com a Marissa pra manter tudo assim,

é claro. Os machos — Marv, o irmão preguiçoso e o coroa — não movem uma palha. Marv deixa uma graninha com a família pelo quarto que ocupa e deposita o resto da grana no banco. Às vezes fico me perguntando pra que será que ele está juntando dinheiro. Da última vez que fez os cálculos, ele disse que já tinha uns 30 mil na conta.

— Tu quer jogar em que posição, Ed?

— Sei lá.

— Eu quero jogar no centro — ele conta em segredo. — Só que é bem provável que eu fique na lateral de novo. Tu pega a segunda linha apesar de ser magrelo e fraco.

— Muito obrigado.

— Ué, é verdade, não é?

Nessa eu fiquei sem saída.

— Mas na verdade, quando você quer, até que joga bem — ele continua.

É aí que eu devia dizer pro Marv que ele também é um bom jogador, mas fico na minha, sem abrir a boca.

— Ed?

Nada.

Estou pensando no ás de paus de novo e onde devem estar as pedras de casa.

— Ed? — ele bate as mãos. — Cê taí, cara?

Por um instante, me dá vontade de perguntar pro Marv se ele já ouviu falar nas pedras de casa, mas alguma coisa me trava. Ele não vai entender e já sei perfeitamente bem que, se for pra eu ser o mensageiro, terei que tocar o barco sozinho.

— Tá tudo bem, Marv, tô aqui. Só tava pensando numas paradas aí.

— Você ainda vai morrer disso, meu velho. Melhor não pensar, vai por mim.

De certa forma, bem que eu queria ser assim. Sabe, tipo não ligar nem me preocupar com coisas que realmente são importantes. Acho que seria feliz, do mesmo modo lamentável com que nosso amigo Ritchie é feliz. Nada abala o cara, e o cara não abala nada.

— Fica frio, Marv. Isso vai passar e eu vou melhorar.

Marv está no maior pique pra conversar hoje.

— Tá lembrado daquela gatinha que eu namorava? — ele pergunta.

— A Suzanne?

Ele diz o nome dela completo, bem devagar:

— Suzanne Boyd — e então encolhe os ombros. — Não esqueço de quando ela foi embora com a família sem nunca me dizer porra nenhuma. Já faz três anos... Pensei nisso pra caramba até que o lance me deixou maluco — ele agora verbaliza o que acabei de pensar. — Se fosse com alguém como o Ritchie, ele não taria nem aí. Chamaria a garota de vagabunda, tomaria uma cerveja e faria uma fezinha lá na casa de apostas — Marv dá um sorriso pesaroso e olha pra baixo.

Quero conversar com ele.

Quero perguntar sobre a garota e se ele gostava dela e se ainda sente saudade.

Só que nada sai da minha boca. Fala sério: é difícil conhecer de verdade os amigos, não é, não? A gente não se abre muito.

Rola um silêncio bem longo até que eu resolvo cortar o clima. Parece até alguém cortando um pão e oferecendo um pedaço. No meu caso, ofereço uma pergunta ao meu amigo.

— Marv?

— O que foi? — os olhos dele de repente me deixam angustiado.

— Como você se sentiria se tivesse que estar *neste exato momento* em algum lugar e não soubesse como chegar lá?

Ele para pra pensar. Consegue esquecer a garota por um instante.

— Tipo se eu perdesse o Jogo de Verão por não saber como chegar lá no corredor esportivo?

Dou uma colher de chá pra ele.

— Isso, pode ser.

— Bem... — ele pensa seriamente, esfregando a mão grossa nos pentelhos louros do rosto. Isso é só pra você ter uma ideia da importância do jogo pra esse cara. — Acho que eu ficaria pensando no que estaria acontecendo lá, sabendo que eu não poderia fazer nada pra mudar por estar tão longe.

— Frustrante?

— Pô, com certeza.

Já dei uma olhada nuns mapas. Achei uns livros antigos que eram do meu pai e li umas histórias locais. Só que nada me dá a menor ideia de onde eu possa achar as pedras de casa. Dias e noites se passam. Sinto a coisa ficando cada vez mais preta. Cada minuto me informa que alguma coisa pode estar acontecendo e que eu preciso ajustar. Ou dar um basta.

Jogamos cartas.

Já dei mais algumas passadas pela Rua Edgar e nada mudou. O cara ainda não voltou. Acho que nunca vai voltar.

Quando estive lá, percebi que a mãe e a filha estão felizes. Deixo as coisas como estão.

Uma noite, vou até a casa da Milla e leio pra ela.

Ela fica toda contente ao me ver e, sinceramente, é bom voltar a ser o Jimmy. Tomo um chazinho e, na saída, dou um beijinho no rosto enrugado de Milla.

Sábado, dou uma passada na Sophie e a vejo correr. Ela continua a tirar segundo lugar, mas não arreda o pé e continua correndo descalça. Ela me vê enquanto corre, e por isso não me diz nada, só me cumprimenta com a cabeça. Paro atrás da cerca que contorna a pista traseira. Só naquele minutinho rápido a gente se reconhece e é o bastante.

“Que saudade de você, Ed”, lembro dela dizendo isso naquela tarde no parque. Ainda hoje, quando passa por mim correndo, vejo que ela diz: “Que bom que você veio.”

Eu também estou feliz por ter vindo, só que tenho que sair antes do término da corrida.

Naquela noite, enquanto estou no trabalho, acontece.

Encontro as pedras de casa.

Ou, pra ser sincero...

Elas me encontram.

Enquanto estou na cidade, fico ligado pra ver se encontro a Alice, sobretudo se eu estiver perto do Quay ou do Cross. Só que não vejo a criatura em lugar nenhum, o que baixa minha bola um pouco. Os únicos passageiros que volto a pegar são uns velhos que sempre conhecem um caminho melhor, ou executivos mauricinhos que estão sempre olhando a hora ou de papo no telefone.

Já é tarde. São pelo menos quatro da manhã e, no caminho de volta pra casa, pego um passageiro, um cara novo. Quando ele faz sinal, eu dou uma checada geral. Ele parece estável, e acho que não é o tipo que vomita no carro. A última coisa de que preciso é alguém vomitando no meu táxi logo agora que estou quase encerrando o turno. Um negócio desses arruina uma noite inteira em apenas alguns segundinhos.

Eu paro e ele entra.

— Tá indo pra onde? — pergunto.

— Deixa de papo e dirige — ele mal abre a boca e já soa ameaçador. — Me leva pra casa.

Fico nervoso, mas ainda assim pergunto:

— E onde fica sua casa?

Ele se vira e me olha de um jeito sinistro.

— Onde *you* mora — o cara tem uns olhos esquisitos, amarelos, tipo olho de gato. Cabelo preto, curto. Está todo de preto. — Dirija, Ed — são as duas palavrinhas finais.

E eu, como não sou bobo nem nada, obedeço.

Ele sabe meu nome, e eu sei que ele está me levando pra onde o ás de paus quer que eu vá.

Ficamos um tempo sem falar nada, olhando as luzes dos postes passando. Ele está sentado na frente, e toda vez que tento olhar pra ele, não consigo. Sempre sinto aqueles olhos. Parece que estão prontos para me agarrar.

Tento puxar papo.

— E aí? — digo. Desesperado, eu sei.

— E aí o quê?

Daí tento de outro jeito. Jogo verde pra ver se colho maduro.

— Você conhece Daryl e Keith? — pergunto.

— *Quem?*

Seu escárnio dirigido a mim é de matar, só que mesmo assim eu continuo a batalha.

— O Daryl... e o...

— Olha só, *brother*, eu escutei muito bem — ele endurece a voz mais ainda. — Se você mencionar outros nomes aqui, não vai nem chegar em casa, tá escutando? Juro por Deus.

Fico me perguntando: *Por que diabos toda pessoa que me visita é estourada, encenqueira ou as duas alternativas acima?* A impressão que tenho é de que não adianta: por mais que eu me esforce, sempre acabo com gente *desse nível* na minha casa ou no meu táxi.

Acho que nem preciso dizer que não abro mais a boca enquanto a gente vai se

aproximando do subúrbio. Fico na minha, só dirigindo e, de vez em quando, tentando dar uma olhadinha nele, sem sucesso.

— Vai descendo toda vida — ele diz quando chegamos na rua principal.

— Perto do rio?

— Não banque o espertinho. Dirija.

Passo pela minha casa.

Passo pela casa da Audrey. Desço até o rio.

— É aqui.

Paro o carro.

— Isso, valeu.

— Deu \$ 27,50.

— O quê?

É preciso coragem pra eu abrir a boca. O desgraçado faz uma cara de quem está louco pra me matar.

— Eu disse que deu \$ 27,50.

— Não vou pagar, não, cara.

Eu acredito nele.

Acredito porque ele fica ali parado, arregalando os olhos pretos no meio do amarelo. Este cara não vai pagar. Fim de papo. Não tem discussão — embora eu até tente.

— Por que não? — pergunto.

— Não tenho essa grana.

— Então eu fico com sua jaqueta.

Ele se aproxima, dando uma de simpático pela primeira vez.

— Eles tinham razão: tu é mesmo um cabeça-dura, né?

— Eles quem?

Só que fico sem resposta.

Ele faz uma cara de doido, abre a porta e pula do táxi.

Pausa.

Eu me sinto preso no momento, mas saio do táxi batido e corro atrás dele. Em direção ao rio.

Mato molhado e palavras.

— Volta aqui!

Pensamentos esquisitos.

Pensamentos de: *Volta aqui, Ed? “Volta aqui” é muito comum. É o que todo taxista grita numa hora dessas. Tá na hora de inventar outra coisa. É até um milagre não terem adicionado a palavra “moleque” no final...*

Minhas pernas endurecem.

O vento passa pela minha boca, mas não entra.

Corro.

Corro e me dou conta de que já tive esta sensação antes — esta sensação de enjoo.

Foi quando eu era pequeno: uma vez, estava correndo atrás do Tommy, meu irmão menor. Esse mesmo, o “tal”, o que tem as melhores perspectivas de futuro e melhor gosto para mesinha de centro das redondezas. Mesmo naquela época, ele era mais rápido, é claro. Melhor. Ele sempre foi, e eu ficava envergonhado. Era uma vergonha ter um irmão menor mais rápido, mais forte, mais esperto e melhor. Em tudo. Mas ele era. Era e pronto.

A gente pescava no rio, contra a correnteza, e apostávamos corrida pra ver quem chegava primeiro. Nunca consegui ganhar dele. É claro que eu dizia pra mim mesmo que eu poderia ter vencido se tivesse tentado pra valer.

Então uma vez.

Tentei pra valer.

E perdi.

Tommy também encontrou algo extra naquele dia e ganhou de mim em pelo menos quatro metros.

Eu tinha 11 anos.

Ele, dez.

Quase dez anos mais tarde, aqui estou eu de novo, ainda correndo atrás de alguém mais rápido, mais forte e melhor.

Depois de quase um quilômetro, meu fôlego vai pro saco.

Ele olha pra trás.

Minhas pernas se curvam.

Dou uma parada.

Acabou.

O cara solta uma gargalhada, talvez uns 20 metros lá na frente.

— Que azar, Ed — e ele se vira de novo. E vaza dali.

Fico ali parado, perdido nas memórias, vendo as pernas dele desaparecerem na escuridão.

Um vento escuro passa por entre as árvores.

O céu está nervoso. Preto e azul.

Meu coração aplaude dentro dos meus ouvidos, primeiro como uma multidão gritando, depois vai diminuindo, diminuindo, até virar uma única pessoa, batendo palmas com sarcasmo descontrolado.

Pá. Pá.

Pá.

Muito bem, Ed.

Parabéns por desistir.

Fico ali no meio do mato comprido e ouço o rio agora pela primeira vez. Parece até que ele está bebendo. Quando olho pra lá, vejo as estrelas no rio. Parece que estão pintadas na superfície da água.

O táxi, penso. *Eu deixei aberto.* As chaves também ainda estão lá dentro, que, aliás, é o pecado número um que qualquer taxista pode cometer ao perseguir um caloteiro. Na

verdade, chega a ser até um pecado capital. Todo mundo sempre tira as chaves. Sempre fecha o carro. Menos eu.

A imagem do táxi me vem à cabeça.

Sozinho, lá na estrada.

Com as duas portas escancaradas.

— Tenho que voltar — falo bem baixinho, mas não volto.

Fico ali duro até aparecer o primeiro raio de sol, e me vejo correndo com meu irmão.

Vejo quando eu me ferro.

Vejo a gente ali pescando juntos, na beira do rio, e então indo mais adiante, rio acima, contra a correnteza, passando por onde dá pra ver as casas. Pra bem alto, onde temos que escalar as pedras, de onde pescamos.

As pedras.

As pedras lisas.

Como se...

Ando devagar a princípio, então acelero. Ando bem rápido no sentido contrário à correnteza.

Sigo a imagem do meu irmão correndo comigo e então escalo. A água vai caindo enquanto tomo impulso com as mãos e com os pés pra subir. O mundo está ficando mais leve e alegre, tomando forma e ganhando cores. Parece que está sendo pintado, ao meu redor.

Meus pés estão coçando.

Estão ficando mornos.

Eu vejo.

Vejo a gente.

Lá, eu aponto. Lá estão as pedras. As pedras gigantes. Meu Deus, eu vejo a gente lá, jogando, pulando, às vezes rindo. Jurando não contar pra ninguém que a gente vem aqui.

Estou quase lá.

Bem distante daqui, as portas do táxi ainda estão abertas.

O sol está bem alto — um recorte laranja em um céu de papelão.

Chego ao topo e me ajoelho.

Minhas mãos tocam na pedra fria.

Solto o ar dos pulmões.

Feliz.

Ouçó o rio e olho pra cima, e me dou conta de que estou ajoelhado entre as pedras de casa.

Tem três nomes gravados na rocha.

Eu os vejo alguns instantes mais tarde, quando olho pra cima e vou até elas.

Os nomes são:

THOMAS O'REILLY

ANGIE CARUSSO
GAVIN ROSE

Por um instante o rio passa correndo pelos meus ouvidos e o suor se enfia embaixo dos meus braços. No meu lado esquerdo, o suor escorre, passando pelas minhas costelas e parando na cintura da calça.

Procuro um papel e uma caneta, sabendo que não tenho nenhum dos dois, da mesma forma que se dá uma resposta errada a alguém na esperança remota e improvável de que por um milagre ela possa estar correta.

E é isso aí. Não tenho nada, daí escrevo os nomes com lápis na mente e reforço com a canetinha imaginária. Então eu os rabisco.

Thomas O'Reilly.

Angie Carusso.

Gavin Rose.

Nenhum dos nomes soa familiar, o que acho até bom. Acho que seria mais difícil ainda se eu conhecesse as pessoas para as quais sou enviado.

Dou uma última olhada e saio dali, cantarolando os nomes pra não esquecer.

Levo quase 45 minutos pra chegar de volta ao táxi.

Quando chego lá, as portas estão fechadas, mas não estão trancadas à chave, e as chaves não estão mais na ignição. Eu me sento atrás do volante e quando abaixo o quebra-sol, elas caem no meu colo.



O'Reilly, O'Reilly...

Estou pesquisando no catálogo telefônico da região. Já é meio-dia. Tirei um cochilo. Encontro dois T. O'Reilly. Um na parte nobre da cidade. Outro na área das malocas. É esse, penso. O das malocas.

Eu sei.

Pra me certificar, primeiro dou uma passada no endereço mais nobre. É uma casa superbacana com uma garagem bem grande. Bato na porta.

— Pois não?

Um cara alto abre e olha pra mim através da tela contra insetos. Ele está de short, camiseta e chinelos.

— Desculpa incomodar — eu digo —, mas...

— Você está vendendo alguma coisa?

— Não.

— É testemunha de Jeová?

— Não.

Ele fica chocado.

— Bem, já que é assim, pode entrar.

Ele mudou imediatamente o tom de voz e faz uma expressão mais acolhedora. Me dá até vontade de aceitar o convite, mas decido recusar.

Ficamos ali, cada um de um lado da tela contra insetos. Tento pensar num jeito de fazer a parada direito, e decido que é melhor ir direto ao assunto.

— O senhor é Thomas O'Reilly?

Ele se aproxima e espera um instante antes de responder.

— Não, parceiro, eu sou Tony. Thomas é meu irmão. Ele mora em algum buraco lá pela Rua Henry.

— Então tá, valeu, e desculpa qualquer coisa — e começo a andar.

— Oi — ele abre a porta e vem atrás de mim. — O que você quer com meu irmão?

Dou uma parada.

— Ainda não sei.

— Se você for por aquelas bandas, será que poderia me fazer um favor?

Encolho os ombros.

— Claro, sem problema.

— Você poderia dizer pra ele que a ganância ainda não me devorou?

A frase cai entre a gente como se fosse uma bola murcha, sem ar.

— Claro, digo sim.

Estou quase cruzando o portão quando Tony O'Reilly me chama uma última vez. Eu

me viro pra olhar pra ele.

— Acho melhor te avisar uma coisa — ele se aproxima. — Meu irmão é padre.

Nós dois ficamos completamente parados por uns segundos, enquanto eu processo a informação.

— Valeu! — agradeço e saio da entrada da garagem.

Vou embora pensando: *Ainda é melhor do que um marido que espanca e estupra a mulher.*

— Quantas vezes você quer que eu diga?

— Tem certeza agora?

— Não sou eu, Ed. Se fosse, eu diria.

Estou levando este papo com meu irmão, Tommy, no telefone. Depois que acabei parando no rio e nas pedras de casa, fiquei pensando que podia ser ele. Pelo que sei, Tommy é a única pessoa que sabe que a gente ia lá, já que nunca contamos pra ninguém. A gente sempre achou que ia acabar levando um couro por ir lá pro rio sozinho. Quem sabe outra pessoa não tenha descoberto e decidido ignorar. Eu e o Tommy sabíamos nadar.

Um pouco antes, eu contei das cartas pra ele, que disse:

— Por que será que este tipo de coisa vive acontecendo contigo, Ed? Sempre que tem alguma coisa esquisita no ar, ela sempre consegue terminar pousando no *seu* colo. Você é um tipo de imã que atrai merda.

Nós rimos.

Pensei no que ele disse.

Taxista. Vagabundo das redondezas. Modelo de mediocridade. Um desastre sexual. Péssimo jogador de cartas. E agora, pra completar, imã que atrai merda.

Diga aí, pode admitir.

Que bela lista estou montando, não é, não?

— E como é que vão as coisas, Tommy?

— Tá tudo bem, e com você?

— Tranquilo.

Fim de papo.

Não é o Tommy.

Já faz algum tempo que estamos sem jogar, e daí o Marv organiza uma noite daquelas. Decidimos que vai ser na casa do Ritchie. Os pais dele acabam de viajar de férias.

Antes de ir pro Ritchie, dou uma passada na Rua Henry e procuro Thomas O'Reilly. Enquanto ando pra lá, sinto um frio na barriga, e minhas mãos ficam desesperadas procurando pelos bolsos. A rua é uma coisa horrorosa e sempre teve essa fama mesmo. É um lugar onde tudo é quebrado: os telhados, as janelas e as pessoas. Não escapa nem a casa

do padre, que é bem estranha. Já dá até pra ver de longe.

O telhado é corrugado, vermelho e enferrujado.

As paredes todas de concreto, encardidas.

A pintura está cheia de bolhas, uma coisa horrorosa.

A cerca está caindo aos pedaços, lutando pra ficar de pé.

E um portão que está agonizando.

Estou quase lá quando percebo que não vai dar pra eu chegar...

Três grandalhões saem de um beco e começam a me pedir umas coisas. Não fazem nenhuma ameaça, mas só a presença deles me deixa sem graça e me sentindo sozinho.

— Ae, cara. Tu tem 40 centavos? — um deles pergunta.

— Ou um cigarrinho? — o outro diz.

— Cê precisa mesmo dessa jaqueta?

— Pô, cara, vai! *Um* cigarrinho. Eu sei que tu fuma. Que mal vai te fazer me emprestar o...

Eu congelo por um instante, me viro e saio andando.

Rápido pra caralho.

Na casa do Ritchie, não consigo tirar da cabeça o que rolou, enquanto os outros dão as cartas e conversam.

— Mas, então, conta pra onde seus pais foram, Ritchie — diz Audrey.

Ele demora um bom tempo pra responder.

— Não faço a menor ideia.

— Você tá de gozação, não tá, não?

— Eles disseram, mas acho que esqueci.

Audrey balança a cabeça, e Marv ri através da fumaça do charuto.

Penso na Rua Henry.

Pra variar um pouco, o vencedor de hoje sou eu.

Dou uns vacilos numas rodadas, mas de alguma forma consigo ganhar a maioria.

Marv ainda fala todo orgulhoso sobre o Jogo de Verão.

— Ae, vocês tão sabendo? — ele pergunta pra mim e pro Ritchie. — Os Falcons tão com um cara novo este ano. Dizem que tem um-cinco-zero.

— Um-cinco-zero o quê? Quilos? — pergunta Ritchie.

Assim como eu e Marv, o Ritchie jogou nos últimos anos, na lateral, mas ele é menos interessado ainda do que eu. Só pra você ter uma ideia, ele geralmente divide uma ou duas cervejas com a multidão durante o jogo.

— Isso mesmo, Ritchie — Marv afirma. O negócio é sério. — O cara é da pesada.

— Cê vai jogar, Ed?

Quem pergunta isso é a Audrey. Ela sabe que vou jogar, mas pergunta só para se confortar. Desde o incidente do “Só o Ed” na porta da frente, ela anda meio sem graça

comigo, sem saber o que dizer. De onde estou na mesa, olho pra ela e dou um sorriso amarelo. Ela sabe que isso quer dizer que estamos na boa.

— Vou — respondo. — Vou estar lá, sim.

O sorrisinho dela diz: “Que bom.” Bom que estamos na boa. Audrey não está nem aí pro Jogo de Verão. Ela odeia futebol.

Mais tarde, quando termina o jogo, ela dá uma passada na minha casa, e a gente bebe na cozinha.

— Tudo bem lá com o novato? — pergunto. Estou jogando os farelos de torrada dentro da pia. Quando me viro pra ouvir a resposta, vejo sangue ressecado no chão. Sangue da minha cabeça no meio de todo esse pelo de cachorro. Lembranças do que rolou estão espalhadas por todos os cantos.

— Tá tudo bem — ela responde.

Quero me desculpar por ter aparecido lá daquele jeito naquele dia, mas prefiro não dizer nada. Estamos na boa agora e não faz sentido revirar um assunto que eu não posso fazer nada pra mudar. Em alguns momentos eu quase falo, mas deixo pra lá. Melhor assim.

Quando estou colocando a torradeira no lugar, vejo minha imagem refletida nela — apesar da sujeirinha. O negócio chega a doer nos olhos. É neste momento que eu rapidamente vejo a natureza lamentável de minha vida. Esta garota que eu não consigo conquistar. Estas mensagens que eu me sinto incapaz de entregar... Mas então vejo os olhos ficarem mais determinados. Vejo uma versão futura de mim mesmo voltando à Rua Henry pra visitar o padre Thomas O'Reilly. Vou colocar minha jaquetinha velha e suja, sem nenhum tostão no bolso e nenhum cigarro, igualzinho à última vez. Só que da próxima vez pretendo chegar à porta da frente.

Eu tenho que chegar lá, penso, e falo com Audrey.

— Eu sei aonde eu tenho que ir.

Ela toma um gole do suco de toranja que eu lhe servi e pergunta:

— Onde é?

— Mais três pessoas.

Os nomes gravados naquela pedra enorme aparecem na minha cabeça, mas não digo quais são. Como eu já disse, de nada adianta.

Ela está louca de vontade de perguntar os nomes.

Está na cara.

Só que ela não deixa escapar uma única palavrinha sequer, e não posso negar uma coisa: ela nunca força a barra com nada. Ela sabe que eu não vou dizer nada se ela pentelhar muito.

O que eu realmente conto pra ela é onde encontrei os nomes.

— Peguei um passageiro caloteiro que saiu correndo. E foi pra lá que ele foi...

Agora Audrey só consegue balançar a cabeça de um lado pro outro.

— Seja lá quem for, com certeza tá tendo o maior trabalho.

— E é incrível como os caras me conhecem tão bem... quase que tão bem quanto eu mesmo.

— É, mas quem é que te conhece bem, Ed?

É, meu irmão... é isso.
— Ninguém — respondo.

Nem mesmo eu?, Porteiro entra e pergunta.

Olho pra ele e respondo:

Olha só, companheiro, tomar umas xícaras de café juntos não quer dizer que você me conhece.

Às vezes nem mesmo eu acho que me conheço.

Meu reflexo me ataca novamente.

Mas você sabe o que fazer, ele diz.

Eu concordo com ele.

Na Rua Henry na noite seguinte depois do trabalho, chego até a porta da frente, e, devo dizer, a casa do padre O'Reilly é a própria encarnação do significado da palavra cruel.

Eu me apresento e sem muito mais blablablá o padre me convida pra entrar.

Sem ao menos pensar, eu digo no corredor:

— Deus do céu, acho que não ia custar nada fazer uma faxininha por aqui de vez em quando, não acha, não, padre?

Que é isso, meu irmão? Será que eu falei isso mesmo?

Mas nem preciso me preocupar, porque o padre responde logo na lata.

— Bem, e o que dizer do *seu* estado? Quando foi a última vez que você lavou esta jaqueta?

— Táí, o senhor tem razão — digo, agradecido pela resposta rápida.

O padre está ficando careca; deve ter uns 45 anos. Não é tão alto quanto o irmão; tem olhos verde-garrafa e é bem orelhudo. Usa uma batina e fico sem entender por que ele mora aqui e não lá na igreja. Sempre achei que os padres morassem nas igrejas pra que as pessoas pudessem ir lá quando precisassem de ajuda ou de um conselho.

Ele me leva pra cozinha, e a gente se senta à mesa.

— Vai ser um café ou prefere um chá?

Do jeito que ele pergunta, fica parecendo que eu não tenho escolha, e que *eu vou beber alguma coisa e pronto*. Só falta decidir qual dos dois.

— Café — respondo.

— Leite e açúcar?

— Ah, eu agradeço.

— Quanto de açúcar?

— Quatro cubinhos — tenho um pouco de vergonha desse lance.

— Quatro cubinhos de açúcar! Quem é você, David Helfgott?

— Quem diabos é esse?

— Ah, não lembra, não? Pianista, meio louco — ele fica surpreso por eu não conhecer o cara. — Ele bebia 12 xícaras de café por dia com dez colheres de açúcar em cada.

— Ele era bom?

— Era, sim — ele solta a chaleira. — Louco, mas bom — seus olhos vidrados tomam um ar de bondade agora. Uma bondade gigantesca. — Você também é louco, mas bom, Ed Kennedy?

— Sei lá! — digo, e o padre cai na gargalhada, mais pra si mesmo do que pra qualquer outra pessoa.

Quando o café fica pronto, o padre traz pra mesa e se senta comigo. Antes de tomar o primeiro gole, ele pergunta:

— Alguém o parou pra pedir dinheiro e cigarro lá fora? — ele joga a cabeça pra trás, na direção da rua.

— Sim, e um cara não para de me pedir a jaqueta.

— É mesmo? — ele reprova com a cabeça. — Vá Deus saber por quê... Só se for mau gosto! — ele bebe.

Dou uma olhada na jaqueta.

— Putz, ela é mesmo horrível assim?

— Que nada — ele fala bem sério agora. — Só estou pegando no seu pé, filho.

Dou mais uma olhada na manga e no material perto do zíper. A camurça preta está bem gasta, quase puída.

Um silêncio desconfortável baixa entre nós. Isso quer dizer que é hora de eu entrar em ação. Acho que talvez o padre sinta o mesmo, e ele faz uma cara de curiosidade, mas paciente, como quem está esperando.

Na hora em que eu estou quase falando, começa a rolar um quebra-pau em uma das casas vizinhas.

Quebram um prato.

Os gritos saem pulando pela cerca.

A briga fica mais feia. É gente gritando e porta batendo que é uma loucura.

O padre percebe que eu estou assustado e diz:

— Espere um minutinho, Ed — ele vai até a janela e escancara tudo. Ele grita:

— Ô, Clem!

Ouvimos então um murmúrio chegando pela janela, seguido de uma voz.

— Pois não, padre?

— O que tá acontecendo aí hoje?

A voz responde:

— Ela tá me irritando de novo, padre!

— Bem, isso dá pra ver, Clem, mas e quanto...

Chega uma outra voz. É voz de mulher:

— Vê se pode, padre, já tava ele lá no *pub* de novo. Enchendo a cara e torrando dinheiro em apostas!

O padre agora fala bem sério e firme.

— Isto é verdade, Clem?

— É sim, padre, mas...

— Nem mais nem menos, Clem. Fique em casa hoje, ok? Fiquem de mãos dadas e

assistam à TV.

Primeira voz:

— Tudo bem, padre.

Segunda voz:

— Obrigada, padre!

Padre O'Reilly volta pra mesa agora, reprovando com a cabeça.

— Esses são os Parkinsons. Cambada de inúteis.

Fico chocado com o comentário. Nunca ouvi um padre falar assim. Na verdade, nunca falei com nenhum padre, mas duvido muito que sejam assim.

— Isso acontece sempre? — pergunto.

— Duas vezes por semana. Pelo menos.

— Como o senhor consegue aguentar uma coisa dessas?

Ele simplesmente estica os braços e bate na batina.

— É para isso que estou aqui.

Caminho um pouco com o padre.

Conto pra ele como é ser taxista.

Ele me conta como é ser padre.

A igreja dele é aquela bem velhinha lá nos cafundós da cidade, e agora percebo por que ele escolheu morar aqui. A igreja fica longe demais pra ele ajudar alguém, então este é o melhor lugar pra ele. É aqui que o padre precisa estar. Não em uma igreja, juntando poeira.

Às vezes fico pensando no jeito com que ele fala, que é confirmado quando ele explica a igreja pra mim. Ele admite que, se a igreja dele fosse algum tipo de loja ou restaurante, já teria fechado há muitos anos.

— Os negócios andam mal ultimamente? — pergunto.

— Quer saber a verdade? — o brilho nos olhos dele desaparece. — Andam uma merda.

É quando pergunto:

— O senhor pode falar desse jeito? Tipo sendo sagrado e tudo mais?

— O quê? Porque sou padre? — ele termina o restinho de café. — Claro. Deus sabe o que é importante.

É um alívio pra mim que ele não comece com aquele sermão de que Deus conhece cada um de nós e blablablá. Ele nunca dá sermão. Mesmo quando a gente fica sem o que dizer, ele olha pra mim e diz:

— Mas não vamos entrar nos assuntos religiosos hoje, Ed. Vamos falar de outra coisa — ele fica um pouco formal agora. — Vamos falar sobre os motivos que o trazem aqui.

De frente um pro outro, sentados à mesa, nos olhamos com atenção.

Rapidinho.

Depois de um silêncio prolongado, confesso ao padre. Digo que ainda não sei por que estou aqui. Não falo nada sobre as mensagens de que já dei conta, nem das que ainda tenho que

dar. Só digo que tenho um propósito aqui e que uma hora ou outra eu descubro qual é.

Ele escuta com atenção, com os cotovelos na mesa, as mãos juntas e os dedos entrelaçados embaixo do queixo.

Depois de um tempinho, ele se dá conta de que eu não tenho muito mais a dizer. Então fala bem calma e claramente:

— Não se preocupe, Ed. O que você precisa fazer certamente chegará ao seu conhecimento. Algo me diz que não é a primeira vez que você passa por isso.

— Não, não é.

— Apenas me faça um favor de se lembrar de uma coisa — ele diz, e percebo que está tentando não ser o típico religioso. — Tenha fé, Ed, ok?

Procuro a caneca de café, mas não tem nenhuma lá.

Ele me acompanha até lá fora e caminha pela rua comigo. Pelo caminho, a gente se esbarra com os cretinos do cigarrinho, da grana e da jaqueta, e o padre reúne a cambada toda ali em volta.

Ele diz:

— Ouçam bem, garotos. Quero que vocês conheçam Ed. Ed, este aqui é Joe, este é Graeme, e este aqui é Joshua — aperto a mão de todos. — Pessoal, este é Ed Kennedy.

— Prazer, Ed.

— Fala, Ed!

— E aí, Ed, beleza?

— Quero que vocês se lembrem de uma coisa — o padre agora fala bem sério. — Ed é um grande amigo meu e não tem isso de ficar pedindo cigarro nem dinheiro pra ele. E podem deixar a jaqueta dele em paz — ele dá um sorrisinho rápido pra mim. — Afinal, dê só uma olhada, Joe. A coisa é um horror, não acha? Vai ser horrorosa assim lá no inferno!

Joe concorda com prazer:

— Com certeza, padre.

— Muito bem. Então, estamos entendidos?

Apertamos as mãos, nos despedimos, e o padre está bem longe quando eu me viro ao me lembrar do irmão dele. Volto correndo, chamando:

— Ei, padre!

Ele ouve e se vira.

— Já ia me esquecendo — eu diminuo o passo e paro a uns 15 metros na frente dele. — Seu irmão — ele me olha mais atentamente. — Ele mandou lhe dizer que ainda não foi devorado pela ganância.

Então os olhos do padre se acendem, com um toque de arrependimento.

— Meu irmão, Tony... — suas palavras suaves vêm mancando na minha direção. — Faz muito tempo que não vejo meu irmão Tony. Como ele está?

— Bem — respondo com uma confiança que não entendo. Só a intuição me diz que é a resposta certa e agora ficamos os dois ali parados no meio da sem-gracice e da tolice. — O senhor tá bem, padre?

— Estou sim, Ed. Obrigado pela preocupação.

Ele se vira, sai andando e pela primeira vez não o vejo como padre.

Não o vejo nem como homem.

Neste momento, ele é simplesmente um ser humano indo pra casa na Rua Henry.

Contraste total agora.

Estou na casa do Marv, assistindo a *SOS Malibu* com o volume baixo. O enredo e os diálogos são as coisas que menos interessam pra gente.

Estamos ouvindo os Ramones, o Marv se amarra neles.

— Posso tocar outra coisa? — Ritchie pergunta.

— Pode. Toca Pryor aí — diz Marv. A gente até passou a chamar o Jimi Hendrix de Richard Pryor. *Purple Haze* começa a rolar, e ele pergunta:

— Cadê a Audrey?

— Tô aqui — ela entra.

— Que fedor é esse? — Ritchie pergunta. Ele se contorce. — Isso não me é estranho.

O Marv já sacou e aponta o dedo pra mim. Tipo me acusando.

— Tu trouxe o Porteiro, não trouxe, maluco?

— Não tive outra alternativa, cara... O bicho tava com cara de solitário quando eu tava saindo.

— Você sabe que ele não é bem-vindo aqui.

Porteiro está na porta dos fundos, que está aberta; está olhando pra dentro.

Ele late pro Marv.

A única pessoa pra quem ele late.

— Ele não vai com a minha cara — Marv explica.

Outro latido.

— É porque você olha todo torto pra ele e fica falando mal dele o tempo todo. O bicho entende, tá sabendo?

A gente discute mais um pouquinho, mas a Audrey encerra a briga dando as cartas.

— Cavalheiros? — ela dá uma tossidinha pra limpar a garganta.

A gente se senta e joga.

Na terceira partida, eu pego o ás de paus.

Padre O'Reilly, penso.

— O que você vai fazer no domingo, Marv?

— Como assim, *o que eu vou fazer no domingo*?

— O que você acha que eu quero dizer com minha pergunta?

Ritchie diz:

— Tu é muito babaca, Marv. Acho que o Ed só tá perguntando se você vai estar ocupado no domingo.

Marv aponta pro Ritchie agora. Está todo grosso hoje porque eu trouxe Porteiro.

— Ah, vê se não começa você também, Pryor — ele agora olha pra Audrey. — E você pode ficar quietinha aí.

Audrey fica boba:

— Que diabos *eu* fiz?

Eu interrompo.

— Seguinte: não só você, Marv; vocês três — coloco minhas cartas na mesa, viradas pra baixo. — Tô precisando de um favor.

— Tipo o quê? — pergunta Marv.

Os três estão ouvindo com atenção.

Esperando.

— Bem, será que a gente poderia ir... — deixo as palavras saírem rapidamente da minha boca — ... à igreja?

— O *quê*?

— Qual o problema? — protesto.

Marv tenta se recuperar do choque.

— Pra que diabos você quer que a gente vá à igreja?

— Bem, tem um padre que eu conheço que...

— Ele não é nenhum daqueles do tipo do Alan Chesters, é?

— Não, não é.

— Que negócio é esse de Alan Chesters? O que quer dizer? — Ritchie quer saber, mas ninguém responde. No final, ele nem quer mais saber e deixa pra lá.

A próxima pessoa que fala é Audrey, finalmente trazendo um pouco de lógica ao papo. Ela pergunta:

— Por que, Ed? — acho que ela já sacou que tem alguma coisa a ver com o ás de paus.

— O padre é um cara maneiro e acho que poderia ser bom, mesmo que fosse só pra dar umas risadas.

— Esse aí vai também?

Marv aponta pro Porteiro.

— É claro que não.

E o Ritchie salva a pátria. Ele pode ser preguiçoso, um jogador e ter a tatuagem mais tosca do mundo no braço, mas ele concorda com quase tudo. Com seu jeito bondoso de sempre, ele diz:

— Ah, por que não, Ed? Eu vou contigo — e então acrescenta: — Pra dar umas risadas, certo?

— Claro — respondo.

Daí Audrey diz:

— Tá bem, Ed.

Agora, de volta ao Marv, que sabe que está numa situação delicada. Ele não está a fim de ir, mas, se recusar, ele sabe que vai pegar mal pra caramba. Ele finalmente deixa o ar sair dos pulmões enormes que ele tem e diz:

— Meu Deus, não acredito numa coisa dessa. Tá bem, Ed, eu vou — ele dá um risinho infeliz. — Marcado. Igreja no domingo — e balança a cabeça. — Cristo Rei!

Eu pego minhas cartas.

— Exatamente.

Mais tarde naquela noite, o telefone toca de novo. Não deixo que ele me intimide.

— Alô?

— Oi, Ed.

É minha mãe. Dou um suspiro de alívio e me preparo para ouvir desaforo. Já faz um tempo que não tenho notícias da coroa, provavelmente ela vai despejar em cima de mim o equivalente a uma quinzena ou até um mês de avacalhação.

— Tudo bem, mãe?

— Você já ligou pra Kath? É aniversário dela.

Kath, minha irmã.

— Putz...

— Pois é, putz é a resposta certa, Ed. Agora vê se toma vergonha nessa cara e liga pra ela agora.

— Tá bom, eu vou...

E o telefone fica mudo.

Ninguém consegue assassinar uma ligação telefônica como minha mãe.

Só dei um vacilo: eu devia ter pensado rápido e pedido o número da Kath, pois vai que eu não consiga achar por aqui... Tenho uma má sensação de que perdi o número, o que acabo me certificando ser verdade, depois que revirei todas as gavetas e todo canto na cozinha. Não está em lugar nenhum e nem listado no catálogo.

Oh, não.

Acertou.

Tenho que fazer o que mais temo: ligar pra velha.

Eu disco.

— Alô?

— Mãe, sou eu.

— O que foi agora, Ed? — vejo logo que ela está de saco cheio só pelo suspiro que ouço do outro lado.

— Qual é o telefone dela?

Tenho certeza de que dá pra você imaginar.

O domingo chega mais rápido do que eu pensei.

A gente se senta nos fundos da igreja.

Ritchie está na boa e Audrey está contente. O Marv está de ressaca — andou bebendo a cerveja do pai de novo — e eu, nervoso por algum motivo que não consigo identificar.

Só tem umas 12 pessoas na igreja, além da gente. É meio deprimente ver este vazio aqui. O carpete está todo ferrado, cheio de furos, os bancos sem ninguém dão até tristeza. Só as janelas chumbadas parecem sagradas. As outras pessoas são velhas e estão sentadas

arqueadas feito mártires.

Quando o padre O'Reilly aparece, ele diz:

— Obrigado a todos por virem.

Só por um instante ele parece derrotado. É quando então ele percebe as quatro pessoas no fundo, e diz:

— Boas-vindas especiais aos taxistas do mundo.

O clarão da janela chumbada bate na careca dele e a faz brilhar.

Ele olha pra mim, como se agradecesse.

Eu sou o único que sorri.

Ritchie, Marv e Audrey viram as cabeças e ficam olhando pra mim. Os olhos do Marv dão até medo de tão vermelhos que estão.

— A noite foi boa, hein?

— Uma beleza.

O padre organiza os pensamentos e dá uma olhada nas pessoas presentes. Dá pra eu ver que o cara está tentando buscar força pra tocar o barco com vigor. Padre O'Reilly vai lá no fundo de seu ser. E começa o sermão.

Depois, estamos todos sentados lá fora, e a missa já terminou.

— Qual o sentido dessa historinha de pastor? — Marv pergunta. Ele se deita na grama. Até a voz dele soa feito ressaca.

A gente se senta embaixo de um salgueiro bem grande, com folhas penduradas entre a gente. Antes disso, lá dentro da igreja, me passaram um prato onde o pessoal põe dinheiro um pouco antes de sairmos. Coloquei cinco dólares, Ritchie estava duro, Audrey pôs uns dólares e Marv remexeu os bolsos e colocou uma moeda de 20 centavos e uma tampa de caneta.

Eu olhei pra ele.

— O que foi?

— Nada, Marv.

— Isso mesmo.

Enquanto estamos sentados embaixo da árvore, Audrey cantarola alguma coisa, e Ritchie se recosta, inclinado no degrau. Marv cai no sono, e eu espero. Não demora muito e sinto a presença atrás de mim. Eu sei que é o padre O'Reilly antes mesmo que ele abra a boca. É a impressão do homem. Seu jeito quieto e realista, até engraçado, de ser.

Ele está atrás de mim e diz:

— Obrigado por vir, Ed — e olha pro Marv. — Esse camaradinho parece que está numa merda maior que você, pelo amor de Deus!

Ele faz uma cara de perverso, e todos nós rimos, menos o Marv. Marv acorda.

— Oh — ele coça o braço. — Oi, padre. Gostei do sermão.

— Obrigado — ele olha pra todos nós de novo. — Obrigado por virem. Nos veremos na próxima semana?

— Talvez sim — respondo, mas o Marv decide falar por si mesmo.

— É ruim, hein.
O padre leva na boa.

Acho que não sei *exatamente* o que o padre precisa, mas agora sei o que pretendo fazer. De volta pra casa, eu me sento com Porteiro, de vez em quando dando uma olhada nos retratos em cima da TV e lendo alguma coisa. Então decido.

Vou encher a igreja do cara.

Só resta saber como.



Alguns dias se passam e estou tentando criar um jeito de trazer pessoas pra igreja. Penso em pedir pra galera, a Audrey, o Marv e o Ritchie, pra levar as famílias e os amigos, só que nenhum deles é muito confiável, e depois já vai ser difícil pra cacete fazer com que *eles* voltem pela segunda vez!

No início da semana, dou várias corridas com o táxi, só pensando nessa história.

A ideia pinta quando estou levando um cara pro aeroporto. Estamos quase chegando quando ele diz:

— Amigo, eu estou com um tempinho sobrando... Será que você pode me deixar aqui neste *pub*?

Olho pelo espelho retrovisor e pimba! Cai a ficha.

— É isso! — digo pra ele.

— Só uma cervejinha num *pub* de verdade — ele diz. — Não aguento aqueles saguões de aeroporto.

Eu paro e o deixo saltar.

— Você gostaria de me acompanhar? É por minha conta.

— Não — respondo. — Tenho que pegar outro passageiro, mas posso voltar e te pegar em meia hora, se quiser.

— Com certeza.

O cara está todo contente.

Sendo bem sincero, eu também, pois o que tenho pra te dizer é fato:

Neste país, só tem uma coisa que pode arrastar uma multidão, sem sombra de dúvida. Sabe o que é?

Cerveja.

Cerveja de graça.

Vou até o padre, entrando pela porta da frente todo empolgado e ofegante, dizendo que a gente pode organizar uma parada bem maneira pro próximo domingo. Conto a ideia toda pra ele:

— Cerveja grátis, umas coisinhas pra criançada, comida. Já falei da cerveja de graça?

— Sim, Ed, creio que sim.

— E então? O que o senhor acha?

Ele se senta na maior tranquilidade e pensa no assunto.

— Parece ótimo, Ed, mas você está esquecendo de uma coisa.

Não dá pra desanimar hoje.

— Do quê?

— Vamos precisar de dinheiro pra tudo isso.
— Achei que a Igreja Católica tivesse uma porrada de grana... Todo aquele ouro e tudo mais naquelas catedrais enormes...
Ele dá uma risadinha.
— Você viu algum ouro na *minha* igreja, Edward?
Edward?
Acho que o padre é a única pessoa que eu deixo que me chame assim. Até na minha certidão de nascimento eu sou só Ed.
Eu continuo:
— O senhor tem certeza de que não tem nenhuma graninha por aí, não?
— Na verdade, não, Ed. Coloquei tudo nos fundos de auxílio às mães solteiras adolescentes, alcoólatras, sem-teto, viciados e minhas férias em Fiji.
Acho que ele está de sacanagem com a minha cara, com essa história de Fiji.
— Ah, então, tá bem — digo. — Eu mesmo vou levantar a grana. Tenho um pouquinho guardado. Vou entrar com 500 paus.
— *Quinhentos?* É muito dinheiro, Ed. Você não parece o tipo de pessoa que tem muito. Saio andando bem rápido pela porta da frente.
— Não se preocupe com nada, padre — chego mesmo a rir. — Só tenha um pouco de fé.

Agora, devo dizer.

Numa hora dessas é bem útil ter amigos imaturos. Eles dão ideias de como espalhar a notícia bem rapidinho sobre alguma coisa que a gente quer fazer. Sem estresse com cartazes. Sem estresse com anúncio no jornal. O cara percebe que só tem uma resposta verdadeira. Alguma coisa que entre logo na cabeça do pessoal:

Tinta spray.

Rapidinho o Marv fica interessado em ir à igreja no domingo. Explico o plano pra ele e tenho certeza de que posso contar com sua ajuda. Taí uma área em que o Marv se supera e se diverte. Comportamento imaturo e juvenil é com ele mesmo.

A gente maloca as churrasqueiras de minha mãe e do Ritchie, eu ligo e encomendo um pula-pula, e pego emprestado uma daquelas paradinhas de karaokê com um parceiro do Marv que trabalha num *pub*. Além disso a gente arranja ainda uns barris, consegue fazer um acordo mais ou menos com o açougueiro pra descolar umas salsichas, e pronto.

Hora de usar a tinta.

Compramos o spray numa loja de ferragens ali do local numa tarde de quinta-feira e saímos pelo subúrbio às três da manhã. O carro do Marv resolve nos deixar na mão e para na porta de minha casa, então decidimos ir andando mesmo. Em cada canto da rua principal, escrevemos a mesma coisa com letras gigantescas pelo caminho:

*DIA ESPECIAL CONHEÇA UM PADRE
NESTE DOMINGO ÀS 10:00*

IGREJA DE SÃO MIGUEL

VAI ROLAR COMIDA, MÚSICA, DANÇA
E

CERVEJA DE GRAÇA

NÃO PERCA!!
VAI SER UMA FESTA DOS DIABOS

Não sei se o Marv sente a mesma coisa, mas eu percebo o maior clima de parceria quando a gente se ajoelha ali e manda ver no piche. Parece que voltamos à infância enquanto escrevemos as palavras. Numa hora eu olho pro meu amigo. Marv, o encenqueiro. Marv, o mão-de-vaca. Marv, da garota que sumiu do mapa.

Quando terminamos, ele dá um tapa no meu ombro, e a gente sai correndo, como ladrões pintosos. A gente corre, ri, e este momento é tão denso e especial que me dá vontade de me entregar e mergulhar de cabeça na emoção, esquecer de tudo.

Adoro as gargalhadas desta madrugada.

Nossos pés batem nos traseiros de tanto correr, e não quero que isso pare. Quero correr e rir assim pra sempre. Quero evitar qualquer momento de sem-gracice quando o diabo da realidade enfiar o tridente na nossa carne, nos deixando ali parados, juntos, com cara de manés. Quero ficar aqui neste momento e nunca ir a outros lugares, onde a gente não sabe o que dizer nem o que fazer.

Por enquanto, deixem a gente correr em paz.

A gente corre direto pela madrugada na maior gargalhada.

No dia seguinte, não tem uma alma viva que não esteja falando da parada. Está todo mundo comentando.

Os policiais já passaram no padre perguntando se ele está sabendo de alguma coisa. Ele admite que está por dentro do dia, mas não sabe das técnicas de propaganda adotadas por alguns dos fiéis.

Na tarde de sexta, lá na casa dele, o padre me conta tudo.

— Como vocês podem imaginar — ele disse pros policiais —, tenho uma clientela muito suspeita. Mas, também, me digam qual igreja inserida numa comunidade pobre não tem.

Eles caíram no papo, é claro. Quem não acreditaria neste homem?

— Tudo bem, seu padre, mas, por favor, nos avise caso o senhor fique sabendo de alguma coisa.

— É claro, é claro — e mesmo quando os tiras começaram a sair, o padre fez mais uma última perguntinha. — Vocês vão dar uma passadinha lá no domingo?

Pelo jeito os tiras são humanos também.

— Cerveja de graça? Só se a gente fosse doido pra recusar uma coisa dessas.
Ótimo!

Então está tudo pronto. Vai todo mundo. Famílias. Bebuns. Canalhas. Ateus. Adoradores do cão. Góticos. Todo mundo. É pra você ver o que cerveja de graça é capaz de fazer. Não tem erro.

Ainda trabalho na sexta-feira à noite, mas tiro folga no sábado.

Naquele dia, rolam duas coisas.

Primeiro, o padre dá uma passada aqui em casa. É hora do almoço e ofereço uma sopinha pra ele. Quando chega na metade do prato, ele para, e eu vejo uma emoção estampada em seu rosto.

Padre O'Reilly larga a colher e diz:

— Tenho que lhe contar uma coisa, Ed.

Dou uma parada também.

— O que é, padre?

— Sabe, dizem que há inúmeros santos que não têm nada a ver com a Igreja e praticamente não têm nenhum conhecimento de Deus. Mas dizem que Deus anda com essas pessoas sem que elas se deem conta disso — os olhos dele estão dentro de mim agora, acompanhados pelas palavras. — Você é uma dessas pessoas, Ed. É uma honra conhecê-lo.

Cara, fiquei bobo.

Já me chamaram de tudo nesta vida — mas é a primeira vez que alguém diz que é uma honra me conhecer.

De repente, eu me lembro da Sophie perguntando se eu era um santo e lembro que eu disse que não passava de mais um ser humano estúpido.

Desta vez, eu me permito ouvir.

— Valeu, padre. Obrigado mesmo.

— O prazer é meu.

Bom, a segunda coisa que rola é a seguinte: faço umas visitinhas pela cidade. Em primeiro lugar, dou uma passada rápida na Sophie. Pergunto se ela vai poder ir lá no domingo, e ela diz:

— Claro, Ed.

— Traga a família — sugiro.

— Vou levar, sim.

Então passo na Milla e pergunto se ela me permitiria acompanhá-la à igreja no domingo.

— Seria um prazer inenarrável, Jimmy.

Traduzindo: ela ficou superempolgada com a ideia.

Então.

A última visita.

Quando estou ali batendo na porta do Tony O'Reilly, tenho muito pouca esperança.

— Oh, é você — ele diz, embora pareça feliz de me ver. — Você deu o recado àquele

meu irmão?

— Dei, sim. Ah, e meu nome é Ed.

Fico meio sem graça agora. Odeio dizer às pessoas o que fazer, até pedir. Mesmo assim, olho agora pro Tony O'Reilly e converso.

— Fiquei meio... — o resto da frase se quebra e cai no chão.

— O quê?

Fico na minha. Acabo mudando a estratégia.

— Acho que você sabe, Tony.

— Sim — ele concorda. — Sei, sim. Já vi a pichação.

Olho pra baixo e levanto a cabeça de novo.

— E aí?

Ele abre a tela anti-inseto e fico com medo do cara sair e me dar umas porradas, mas ele me convida pra entrar, e a gente se senta na sala de visita. Ele está vestindo uma roupa parecida com aquela da última vez. Short, camiseta regata e chinelos. Ele não parece tão mau, mas eu boto muita fé nos caras que se vestem assim. Os melhores criminosos usam shortinhos bem curtos, camiseta regata e sandálias de couro.

Sem oferecer nada, ele traz uma bebida gelada.

— Aceita um suco de laranja?

— Claro.

Tem até gelo picado! Ele deve ter uma daquelas geladeiras iradas que fazem de tudo.

Ouçó umas crianças correndo no quintal, e logo em seguida vejo as carinhas delas aparecendo de vez em quando, subindo e descendo em um trampolim.

— Que danadinhos! — Tony dá uma risadinha baixa. Ele tem o mesmo senso de humor do irmão.

Passamos uns minutos olhando pra tela da televisão enorme que ele tem, assistindo a uma reportagem supermaneira sobre cabo-de-guerra num programa do tipo *Mundo Esportivo*, mas, quando entra o comercial, Tony volta a atenção pra mim.

— Mas então, Ed... Me diz uma coisa... Acho que você quer saber por que rola essa briga minha com meu irmão.

Não consigo mentir.

— Ah, tô sim.

— Você está mesmo a fim de saber o que aconteceu?

Olho pra ele.

Honestamente.

E balanço a cabeça de um lado pro outro.

— Não, não posso me meter na sua vida.

Tony solta um suspiro bem pesado e toma um gole da bebida. Ouçó quando ele pica ainda mais o gelo dentro da boca. Nem me dou conta, mas, eu dei a resposta certa.

Uma das crianças entra chorando na sala.

— Papai, o Ryan não para de...

— Ah, vai parando de chorumela e cai fora daqui! — Tony grita.

O garotinho tenta chorar um pouco mais alto, mas, quase de imediato, para. Ele se

ajeita todo e pergunta:

— Isso aí é suco, papai?

— É.

— Posso tomar um pouquinho?

— E como é que se diz?

— Por favor.

— Certo. Agora diga tudo direitinho.

— Posso tomar um pouquinho de suco, por favor?

— Pode. Assim está bem melhor, George. Agora vá para a cozinha e faça um pouco para você.

O menino fica todo radiante:

— Obrigado, papai!

— Diabo de crianças! — Tony ri. — Elas não têm mais modos como antigamente...

— Eu sei — respondo e então rimos juntos.

Rimos, e Tony diz:

— Sabe, Ed... É bem capaz de você me ver lá amanhã. É só ficar atento.

Sinto uma alegria aqui dentro de mim, mas não demonstro.

Que bom!

— Obrigado, Tony.

— Papaaaaai! Eu derramei! — George grita da cozinha.

— Eu sabia!

Tony se levanta, balançando a cabeça.

— Desculpe, não vou poder acompanhar você até a porta. Tenho que cuidar dessa merda.

— Não tem problema. Fique tranquilo.

Deixo pra trás a TV de tela gigante e saio do casarão aliviado. Resultado agradável.

Pra minha surpresa, consigo dormir feito uma pedra, e acordo cedo. Eu estava lendo um livro maneiríssimo, meio esquisito, chamado *Table of Everything* ontem à noite. Procuro o diabo do livro, mas percebo que ele caiu entre a cama e a parede. Quando já estou há alguns minutos procurando, lembro que hoje é o dia. Dia de Conhecer um Padre. Desisto de procurar e me levanto.

Audrey, Marv e Ritchie chegam na minha casa às oito horas e vamos pra igreja. O padre já está lá, andando de um lado pro outro, ensaiando e revendo o sermão.

Outras pessoas aparecem:

O parceiro do Marv com os barris e com o karaokê.

O pessoal com o pula-pula.

Pegamos as churrasqueiras e determinamos que o Ritchie e alguns de seus colegas vão segurar as cervejas enquanto o padre estiver fazendo o sermão.

Lá pelas nove e quarenta e cinco, as pessoas começam a chegar pra valer, e eu me lembro que tenho que ir pegar a Milla.

— Ei, Marv — nem acredito que vou fazer isso. — Posso pegar seu carro por dez minutos?

— O quê? — já saquei que ele vai pegar no meu pé. — *Você quer pegar minha lata-velha?*

Putz, não estou com tempo pra isso.

— É, Marv. Retiro tudo o que eu disse sobre sua máquina.

— E?

E?

A ficha cai.

— Nunca mais vou falar mal dela.

Ele dá um sorriso de vitória e me joga as chaves.

— Cuida bem da máquina, Ed.

Comentáriozinho completamente desnecessário. Marv sabe que eu vou ter que me segurar pra não falar. O safado chega até a esperar, mas eu fico na minha, seguro a onda legal.

— Bom garoto — ele diz, e eu saio batido.

Milla está toda ansiosa esperando e já vai abrindo a porta antes mesmo de eu começar a subir as escadas pra varanda.

— Olá, Jimmy!

— Oi, Milla.

No carro, abro a porta pra ela e voltamos pra igreja. Pela janela quebrada, entra uma brisa muito maneira.

Quando chegamos, são cinco pras dez e eu fico bobo de ver. A igreja está lotada. Vejo até minha mãe entrando, com um vestido verde. Acho que a velha não é muito chegada à cerveja. Ela só não quer ficar de fora do que está rolando.

Encontro um dos poucos assentos vagos e peço que Milla se sente lá.

— E você, Jimmy? — ela pergunta nervosa. — Onde você vai se sentar?

— Não se preocupe. Vou encontrar um lugarzinho — só que eu não encontro. Eu me junto às pessoas em pé nos fundos da igreja, esperando o padre O'Reilly dar o ar da graça.

Quando são dez horas, os sinos da igreja tomam posse da congregação e, agora, todo mundo — crianças, senhoras cheias de pó na cara e carregando bolsas de mão, bêbados, adolescentes e as mesmas pessoas que estão sempre por lá, todas as semanas —, todos ficam em silêncio.

O padre.

Dá o ar da graça.

Ele aparece e fica todo mundo esperando pelas palavras.

Por um instante, ele simplesmente dá uma olhada pra multidão. Então ele dá um sorriso sincero e diz:

— Olá a todos — e a galera vai à loucura. Rolam aplausos, assobios, e o padre fica animado de um jeito que eu nunca vi. O que eu não sei é que ele também tem seus truques.

Por enquanto ele não diz mais nada.

Nada de reza.

Ele espera mais uma vez pelo silêncio, tira uma gaita da batina e começa a tocar uma canção *soul*. Alguns instantes depois, aparecem três caras de terno, todos desleixados, um batendo numa lata, o outro tocando violino, e o último também tocando gaita. Uma das grandes.

A música toma conta da igreja e cria um clima, uma atmosfera ali entre o povo que eu jamais vi na vida.

Quando param, o pessoal grita de novo, e o padre espera.

Finalmente, ele diz:

— Essa canção foi pra Deus. Veio Dele e é dedicada a Ele. Amém.

— Amém — o povo repete.

Então o padre fala um pouco, e eu adoro suas palavras e o jeito com que ele as diz. Ele não fala como todos aqueles pregadores naquelas igrejas arcaicas, onde tem mais baboseira do que qualquer outra coisa. O padre O'Reilly fala com uma sinceridade que chega a hipnotizar. Não sobre Deus, mas sobre a necessidade de as pessoas desta cidade se unirem. Fazerem coisas juntas. Ajudarem umas às outras. E basicamente se juntarem mesmo. Ele convida o pessoal a fazer tudo isso na igreja todo domingo.

Ele pega aqueles caras, o Joe, o Graeme e o Joshua, para ler. Dá até pena deles, de tão lentos, mas são aplaudidos como heróis quando terminam, e dá pra ver o orgulho estampado em suas caras. Bem diferente de sair por aí pedindo dinheiro, cigarros e jaquetas.

Por um bom tempo, fico me perguntando onde será que o Tony está. Quando olho pra multidão, cruzo olhares com a Sophie, e nós dois levantamos as mãos, e ela volta a prestar atenção. Não encontro Tony em lugar nenhum.

No final, o padre manda uma das antigas — a única canção que todos conhecem —, “Ele tem o mundo inteiro nas mãos”. Todos cantam e batem palmas no compasso, e, quando a música termina, finalmente vejo o Tony.

Ele atravessa o mundaréu de gente e para ao meu lado.

— Oi, Ed.

Ele está segurando uma criança em cada mão. Pergunta logo em seguida:

— Tem algum suco de laranja por aí? É pras crianças.

— Tem, sim, pode ficar tranquilo.

Talvez uns cinco minutos depois, o padre me vê com Tony, de pé nos fundos da igreja.

Ele já está acabando e nada de reza. Thomas O'Reilly finalmente decide pôr a mão na massa.

Ele diz:

— Pessoal, vou fazer uma oração agora, em voz alta. Quando eu fizer a oração em silêncio, sintam-se à vontade pra fazer quaisquer orações de suas autorias — ele inclina a

cabeça e diz: — Senhor, eu Vos agradeço. Eu Vos agradeço por este momento glorioso, por toda esta gente magnífica. Eu Vos agradeço pela cerveja gratuita (o povo ri nessa hora), pela música e pelas palavras que Vós nos ofereceste neste dia. Porém, acima de tudo, Senhor, eu Vos agradeço pela presença de meu irmão aqui hoje e por certas pessoas no mundo que têm um péssimo gosto pra jaquetas... Amém.

— Amém — o povo repete mais uma vez.

— Amém — digo, atrasado, e agora, como muitas dessas pessoas, rezo pela primeira vez em anos.

Minha oração é assim: *Dê saúde à Audrey, Senhor, e ao Marv, mamãe, Ritchie e toda a minha família. Por favor, acolha meu pai em Vossos braços, e por favor, por favor, me ajude com as mensagens que tenho que entregar. Me ajude a fazer tudo direitinho...*

As últimas palavras do padre chegam cerca de um minuto mais tarde.

— Obrigado, pessoal. E vamos dar início à festa!

O povo vibra.

Uma última vez.

Ritchie e Marv preparam o churrasco. Audrey e eu nos encarregamos da cerveja. Padre O'Reilly toma conta da comida e da bebida da criançada, e ninguém perde nada.

Quando os comes e bebes acabam, trazemos o karaokê e muita gente canta, tudo quanto é tipo de coisa. Passo um tempão com a Milla, que também encontra algumas garotas com quem ela estudou. Elas se sentam num banco, e uma delas tem as pernas tão curtinhas que não consegue tocar o chão. Com as pernas cruzadas nos tornozelos, ela as balança pra frente e pra trás, e é a coisa mais bonita que vejo no dia.

Consigo até convencer a Audrey a cantar comigo. *Eight Days a Week*, dos Beatles. Nem preciso dizer que Ritchie e Marv causam o maior *frisson* quando cantam *You Give Love a Bad Name*, do Bon Jovi. Cara, por Deus, essa cidade vive no passado.

Eu danço.

Danço com Audrey, Milla e Sophie. Adoro principalmente quando as rodopio e elas riem.

Quando acaba, depois que eu já levei a Milla pra casa e voltei, a gente limpa tudo.

A última coisa que vejo no dia é Thomas e Tony O'Reilly, sentados nos degraus da igreja, fumando juntos. É muito provável que passem mais alguns anos sem se ver, mas não posso pedir mais do que isso.

Eu não sabia que o padre fumava.



Naquela noite, recebo visitas — primeiro, o padre O'Reilly e, depois, a polícia.

O padre bate na minha porta e para lá, sem dizer nada.

— O que foi? — pergunto.

Mas o padre não fala. Só fica lá parado, me olhando. Ele busca em mim uma resposta ao que aconteceu hoje. No fim, acho que ele desistiu de usar palavras. Ele só dá um passo pra frente, coloca as mãos nos meus ombros e olha bem seriamente dentro dos meus olhos. Dá pra ver o sentimento mexendo com a pele de seu rosto. Ele se contorce de um jeito bem pacífico e sagrado.

Acho que é a primeira chance que o padre tem, depois de um bom tempo, de agradecer por alguma coisa. Geralmente, é ele quem recebe os agradecimentos do povo. Acho que é por isso que ele está com uma expressão tão séria, e por isso que o reconhecimento em seu rosto tropeça na tentativa de me alcançar.

— Tudo bem — digo. Uma felicidade silenciosa se estende entre a gente. ficamos assim por um tempo.

Quando ele se vira e vai, observo-o andar pela rua, até desaparecer.

A polícia aparece mais ou menos às dez e meia. Os guardas trazem uns esfregões e um bagulho líquido.

— Isso aqui é pro senhor retirar a pichação da rua — dizem.

— Muito obrigado — respondo.

— É o mínimo que podíamos fazer.

De novo, às três da matina, lá estou eu na rua principal da cidade, desta vez esfregando a tinta da pichação.

— Por que eu? — pergunto a Deus.

Deus não diz nada.

Eu caio na gargalhada, e as estrelas ficam só olhando lá de cima.

É bom estar vivo.



Passo os dias seguintes com uma puta dor nos braços e nos ombros, mas ainda acho que valeu a pena.

Acabo descobrindo a tal de Angie Carusso. Não tem muitos Carusso no catálogo, e vou eliminando uma por uma, até que eu a encontro.

Ela tem três filhos e parece que foi uma daquelas mães adolescentes nesta cidade. Tem dois meninos e uma menina, e trabalha meio expediente na farmácia. Tem cabelo curto, castanho escuro e fica bonita de uniforme. A roupa é um daqueles vestidos brancos, até o joelho, que se usa em clínicas, que toda assistente de farmácia parece usar. Eu gosto.

Toda manhã, Angie apronta as crianças pra escola e vai andando até lá com elas. Vai ao trabalho três vezes por semana. Nos outros dois, ela fica em casa.

Fico observando de longe, e percebo que ela recebe o pagamento toda quinta. Nessas tardes, ela pega as crianças e as leva pro mesmo parque em que eu me sentei com Porteiro quando Sophie veio e conversou comigo.

Ela compra um sorvete pra cada uma das crianças, que devoram o negócio mais rápido do que eu possa imaginar. Assim que terminam, já querem outro.

— Não, vocês conhecem as regras — diz Angie. — Semana que vem vocês tomam mais sorvete.

— Por favor...

— Por favor...

Um deles começa a fazer pirraça e por um momento me dá vontade de ir lá e dar um jeito no moleque. Graças a Deus, ele para logo, pois quer ir no escorrega.

Angie os observa por um instante até que fica de saco cheio e os arrasta com ela.

Eu sei.

Eu já sei.

Esta é fácil, penso.

Molinho, molinho, feito sorvete.

Fico triste ao ver as pernas de Angie, enquanto ela sai andando. Não sei por quê. Acho que é porque elas se mexem muito lentamente. Ela adora aquelas crianças, mas elas retardam o passo. Angie anda um pouco torta pro lado pra poder segurar na mão da filhinha.

— O que vai ter pro jantar, mamãe? — um dos meninos pergunta.

— Ainda não sei.

Ela gentilmente tira uma mechinha de cabelo escuro dos olhos e continua andando, ouvindo as palavras faladas pela filha. A menina está contando a Angie sobre um garoto na escola que não para de pegar no seu pé.

E continuo observando os passos curtos que as pernas errantes de Angie vão dando.

Ainda me deixam triste.

Depois disso, ainda trabalho bastante no táxi e ando pra caramba à noite. Minha primeira parada é na Rua Edgar, onde as luzes estão acesas e consigo ver a mãe comendo com a filhinha. O que me chama a atenção é que, sem o cara lá, provavelmente elas não têm muita grana pra pagar as contas. Por outro lado, é muito provável que ele torrasse todo o dinheiro com a biritá, e estou quase certo de que ela prefere estar um pouco mais pobre a ter o cara por lá.

Também dou uma passada na Milla e, mais tarde, faço uma visita ao padre O'Reilly, que ainda está vibrando de felicidade depois do Dia de Conhecer um Padre na paróquia. Nas semanas seguintes poucas pessoas compareceram à missa, mas ainda assim, se for comparar com antes, a igreja anda até cheia.

Por último, vou a cada endereço que abriga alguém com sobrenome Rose. Tem mais ou menos uns oito, e encontro quem estou procurando na quinta tentativa.

Gavin Rose.

É um camarada de mais ou menos 14 anos que anda com umas roupas velhas e um ar de deboche. Tem cabelo razoavelmente comprido, e as camisas de flanela que ele usa parecem pano de chão.

Ele está estudando.

É do tipo de adolescente que fuma.

Tem olhos azuis da cor da água limpa de banheiro e a cara cheia de sardas.

Ah, e tem outra coisa...

O cara é um tremendo de um escroto.

Por exemplo, ele vai a algumas lojinhas de esquina e desrespeita os donos que não falam nossa língua muito bem. Ele rouba dessas lojas — qualquer coisa que caiba embaixo dos braços ou nas calças. Ele empurra os meninos mais fracos e cospe neles sempre que tem uma chance.

Enquanto observo o filho-da-mãe antes da escola, tomo cuidado para que a Sophie não me veja. Alguns medos antigos voltam a me azucrinar e me arrepio todo só de pensar na possibilidade de Sophie me ver e ficar pensando que eu curto passar o tempo em pátios de escolas. Observando.

Na maioria das vezes, vejo o Gavin Rose em casa.

Ele mora com a mãe e o irmão mais velho.

A mãe acende um cigarro atrás do outro, usa botas de pele de carneiro, se amarra em encher a cara, e o irmão é tão escroto quanto ele. Na verdade fica até difícil decidir quem é o pior ali.

Eles moram bem no cu da cidade, perto do riacho sujo e espumante que nasce no rio. A característica principal do lugar é que a única coisa que os irmãos Rose fazem é sair no braço. Quando vou lá de manhã, eles estão no maior bate-boca. À noite, eles estão se

pegando, no maior quebra-pau. A qualquer hora, eles estão sempre trocando amabilidades.

A mãe não pode com eles.

E pra aturar a desgraceira, ela enche a cara.

Ela adormece no sofá, embalada pela novela das oito.

Em uma semana, eu já vi esses caras brigando pelo menos umas 12 vezes, até que uma noite, na terça-feira, eles travam a pior de todas as brigas. Explodem pela porta da frente e pelo lado da casa, e o irmão mais velho, Daniel, enche o Gavin de porrada. Gavin já pediu arrego, e o Daniel o levanta pelo colarinho.

Ele passa um sermão no infeliz e balança a cabeça pra frente e pra trás ao mesmo tempo.

— Eu te disse... pra... não... meter as mãos... nas minhas coisas. Entendeu?

Ele o atira contra o chão, antes de voltar pra dentro de casa, andando todo determinado.

Gavin fica lá, e, depois de uns minutinhos, ele vai se levantando, apoiando as mãos e os joelhos no chão; fico do outro lado da rua só olhando.

Depois de checar se a cara está sangrando, ele finalmente solta um palavrão qualquer e começa a se mexer pela rua, meio andando, meio correndo. Ele só fala de ódio e diz que vai matar o irmão, até que para e se senta no meio-fio no pé da ladeira, onde tem uns arbustos ao redor do caminho.

Este é o meu momento.

Eu me aproximo e paro na frente dele. Vou te confessar uma parada: me bate um cagaço dos diabos. O cara é durão, não vai facilitar pra mim.

Uma luz da rua está bem em cima da gente, observando.

Um ventinho frio passa esfriando o suor no meu rosto, e, aos poucos, vejo minha sombra se aproximar e cobrir Gavin Rose.

Ele levanta a cabeça.

— O que você quer, ô, babaca?

As lágrimas quentes estão cozinhando seu rosto, e os olhos estão ardendo.

Balanço a cabeça.

— Nada.

— Então “sarta” fora, veado, senão acabo com a tua raça.

Ele tem 14 anos, penso. Lembra da Rua Edgar? Isto aqui é moleza.

Viro pra ele e digo:

— Ah, então acaba logo, porque daqui eu não saio.

Minha sombra cobriu o cara completamente, e ele não se mexe. Como eu pensei, ele é muito garganteiro. Ele arranca um mato do chão e joga na rua. Sai puxando tudo como se fosse cabelo. Suas mãos estão ferozes.

Depois de um tempo, eu me sento no meio-fio a uns metros de distância e deixo que minha boca acabe com o nada que se instalou depois da ameaça.

— O que foi que aconteceu? — pergunto, sem olhar pra ele. Acho que vai funcionar se eu não olhar.

Ele dá uma resposta bem curta:

— Meu irmão é um escroto imbecil, e eu quero matar o safado.

— Muito bem!

Ele olha enfurecido:

— Cê tá de sacanagem com a minha cara?

Mexo a cabeça sinalizando que não, ainda me recusando a olhar pra ele.

— Não tô, não.

Seu escrotinho, penso.

Ele agora começa a repetir:

— Eu quero matar o infeliz. Eu quero matar o infeliz. Eu quero. Matar. O *infeliz* — o cabelo rebelde meio que cobre seu rosto. As sardas ficam todas acesas com a luz do poste.

Olho pro garoto e penso no que tenho que fazer.

Será que esses Rose alguma vez foram testados?

Estão prestes a enfrentar um teste.



A tarde de quinta-feira passa na boa.

Angie Carusso segue a rotina de sempre no trabalho e pega as crianças na escola. Vai com elas até o parque e discutem pra decidir que sorvete vão comprar. Um deles toma uma decisão esperta: a de comprar um mais barato pra poder tomar dois. Ele sugere isso pra Angie, e ela diz que mesmo assim ele só pode tomar um. Ele então muda de ideia e volta pro mais caro.

Fico aguardando no parque, enquanto estão lá dentro da loja. Eu me sento em um dos bancos mais afastados e espero até que eles saiam. Depois que aparecem, vou até a loja e tento adivinhar que tipo de sorvete Angie Carusso gostaria de tomar.

Anda logo, penso, quando você sair da loja, eles não vão estar mais lá. Por fim, escolho dois sabores. Menta e maracujá numa casquinha de biscoito.

Quando saio, as crianças ainda estão devorando seus sorvetes. Estão todos no banco.

Eu me aproximo.

Disparo a falar, surpreso pelas palavras saírem direitinho.

— Com licença, eu... — Angie e as crianças se viram pra me olhar. Bem de perto, Angie Carusso é bonita e tímida. — É que eu já vi vocês aqui outras vezes e notei que você nunca toma um sorvetinho — ela olha pra mim como se eu fosse um doido varrido. — Achei que você merecia um também.

Meio atrapalhado, passo o sorvete pra ela e já está escorrendo verde e amarelo pelos lados do cone.

Ela libera a mão devagar e pega o sorvete, com uma cara assustada já se descontraindo. Por uns segundinhos, ela olha pro sorvete. Então, passa a língua pra salvar o que escorre ao lado do cone.

Depois que ela limpa tudo com a língua, tenta dar uma mordida como se fosse o pecado original. *Será que eu deveria?* Ela olha pra mim cuidadosamente de novo antes de enfiar os dentes no sorvete de menta. Seus lábios ficam verde-claros bem na hora em que os meninos saem correndo pro escorrega. Só a menininha fica e aponta:

— É... hoje até você ganhou sorvete, mamãe.

Angie tira a franja dos olhinhos da filha.

— É, Casey, viu só? Agora vá brincar com seus irmãos.

Casey vai, e nós dois ficamos sós no banco.

Está fazendo um dia quente e úmido.

Angie Carusso toma o sorvete, e eu fico sem saber onde coloco as mãos. Ela passa a boca ao redor do sorvete de menta e agora começa a explorar o maracujá, bem devagarzinho. Com a língua, ela empurra pra baixo evitando que o cone fique vazio. Parece até que ela não suportaria a ideia de ver o cone oco.

Enquanto toma o sorvete, Angie fica de olho nas crianças. Os meninos mal se deram conta de minha presença, e o negócio deles é ficar gritando pra mãe e discutir sobre quem está indo mais alto nos balanços.

— São umas gracinhas — Angie diz olhando pro cone — na maioria das vezes.

Ela balança a cabeça e continua:

— Eu era a mais dócil quando era pequena. Agora tenho três filhos e estou sozinha.

Ela olha, e dá pra ver que está imaginando como seriam os balanços se as crianças não estivessem lá. Por um instante ela se sente culpada por pensar isso. Mas o pensamento está sempre ali, nunca sai de sua cabeça, apesar do amor que sente por eles.

Percebo que nada pertence mais a ela, e ela pertence a tudo.

Angie chora, por um momento, enquanto observa. Ela se permite pelo menos isso. Na cara, lágrimas rolando; nos lábios, doce sorvete.

Não tem mais o mesmo sabor.

Ao se levantar, Angie Carusso me agradece. Ela pergunta como eu me chamo, mas respondo que não importa.

— Nada disso — ela protesta. — Importa, sim.

Eu dou um desconto.

— Eu sou Ed.

— Obrigada, Ed. Obrigada mesmo.

Ela me agradece mais algumas vezes, só que as melhores palavras que ouço no dia chegam a mim bem na hora em que eu acho que o negócio terminou. É a menininha, Casey. Segurando na mão da mãe, ela se retorce toda e diz:

— Semana que vem eu te dou um pouco do meu, mamãe.

De alguma forma, eu me sinto triste e vazio, mas também sinto que fiz o que era pra fazer. Pelo menos uma vez, um sorvetinho pra Angie Carusso.

Nunca vou esquecer da cor do sorvete naqueles lábios.



SANGUE E OS ROSE

Agora tenho que cuidar dos Rose e, como eu já disse, acho que eles nunca foram testados. Acho que ninguém nunca perguntou como reagiriam se outra pessoa interrompesse o quebra-pau deles metendo a porrada.

Tenho o endereço deles.

Tenho o telefone deles e estou pronto.

No início da semana pego o turno do dia direto e toda noite que tenho uma folga dou uma passada por lá. Eles só estão de bate-boca. Não vejo nenhuma porradaria propriamente dita, daí volto pra casa frustrado. Na volta, procuro o telefone público mais próximo da casa deles e acho um algumas ruas depois.

Tenho que trabalhar nas próximas noites, o que acabo achando até bom. Não faz muito tempo que tiveram um quebra-pau sério, e daí acho que eles precisam de mais alguns dias pra se prepararem pro próximo. Só preciso que o Gavin saia da casa de novo. Meu trabalho não é nada agradável.

No domingo à noite, acontece.

Estou aqui há quase duas horas quando a casa vem abaixo e o Gavin sai mais uma vez. Ele volta ao mesmo lugar e se senta no mesmo meio-fio.

E, novamente, eu vou até lá.

Minha sombra quase que nem encosta no moleque quando ele diz:

— Porra, você de novo?

Mas ele nem olha pra mim.

Abaixo a mão e o agarro pelo colarinho.

Tenho a sensação de estar fora de mim.

Eu me vejo arrastar Gavin Rose para a moita e meter a porrada nele ali no meio do mato, entre a terra e os galhos derrubados das árvores.

Enfio a porrada na cara dele e faço um rombo no estômago do moleque.

O cara chora e implora. Chora de soluçar.

— Não me mate, não me mate...

Faço questão de não olhar nos olhos dele, daí já meto um porradão no nariz pra eliminar qualquer visão que ele possa ter tido. Ele está machucado, mas eu continuo. Quando eu terminar, o cara não vai poder mexer nem um dedo; é isso que eu quero.

O cheiro do medo que ele está sentindo chega no meu nariz.

Ele está exalando medo.

O negócio chega e se agarra no meu nariz.

Eu me dou conta de que o tiro aqui pode sair pela culatra, mas não tenho outra escolha.

É hora de explicar que, antes de pegar aquela mensagem na Rua Edgar, eu nunca havia sequer encostado um dedo em alguém desse jeito. Não é nada bacana fazer isso, sobretudo quando é um cara mais novo que não tem chance. Só que não posso deixar que isso atrapalhe. Estou possuído à medida que continuo porrando a cara e o corpo do Gavin Rose. Está escuro e passa um vento balançando a moita.

Ninguém pode ajudá-lo.

Só eu.

E como o ajudo?

Dou um último chute pra garantir que ele não consiga se mexer pelo menos nos próximos cinco ou dez minutos.

Saio de cima dele, sem fôlego.

Gavin Rose não vai a lugar nenhum.

Tem sangue nas minhas mãos enquanto saio depressa da moita em direção à rua. Ouço a televisão na casa dos Rose quando passo rapidinho por lá.

Quando viro a esquina e vejo o telefone público, descubro um problemão: tem alguém usando.

— Ah, que se dane o que ela diz — esbraveja uma adolescente grandalhona com um *piercing* no umbigo. — Não tem nada a ver comigo...

Não consigo evitar.

Penso: *Larga esse telefone, mocreia.*

Só que a filha-da-puta se empolga mais ainda na conversa.

Um minuto, penso. Vou dar um minuto e daí vou entrar nessa cabine.

Ela me vê, mas não dá a mínima. Ela se vira e continua falando.

Chega. Vou entrar nessa merda. E bato no vidro.

Ela vira e pergunta:

— O que é?!

As palavras saem parecendo tiro de metralhadora.

Tento ser educado.

— Desculpa te incomodar, mas é que eu tô precisando fazer uma ligação urgente.

— Cai fora daqui, garoto!

Resumindo: ela não está nada feliz.

— Olha só — levanto as mãos e mostro o sangue. — Um amigo meu acabou de sofrer um acidente, e eu preciso chamar uma ambulância...

Ela volta pro telefone:

— Kel? Tô, tô aqui, sim. Olha só, eu te ligo em *um minuto* — ela olha pra mim com cara de puta da vida ao dizer isso. — Ok?

Quando desliga, a moçreia sai, deixando a cabine com um cheiro de suor misturado com desodorante. O negócio é bem desagradável, mas nada que se compare ao fedor do Porteiro.

Fecho a porta e digito os números.

Três toques e Daniel Rose atende.

— Alô?

Falo bem baixinho, só que durão:

— Escuta aqui: se você for até a moita no final de sua rua, vai encontrar seu irmão todo ferrado. Acho melhor ir lá.

— Quem tá falando?

Daí eu desligo.

— Valeu! — agradeço à garota quando saio da cabine.

— Tomara que você não tenha deixado o telefone todo sujo de sangue.

Que garota maneira!

De volta à rua dos Rose, chego bem a tempo de ver.

Daniel Rose está ajudando o irmão a voltar pra casa. Estou bem afastado, mas dá pra ver que ele está apoiando o irmão com o braço ao redor do ombro. Pela primeira vez, os dois parecem irmãos.

Chego até a imaginar um diálogo pros dois.

“Vamos lá, Gav, você consegue. Vamos chegar em casa e cuidar de você.”

Tem sangue nas minhas mãos e no final da rua. Por um instante, fico torcendo para que entendam o que estão fazendo e o que estão enfrentando.

Tenho vontade de dizer pra eles, mas percebo que só estou aqui como mensageiro. Não estou aqui pra decifrar nem mostrar o sentido da mensagem. Isso eles têm que fazer sozinhos.

A única coisa que posso fazer é esperar que consigam compreender. Fico imaginando, torcendo para que isso aconteça, enquanto volto pra casa, onde encontro água corrente e meu velho Porteiro.



Bem, devo dizer que estou orgulhoso de mim mesmo. Tinham três nomes gravados naquele pedregulho no meio das pedras, e tenho certeza de que consegui dar conta de tudo.

Vou até o rio e Porteiro vem atrás de mim; a gente segue a contra-corrente, pro lugar onde estão os nomes. A subida fica puxada pro Porteiro, então olho pra ele, decepcionado.

— Tinha que vir, né? Eu disse que tu não ia aguentar, mas não me deu ouvidos.

Vou esperar aqui, ele responde.

Dou uma batidinha no danado enquanto ele se deita e continuo a subida. Quando escalo as pedras maiores, sinto um orgulho se apossando de mim. É bom pra caramba voltar lá vitorioso, depois da incerteza de minha primeira visita.

Já estamos pra lá do meio da tarde, mas não está fazendo calor, e assim, quando bato os olhos nos nomes, praticamente não estou suado.

Imediatamente, percebo que tem alguma coisa diferente. Os nomes são os mesmos, mas ao lado de cada um deles, tem um ok marcado, obviamente para cada vez que completei a tarefa.

Fico muito feliz de ver o primeiro nome.

Thomas O'Reilly. Um ok bem grande.

Então Angie Carusso. Outro ok.

E daí...

Como assim?

Nem acredito quando vejo que o nome Gavin Rose ainda está pelado, sem nenhum ok.

Paro ali, com o braço em volta do corpo, coçando as costas.

— O que ainda preciso fazer? — pergunto. — Mais concluída do que a mensagem do Gavin Rose, impossível.

A resposta não deve estar longe.

Alguns dias se passam e estamos quase no final de novembro. O Jogo de Verão está se aproximando. O Marv não para de me ligar, ainda bolado com minha aparente falta de interesse.

Chega dezembro, e duas noites antes do jogo ainda estou nervoso com o lance do Gavin Rose sem o ok marcado na pedra. Já voltei lá outras vezes e nada. Fiquei na esperança de que a pessoa encarregada de marcar a pedra tivesse se atrasado, mas é impossível que três ou quatro dias se passassem. Duvido muito que a pessoa por trás de todo o esquema fosse dar um furo desses.

Não consigo dormir direito.

Porteiro está me irritando.

Mais uma vez sem dormir depois da quinta-feira, e então vou direto à farmácia 24 horas lá no início da rua principal pra comprar qualquer bagulho que me ajude a pegar no sono. Eu deveria ter guardado uns tranquilizantes daqueles que usei com o cara da Rua Edgar.

Quando saio da farmácia, vejo uns carinhas reunidos do outro lado da rua.

Quando vou me aproximando de casa, fica claro que eles estão me seguindo e, quando estamos todos parados num cruzamento esperando o sinal ficar verde, identifico a voz de Daniel Rose.

— É esse aí, Gav?

Tento reagir, mas eles são muitos, uns seis pelo menos. Os caras me arrastam para um beco e fazem comigo o que eu fiz com o Gavin. Me socam com força, uns me seguram no chão enquanto os outros mandam ver, e assim vão se revezando na porradaria. Sinto o sangue escorrer pela minha cara e os hematomas aparecendo nas costelas, pernas e estômago.

Eles se divertem.

— Isso é pra você ver o que acontece quando fodem com meu irmão — este é o Daniel Rose puxando papo. Ele me dá um chute bem forte na costela. Lealdade dói. — Vamos lá, Gav! Manda o último pra saideira!

Gav aceita a sugestão.

Dá um chute no meu estômago e mete um soco no meio da minha cara.

E saem correndo pela noite.

Quanto a mim, eu tento me levantar, mas não consigo.

Vou me arrastando pra casa e sinto que encerrei um ciclo desde quando recebi o ás de paus.

Quando entro cambaleando pela porta, Porteiro olha todo chocado. Quase que preocupado. Só consigo balançar a cabeça, dar um sorrisinho amarelo de dor e garantir pra ele que estou bem. Imagino que, enquanto toda essa parada está rolando, estão marcando um ok bem grande na pedra ao lado do nome Gavin Rose. Agora acabou.

Mais tarde naquela noite, olho no espelho do banheiro.

Dois olhos roxos.

Queixo inchado.

Sangue escorrendo pelo pescoço.

Eu me olho e faço um esforço do cacete pra sorrir.

Mandou bem, Ed, digo a mim mesmo, e dou uma última olhadinha na minha cara quebrada e ensanguentada.

Olho esquisito pra cara de paus.

P A R T E T R Ê S

TEMPOS DIFÍCEIS
PARA ED KENNEDY

Graham Greene

*Morris West
Sylvia Plath*

A



O JOGO

Um mosquito canta no meu ouvido, e eu quase me sinto grato pela companhia. Dá até vontade de cantar junto.

Está escuro, estou com sangue na cara, e o mosquitinho podia facilmente se sentar e beber sem injetar. Ele podia se ajoelhar e beber o sangue da minha bochecha direita e dos meus lábios.

Quando saio da cama, o chão está frio e meus pés curtem o alívio. Meus lençóis pareciam estar tecidos junto com o suor, e agora eu me inclino e me escoro na parede do corredor. O suor escorre até meu tornozelo e rola até a base de cima do meu pé.

Não estou me sentindo mal.

Um riso escapa da minha boca quando olho a hora, vou pro banheiro e tomo um banho frio. A água gelada bota fogo nos cortes e hematomas, mas a sensação é boa. São quase quatro da manhã e não estou mais com medo. Não visto nada além de um jeans velho; depois volto pra cama procurando os dois ases. Abro a gaveta e levanto as cartas nos dedos. A luz amarela do quarto está perto de mim quando olho com felicidade para as histórias dessas cartas. Eu me emociono quando penso na Milla e na Rua Edgar, e desejo que a Sophie tenha uma ótima vida pela frente. Acho graça do padre O'Reilly, da Rua Henry e do Dia de Conhecer um Padre. Então penso na Angie Carusso e acho uma pena não ter podido fazer mais por ela. E aqueles filhos-de-uma-puta, os Rose.

Qual será a próxima carta?, imagino.

Acho que vai ser de copas.

Fico então aguardando.

Aguardando a luz do dia e o próximo ás.

Desta vez eu quero que seja rápido.

Quero a carta agora mesmo. Sem palhaçada. Sem charadas. Só me dê os endereços. Me dê os nomes e me mande lá. É isso que eu quero.

A única preocupação é que, toda vez que eu quis que alguma coisa saísse de um jeito x, degingolou pro jeito y, como se fosse um lance planejado direitinho pra me desafiar com o desconhecido.

Quero ver o Keith e o Daryl entrando por essa porta de novo. Quero que entreguem a próxima carta e falem mal do fedor e das pulgas do Porteiro. Nem passei a chave na porta, pra que os caras entrem de maneira civilizada.

Mas eu sei que eles não vêm.

Acho meu livro e vou pra sala. Levo os ases comigo e seguro os danados enquanto leio.

Quando acordo de novo, estou no chão com as duas cartas perto da mão esquerda. Já são quase dez horas, está calor e tem alguém batendo na porta.

São eles, penso.

— Keith? — grito, ficando de joelhos. — Daryl? São vocês?

— Que mané Keith o quê? Quem é Keith?

Levanto a cara e vejo Marv parado. Esfrego os olhos.

— O que você tá fazendo aqui, maluco? — pergunto.

— É assim que você fala com os amigos, cara?

Ele agora vê meu rosto melhor e as listras roxas e amarelas formadas pelas costelas. “Meu Deus do céu”, eu o vejo pensando, mas ele não fala. Ele dá uma resposta pra uma pergunta diferente da que eu fiz. O Marv adora fazer isso; chega a dar no saco. Em vez de dizer o que está fazendo aqui, ele diz como entrou:

— A porta tava sem a chave e não sei por que cargas d’água Porteiro me deixou entrar.

— Tá vendo aí? Eu te disse que ele é bacana.

Vou pra cozinha e o Marv vem atrás. Ele quer entender o que está vendo.

— Como foi que você acabou nesse estado, Ed?

Ligo a chaleira.

— Quer um café?

Aceito, sim, obrigado.

É claro que Porteiro acaba de entrar no recinto.

— Valeu — responde Marv.

Enquanto bebemos, conto pro Marv o que aconteceu.

— Uns carinhas aí. Não foram com a minha cara e me pegaram pelas costas.

— Você conseguiu revidar?

— Porra nenhuma.

— Por que não?

— Os caras tavam em seis, Marv!

Ele balança a cabeça.

— Meu Deus, o mundo tá muito louco, cara — ele decide voltar pra algo mais tranquilo. — Você acha que vai estar em condições de jogar esta tarde?

É claro.

O Jogo de Verão.

Hoje é o dia.

— Sim, Marv — dou uma resposta bem clara —, eu vou jogar.

De repente, sinto uma puta disposição pro jogo deste ano. Apesar das condições físicas lastimáveis, eu me sinto mais forte do que nunca, e na verdade estou até curtindo a ideia de levar mais umas porradas. Não me pergunte por quê. Eu mesmo não consigo entender.

— Venha — Marv se levanta e vai em direção à porta. — Vamos tomar um café-da-manhã. É por minha conta.

— Tá falando sério?

Sinistro. O Marv não é de fazer um negócio desses.

Quando estamos saindo, peço que ele fale a verdade.

— Você faria isso se eu tivesse tirado o corpo fora do jogo?

Marv abre o carro e entra.

— Nem ferrando.

Pelo menos ele é honesto.

O carro não dá partida.

— Pode ficar caladinho aí — ele me olha.

Nós dois damos um sorrisinho amarelo.

Este dia promete. Estou com uma boa sensação.

Vamos andando pra uma lanchonete de merda no final da rua principal. Eles servem ovos, salame e um pão na chapa. A garçonete é uma mulher grandona, bocuda, com um lenço na mão. Não sei por que, mas pra mim ela tem cara de Margaret.

— Vou logo avisando: aqui não tem essa história de “viado”, não.

A gente fica chocado com o comentário.

— “Viado”? — Marv pergunta.

Ela olha pra gente com aquela cara do tipo “Num tô com tempo pra isso”. A mulher está de saco cheio disso aqui.

— Meu filho, o que não falta aqui é gente querendo comprar “viado”.

É aí que a ficha cai, e eu percebo que ela está dizendo “fiado”.

— Ei, Marv! “Fiado”.

— O quê?

— *Fiado*.

Marv dá uma olhada no cardápio.

Margaret dá uma pigarreada pra limpar a garganta.

Pra não encher mais o saco dela, faço o pedido rapidinho.

— Será que dá pra me ver um *milkshake* de banana?

Ela faz cara feia.

— Estamos sem leite.

— Sem leite? Como é que uma lanchonete pode funcionar sem leite?

— Ó só, num sou eu quem compra leite aqui. Tenho nada com isso. Só sei que estamos sem leite. Por que vocês não pedem alguma coisa pra comer?

Putz, essa mulher adora o trabalho. Dá pra sentir no ar.

— Vocês têm pão? — pergunto.

— Não banque o engraçadinho, garoto.

Dou uma geral na lanchonete pra ver o que os outros clientes estão comendo.

— Vou querer a mesma coisa que aquele cara ali pediu.

Nós três olhamos pra lá.

— Tem certeza? — Marv adverte. — Aquele negócio tá parecendo bem esquisito, Ed.

— Cara, pelo menos eles têm pra servir, certo?

E agora é que a Margaret fica puta.

— Olha aqui — ela coça a cabeça com a caneta. Só falta ela fazer da caneta cotonete também. — Se não estão gostando do lugar, melhor darem o fora e procurarem outro canto pra comer.

Ela é muito impaciente, pra não dizer outra coisa.

— Beleza — levanto a mão, quase arrastando a cadeira pra trás. — Traga pra mim o que aquele cara pediu e uma banana, tudo bem?

— Bem pensado — Marv aprova. — Potássio pro jogo.

Potássio?

Não acho que vá ajudar muito.

— E você? — Margaret agora volta a atenção pro Marv.

Ele se mexe todo na cadeira.

— Que tal aquele pão na chapa com a melhor tábua de frios?

Ele tinha que fazer uma graça. Marv não resiste em dar uma de engraçadinho com uma pessoa assim. É da natureza dele, não adianta.

Só que a Margaret é cobra criada. Ela já está acostumada a lidar com babacas como a gente o tempo topo.

— Não me faça dizer o que vou fazer com essa tal de tábua, garoto — ela responde e, não vou mentir, nós dois caímos na gargalhada. Ela decide não notar. — Os dois vão querer mais alguma coisa?

— Não, obrigado.

— Certo. Dá \$ 22,50.

— Quanto?! — não dá pra esconder o susto.

— Sim. Isso aqui é lugar de classe, não sabiam?

— Ah, sim, isso ficou claro: o atendimento é de primeira.

E agora ficamos sentados na parte aberta da lanchonete, torrando e suando ao sol, enquanto esperamos pelo café. Margaret faz questão de passar pela gente, toda feliz, pra servir outras pessoas. Quase perguntamos que fim levou nossos pedidos, mas a gente sabe que isso só vai aumentar o tempo de espera. As pessoas estão na verdade já almoçando antes de nós tomarmos café-da-manhã, e, quando o pedido finalmente chega, Margaret joga as coisas na nossa mesa como se estivesse servindo adubo.

— Um brinde pra você, linda! — diz Marv. — Você se superou!

Margaret assoa o nariz e sai fora. Indiferença selvagem.

— Como tá o seu? — pergunta Marv. — Ou melhor, o que é isso que você tá comendo?

— Ovo com queijo e mais alguma paradinha.

— E você lá gosta de ovo?

— Não.

— Então por que pediu esse troço?

— Ah, sei lá, tipo... não parecia ovo quando olhei no prato do outro cara.

— Tá explicado. Quer um pouco do meu?

Aceito a oferta e como um pedaço do pão na chapa. Nada mau, na verdade, e

finalmente pergunto pro Marv por que ele escolheu exatamente hoje pra me pagar um café-da-manhã fora. Isso nunca aconteceu antes. Nunca saí pra tomar café-da-manhã em toda a minha vida. Além disso, jamais passaria pela cabeça do Marv pagar pra mim. Taí um negócio fora de cogitação. Normalmente, ele preferiria a morte.

— Marv — digo, olhando direto pra ele —, por que você me trouxe aqui?

Ele balança a cabeça.

— Eu...

— Diz aí um negócio: você tá é fazendo uma média pra garantir que eu vá ao jogo esta tarde, né, não?

Marv não pode mentir pra mim agora e ele sabe disso.

— É basicamente isso sim, cara.

— Eu vou, *brother*. Pode contar comigo lá às quatro horas em ponto.

— Beleza!

O resto do dia passa voando. Graças a Deus, Marv larga do meu pé nas próximas horas, então aproveito e vou pra casa dormir mais um pouco.

Quando chega perto da hora marcada, vou caminhando pro corredor esportivo com Porteiro, que percebeu minha felicidade, apesar do estado aparentemente catastrófico em que me encontro.

Damos uma passada na Audrey.

Não tem ninguém em casa.

Talvez ela já esteja no corredor esportivo. Ela odeia futebol, mas não falta a nenhum Jogo de Verão.

São quase quinze pras quatro quando entramos no vale onde fica o corredor esportivo, e eu me lembro de quando estive aqui com a Sophie, na pista de corrida. Isso faz este jogo parecer lastimável, o que aliás não deixa de ser. Já tem uma galera se reunindo no campo de futebol, enquanto a pista está vazia, com exceção das imagens da menina descalça.

Passo um bom tempo encarando a beleza e então me viro pra olhar o resto.

Quanto mais eu me aproximo, maior fica o cheiro de cerveja. A tarde está quente. Faz uns 32 graus.

Os dois times estão em cantos diferentes do campo, e uma multidão de 100 pessoas começa a se juntar e crescer aos poucos. O Jogo de Verão é sempre meio que um evento. Rola no primeiro sábado de dezembro todo ano, e acho que esta é a quinta edição. É a terceira vez que participo.

Deixo Porteiro na sombra de uma árvore, e quando me aproximo do time, os caras que percebem minha presença olham bem pro meu rosto. Só que o interesse deles desaparece rapidinho. Estão acostumados a ver hematomas e sangue o tempo todo.

Em cinco minutos, visto uma camisa com listras vermelhas e amarelas. Número 12. Tiro o jeans e coloco um short preto. Nada de meia nem chuteira — estas são as regras do

Jogo de Verão. Nada de chuteira nem de proteção nenhuma. Só mesmo uma camisa, um short e uma boca suja. É só disso que precisamos.

Nosso time é conhecido como os Colts. Os adversários são os Falcons. Eles usam camisas verde e branca com shorts da mesma cor, embora ninguém ligue muito pra eles. Já é muita sorte termos as camisas, se formos lembrar aqui que teve um ano em que a gente malocou algumas de um dos times profissionais e pegou outras do lixo.

Tem uns quarentões no Jogo de Verão. Bombeiros ou mineiros grandões e feiosos. Tem também uns jogadores mais ou menos; alguns novos, tipo Marv, Ritchie e eu; e uns que sabem jogar bem de verdade.

Ritchie é o último do nosso time a dar as caras.

— Ih, olha só! Apareceu a violeta! — diz um gordo que joga em nossa equipe. Um dos camaradas dele tenta explicar que não se diz “apareceu a violeta”, e sim “apareceu a margarida”, mas, com toda a sinceridade, o gorducho tem muita banha no cérebro pra entender a parada. Ele tem o que chamaríamos de um bigode do estilo Merv Hughes. Se você não entende a expressão, vou simplificar: é um bigode enorme. Você só precisa saber disso: enorme, cheio e vergonhoso. E quer saber o mais triste disso tudo? O cara é nosso capitão. Acho que o nome dele é Henry Dickens. Nenhum grau de parentesco com o Charles.

Ritchie larga a mochila e diz:

— E aí, galera! Como estamos? — mas ele olha pro chão e ninguém está nem aí pra como está o pessoal.

Faltam cinco pras quatro e a maioria do time está enchendo a cara de cerveja. Alguém joga uma cervejinha pra mim, mas eu guardo pra depois.

Passo um tempinho por ali enquanto a multidão continua enchendo o lugar e Ritchie se achega.

Ele me olha de cima a baixo e fala.

— Meu Deus do céu, Ed! Você tá um desespero. Todo cheio de sangue, todo fodido!

— Valeu!

Ele olha mais de perto.

— O que aconteceu, cara?

— Ah, só uns carinhas mais novos se divertindo um pouco.

Ele me dá um tapinha nas costas, com força suficiente pra doer.

— Acho que agora você aprende, né, Ed?

— Aprendo o quê?

Ritchie pisca pra mim e termina de tomar a cerveja.

— Sei lá.

Cara, eu adoro o Ritchie. Ele não liga muito pra como as coisas acontecem, nem tem vontade de perguntar o porquê. Ele percebe que eu não estou a fim de falar do incidente, faz um comentáriozinho sacana e fica por isso mesmo.

O Ritchie é um cara maneiro.

Acho curioso que *ninguém* tenha ao menos dito que eu deveria ter ligado pra polícia e contado o que aconteceu. Não se faz esse tipo de coisa por aqui. As pessoas estão sempre levando umas bordoadas por aí o tempo todo, e, na maioria dos casos, ou o cara revida ou acata a porrada e vai chorar na cama, que é lugar quente.

No meu caso, acatei na boa.

Enquanto estou fazendo uns alongamentos, dou uma olhada no time adversário. Os caras são maiores que a gente; tem um que parece um armário; olho bem pra ele. O Marv tinha falado sobre essa figura um tempo atrás. O sujeito é um monstro e, pra ser sincero, não dá pra dizer se é homem ou mulher. Na verdade, de longe parece Mimi do *Drew Carey Show*.

Então.

O pior.

Olho pro número dele.

É número 12, como eu.

— Você vai ter que marcar em cima daquele ali — diz uma voz atrás de mim. Sei que é o Marv, e o Ritchie se aproxima também.

— Boa sorte, Ed — ele diz, tentando disfarçar o cagaço. Quase que sem querer, eu solto uma risada.

— Puta que o pariu! O cara vai me esmagar. Literalmente.

— Tem certeza que aquilo é homem? — pergunta Marv.

Eu me dobro e seguro os dedos dos pés, alongando a parte de trás das pernas.

— Pode deixar que eu pergunto quando ele estiver em cima de mim.

Só que, pode até ser esquisito, mas não estou tão preocupado.

A multidão vai ficando desesperada.

— Certo, entre aqui — diz Merv.

Isso mesmo que você leu. Eu disse Merv, não Marv — resolvi chamar o gordão bigodudo de Merv porque duvido muito que ele se chame Henry. Acho que os amigos dele o chamam de Merv por causa do bigode.

Todo mundo se junta bem de pertinho e é aí que a gente pega um gás pro jogo. É uma verdadeira coleção de sovaco suado, bafo de cerveja, boca banguela e barba por fazer.

— Certo — diz Merv. — O que a gente vai fazer quando entrar em campo?

Ninguém responde.

— E aí, galera?

— Sei lá — alguém resolve dizer alguma coisa.

— Vamos *acabar* com esses filhos-da-puta! — grita Merv, e agora todo mundo concorda, exceto o Ritchie, que boceja.

Outros gritam também, mas nem chega a fazer diferença. Os caras xingam, deboçam

e esculam os Falcons.

Isso sim é um bando de homens adultos, penso. A gente nunca cresce.

O juiz apita. Como sempre, o jogo é arbitrado pelo Reggie La Motta, famoso na cidade por ser um bebum. Ele só está nessa pra descolar duas garrafas de biritá que todos nós fizemos uma vaquinha pra comprar. Uma garrafa de cada equipe.

— É isso aí, vamos acabar com esses caras — é o consenso geral, e a bola já vai começar a rolar.

Rapidamente, volto pra árvore onde deixei Porteiro. Ele dorme, e um garotinho faz carinho nele.

— Você quer tomar conta do meu cachorro?

— Quero! — ele responde. — Meu nome é Jay.

— O nome dele é Porteiro — e corro pro campo pra me juntar ao time.

— Ouça aqui, pessoal — Reggie fala com a gente. Não dá pra entender muito bem o que ele diz. O jogo nem começou ainda e o árbitro já está todo nervosinho. Chega a ser engraçado. — Se acontecer a mesma merda do ano passado, eu pulo fora e vocês que se virem.

— E daí tu fica sem a biritá, Reg — alguém diz.

— É ruim, hein — Reggie responde. — Sem palhaçadas, ouviram bem?

Todo mundo concorda.

— Obrigado, Reggie.

— Certo, Reg.

Todos avançam pra frente e apertamos as mãos. Aperto a mão do cara que joga na minha posição no outro time. O cara chega perto e parece um armário de tão grande, sua sombra me engole. Ele é homem mesmo, mas é bem parecido com a Mimi do *Drew Carey*.

— Boa sorte — digo.

— Me dê uns minutinhos — Mimi responde com a voz bem rouca. Só falta uma maquiagem bem pesada nos olhos. — Vou fazer picadinho de você.

E a bola começa a rolar.

Os Falcons dão o pontapé inicial e não demora muito pra eu dominar a bola.

Levo uma rasteira.

Recobro a posse de bola.

Levo outra rasteira e ainda ouço merda no ouvido quando Mimi amassa minha cabeça no chão. É essa a essência do Jogo de Verão. A multidão não para de gritar, vaiar, xingar e gargalhar — isso tudo acompanhado de cerveja, vinho, torta e cachorro-quente vendidos pelo mesmo cara de todo ano. Ele monta uma barraquinha na lateral do campo e não deixa de atender nem à criançada, pra quem ele vende refrigerantes e pirulitos.

Os Falcons marcam alguns pontos sobre a gente e assumem a liderança.

— Que diabos está acontecendo? — alguém pergunta quando paramos perto do meio de

campo. É o Merv. Como capitão, ele se sente obrigado a pelo menos dizer alguma coisa. — Porra, só um no time tá suando a camisa: esse aí... Ei, como é seu nome mesmo?

Fico embasbacado, porque o cara tá apontando pra mim.

Surpreso, respondo:

— Ed Kennedy.

— Bem, o Ed é o único que tá correndo e mandando ver. Vamos reagir, pessoal!

Continuo a correr.

Mimi continua me fazendo de gato e sapato, e eu me pergunto se ele nunca perde o fôlego. Não é possível que alguém desse tamanho vá muito longe *neste calor*.

Eu estou no chão quando Reggie encerra o primeiro tempo e todo mundo para pra tomar uma cerveja. Cada jogador vai tentar convencer a si mesmo, com dificuldade, a voltar a jogar.

Durante o intervalo, eu me deito na sombra, perto do Porteiro e do menino. É quando aparece a Audrey. Ela não pergunta nada sobre o meu estado porque sabe que tem a ver com as mensagens. Já está se tornando um lance normal e então nem toco no assunto.

— Tá tudo bem? — ela pergunta.

Dou um suspiro feliz e digo:

— Claro! A vida é bela! Eu amo a vida.

No segundo tempo, a coisa se inverte e começamos a contra-atacar. Ritchie marca um de escanteio e então outro cara dá um de bicicleta. Ficamos quites.

Marv também está jogando um bolão agora, no maior pique.

Mimi finalmente está se cansando e, durante uma interrupção devido a uma contusão causada por uma falta, o Marv se aproxima e me provoca.

— E ae? — ele vem pra cima. — Você ainda não machucou aquela orca.

O lourinho de cabelo sebento está todo cheio de determinação.

Vou contra ele.

— Cara, olha só o tamanho dele. Pelo amor de Deus! O cara é maior do que Mama Grape.

— Quem é Mama Grape?

— Ah, você sabe... daquele livro — eu acabo cedendo. — Fizeram até um filme. Não tá lembrado, não? Johnny Depp?

— Ah, não importa, Ed. Levanta essa bunda e mostra pra ele!

E é o que eu faço.

Aproveito que o cara está sendo socorrido pra me aproximar de Mimi.

Eu digo:

— Quero ver se tu consegue dominar a bola da próxima vez.

E saio andando, definitivamente me cagando de medo.

O jogo recomeça e então Mimi domina. Vou com tudo atrás dele e por algum motivo

eu sei que vou conseguir. Ele tenta se manter com a bola, dou um drible e lhe passo uma rasteira. Só ouço o som. Uma colisão da pesada que faz tudo estremecer. Enquanto a multidão vai ao delírio, eu me dou conta de que ainda estou de pé — e Mimi está esparramado no campo, feito uma trouxa de merda.

Logo, logo os caras estão todos ao meu redor, parabenizando e coisa e tal, mas de repente me bate um enjoo dos diabos. Eu me sinto muito mal pelo que fiz e o número 12 bem grande nas costas de Mimi olha pra mim todo infeliz, paralisado.

— Ele tá vivo? — alguém pergunta.

— Ah, que se foda — vem a resposta.

Eu vomito ali mesmo.

Vou saindo do campo devagar, enquanto todo mundo discute o que fazer pra se livrar de Mimi e dar prosseguimento à partida.

— Ah, pega a maca — ouço.

— Não temos maca nenhuma e, além disso, olha só o *tamanho* deste cara. Ele é grande demais. Vamos precisar de um guindaste, isso sim.

— Ou de um caminhão.

E não para de chover ideias e sugestões. Gente assim não está nem aí se vai ofender ou não os outros. Qualquer que seja a característica. Tamanho, peso, fedor. Se você tiver uma delas, o povo não perdoa, mesmo que você esteja todo fodido no chão.

A última voz que ouço é do Merv. Ele diz:

— Essa é a maior unanimidade que vi nos últimos tempos — ele disse essa frase com tanta alegria, e os outros jogadores concordam com ele.

Continuo andando. Ainda me sinto muito mal. Culpado.

Pra mim, o jogo acabou.

O jogo acabou, mas outra coisa começa.

Volto pra árvore e não encontro Porteiro.

Um medo familiar corre pelo meu corpo.



VINTE DÓLARE S PELO CÃO E PELA CARTA

Fico desesperado, olhando pra todos os lados em 360 graus, tentando achar meu cachorro e aquele menino.

Depois do campo de futebol, tem um pequeno riacho, e decido começar por lá. Corro o máximo que posso no estado em que me encontro, deixando o jogo pra lá, e do canto do olho vejo uma garota com cabelo amarelo vindo em minha direção.

— Porteiro — grito pra Audrey. — Ele sumiu — e me dou conta de que adoro esse cachorro.

Ela se junta a mim por um tempo, então se afasta em outra direção.

No riacho, não tem nada.

Volto pro gramado. A bola continua rolando e ainda dá pra ouvir o povo gritando, em algum canto lá no fundo de minha mente.

— Alguma coisa? — Audrey pergunta. Ela foi mais pra lá do riacho.

— Nada.

Damos uma parada.

Calma.

Não há outro jeito melhor, e agora, quando volto pra árvore onde estava Porteiro, vejo o menino voltando com ele pra lá. O menino leva uma lata de bebida na mão e um doce de alcaçuz, e agora vejo que tem mais uma pessoa com eles.

Ela me vê.

É uma mulher meio jovem e, quando ela percebe que estou encarando, rapidamente se ajoelha e agarra o menino. Ela dá alguma coisa pra ele, fala e sai imediatamente na direção oposta.

— É mais uma carta — digo pra Audrey e saio disparado. Corro mais rápido do que nunca.

Quando chego perto do menino e do cachorro, paro e vejo que é isso mesmo. O menino está segurando uma carta de baralho, mas por enquanto não vejo o naipe. Volto à minha busca pela mulher. Ela sumiu na multidão, mas eu corro mesmo assim, porque tenho certeza. Certeza *absoluta* de que estou correndo atrás de alguém que ao menos sabe quem está por trás disso tudo.

Mas ela se foi.

A mulher sumiu, e eu fico na linha da lateral sem fôlego.

Eu podia até continuar a perseguição, mas não adianta. Ela se foi e eu preciso pegar a carta. Vai que o menino decide fazer picadinho dela?

Graças a Deus, quando chego lá, ele ainda está segurando a carta. Bem firme. Parece que não vai ser moleza fazê-lo abrir mão da carta.

Acaba que tenho razão.

— Não — ele diz.

— Olha aqui — a última coisa que eu quero é perder tempo com esse moleque. — Passa a carta pra cá e pronto, é só isso.

— Não! — o menino tenta chorar.

— O que aquela mulher te disse?

— Ela disse... — ele passa a mão nos olhos pra enxugar as lágrimas — que a carta pertence ao dono deste cachorro.

— Ué, meu Deus! O cachorro é meu!

Cara, pode mandar o Daryl, o Keith e até outra surra, penso. Qualquer coisa é melhor do que esse pentelho.

— Tudo bem — ajusto o plano do jogo. — Te dou dez dólares pelo cachorro e pela carta.

O menino não é burro.

— Vinte.

Pra ser econômico aqui, eu me sinto contrariado com a proposta, mas peço vinte pratas a Audrey, e ela passa pra mim.

— Te pago depois — digo pra ela.

— Sem problema.

Passo os vinte paus pro menino e recebo Porteiro e a carta.

— Foi bom fazer negócio com você — o menino revela sua vitória.

Dá vontade de torcer o pescoço do infeliz.

Não é o que eu espero.

— Espadas — digo pra Audrey.

Ela está tão pertinho que seu cabelo toca no meu ombro. Porteiro está pisando no meu pé.

— E você, seu safado — brigo com ele. — Da próxima vez não saia do lugar.

Tudo bem, tudo bem, ele responde e logo em seguida tem uma crise de tosse.

Então ele cospe um pedaço de doce de alcaçuz e fica todo sem graça, com aquele olhar de culpa.

— Isso é pra você aprender — aponto pra ele, puto da vida. Ele tenta me ignorar.

— Tá tudo bem com ele? — Audrey pergunta enquanto caminhamos.

— Claro que tá. Esse bicho vai viver mais do que eu. Esse filho-da-mãe. Tem o olho maior que a barriga.

Só que, no fundo, eu sorrio.



Tudo indica que ganhamos o jogo, e vai rolar uma festa pra comemorar a vitória na casa do Merv. Marv me liga à noitinha e manda que eu vá pra lá, já que a galera toda me elegeu como o melhor jogador por tirar o velho Mimi de campo.

— Cara, Ed, você tem que ir.

Então eu vou.

Mais uma vez, dou uma passada na Audrey antes de ir, só que eu não a encontro. Acho que ela saiu com o namorado. Perco até a vontade e o ânimo de ir pro Merv, mas faço um esforço e vou mesmo assim.

Quando chego lá, ninguém me reconhece.

Ninguém fala comigo.

A princípio, não consigo encontrar nem mesmo o Marv, mas ele me localiza mais tarde, na varanda.

— Cara, você veio! Tá tudo bem contigo?

Olho pro meu amigo e respondo:

— Cara, nunca me senti tão bem.

Lá atrás, o pessoal já está de cara cheia, fazendo a maior zona, e tem gente no quarto da frente fazendo você sabe muito bem o quê.

Passamos um tempo sentados e o Marv me conta o que rolou no jogo. Ele quer saber onde eu me enfiei, mas só digo que me senti mal e que não deu pra continuar. Falamos sobre o porradão que eu dei no Mimi.

— Tu mandou muito bem, velho!

— Pô, valeu, cara.

Tento me livrar da consciência pesada. Ainda tenho pena dele, ou dela, ah, sei lá o que é aquilo.

Depois de uns dez minutos, percebo que o Marv está a fim de voltar lá pra dentro.

Tenho a nova carta no bolso.

Ás de espadas.

Quando me lembro da carta, olho bem lá pra rua, tentando imaginar o que vai rolar agora. Estou feliz.

— O que foi? — Marv pergunta. — Tá rindo do quê? Comprou alguma coisa à vista ou “viado”?

“Viado”, penso. Nós dois caímos na risada e, por um instante, sinto o vínculo forte de nossa amizade.

— Fala aí, Ed. Sério, o que tá rolando?

— Hora de descobrir — respondo e saio da varanda. — Eu vou nessa, Marv. Desculpa aí, cara. Até mais.

Eu me sinto mal, porque de uns tempos pra cá parece que vivo sempre seguindo em frente e deixando o Marv pra trás. Hoje ele me dá um espaço. Acho que finalmente ele está entendendo que o que é importante pra ele não tem que ser necessariamente importante pra mim.

— Vá lá, cara, abração — ele diz e, pela sua voz, sinto que ele está feliz.

A noite está escura, mas uma delícia, e vou andando pra casa. Chego perto de um poste onde tem uma luz piscando, tiro a carta do bolso e dou uma olhada de novo. Já examinei o ás de espadas uma porrada de vezes, em casa e lá na varanda do Merv. Fiquei bolado com a escolha do naipe, porque estava esperando copas. Copas teria seguido o padrão vermelho e preto, e pensei que espadas, sendo o naipe com um visual mais perigoso do baralho, viria por último.

Tem três nomes escritos na carta:

Graham Greene

Morris West

Sylvia Plath

Esses nomes não me são estranhos, não sei bem por quê. Não conheço nenhum, mas já ouvi falar deles. É certo. Chego em casa, dou uma checada no catálogo e acho um Greene e alguns West, mas nenhum com G nem M antes. Ainda assim, deve ter outras pessoas com esses nomes nesses endereços. Decido fazer uma busca geral pela cidade no dia seguinte.

Relaxo na sala com Porteiro. A gente come umas batatinhas fritas que eu preparei no forno. Sinto umas dores a mais pelo corpo, resultado do Jogo de Verão e, quando dá meia-noite, eu mal consigo me mexer. Porteiro está no meu pé, e eu fico lá sentado, esperando o sono chegar.

Minha cabeça rola pra trás.

O ás de espadas escorrega de minha mão e cai num cantinho do sofá.

Eu sonho.

É uma longa noite, onde fico preso num mundo de sonho e não consigo decidir se estou dormindo ou acordado. Quando acordo perto de amanhecer, ainda estou no Jogo de Verão, correndo atrás da mulher que trouxe a carta e brigando com o menino. Barganhando.

Mais tarde, sonho que estou na escola de novo, só que não tem mais ninguém lá. Estou sozinho, e o ar na sala de aula está amarelo de tanta poeira. Estou sentado lá com uma porção de livros espalhados na mesa e umas palavras escritas no quadro. Alguém escreveu o negócio correndo e não consigo entender nada.

Entra uma mulher.

Uma professora com pernas finas e compridas, saia preta, blusa branca e um casaco roxo. Ela tem mais ou menos uns 50 anos, mas de certa forma é uma mulher sexy. Ela me ignora quase que o tempo todo, até que toca uma sirene, bem alto, parecendo que está bem ali fora da sala. É quando, pela primeira vez, ela se dá conta de minha existência.

Ela olha.

— Hora de começar, Ed.

Eu estou pronto.

— Pois não?

— Por favor, leia as palavras no quadro.

— Não dá, professora.

— Por Deus, por que não?

Eu me concentro bastante nas palavras, mas ainda não consigo entender nada. Ela balança a cabeça, condenando. Não vejo, mas dá pra sentir a decepção quando colo os olhos na mesa. Passo um tempão olhando pra baixo e fico puto por ter decepcionado esta mulher.

Alguns minutos depois.

Eu ouço.

Ouço um barulho de chicote seguido de um estalo.

Levanto a cabeça e fico chocado com o que vejo. Chego a perder o ar — a professora está pendurada numa corda na frente do quadro negro.

Ela está morta.

Balançando ali pendurada.

O telhado foi pro saco e a corda está amarrada em uma das ripas de madeira.

Apavorado, fico ali sentado, sufocando, tentando feito louco respirar o ar que parece não ter oxigênio. Minhas mãos ficam tão grudadas na mesa que eu preciso fazer uma força do cacete pra mexer com elas quando levanto e tento correr dali pra buscar ajuda. Minha mão direita chega na maçaneta da porta quando, bem devagar, eu paro e me viro de novo pra mulher pendurada na corda.

Bem devagar.

Quase me arrastando.

Eu me aproximo pra olhar bem pra ela.

Quando começo a achar que a mulher está com aparência tranquila, ela abre os olhos de repente e fala.

Sua voz sai estrangulada e rouca.

— Reconhece as palavras agora, Ed? — ela pergunta, e eu fico ali parado feito um dois de paus, olhando pro quadro. Agora vejo o título no alto e entendo o que diz:

Mulher Estéril.

É quando o corpo cai no chão aos meus pés, e eu acordo.

Agora quem está aos meus pés é Porteiro, e o ar da minha sala está amarelo, empoeirado com a luz do sol nascente lá fora.

O sonho continua martelando minha cabeça depois que eu abro os olhos e vejo a mulher, as palavras e o título de novo. Sinto a criatura caindo nos meus pés e a ouço dizendo:

— Reconhece as palavras agora, Ed?

— *Mulher Estéril* — falo baixinho.

Sei que já ouvi isso antes. Aliás, sei que já li um poema chamado *Mulher Estéril*. Li na escola porque eu tive uma professora de inglês que era deprê total. Ela adorava esse poema e até hoje me lembro de umas partes. Palavras tipo “o menor passo de todos”, “um museu sem estátuas” e comparando a vida dela com uma fonte que esguicha água e volta a cair em si mesma.

Mulher Estéril.

Mulher Estéril.

Quando me lembro deste lance, eu me levanto rapidinho. Quase tropeço em Porteiro, que aliás não fica impressionado. Ele olha pra mim como se dissesse *Pô, você me acordou, companheiro!*

— *Mulher Estéril* — digo pra ele.

E daí?

Repito o título e, desta vez, brinco com ele, agarro seu focinho, porque agora eu sei a resposta pro ás de espadas. Ou, pelo menos, estou no caminho.

O poema *Mulher Estéril* foi escrito por uma mulher que se matou e tenho certeza de que o nome dela era Sylvia Plath.

Vasculho o sofá procurando a carta e vejo o nome dela de novo, o terceiro da lista. *São escritores*, penso. *São todos escritores*. Graham Greene, Morris West e Sylvia Plath. Fico surpreso de não ter ouvido falar nos dois primeiros, mas também não dá pra conhecer todo mundo que já escreveu um livro, né, não? Mas tenho certeza da Sylvia. Já até me sinto íntimo dela. Só pra você ver que estou superorgulhoso de mim mesmo.

Passo um tempinho comemorando a descoberta, me sentindo como se eu tivesse desvendado um mistério por acaso. Estou com o corpo todo duro agora, e minhas costelas estão doendo pra cacete, mas ainda consigo comer meus sucrilhos com leite e uma porrada de açúcar; o negócio não está lá muito bom.

São mais ou menos sete e meia quando descubro que só resolvi uma parte do problema. Ainda não faço a menor ideia de onde tenho que ir nem das pessoas que tenho que visitar.

Vou começar pela biblioteca, penso. Pena que é domingo. Só vai abrir mais tarde.

Audrey dá uma passada aqui em casa.

A gente assiste a um filme que ela recomenda, toda entusiasmada.

É bom.

Consigo me segurar e não pergunto onde ela estava ontem à noite.

Falo pra ela do ás de espadas, dos nomes, e que vou à biblioteca de tarde. Tenho quase certeza que fica aberta de meio-dia às quatro da tarde no domingo.

Enquanto ela toma o café que eu preparei, olho pra vermelhidão de seus lábios e sinto uma baita vontade de me levantar, me aproximar e meter um beijo naquela boca. Quero sentir a carne desses lábios e a maciez deles tocando nos meus. Quero respirar dentro dela e com ela. Quero poder cravar os dentes em seu pescoço e colocar a mão em suas costas, passar os dedos em seu cabelo louro.

Com toda a sinceridade.

Não sei o que deu em mim esta manhã.

Mas logo entendo por que estou assim — eu *mereço* alguma coisa. Pô, ando por aí dando jeito nos problemas dos outros, mesmo por um instante. Ando por aí batendo em quem pede porrada, quando na verdade esse negócio de causar dor é totalmente contra minha natureza.

Eu *pelo menos* mereço alguma coisa, acho. *Bem que a Audrey podia me amar nem que fosse por um segundinho*, mas eu sei. Sem dúvida, sei que não vai rolar nada. Ela não vai me beijar. Se bobear, nem vai encostar em mim. Pô, eu corro a cidade toda, levando surra, ouvindo desaforo, e pra quê? O que eu ganho com isso tudo? O que o Ed Kennedy ganha com essa história?

Quer saber o que ele ganha? Vou te dizer:

Nada.

Só que é mentira.

É mentira e prometo, neste exato momento, que vou parar. Já passei por tudo isso e pensei que tinha virado uma esquina depois do ás de paus.

Eu paro.

Paro tudo.

E faço uma besteira.

Eu me levanto num impulso, me aproximo da Audrey e meto um beijo de língua nela. Sinto os lábios vermelhos, a carne e o ar dentro dela, e com os olhos fechados, eu a sinto só por um segundo. Eu a sinto todinha, correndo por todo o meu corpo. Sinto calor, frio, me dá uma tremedeira e eu me sinto derrotado.

Derreto pelo som da minha boca se desvencilhando desses lábios até que o silêncio baixa entre a gente.

Sinto gosto de sangue.

Então vejo sangue, nos lábios da Audrey, que está com uma cara de surpresa.

Meu Deus, nem consegui dar um beijo decente na garota. Não consegui fazer o negócio

sem me abrir todo e sangrar nela.

Fecho os olhos.

Fecho os olhos bem apertados.

Logo paro tudo e digo:

— Desculpa, Audrey — eu me viro. — Eu não sabia o que tava fazendo. Eu... — e as palavras também dão um para agora. Elas dão um para antes que seja tarde demais, e ficamos os dois ali parados de pé na cozinha.

Os dois com sangue nos lábios.

Ela não quer sentir nada assim por mim, e eu consigo aceitar isso, mas fico me perguntando se ela algum dia vai saber que ninguém vai amá-la tanto quanto eu. Ela passa a mão na boca pra tirar o sangue, e eu me desculpo mais uma vez. Audrey, maneira como sempre, aceita as desculpas, explicando que não dá pra fazer este tipo de coisa comigo. Acho que ela prefere fazer o negócio sem nenhum significado nem verdade. Só fazer por fazer, sem correr riscos de se apegar. Não posso fazer nada se ela não quer o amor de ninguém, só posso respeitar.

— Tá tudo bem, Ed — ela diz, e sei que está sendo sincera.

Táí um lance superbacana: eu e a Audrey estamos sempre numa boa. De alguma forma, a gente consegue. Parece que não importa o que aconteça. Penso nisso por um instante e, pra ser bem sincero, fico me perguntando por quanto tempo isso vai durar. Com certeza não vai ser pra sempre.

— Dá um sorriso, Ed — ela diz mais tarde, quando está indo embora.

Não consigo me segurar.

Dou um sorrisinho pra ela.

— Boa sorte com as espadas — ela diz.

— Valeu.

A porta se fecha. Já é quase meio-dia, calço os sapatos e vou pra biblioteca. Ainda me sinto um idiota.

É bem verdade que eu já li uma porrada de livros, mas comprei todos eles, sobretudo nos sebos da vida. A última vez que de fato usei uma biblioteca, ainda havia aquelas gavetas enormes de catálogos. Mesmo na escola, quando passaram a usar o computador pra armazenar os catálogos, eu ainda usava as gavetas. Eu curtia puxar o cartão de um autor e ver a lista dos livros.

Quando entro na biblioteca, penso que vou ser atendido por uma senhora atrás do balcão, mas é um cara novo, mais ou menos da minha idade, de cabelo comprido e ondulado. Ele é meio grosso, mas eu gosto dele.

— Você tem aqueles cartões? — pergunto.

— Que tipo de cartões? Cartões de jogos? De biblioteca? De crédito? — ele está tirando um sarro. — O que você quer dizer exatamente?

Percebo que ele está querendo me deixar com cara de burro e inútil, embora eu não precise de sua ajuda pra isso. Começo então a explicar:

— Sabe, os cartões com todos os escritores, autores e tudo mais.

— Ah! — e ele solta uma boa gargalhada. — Já faz muito tempo que você não pisa numa biblioteca, não é mesmo?

— Pois é — respondo. *Agora* sim, me sinto burro e inútil. Melhor até pendurar uma placa no pescoço dizendo: “Pode bater que é otário.” Dou uma disfarçada e levo na boa. — Mas já li Joyce, Dickens e Conrad.

— Quem são esses?

Agora eu estou em vantagem.

— O quê? Você não leu esses caras? E tira onda de bibliotecário?

Ele agora me dá razão, com um sorrisinho do mal.

— *Touché.*

Touché.

Não suporto essa expressão.

Bem, mas o que interessa é que o cara agora ficou mais solícito. Ele diz:

— A gente não usa mais cartões; agora é tudo no computador. Vem.

Vamos até os computadores e ele diz:

— Bem, me diz um autor aí.

Dou uma gaguejada porque não quero mencionar uma das pessoas no ás de espadas. Esses são meus. Então mando um Shakespeare.

Ele digita o nome e logo todos os títulos aparecem na tela. Então ele digita o número ao lado de *Macbeth* e diz:

— Aqui. Entendeu como é?

Leio a tela e saco tudo.

— Pô, valeu.

— Sem problema.

Ele se afasta e me deixa só, com as teclas, os escritores e a tela.

Primeiro, ataco logo o Graham Greene. Vou seguir a ordem em que aparecem na carta. Vasculho o bolso à caça de um papel, mas só tenho um guardanapo quase se esfarelando. Tem uma caneta amarrada na mesa, e quando digito o nome e aperto a tecla retornar, todos os títulos de Graham Greene aparecem na tela.

Alguns dos títulos são fantásticos.

O Fator Humano

Brighton Rock

O Coração da Matéria

O Poder e a Glória

Nosso Homem em Havana

Anoto todos no guardanapo, junto com o número do primeiro. Todos os números são iguais.

Em seguida digito West, Morris. Alguns de seus títulos também são bons, se não forem melhores.

Forca na Areia
As Sandálias do Pescador
Children of The Sun
The Ringmaster
Os Fantoques de Deus
Agora, vamos à Sylvia.

Admito, tenho uma quedinha pela Sylvia, porque uma vez li alguma coisa dela que me veio no sonho. Se não fosse por ela, eu não estaria sentado aqui, próximo de descobrir aonde eu tenho que ir. Quero que os títulos dela sejam os melhores, e, tendencioso ou não, pra mim, eles são.

The Winter Tree
Colossus
Ariel
Pela Água
A Redoma de Vidro

Levo o guardanapo até as prateleiras e procuro cada título de novo, em ordem. São todos lindos. Todos velhos e de capas duras, vermelhas, azuis ou pretas. Pego todos. Carrego cada um e vou me sentar com eles. E agora?

Como é que vou ler tudo isso em uma ou duas semanas? Os poemas da Sylvia, talvez, mas os outros dois escreveram livros bem grossos, pra dizer o mínimo. Espero que prestem.

— Ouça — diz o cara da biblioteca. Estou no balcão com todos os livros. — Você não pode pegar isso tudo. Tem um limite, entende? Você pelo menos tem um cartão?

— Que tipo de cartão? — não consigo evitar. — Um cartão de jogo? De biblioteca? De crédito?

— Você é cheio de graça.

Achamos a situação engraçada, e ele mete a mão embaixo do balcão e me dá uma folha de papel.

— Preenche isso aqui, por favor.

Depois que recebo o cartão, tento fazer uma média com ele pra ver se consigo levar todos os livros.

— Valeu, cara. Você trabalha bem pra cacete.

Ele levanta a cabeça:

— Você ainda tá querendo todos os livros, né?

— Pois é — faço uma pilha com os livros no balcão, tirando-os do chão. — É que eu preciso muito deles e, de uma forma ou de outra, eu vou pegá-los. Só numa sociedade doente mesmo pra se condenar alguém por ler muitos livros — olho pra trás, pro vazio da biblioteca. — Os livros estão quase com teia de aranha, meu velho! Não acredito que alguém esteja querendo lê-los neste exato momento.

Ele me deixa falar e fica ali ouvindo só por obrigação.

— Olha só, pra ser sincero, não tô nem aí pro número de livros que você pega emprestado. São as normas. Se meu chefe me pega, eu tô ferrado.

— Como assim? O que pode acontecer?

— Não sei, cara, mas a coisa pode ficar feia pro meu lado.

Mesmo assim, continuo olhando pra ele, sem dar a mínima.

Ele acaba cedendo.

— Tá bem, passa eles pra cá. Vou ver o que eu posso fazer por você — ele começa a passar o *scanner* neles. — Meu chefe é um otário mesmo.

Quando ele termina, tem exatamente 18 livros do outro lado do balcão.

— Valeu, cara — eu agradeço. — Valeu mesmo!

Como é que vou fazer pra levar todos esses livros pra casa?, eu me pergunto.

Penso até em ligar e pedir uma carona pro Marv, mas acabo me virando sozinho mesmo. Derrubo alguns pelo caminho, paro algumas vezes pra descansar, mas no fim cada livro consegue chegar na minha casa.

Estou com uma puta dor nos braços.

Eu não sabia que as palavras pesavam tanto.

Passo a tarde toda lendo.

Adormeço uma vez, sem nenhum desrespeito aos escritores. Ainda estou todo estourado depois da porrada que levei dos Rose e depois do Jogo de Verão.

Enquanto leio, vou curtindo o trabalho de Graham Greene. Não descubro nenhuma pista de onde eu tenho que ir, mas acho que deve ser mais simples do que isso. Dou uma olhada pra pequena montanha de livros que eu construí. É desmoralizante, pra dizer o mínimo. Como é que eu vou achar o que preciso entre essas milhares de páginas?

Quando acordo, venta lá fora, e aliás faz um frio nada comum nesta época do ano. Acho até meio esquisito colocar um casaco assim, no início de dezembro. Passo pela porta da frente e vejo um pedaço de papel por lá.

Não, é o guardanapo.

Me bate um nervoso, fecho os olhos por um segundo e me inclino pra pegá-lo. Isso me desperta para o fato de que eu venho sendo seguido esse tempo todo. Eles me observaram indo à biblioteca. Me observaram *dentro* da biblioteca e no caminho de volta pra casa. Eles estavam sabendo que eu escrevi os títulos no guardanapo.

Bato os olhos num recado.

São só umas palavrinhas, em vermelho.

Caro Ed,

Bom trabalho — mas não se preocupe, é mais simples do que você está achando.

Volto e me sento com os livros. Leio *Mulher Estéril* até saber palavra por palavra de cor.

Mais tarde, Porteiro pede pra sair, daí vamos dar uma caminhada. Andamos sem destino pelas ruas do bairro, e eu fico curioso pra saber onde será o próximo endereço.

— Alguma pista, Porteiro?

Ele não responde. Está ocupado demais com o cheira-cheira e o fuça-fuça aleatórios de sempre.

O que eu não tinha reconhecido até agora é que as respostas estão sempre sinalizadas. Estão por todo lado, em cada rua, cada cruzamento. *E se as mensagens estiverem escondidas nos títulos? Nos títulos dos livros.* Eu só iria precisar combinar a rua com um dos livros de cada escritor.

“Mais simples do que você está achando”, digo a mim mesmo. O guardanapo ainda está no meu bolso junto com o ás de espadas. Tiro os dois pra fora e olho pra eles. Os nomes me observam, e tenho certeza de que eles sacam quando eu entendo. Eu me inclino por um instante e digo todo empolgado pro Porteiro:

— Venha. Temos que ir andando.

Corremos pra casa ou, pelo menos, vamos tão rápido quanto Porteiro permite. Preciso dos livros, do guia de ruas e, graças a Deus, de poucos minutos.

Sim, corremos.

Os livros ficam ali esperando enquanto eu me sento com meu velho *Gregory's* tentando encontrar algo que se pareça ou soe parecido com alguns desses títulos. Procuo primeiro por Graham mais uma vez. Não tem nenhuma rua chamada Humano, nem Fator, nem Coração.

Depois de uns dois minutos mais ou menos, eu encontro.

Seguro o livro na mão.

É preto, e o título está escrito com letras douradas na lombada. *O Poder e a Glória*. Não tem nenhuma rua chamada Poder, mas os meus olhos crescem quando volto algumas páginas. O nome atinge meus olhos como um soco. Estrada da Glória.

Dou um sorriso e esfrego a mão no pelo de Porteiro. Estrada da Glória. Que ótimo! Eu adoraria morar na Estrada da Glória.

No mapa, fica bem lá na periferia.

Agora dou uma vasculhada nos títulos do Morris West. Desta vez a parada é mais rápida.

Os Fantoches de Deus.

Encontro uma Rua Fantoche na área nobre da cidade.

E, por último, a rua da Sylvia é a Rua Redoma, do *A Redoma de Vidro*. Segundo o guia, a Redoma é uma das ruelas que rodeiam a rua principal da cidade.

Agora checo pra ver se algum dos outros títulos também combina, mas estou seguro. Não tem mais nenhum.

Só resta uma perguntinha pra cada rua.

Que número?

Agora tenho que descobrir.

Estou trabalhando com espadas, então tenho que cavar pra conseguir descobrir.

As pistas devem estar nos livros com esses títulos, daí agora eu empurro os outros pro lado e me concentro nos três finalistas. Sinto pena dos que ficaram de lado, pra ser sincero. Parecem os perdedores de uma corrida dramática e tumultuosa, sentados no chão. Se fossem pessoas, cada um estaria segurando a cabeça com as mãos.

Primeiro, pego *O Poder e a Glória*. Passo a noite lendo e só tiro os olhos do livro depois que dá uma hora da manhã. Ainda não tenho nenhuma pista e estou começando a me desanimar. *E se eu tiver passado pela pista sem reconhecê-la?*, eu me pergunto, mas estou certo de que, quando puser os olhos na pista, vou reconhecê-la na hora. E continuo lendo. Sinto que devo. A história aqui é essa mesmo. Seria um pecado desistir agora.

Às 3:46 da manhã (ficou registrado na minha memória), eu encontro.

Página 114.

No pé da página, no canto esquerdo, tem um símbolo de espadas, desenhado em preto. Perto dele, está escrito:

“Muito bem, Ed!”

Eu me encosto no sofá, triunfante. Melhor do que isso, impossível. Nada de pedras. Nada de violência. Já estava mesmo na hora desse negócio ficar civilizado.

Agora vou direto pra *Os Fantoques de Deus* e dou uma folheada. Nem acredito que não fiz isto logo de primeira. É definitivamente mais fácil do que tentar achar as pistas em cada palavra de cada página. “Mais simples do que você está achando”, eu me lembro.

Desta vez, está na página 23. Só o símbolo. E no *A Redoma de Vidro*, na página 39. Tenho o endereço e estou exausto.

Chega de cavar.

Caio no sono.



OS BENEFÍCIOS DA MENTIRA

É noite de terça-feira e estamos jogando cartas na minha casa. O Ritchie está se queixando de dor na clavícula, resultado do Jogo de Verão, Audrey está se divertindo e o Marv, ganhando. Ele está insuportável, como sempre.

Estive na Estrada da Glória e vi o número 114. É uma família polinésia com um marido maior que o cara da Rua Edgar. Ele trabalha em construção e trata a esposa feito uma rainha e os filhos como deuses. Quando chega em casa do trabalho, ele pega os danadinhos e os joga pra cima. Eles sorriem, brincam e ficam esperando o pai chegar.

A Estrada da Glória é uma estrada comprida e isolada. Todas as casas são bem velhas. Todas de alvenaria.

Ainda não sei o que devo fazer lá, mas estou confiante agora. Uma hora ou outra eu descubro.

— Parece que eu ganhei de novo — Marv se gaba. Ele está cheio de pose, com um charuto preso no canto da boca.

— Eu odeio você, Marv — diz Ritchie. Ele só está resumindo o que todos nós pensamos em momentos como este.

O Marv é rápido pra organizar um jogo de Natal.

— Este ano é a vez de quem? — ele pergunta, embora a gente saiba que é a vez dele e que ele vai tentar tirar o corpo fora. Marv jamais prepararia uma ceia de Natal. Não que ele não tenha competência pra isso. É que ele é mão-de-vaca mesmo. O cara não compraria um peru pra salvar a própria vida. Aquele café-da-manhã no dia do Jogo de Verão foi um milagre.

— É sua vez — responde Ritchie olhando direto pro Marv. — É sua vez, Marv.

— Tem certeza?

— Tenho — Ritchie responde firme. — Tenho, sim.

— Mas sabe... minha família vai estar lá, tipo meus pais, minha irmã e...

— Porra, que maneiro, Marv, a gente adora seus pais — Ritchie manda bem. Todos nós sabemos que ele não está nem aí pra onde a festa vai rolar. Ele se amarra em pegar no pé do Marv. — E a gente adora sua irmã também. Ela é um verdadeiro filé, cara. Maravilhosa.

— Filé? — Audrey pergunta. — Maravilhosa?

Ritchie fecha o punho e bate na mesa.

— É isso aí, garota!

Nós três caímos na gargalhada, enquanto o Marv se mexe todo nervoso.

— O problema não é a grana, certo? — digo. — Trinta mil, correto?

— Acabou de completar 40 — ele responde.

Isso gera uma discussão sobre o que o Marv pretende fazer com esse dinheiro. Ele diz que ninguém tem nada com isso e daí não pensamos muito no assunto.

Acho que não pensamos muito em muitas coisas.

Depois de uns minutinhos, eu me acalmo.

— Então vamos fazer aqui — eu digo e olho pro Marv. — Só que você vai ter que aguentar Porteiro, cara.

Marv não fica nada satisfeito, mas concorda.

E eu não paro por aí. Digo:

— Beleza, Marv. Seguinte: o jogo de Natal pode ser aqui, mas tem uma condição.

— Que condição?

— Você vai ter que trazer um presentinho pro Porteiro — não dá pra ficar sem pegar no pé do Marv, cara, e devo dizer, isso aqui está saindo melhor do que eu esperava. Estou me divertindo. — Você pode trazer um bife bem suculento pra ele e... — é aí que a coisa fica melhor ainda. — Você vai ter que dar um beijão de Natal nele.

Ritchie estala os dedos.

— Que ótima ideia, Ed! Perfeito!

O Marv fica bolado.

Revoltado.

— Que coisa ridícula — ele diz, mas ainda assim é melhor do que comprar um peru e ainda ter o trabalho de cozinhar. Ele finalmente chega a uma conclusão. — Tudo bem, aceito — ele agora aponta um dedo pra mim. — Mas você é um belo de um filho-da-puta, Ed.

— Obrigado, Marv, obrigado mesmo — e pela primeira vez depois de muitos anos não vejo a hora do Natal chegar.

Dependendo dos turnos em que estou rodando com o táxi, continuo voltando à Estrada da Glória e, embora seja claro que esta família está ralando pra cacete pra poder sobreviver, eu ainda não sei o que tenho que fazer. Numa noite, quando estou parado atrás da moita, o pai se aproxima de mim. O cara é tão grande que poderia me estrangular só com uma das mãos. Ele não parece nada contente.

— Ei, você aí — ele grita. — Já não é a primeira vez que te vejo — ele apressa o passo, vindo na minha direção. — Pode ir saindo aí da moita, espertinho.

Ele não está gritando. Pela voz dá pra imaginar que na maior parte do tempo é um cara bacana, tranquilo. O que me preocupa é o tamanho dele.

Fica frio, tento me acalmar. Você não está aqui à toa. Vai ter que encarar, aconteça o que acontecer.

Saio da moita e encaro o sujeito enquanto o sol se põe atrás da casa. Ele é um cara moreno, de cabelo preto ondulado e olhos que me ameaçam.

— Você está espreitando meus filhos, menino?

— Não, senhor — levanto a cabeça. Preciso parecer orgulhoso e honesto.

Peraí, penso. Eu sou honesto. Honesto pra cacete.

— E o que você está fazendo aqui, então?

Invento uma mentira e peço a Deus que cole.

— É que eu morava nessa casa.

Caramba, bem pensado, Ed. Fico impressionado comigo mesmo. E continuo:

— Muitos anos atrás, antes de nos mudarmos mais pra perto da cidade. De vez em quando gosto de dar uma passadinha por aqui pra olhar a casa.

Ai, meu Deus do céu, tomara que esse pessoal não more aqui há muito tempo.

— Meu pai morreu tem pouco tempo e quando venho aqui penso nele. Penso nele quando vejo o senhor brincando com seus filhinhos, sabe, jogando pra cima, colocando no ombro...

O cara dá uma relaxada.

Putz, obrigado, meu Deus!

Ele se aproxima um pouco mais enquanto o sol vai se despedindo do dia atrás dele.

— É... A casa está bem velha e maltratada — ele faz uns gestos com as mãos. — Mas é o melhor que a gente pode fazer no momento.

— Pra mim ela ainda está legal — digo.

Conversamos mais um pouquinho e no final o cara se afasta um pouco, pensa e então me surpreende:

— Olha só, não quer entrar e dar uma olhada lá dentro? Você é meu convidado pro jantar. Está quase na hora mesmo.

Meus instintos me dizem que é pra eu não aceitar, mas eu aceito. A decisão mais difícil é a de entrar.

Sigo o cara até a varanda e então entramos na casa. Antes de entrarmos, ele diz:

— Meu nome é Lua. Lua Tatupu.

— Ed Kennedy — respondo e apertamos as mãos. Lua praticamente esmaga todos os ossos da minha mão direita.

— Marie?! — ele grita quando já estamos lá dentro. — Crianças?! — ele se vira pra mim.

— A casa continua a mesma?

— Como? — então eu me lembro. — Ah, é... sim, tá a mesma coisa.

As crianças então aparecem do nada e começam a trepar em cima da gente. Lua me apresenta a elas e à esposa. O jantar é purê de batatas com salsicha.

Jantamos, Lua conta piadas e as crianças não param de rir, apesar de já terem escutado as mesmas piadas mil vezes, segundo Marie. Marie tem umas rugas embaixo dos olhos e parece cansada da vida, das crianças, de colocar comida na mesa toda noite. Sua pele é mais suave do que a de Lua e seu cabelo é castanho-escuro, ondulado. Ela já foi bonita no passado — mais bonita do que hoje. Ela trabalha num supermercado todos os dias.

Eles têm cinco filhos. Nenhum deles consegue comer de boca fechada, mas, quando riem, dá pra ver o mundo em seus olhos. Não é pra menos que Lua os trata desse jeito e os ama tanto.

— Posso fazer cavalinho no Ed, papai? — uma das meninas pergunta.

Viro pra ele e sinalizo que sim com a cabeça.

— Claro, filhinha, mas está faltando alguma coisa na sua pergunta.

Isso me lembra o irmão do padre O'Reilly, Tony.

A menina bate na testa sorrindo e diz:

— Por favorzinho...

— Pode, sim, meu amor — Lua diz, e eu faço cavalinho.

Já estou no décimo terceiro cavalinho quando Marie me resgata do menino mais novo.

— Jessie, acho que o Ed tá cansado, tá bem?

— Tááááá... — Jessie obedece e cai de costas no sofá.

Jessie tem mais ou menos uns seis anos, e, enquanto estou sentado lá, ele sussurra uma parada no meu ouvido.

É a resposta.

Ele diz:

— Já tá chegando o dia que papai vai colocar as luzes de Natal. Você vem pra ver? Eu me amarro nas luzes...

— Venho, sim, prometo — respondo.

Dou uma última olhada na casa, quase que me convencendo de que eu morava aqui. Chego a pirar e criar memórias de mim com meu pai entre estas paredes.

Lua já está dormindo quando saio, então Marie me leva até a porta.

— Obrigado por tudo — agradeço.

Ela só olha pra mim, com aquele olhar carinhoso e sincero e diz:

— Não tem de que, Ed. Apareça sempre que quiser.

— Vou aparecer — digo. Desta vez não estou mentindo.

No final de semana, dou uma passada por lá durante o dia. Já colocaram as luzes de Natal, que estão velhas e desbotadas. Tem lâmpada faltando. É um conjunto de luzes daqueles antigos. Não são pisca-pisca. Só lâmpadas grandes, coloridas, penduradas seguindo o contorno da beirada do telhado que cobre a varanda.

Depois eu volto pra dar uma olhada nisso, penso.

À noite, vejo que metade das lâmpadas está queimada. Isso quer dizer que só quatro estão acesas mesmo. Quatro lâmpadas pra iluminar a casa dos Tatupu este ano. Não é nada demais, coisa pequena, mas acho que é verdade o que se diz por aí, tipo que as grandes coisas são sempre coisas pequenas que percebemos.

Na primeira chance que eu tiver, volto aqui durante o dia quando o pessoal estiver no trabalho e na escola.

Tenho que dar um jeito nessas luzes.

Vou ao KMart e compro um conjunto novinho de luzes, igualzinho ao que está lá na

varanda dos caras. Luzes bem grandes, vermelhas, azuis, amarelas e verdes. É quarta-feira, faz um calor dos diabos e, por um milagre, nenhum vizinho vem perguntar o que estou fazendo na varanda dos Tatupu, trepado num vaso grandão virado pra baixo. Retiro as luzes originais, desamassando os pregos que estão segurando os fios. Depois que trago tudo pra baixo, percebo que a tomada está lá dentro (como aliás, eu deveria ter imaginado), o que significa que não vai dar pra fazer o serviço completo. Mudança de planos: coloco as luzes velhas no lugar e deixo as novas na porta da frente.

Não deixo nenhum bilhete escrito ou coisa parecida.

Não há mais nada pra se fazer.

No início pensei até em escrever “Feliz Natal” na caixa, mas mudei de ideia.

Não se trata de palavras.

O negócio aqui é outro: luzinhas brilhantes e pequenas coisas que são grandes.



Naquela mesma noite, estou comendo ravióli na cozinha quando uma van para na frente de casa. Ouço o motor rosnar, parar e então escuto quando fecham a porta da van numa porrada. Em seguida, vem o som de pequenas mãozinhas na minha porta.

Porteiro late pra variar, mas eu o acalmo e abro a porta.

Dou de cara com Lua, Marie e todas as crianças da família.

— Oi, Ed — diz Lua, seguido pelo eco dos outros. — Procuramos seu telefone no catálogo, mas não encontramos, daí resolvemos ligar pra todos os Kennedy das redondezas. Sua mãe nos deu o endereço.

Fico calado, só pensando no que minha mãe pode ter dito. Marie quebra o silêncio.

— Vem conosco — ela diz.

Dentro da van, vou sentado espremido entre as crianças, e, pela primeira vez com esta família, todo mundo fica quieto, sem falar nada. Como você pode imaginar, isso me deixa muito sem graça. As luzes dos postes passam bem rápido, cada uma vindo na minha direção e então indo para longe. Fechando-se. Quando olho pra frente, pego Lua olhando pra mim pelo espelho retrovisor.

Cinco ou dez minutos depois chegamos na casa deles.

Marie assume o controle.

— Já pra dentro, crianças.

Ela vai junto e daí eu fico sozinho com Lua na van.

Mais uma vez ele olha no retrovisor e nossos olhos se encontram.

— Tá pronto? — pergunta.

— Pronto pra quê?

Ele só balança a cabeça.

— Não me venha com essa, Ed.

Lua sai da van e fecha a porta.

— Vem — ele chama pela janela. — Sai daí, garoto.

Garoto.

Não gostei do jeito com que ele disse isso. Achei um mau sinal. Estou no maior cagaço! Sei lá, vai que acabei insultando o cara com as luzes novas... Ele pode ter interpretado como se eu estivesse insinuando que ele não é capaz de dar conta do recado como o chefe desta família. Deve imaginar que eu esteja dizendo: *Este pobre coitado mal consegue arranjar um conjunto de luzes que funcione direito*. Nem me atrevo a olhar pra casa enquanto o sigo até onde ele está parado na beira da estrada, olhando pra trás. Está tudo escuro. Muito escuro.

Ficamos os dois ali parados.

Lua só me olhando.

E eu olhando pro chão.

Logo em seguida, ouço a tela protetora da porta se abrindo e batendo várias vezes. As crianças vêm correndo em nossa direção, seguidas pela Marie caminhando depressa.

Quando conto as crianças, percebo que falta uma.

Jessie.

Olho para todos os rostos antes de voltar a olhar pro chão. Lua então dispara um grito que me estremece o corpo todo.

— Ok, Jess!

Segundos depois, quando levanto a cabeça, a velha casa de alvenaria está toda acesa. As luzes ficaram tão lindas que parece até que estão mantendo a casa de pé. As crianças, Lua e Marie ficam todos com os rostos encharcados de vermelho, azul, amarelo e verde. Sinto uma luz vermelha brilhando no meu rosto e sobre o meu sorriso de alívio. As crianças fazem a maior festa, gritando, batendo palmas e dizendo que esse vai ser o melhor Natal de todos os tempos. As garotas se juntam pra dançar, segurando as mãozinhas. É quando então Jess sai correndo de casa pra dar uma olhada.

— Ele fez questão de ligar as luzes — Lua me conta; quando olho pro Jessie, ele está com um sorriso até as orelhas. O sorriso mais vivo. *Este é o momento dele*, penso. *Dele, do Lua e da Marie*. — Quando recebemos estas luzes novas, Jessie disse que queria que você estivesse aqui quando fôssemos acender. Daí não teve jeito.

Balanço a cabeça, observando o brilho colorido que cruza o jardim.

As cores nadam pelos meus olhos.

Digo a mim mesmo: *O Poder e a Glória*.



Enquanto as crianças dançam no jardim sob o céu noturno e as luzes, vejo uma coisa.

Lua e Marie estão de mãos dadas.

Parecem muito felizes, curtindo este momento, vendo as crianças e as luzes em sua velha casa de alvenaria.

Lua beija Marie.

É só um beijinho de leve nos lábios.

E ela retribui o beijinho.

Às vezes as pessoas são bonitas.

Não pela aparência física.

Nem pelo que dizem.

Só pelo que são.



UM MOMENTO DE VERDADE

Marie me faz entrar pra tomar um cafezinho. A princípio tento recusar o convite, mas ela insiste.

— Não pode me fazer esta desfeita, Ed.

Acabo cedendo, a gente entra, toma um café e joga conversa fora.

Está tudo bem por um tempo, até que as palavras de Marie param bem ali no meio da conversa. Ela mexe o café e diz:

— Obrigada, Ed — as rugas ao redor de seus olhos ficam mais expressivas, e seus olhos se enchem de brilho. — Muito obrigada mesmo.

— Pelo quê?

Ela balança a cabeça de um lado pro outro.

— Para com isso, Ed. A gente sabe que foi você. Jessie não consegue guardar segredo nem que se passe cola na boca dele. Sabemos que foi você.

Entrego os pontos completamente.

— Vocês merecem.

Ela ainda não se dá por satisfeita.

— Mas por quê? Por que a gente?

Digo a verdade.

— Isso eu não sei responder, não faço a menor ideia — tomo um gole do café. — É uma longa história, quase inexplicável. Só sei que eu estava parado na frente desta casa e aconteceu o resto.

Lua mal espera eu terminar a frase e diz:

— Sabe, Ed, já vai fazer um ano que moramos aqui, e ninguém — absolutamente ninguém — nunca moveu uma palha pra nos ajudar nem pra nos acolher como vizinhos — ele bebe. — Veja bem, não tô me queixando de nada. Já é de se esperar este tipo de coisa hoje em dia. As pessoas já têm lá seus problemas... — ele olha pra mim bem firme, só por um segundo. — Mas daí você aparece do nada. Não entendemos...

É quando surge na minha frente um momento de clareza. Eu digo:

— Nem tentem entender. Eu mesmo não entendo.

Marie aceita o que eu digo, mas não dá por encerrado. Ela diz:

— Tudo bem, Ed, só que mesmo assim *queremos* agradecer.

— É isso mesmo — Lua concorda.

Marie olha pra ele e faz que sim com a cabeça, e então ele se levanta e vai até a geladeira, onde tem um envelope preso com um imã. Ele se aproxima e me entrega o envelope, onde está escrito “Ed Kennedy”.

— Não temos muito — ele diz —, mas é o melhor que podemos fazer pra agradecer — ele coloca o envelope na minha mão. — Acho que você vai gostar. É só um palpite.

Quando abro, encontro um cartão natalino artesanal. Todas as crianças desenharam nele. Árvores de Natal, luzinhas e crianças brincando. Alguns dos desenhos são toscos, mas ainda assim excelentes. Dentro do cartão, também escrito por uma das crianças:

Querido Ed,

Que você tenha um feliz Natal! Esperamos também que você tenha luzes tão bonitas quanto as que você nos deu.

De toda a família Tatuçu.

Me dá vontade de sorrir e eu me levanto e vou pra sala onde as crianças estão todas esparramadas, vendo televisão.

— Ei, valeu pelo cartão! — agradeço.

Todas elas me respondem, mas é o Jessie quem fala mais alto:

— É o mínimo que a gente podia fazer, Ed.

E, em questão de segundos, a meninada toda volta a concentração pra TV. Estão assistindo a um vídeo. Um daqueles lances de aventuras com bichos. Não conseguem tirar os olhos de um gato descendo um riacho numa caixa de papelão.

— Já tô indo. Tchau pra vocês.

Ninguém dá ouvidos. Olho de novo pros desenhos, todo contente, e volto pra cozinha.

Quando chego lá, o lance dos presentes ainda não acabou.

Encontro Lua parado com uma pedrinha escura que tem um lance gravado, tipo uma cruz.

Ele diz:

— Ganhei isto aqui de um amigo, Ed. É pra dar sorte — ele me entrega a pedra. — Quero que você fique com ela.

A princípio, todos nós olhamos pra pedra, sem falar nada.

Minha voz me pega de surpresa.

— Não — digo. — Não posso aceitar, Lua.

As palavras dele são calmas, gentis e tranquilas, mas firmes. Ele arregala os olhos com sinceridade.

— Não, Ed, pode ficar pra você. Você nos deu muito. Mais do que você possa imaginar — ele então estica o braço, estica minha palma, coloca a pedrinha e fecha minha mão, pra segurá-la bem firme. Ele segura minha mão com as duas mãos. — É sua.

— E não é só pra te dar sorte — Marie diz. — É também pra você guardar como recordação da gente.

Aceito a pedrinha e olho pra ela.

— Obrigado. Vou cuidar bem dela — agradeço olhando para os dois.

Lua coloca a mão no meu ombro e diz:

— Eu sei.

Ficamos parados na cozinha juntos, os três.

Quando saio, Marie me dá um beijo no rosto e a gente se despede.

— E não se esqueça de uma coisa — ela diz. — Apareça quando quiser. Você é sempre bem-vindo aqui.

— Obrigado — respondo e vou em direção à porta da frente.

Lua se oferece pra me levar de carro, mas não aceito, especialmente porque estou com muita vontade de caminhar hoje. Apertamos as mãos, Lua me esmagando mais uma vez.

Ele me acompanha até a beirada da grama e me faz uma última pergunta.

— Deixe-me perguntar uma coisa, Ed.

Estamos bem próximos um do outro.

— Manda — respondo.

Ele se afasta um pouquinho enquanto estamos ali parados no escuro. Atrás da gente, as luzes ainda brilham orgulhosamente na noite. Este é o momento da verdade.

Lua diz:

— Você nunca morou nesta casa, Ed. Morou?

Não tem mais como esconder. Fico sem saída.

— Não — respondo. — Nunca morei.

Observamos um ao outro e vejo que tem uma porrada de coisas que Lua quer saber. Ele está quase perguntando, mas vejo que segura a onda. Ele prefere não estragar as coisas com mais perguntas.

As coisas são como têm que ser.

— Tchau, Ed.

— Tchau, Lua.

Apertamos as mãos e cada um vai pro seu lado.

Antes de dobrar a esquina, eu me viro pela última vez pra ver as luzes.



É o dia mais quente do ano e rodo com o táxi na cidade durante o dia. E, pra infelicidade de todos os passageiros que pego, a droga do ar-condicionado pifa. Toda vez que pego alguém, eu aviso, mas só um desiste da corrida e sai fora. É um cara que ainda está soltando a fumaça do *Winfield* que acabou de fumar.

— Que merda — ele diz.

— Pois é — só encolho os ombros e concordo.

A pedrinha que Lua Tatupu me deu está no meu bolso esquerdo. Ela me deixa feliz no trânsito caótico da cidade, mesmo quando o sinal está verde e nenhum carro sai do lugar.

Assim que termino de deixar o carro na cooperativa, Audrey chega com o dela. Abaixa o vidro da janela pra falar comigo.

— Tô suando feito uma porca aqui dentro — ela diz.

Imagino o suor naquele corpinho e fico com vontade de prová-lo. Com cara de paisagem, corro os olhos pra baixo pra poder visualizar melhor.

— Ed?

O cabelo dela está engordurado, mas bonito. Lindo, dourado feito palha. Vejo umas três ou quatro sardas espalhadas no seu rostinho. E ela fala de novo:

— Ed?

— Foi mal — digo. — Eu tava pensando numa parada — olho pra trás, onde o namorado está esperando. — Ele tá te esperando — quando olho de novo pra ela, não vejo mais seu rosto, só um relance de seus dedos no volante. Estão relaxados e cobertos de luz. E são lindos. *Será que ele repara nesses detalhes?*, penso, mas não falo nada pra Audrey. Só digo:

— Boa-noite pra você — e me afasto do carro.

— Pra você também, Ed — e ela continua estacionando.

Mais tarde, quando o sol se põe e vou à Rua Fantoche, ainda estou com Audrey na cabeça. Vejo aqueles braços e as pernas ossudas. Vejo aquele sorriso que ela dá enquanto fala e come com o namorado. Imagino os dois na cozinha dela... Vejo o cara passando os dedos sujos de comida pra ela lambar... Imagino aqueles lábios macios borrando o cara com sua beleza.

Porteiro está comigo.

Meu companheiro fiel.

No caminho, compro umas batatas fritas quentinhas com bastante sal e vinagre. Tudo à

antiga, embrulhadas na seção de turfe do jornal de hoje. A dica do dia é uma égua de dois anos chamada Bacon Rashers. Imagino como ela se saiu no páreo. Porteiro, por outro lado, está nem aí. Ele sente o cheiro das fritas.

Quando chegamos no número 23 da Rua Fantoche, descobrimos que é um restaurante. É pequenininho e se chama Melusso's. Cozinha italiana. Fica numa vilazinha de compras e, como todo restaurante pequeno, segue o ritual das luzes fraquinhas. O cheiro é ótimo.

Tem um banco de praça do outro lado da rua, e a gente se senta lá, comendo as fritas. Enfio a mão no embrulho gorduroso feito com jornal. Vou curtindo cada segundo da experiência. Toda vez que jogo uma batatinha pro Porteiro, ele deixa a danada bater no chão, se abaixa e lambe. Este cachorro não recusa nada. Acho que está cagando e andando pro colesterol.

Hoje não rola nada.

Nem na noite seguinte.

Na verdade, o tempo está passando.

Já virou tradição. Rua Fantoche. Batata frita. Porteiro e eu.

O dono é um coroa bem sério, e tenho certeza de que não estou aqui por causa dele. Sinto isso. Vai acontecer alguma coisa.

Sexta-feira à noite, fico parado lá e, quando fecham o restaurante, volto pra casa e encontro Audrey sentada na minha varanda. Está de bermuda e uma camisa leve, sem sutiã. Audrey não é muito avantajada na região de cima, mas é bacana. Paro por um instante, fico meio sem saber o que fazer e continuo. Porteiro adora Audrey e começa a correr.

— Oi, Porteiro — ela se abaixa toda carinhosa pra falar com ele. Esses dois são bons amigos. — Oi, Ed.

— Oi, Audrey.

Abro a porta e ela entra comigo.

A gente se senta.

Na cozinha.

— Onde você tava desta vez? — ela pergunta. Soa até engraçado, porque é o tipo de pergunta que se faz a um marido safado e mulherengo.

— Na Rua Fantoche.

— Rua Fantoche?

Faço que sim com a cabeça.

— Num restaurante que tem lá.

— Existe mesmo uma rua chamada Fantoche?

— Pois é...

— Já aconteceu alguma coisa lá?

— Não.

— Sei.

Quando ela desvia o olhar, tomo uma decisão. Pergunto:

— E você, o que tá fazendo por aqui, Audrey?

Ela olha pra baixo.

Esquivando-se.

Quando finalmente responde, ela diz:

— Acho que tava com saudade de você, Ed — aqueles olhos verdes estão pálidos e úmidos. Dá vontade de dizer que não faz nem uma semana que a gente se viu, mas acho que entendo o que ela sente. — Sinto você se afastando, sei lá. Depois que isso tudo começou, você mudou.

— Mudei?

Eu pergunto, mas tenho consciência de que mudei.

Eu me levanto e olho bem pra ela.

— Mudou, sim. Antes você era simplesmente Ed — ela explica como se não quisesse ouvir a própria explicação. Só que parece que ela *tem* que dizer. — Agora você tá importante, Ed. Não tô completamente por dentro do que você tá fazendo, nem pelo que tem passado, mas, sei lá... você parece distante agora.

Chega a ser irônico, não chega? Tudo que eu sempre quis foi me aproximar dela. Até tentei, desesperadamente.

Ela conclui:

— Você tá melhor.

É com estas palavras que vejo as coisas do ponto de vista da Audrey. Ela gostava quando eu era simplesmente Ed. Era mais seguro assim. Estável. Agora, ando mudando as coisas. Deixei minhas digitais no mundo, mesmo que pequenas, e isso mexeu no equilíbrio entre nós dois. Talvez ela tenha medo de eu não querê-la, já que não posso tê-la.

Assim.

Como éramos.

Ela não quer me amar, mas também não quer me perder.

Ela quer que a gente fique numa boa. Como antes.

Mas não existe mais garantia.

A gente vai ficar numa boa, tento prometer.

Tomara que eu esteja certo.

Ainda na cozinha, coloco a mão no bolso e passo os dedos na pedrinha de Lua mais uma vez. Penso no que a Audrey está me dizendo. Talvez eu esteja mesmo transformando o antigo Ed Kennedy cheio de incompetências numa nova pessoa cheia de objetivos. Talvez eu acorde um dia e saia de mim mesmo, olhe pra trás e veja o antigo Ed, deitado, morto nos lençóis.

Sei que é uma coisa boa.

Mas como uma coisa boa pode de repente parecer tão triste?

Eu sempre quis isso, desde o começo.

Volto pra geladeira e pego mais alguma coisa pra beber. Cheguei à conclusão de que temos que encher a cara. Audrey concorda.

Mais tarde, no sofá, eu pergunto:

— E você, o que tava fazendo enquanto eu tava lá na Rua Fantoche?

Vejo seus pensamentos girarem.

Ela está bêbada o bastante pra me dizer, pelo menos timidamente.

— Ah, você sabe... — ela responde envergonhada.

— Não sei, não — dou uma sacaneada.

— Eu estava lá em casa com o Simon e a gente... por umas horinhas.

— Umas *horinhas*.

Fico puto por dentro, mas disfarço.

— De onde você tirou força pra chegar até aqui?

— Não sei — ela admite. — Ele foi pra casa, e eu me senti vazia.

Porra, e então veio pra cá, penso, mas não sou um cara amargo. Não neste momento. Consigo ser racional e concluir que as coisas físicas não importam tanto. Audrey está precisando de mim agora, e, em nome dos velhos tempos, pra mim já é o bastante.

Ela me lembra um pouquinho depois. A gente ainda está no sofá. Na mesa, um pequeno exército de garrafas vazias. Elas estão ali feito plateia. Parecendo um grupo observando um acidente.

Audrey olha bem firme pra mim, se mexe um pouco, então faz uma pergunta.

— Você me odeia, Ed?

Ainda meio idiota, com o estômago borbulhando de tanta vodca, eu respondo. Bem sério.

— Odeio, sim — digo bem baixinho.

Os dois então quebram o silêncio caindo na gargalhada. Quando o silêncio retorna, rimos de novo. O riso rodopia na nossa frente, e não conseguimos mais ficar sérios.

Quando tudo se acalma, Audrey diz baixinho:

— Não tiro sua razão.

Quando acordo de novo, tem alguém batendo na porta.

Com a língua ainda meio presa, vou atender e bem na minha frente está o cara que atacou meu táxi. Tenho impressão de que isso foi há um século.

Ele parece meio puto.

Como sempre.

Ele levanta a mão como sinal pra eu não abrir a boca e diz:

— Shhh! — e espera pelo efeito. — Cala a boca e ouça com atenção — na verdade ele parece um pouco mais do que puto, à medida que continua. — Olhe aqui, Ed — os olhos amarelos me arranham. — São três horas da manhã. Ainda tá úmido pra cacete, e aqui

estamos.

— É — concordo. Uma nuvem de embriaguez paira sobre mim. Estou praticamente esperando a chuva cair. — Aqui estamos.

— Não vem me sacanear, garoto.

— Desculpa. O que tá pegando?

Ele dá uma parada, e a tensão aumenta entre a gente. Ele fala.

— Amanhã, oito da noite em ponto. No Melusso's — ele vai saindo e logo se lembra de uma coisa. — E tem mais: será que você poderia me fazer um favor?

— Claro.

— Pega leve nas batatas fritas, pelo amor de Deus. Tá me deixando enjoado — ele agora aponta o dedo pra mim, tipo me ameaçando. — E vê se não demora com essa merda. Você pode até pensar que eu não tenho mais o que fazer, mas eu tenho, falou?

— Falou. Estamos entendidos — no meu estupor, tento uma coisinha extra. — Quem te mandou aqui?

O jovem com os olhos amarelos, todo de preto e uma disposição brutal retorna, sobe as escadas da varanda. Ele diz:

— Como é que vou saber, Kennedy? — ele ri e balança a cabeça. — Você pode não ser o único que tá recebendo ases pelo correio. Já pensou nisso?

Ele fica mais um pouco, se vira e vai embora, se dissolvendo na escuridão. Se misturando ao escuro.

Audrey está atrás de mim na porta agora, e eu tenho algo no que pensar.

Anoto o que ele me disse sobre o Melusso's.

Oito da noite, amanhã, tenho que estar lá.

Depois que grudo a anotação na geladeira, vou me deitar e Audrey vem comigo. Ela dorme com as pernas sobre mim e eu adoro sentir sua respiração ali pertinho na minha garganta.

Depois de uns dez minutos talvez, ela diz:

— Conta aí, Ed. Me conta por onde você tem andado.

Uma vez eu contei pra ela sobre as mensagens do ás de ouros, mas só por alto, sem detalhes. Estou morto de cansaço agora, mas conto pra ela.

Sobre Milla. A linda Milla. Enquanto falo, vejo o rostinho dela querendo saber se foi boa pro Jimmy.

Conto sobre a Sophie. A garota descalça com...

Audrey está dormindo.

Ela está dormindo, mas eu continuo falando. Falo sobre a Rua Edgar e todos os outros. As pedras. As surras. Padre O'Reilly. Angie Carusso. Os irmãos Rose. A família Tatupu.

Estou me sentindo feliz neste instante e quero ficar acordado, mas não demora muito e a noite me devora, e eu caio no ronco.



Às vezes é tão lindo ver uma garota bocejar que dá até arrepios.

Especialmente quando ela está na nossa cozinha só de calcinha e blusa, bocejando.

A Audrey faz isso neste exato momento, enquanto eu lavo a louça. Enxágua um prato e lá está ela, esfregando os olhos, bocejando e dando um sorriso em seguida.

— Dormiu bem? — pergunto.

Ela faz que sim com a cabeça e diz:

— Você é muito confortável, Ed.

Percebo que eu poderia ficar ofendido com o comentário, mas é um elogio.

— Puxa uma cadeira aí — digo sem pensar. Olho pros botões de sua blusa e pros seus quadris. Passo os olhos desde suas pernas aos seus joelhos, passando pela canela, chegando aos tornozelos. Tudo isso em um segundinho bem rápido. Os pés de Audrey são macios e delicados. Parece até que poderiam derreter no chão da cozinha.

Sirvo uns sucrilhos, e ela come fazendo aquele barulhinho. Nem precisei perguntar se ela queria. Tem algumas coisas que já sei.

Isso se confirma depois que ela toma um banho e se veste.

Na porta da frente, ela diz:

— Obrigada, Ed — ela dá uma parada antes de falar novamente. — Sabe de uma coisa? Você é a pessoa que mais me conhece e que me trata melhor. Eu me sinto muito mais à vontade com você — ela se inclina bem de perto e me dá um beijo no rosto. — Obrigada por me aguentar.

Enquanto ela se vai, eu ainda sinto seus lábios na minha pele. O sabor deles.

Fico ali só olhando, até ela dobrar a esquina no final da rua. Um pouquinho antes de dobrar, ela sabe que fiquei lá parado e se vira para acenar. Levanto a mão pra responder, e então ela se vai.

Devagar.

Às vezes dolorosamente.

A Audrey me mata.

“Será que você poderia me fazer um favor? Pega leve nas batatas fritas, pelo amor de Deus.”

Ouçó mais uma vez as palavras que meu amigo disse ontem à noite.

Elas passaram o dia inteiro na minha cabeça, junto com as outras coisas que ele falou:

“Você pode não ser o único que tá recebendo ases pelo correio. Já pensou nisso?”

Claro, ponto de interrogação à parte, eu sei que foi uma afirmação. E me faz pensar em todas as pessoas com quem esbarrei. E se *todas* forem mensageiras como eu e estiverem sendo ameaçadas e desesperadas pra fazer logo o que tem que ser feito pra poder sobreviver?

Será que elas também receberam cartas de baralho e armas pelo correio? Ou será que cada um recebe suas próprias ferramentas específicas? *Seria tudo pessoal*, penso. *Eu recebi cartas porque é o que eu faço. Talvez Daryl e Keith tenham recebido os capuzes, e meu amigo de ontem à noite tenha recebido a roupa preta e aquele mau humor.*

Às quinze pras oito, estarei no Melusso's, sem Porteiro. Desta vez eu vou entrar. Tenho que explicar isso pra ele antes de ir.

Ele olha pra mim.

O quê?, ele pergunta. *Não vai rolar batatinha esta noite?*

— Desculpa, amigão. Eu trago alguma coisa pra você, prometo.

Na hora que saio, ele parece contente, pois preparei um cafezinho com sorvete pra ele. Ele quase que pula de pata em pata quando estou servindo a gostosura.

Maneiro, ele me diz na cozinha. Ainda estamos amigos.

Devo admitir, enquanto caminho pra Rua Fantoche em direção ao Melusso's, pinta uma saudade dele. É que a gente estava junto nessa e agora eu tenho que concluir sozinho e receber toda a glória.

Isto é...

Se tiver alguma *glória*.

Quase esqueci que as coisas podem dar errado, sei lá, podem ser difíceis. Tenho duas provas disso: A) Rua Edgar; B) Os irmãos Rose.

Agora fico imaginando qual é a minha missão desta vez, quando cruzo a porta do Melusso's, penetrando naquele aroma quente e envolvente de molho de macarrão, massa e alho. Fiquei de olho pra ver se não estava sendo seguido, mas não vi ninguém que parecesse interessado. Só pessoas fazendo o de sempre.

Conversando. Estacionando os carros meio tortos.

Xingando. Mandando os filhos apertarem o passo e pararem de reclamar.

Esse tipo de coisa.

Agora, no restaurante, peço pra garçonete gorducha me arranjar uma mesa no canto mais escuro.

— Ali? — ela pergunta, bolada. — Perto da cozinha?

— Sim, por favor.

— Nunca me pediram pra sentar ali. Você tem certeza, meu amigo?

— Absoluta.

“Cara esquisito”, vejo a gorducha pensar, mas ela me leva até a mesa.

— Vai querer ver a carta de vinhos?

— Oi?

— Gostaria de beber um vinho?

— Não, obrigado.

Ela arranca a lista de vinhos da mesa e me diz quais as sugestões da casa. Peço espaguete com almôndegas e uma lasanha.

— Você tá esperando alguém?

Faço que não com a cabeça.

— Não.

— Então vai comer *as duas coisas*?

— Oh, não — respondo. — A lasanha é pro meu cachorro. Eu prometi que ia levar alguma coisinha pra ele.

Desta vez ela me olha como se dissesse “Pobre zé-mané, patético e solitário”, o que é compreensível, acho eu. Mas ela diz:

— Então vou trazer a lasanha um pouquinho antes de você ir embora, tá bem?

— Obrigado.

— Vai beber alguma coisa?

— Não, obrigado.

Não aceito nenhuma bebida em restaurantes porque acho que posso comprar bebida em qualquer outro lugar; estou aqui, isso sim, pela comida que não sei nem posso cozinhar.

Ela se afasta e eu dou uma olhada no restaurante, que está meio cheio. Gente se empanturrando, outros bebendo vinho, um casal se beija e compartilha a comida. A única pessoa interessante é um homem que está do mesmo lado do restaurante que eu. Ele está esperando alguém, tomando um vinho, mas sem comer nada. Está vestindo um terno e tem cabelo ondulado, preto com fios grisalhos, penteado pra trás.

Assim que recebo o espagete com almôndegas, a noite começa a tomar forma e ganhar um significado.

Quase engasgo quando a convidada do cara chega. Ele se levanta para beijá-la e coloca as mãos em seus quadris.

A mulher é Beverly Anne Kennedy.

Bev Kennedy.

Também conhecida como mamãe.

Put a que o pariu, penso e continuo de cabeça baixa.

Por algum motivo, me dá vontade de vomitar.

Minha mãe usa um vestido superelegante. Azul-escuro brilhante. Quase que da cor de uma tempestade. Ela se senta educadamente, e seu cabelo na verdade emoldura seu rosto lindamente.

Pra encurtar, é a primeira vez que ela parece mulher pra mim. Geralmente ela só parece uma criatura de boca suja que me xinga, me chama de mané imprestável. Só que hoje ela está usando brincos e está com o rosto moreno e os olhos castanhos brilhando num sorriso. Ela enruga um pouquinho quando sorri, mas, sim, ela está feliz.

Ela parece feliz, sendo mulher.

O homem é supercavalheiro, servindo vinho e perguntando o que ela gostaria de comer. Eles conversam com prazer, estão bem à vontade, mas não dá pra ouvir o que dizem. Pra ser sincero, eu tento não escutar nada.

Penso no meu pai.

Penso nele e imediatamente fico deprimido.

Não me pergunte por que, mas sinto que ele não merecia uma coisa dessas. É bem verdade que ele foi um tremendo pé-de-cana, sobretudo no fim da vida, mas era gente boa, gentil, generoso. Olhando pras almôndegas, vejo o cabelo preto e curto dele, e seus olhos quase desbotados. Ele era bem alto e, quando saía pra trabalhar, sempre usava uma camisa de flanela e levava um cigarro na boca. Nunca fumava dentro de casa. Ele também era um cavalheiro, apesar de tudo.

Também me lembro dele cambaleando na porta de casa e dando tropeções até o sofá depois que o bar fechava.

Mamãe gritava com ele, claro, mas isso acabou perdendo o efeito.

Ela pegava no pé dele direto. Ele se esfolava de tanto trabalhar, mas nunca era o bastante. Lembra o lance com a mesinha de centro? Pois é, meu pai tinha que aguentar isso todos os dias.

Quando éramos pequenos, ele nos levava pros lugares, tipo pro Parque Nacional, pra praia e um parquinho que ficava bem longe dali onde tinha um foguete de metal enorme. Bem diferente dos parques de merda, cheios de brinquedos de plástico que as pobres crianças têm pra brincar hoje em dia. Ele nos levava pra esses lugares e ficava lá, quieto, na dele, só vendo a gente brincar. A gente olhava pra trás, e ele estava lá sentado, feliz da vida, fumando, talvez sonhando. Minha primeira recordação é de quando eu tinha quatro anos e Gregor Kennedy, meu pai, me levou de cavalinho nos ombros. Isso foi quando o mundo não era tão grande e dava pra eu ver todos os lugares. Quando meu pai era um herói e não humano.

Agora estou eu aqui sentado, me perguntando o que devo fazer.

A primeira coisa é terminar de comer as almôndegas. Fico só vendo minha mãe em seu encontro maravilhoso. Fica bem claro que os dois já estiveram aqui juntos outras vezes. A garçonete os conhece e para pra trocar umas palavrinhas com o casal. Estão muito à vontade.

Tento até ficar puto com a história, mas eu me seguro. Do que adianta? Afinal de contas, ela é uma pessoa e tem o direito de ser feliz como todo mundo.

Só um pouco depois é que eu entendo exatamente por que meu primeiro impulso é de invejar a felicidade de minha mãe.

Não tem nada a ver com meu pai.

O negócio é comigo.

Quando um enjoo forte toma conta de mim, vejo o horror absoluto desta situação:

Ali está minha mãe, 50 anos na cara, andando pela cidade com um cara — enquanto eu estou aqui sentado, na flor de minha juventude, completamente sozinho.

Faço um gesto de repreensão com a cabeça.

Pra mim mesmo.



O CICLONE DA VARANDA

A garçonete leva as almôndegas e traz a lasanha do Porteiro numa caixinha de plástico vagabunda. Ele vai ficar todo feliz, assim espero.

Quando vou ao balcão e pago a conta, olho pra trás pra ver minha mãe com o cara, tomando todo o cuidado pra não ser visto, mas ela está toda derretida, com toda a atenção voltada pra ele. Ela olha fixamente e ouve com tanta atenção que nem me dou mais ao trabalho de me esconder. Pago a conta e saio batido, só que não volto pra casa. Vou até a casa de minha mãe e espero na varanda.

Esta casa tem o cheiro da minha infância. Dá pra sentir o cheiro até por baixo da porta, enquanto estou aqui sentado no cimento frio.

O céu está todo estrelado, dando uma baita vida à noite, e quando eu me deito e olho pra cima, fico até perdido. Tenho a sensação de que estou caindo, só que pra cima, no abismo do céu sobre mim.

Em seguida, sinto o pé de alguém cutucando minha perna.

Eu acordo e vejo quem é.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta.

É minha mãe.

Simpática como sempre.

Levanto o corpo com os cotovelos e decido ir direto ao assunto.

— Dei uma passada aqui pra perguntar se a senhora se divertiu lá no Melusso's.

Uma expressão de surpresa cai de sua cara, mas ela tenta manter a pose. A máscara quebra, e ela parece pegá-la e mexer nela com as mãos.

— Foi muito bacana — responde, mas dá pra ver que ela está pensando no que dizer. — Uma mulher tem que viver.

Eu agora me sento.

— Acho que é justo.

Ela encolhe os ombros.

— Foi só pra isso que você veio aqui? Pra me condenar por jantar fora com um homem? Eu tenho minhas necessidades, sabia?

Necessidades.

Ouçá só quem está falando.

Ela passa por mim pra chegar na porta e põe a chave na fechadura.

— Agora, se não se importa, Ed, estou muito cansada.

Agora.

O momento.

Eu quase entrego os pontos, mas hoje eu me levanto. Sei muito bem que, de todos os filhos, sou o único que esta mulher não vai convidar pra entrar em casa nesta situação. Se

minhas irmãs estivessem aqui, ela já estaria fazendo café. Se fosse o Tommy, ela estaria perguntando como vão as coisas na faculdade, oferecendo uma Coca-Cola ou uma fatia de bolo.

Só que, comigo, Ed Kennedy, tão filho dela quanto os outros, ela pula por cima e não consegue nem ser simpática, ainda mais convidar pra entrar. Ao menos uma vez, eu queria que ela fosse um pouquinho carinhosa.

A porta está quase fechada quando eu a paro com a mão. O som de um tapa na cara.

Quando olho pra ela, sua expressão é de quem está puta da vida.

Eu falo de maneira bem dura:

— Mãe?

— O que é?

— Por que você me odeia tanto?

E agora esta mulher olha pra mim, enquanto eu faço de tudo para que meus olhos não me entreguem.

Curta e grossa, ela responde:

— Porque você se parece com *ele*, Ed.

Ele?

A ficha cai.

Ele — meu pai.

Ela entra e bate a porta.

Cara, já tive que levar um homem lá pra cima na Catedral e tentar matá-lo. Já recebi a visita de dois matadores profissionais que comeram torta na minha cozinha e me deitaram no chão. Já levei uma surra de um grupo de moleques.

Mas é agora que me sinto passando pelo pior momento da minha vida.

De pé.

Magoado.

Na varanda da casa da minha mãe.

O céu se abre agora, se desmoronando.

Dá vontade de porrar e chutar a porta.

Seguro a onda.

Eu só me ajoelho, abatido pelas palavras que poderiam nocautear qualquer um. Tento transformar essa merda numa coisa boa, porque eu amava meu pai. Tirando o departamento etílico, acho que não é vergonha nenhuma ser parecido com ele.

Então por que será que estou me sentindo tão mal?

Não me mexo.

Na verdade, prometo só sair desta varanda de merda depois de ouvir as respostas que mereço. Se for preciso, vou até dormir aqui e esperar no calor de rachar o dia inteiro amanhã. Eu me levanto de novo e grito.

— Não vou arredar o pé daqui, mãe. Você tá me ouvindo? Eu não vou sair daqui.

Depois de 15 minutos, a porta se abre de novo, mas eu não olho pra ela. Eu me viro e

falo pra rua:

— Você trata os outros tão bem — a Leigh, a Kath e o Tommy. É como se... — não posso deixar a peteca cair, não posso amolecer. E continuo. — Mas a senhora fala comigo com total desrespeito, e sou eu quem tá sempre *aqui* — agora eu me viro e olho pra ela. — Sou eu quem sempre tá aqui quando a senhora precisa, não é, não?

Ela concorda.

— É sim, Ed — mas ela também ataca. Ela me ataca com sua própria versão da verdade. As palavras entram cortando meus ouvidos de forma tão brutal que chego a achar que vai jorrar sangue deles. — Sim, você tá aqui, e é exatamente este o problema! — ela estica os braços. — Olha só pra esta merda de lugar. A casa, a cidade, tudo — sua voz está sombria. — E seu pai... ele prometeu que um dia a gente sairia daqui. Disse que a gente faria as malas e iria embora, e olha só onde estamos, Ed. Ainda estamos aqui. Eu tô aqui. *Você tá aqui*, e, exatamente como seu pai, você só promete, Ed, e não cumpre porra nenhuma. Você — e ela aponta o dedo pra mim, amargurada. — Você podia ser tão bom quanto qualquer um deles. Tão bom até mesmo quanto o Tommy... Mas você ainda tá aqui e ainda vai estar aqui daqui a 50 anos — ela fala de maneira bem fria. — E você não terá realizado nem alcançado nada.

Faz-se um silêncio.

— Eu só quero que você seja alguém na vida — aos poucos, bem devagar, ela se aproxima das escadas da frente. — Você tem que entender uma coisa, Ed.

— O quê?

Com cuidado, ela diz:

— Acredite ou não, é preciso muito amor pra te odiar desta forma.

Tento entender.

Ela ainda está na varanda quando eu desço até o gramado e me viro.

Meu Deus, está muito escuro agora.

Tão escuro quanto o ás de espadas.

— A senhora saía com aquele homem enquanto papai ainda tava vivo?

Ela olha pra mim, muito contrariada, e, embora fique calada, eu sei. Sei que ela não odeia só meu pai, mas a si mesma. É aí que me dou conta de que ela está completamente equivocada.

Não é o lugar, penso. São as pessoas.

Seríamos todos a mesma coisa em outro lugar.

Eu falo de novo. Faço uma última pergunta.

— Papai sabia?

Faz-se uma longa pausa.

Uma pausa que mata, até que minha mãe se vira e chora, e a noite é tão profunda e escura que fico sem saber se o dia vai amanhecer.

J



UM TELEFONEMA

— Mãe?

— Oi?

Olho pro Porteiro, que está comendo a lasanha de um jeito que só pode ser descrito como o maior dos êxtases. São 2:03 da manhã e estou com o telefone no ouvido.

— Tá tudo bem, mãe?

A voz do outro lado treme, mas responde como eu esperava.

— Tá, tá tudo bem, sim.

— Que bom.

— Só que você me acordou, seu imprestável.

Eu desligo, mas sorrindo.

Eu queria dizer que ainda a amo, mas talvez seja melhor assim.



O CINEMA DA RUA REDOMA

Não consigo me esquecer das coisas que minha mãe disse ontem à noite.

É domingo de manhã e mal dormi. Tomei uns cafezinhos com Porteiro, mas café não me deixa muito aceso, não. Tem uma pergunta que está martelando aqui dentro: será que meu serviço na Rua Fantoche acabou? Será que concluí o lance com minha mãe? Alguma coisa me diz que sim. Ela precisava me dizer aquelas coisas.

É claro que não é nada agradável saber que minha mãe acha que eu sou um zé-mané imprestável.

Nem me serve de consolo que ela também se considere um zero à esquerda, embora isso devesse me deixar sentindo um pouco melhor. De certa forma, isso tudo me deu uma sacudida e abriu meus olhos. Percebo que não posso passar o resto da minha vida dirigindo um táxi. Isso vai me deixar doido.

Pela primeira vez, uma mensagem tocou minha própria vida de algum jeito.

Pra quem foi a mensagem?

Pra minha mãe ou pra mim?

Daí ouço as palavras de novo. “É preciso muito amor pra te odiar desta forma.”

Acho que vi alívio no rosto dela depois de dizer isso.

A mensagem era dela.

Porteiro e eu vamos à igreja fazer uma visita ao padre O'Reilly, que ainda tem uma congregação bem generosa.

— Ed! — ele diz todo empolgado. — Temi que você nunca mais fosse dar as caras. Senti sua falta nas últimas semanas.

Ele faz um carinho rápido em Porteiro.

— Acho que temos andado muito cheios de coisas pra fazer.

— Você tem sentido a presença do Senhor em sua vida?

— Não muito — respondo. Penso na noite passada e na ideia de minha mãe cometendo adultério, odiando meu pai por não cumprir promessas e desprezando o próprio filho que continua na cidade.

— Ah, tudo tem um propósito — ele afirma.

Concordo com ele. Nada aconteceu à toa, e então me concentro na próxima mensagem.

Agora só falta a Rua Redoma, e eu vou lá de tarde. O número 39 é um cinema caindo aos pedaços que fica abaixo do nível da rua. Em cima dele, tem uma antiga casa onde se

encontra uma placa colada no toldo. Hoje está escrito “*Casablanca* 14:30” e “*Quanto Mais Quente Melhor* 19:00”. Logo na descida, a gente dá de cara com uns cartazes de filmes antigos colados na janela. O papel está amarelado nas bordas e, quando eu entro, vejo mais cartazes.

O cheiro é de pipoca velha e carpete sujo. Parece vazio.

— Opa, tem alguém aí?

Minha pergunta fica sem resposta.

Esse lugar deve ter morrido há anos, quando a rede de cinemas *Greater Union* se espalhou pela cidade. Está entregue às moscas.

— Tem alguém aí? — grito mais alto desta vez.

Olho pra uma sala nos fundos e vejo um senhor dormindo. Está de terno e gravata-borboleta, tipo um lanterninha das antigas.

— Tá tudo bem? — pergunto, e ele acorda sobressaltado.

— Oh! — ele pula da cadeira e conserta o paletó. — Em que posso ajudá-lo?

Olho pra placa acima do balcão e digo:

— Eu vou querer uma entrada pro *Casablanca*, por favor.

— Meu Deus, você é a primeira pessoa que atendo em semanas!

O cara tem rugas superfortes ao redor dos olhos e sobrancelhas extremamente peludas. O pouco cabelo que resta é branco e está perfeitamente penteado, sem tentar disfarçar com um tufo grande por cima da careca. Ele faz uma expressão sincera. O sujeito está muito feliz. Falando bem francamente, ele só falta pular de alegria.

Dou dez dólares e ele me passa cinco de troco.

— Vai querer pipoca?

— Vou, sim, por favor.

Todo empolgado, ele coloca pipoca na caixa.

— É por conta da casa — e pisca pra mim.

— Valeu!

O cinema é pequeno, mas a tela é bem grande. Tenho que esperar um tempo, mas o velho chega mais ou menos às duas e vinte e cinco.

— Acho que não vem mais ninguém. Você se importaria se começássemos mais cedo?

Ele provavelmente tem medo de que eu fique puto se tiver que esperar muito tempo.

— Sem problema.

Ele sai correndo pelo corredor.

Estou sentado quase que no meio do cinema, certinho. Acho que é numa fileira mais pra perto do que pra longe da tela.

O filme começa.

Preto-e-branco.

Depois de um tempo, o negócio para. Daí olho pra trás, na direção da janela de projeção. Ele esqueceu de trocar o rolo. Eu grito pra ele.

— Ei!

Nada.

Acho que ele dormiu de novo, daí eu me levanto e saio andando até dar de cara com uma porta onde está escrito “SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO” e entro. O lugar vai dar na cabine de projeção, onde o cara está roncando baixinho, reclinado em sua cadeira, encostada na parede ao lado.

— Moço?

— Ah, essa não! — ele grita consigo mesmo. — De novo, não!

Ele ficou chateado, e corre pra pegar outro rolo, ralhando consigo mesmo e se desculpando.

— Tudo bem — digo. — fica frio — mas ele não consegue se acalmar.

Ele não para de dizer:

— Não se preocupe, filho. Vou devolver seu dinheiro e até darei uma sessão de graça. Passo o filme que você escolher.

Eu aceito. Não tenho outra opção.

Ele vem apressado e diz:

— Agora anda, anda que dá tempo de chegar lá embaixo sem perder nada.

Antes de voltar pro meu lugar, me dá vontade de me apresentar.

— Eu sou Ed Kennedy — e estico o braço.

Ele para e aperta minha mão.

— É, eu sei quem você é — por um instante ele esquece do rolo e olha bem nos meus olhos, com toda a simpatia.

— Me disseram que você viria.

Ele então volta ao trabalho.

Fico lá parado.

Esse negócio está cada vez melhor.

Assisto ao resto do filme e digo a mim mesmo: *Só saio daqui depois que eu descobrir quem informou o velho de que eu viria.*

— Gostou? — ele pergunta quando estou saindo, mas não dou abertura pra esse tipo de papo. Vou logo perguntando:

— Quem foi que lhe disse que eu viria?

Ele tenta se esquivar.

— Não — ele entra em pânico. — Não posso — ele está se mexendo agora. — Eu prometi para eles, e foram tão gentis...

Eu então o puxo pra que ele olhe pra mim.

— Eles quem?

Ele agora parece até mais velho, verificando os sapatos e o carpete.

— Foram dois homens? — pergunto.

Ele olha pra mim e diz que sim.

— Daryl e Keith?

— Quem?

Uso outra abordagem.

— Foi o Daryl com o Keith — confirmo. Aqueles comelões de uma figa. — Eles

machucaram o senhor?

— Oh, não. Não, foram muito gentis. Cordiais. Eles vieram há mais ou menos um mês e assistiram a *Mister Roberts*. Antes de partirem, disseram-me que um sujeito chamado Ed Kennedy viria e que você teria uma entrega quando tivesse terminado.

— E quando eu termino?

Ele estica as mãos.

— Me disseram que *você* saberia — ele inclina a cabeça, quase com pena. — Você terminou?

Faço que não com a cabeça.

— Não, a sensação é de que não terminei — desvio o olhar e então volto pra ele. — Tenho que fazer alguma coisa pelo senhor. Alguma coisa boa, eu diria, no seu caso.

— Por quê?

Quase digo que não sei, mas eu me recuso a mentir.

— Porque o senhor tá precisando.

Será que ele está precisando acertar as contas com o padre O'Reilly?

Duvido muito. Acho que não rola duas vezes.

— Talvez — ele se aproxima — você termine quando voltar para assistir àquele filme de cortesia.

— Tá certo — concordo.

— Você pode trazer sua namorada — ele sugere. — Tem namorada, Ed?

Saboreio o momento.

— Tenho, tenho, sim.

— Então pode trazê-la — ele esfrega as mãos. — Nada como ficar a sós com a namorada de frente para o telão — ele dá uma risada sacana. — Quando eu era mais moço, adorava trazer a mulherada aqui. Por isso que comprei o lugar depois que me aposentei da construção.

— O senhor chegou alguma vez a ganhar algum trocado aqui?

— Por Deus, não, não! Eu não preciso. Só gosto mesmo de projetar os filmes, gosto de vê-los, dormir um pouco. A patroa lá em casa me diz que, se for pra me manter longe de brigas e confusão, tá valendo.

— Entendo.

— E então? Quando você acha que voltará?

— Talvez amanhã.

Ele me dá um catálogo do tamanho de uma enciclopédia para que eu escolha um filme, mas nem preciso.

— Não, obrigado, eu sei o que quero ver.

— É mesmo? Mas já?

Faço que sim com a cabeça.

— *Rebeldia Indomável*.

Ele esfrega as mãos de novo e dá um sorrisinho.

— Ótima escolha. Excelente filme. Paul Newman está impagável e George Kennedy, seu xará, está inesquecível. Sete e meia amanhã?

- Maravilha.
- Ótimo, então até amanhã. Como é mesmo que se chama sua namorada?
- Audrey.
- Ah, lindo nome!

Estou quase saindo quando me dou conta de que não faço a menor ideia de como este homem se chama.

Ele se desculpa.

- Oh, mil perdões, Ed. Meu nome é Bernie. Bernie Price.
- Muito prazer, Bernie — e vou saindo.
- Igualmente — ele responde. — Fico feliz por você ter vindo.
- Eu também.

E saio para o ar quente do fim de tarde, e curto o verão.

Este ano a véspera de Natal cai numa quinta, e o povo vem pra minha casa pra jogar, comer peru e ver Marv dar um beijão no Porteiro.

Ligo pra Audrey e falo sobre o lance de amanhã; ela cancela o encontro com o namorado. Acho que, pelo tom de minha voz, ela sacou que eu estava mesmo precisando que ela topasse.

Assim que a gente resolve esse lance, vou até a casa da Milla, na Avenida Harrison.

Quando ela abre a porta, vejo que se abateu muito nas últimas semanas. Já faz um tempo que não dou uma passada pra fazer uma visitinha, e ela só falta pular de alegria quando me vê. De início, ela está meio arqueada, mas logo se ajeita quando vê meu rosto.

— Jimmy! Venha, entre!

Vou entrando e, quando chego na sala de visitas, vejo que anda tentando ler *O Morro dos Ventos Uivantes* sozinha, mas não avançou muito.

— Ah, sim — ela diz quando volta com o chá. — Estou tentando ler sem você, mas não está dando muito certo.

— Quer que eu leia um pouco?

— Seria ótimo — ela sorri.

Eu me amarro no sorriso desta senhorinha. Adoro ver as rugas em seu rosto e a alegria em seus olhos.

— Você gostaria de ir à minha casa no Natal? — pergunto.

Ela coloca a xícara de chá na mesinha e responde:

— Claro que sim, eu adoraria. Está tudo... — ela olha pra mim. — Está tudo tão solitário e vazio sem você, Jimmy.

— Eu sei. Eu sei.

Pego a mão dela e esfrego devagarzinho. É em momentos como este que eu rezo para que as almas possam se encontrar depois da morte. Milla e o Jimmy verdadeiro. Peço a Deus que eles se encontrem.

— *Capítulo Seis* — leio. — *Sr. Hindley veio para o funeral; e — algo que nos surpreendeu, tornando-se motivo de fofoca entre os vizinhos — trouxe consigo uma esposa...*

Segunda-feira é um dia cheio. Passo o tempo todo ralando na cidade. Pego uma porrada de passageiros e consigo driblar o trânsito muito bem, pra variar. Tenho sempre um objetivo como taxista: não encher a paciência de outros motoristas. Hoje estou conseguindo colocar isto em prática.

Chego em casa um pouquinho antes das seis, como alguma coisa com Porteiro e pego a Audrey por volta de sete. Estou usando a melhor calça jeans que tenho, botas e uma camisa que um dia foi vermelha, mas agora anda meio laranja.

Quando Audrey abre a porta, sinto logo o cheiro do perfume.

— Você tá cheirosa.

— Muito obrigada, gentil cavalheiro — e ela estica o braço pra eu beijar a mão. Está vestindo uma saia preta, sapato alto bem maneiro e uma blusa creme, meio cor de areia. Está tudo combinando, e no cabelo ela fez uma trança pra trás deixando uns fios soltos.

A gente sai andando pela rua, e ela vem agarrada no meu braço.

Quando vemos nosso reflexo, não aguentamos e caímos na gargalhada.

— Mas você tá tão linda e cheirosa.

— Você também tá bem bonito — ela responde e pensa por um instante. — Mesmo com esta camisa horrorosa.

Olho pra baixo.

— Eu sei. Tosca pra cacete, pode falar.

Mas Audrey não está nem aí. Ela quase dá uns pulinhos ou dança enquanto caminha e diz:

— Me conta que filme a gente vai ver.

Tento disfarçar o orgulho que estou sentindo de mim mesmo, pois sei que é o filme preferido dela.

— *Rebeldia Indomável*.

Ela para e faz uma carinha tão linda que me dá vontade de chorar.

— Agora você arrebitou, Ed.

Cara, a última vez que escutei alguém dizer isso foi quando o Marv estava falando com Margaret, a garçoneite. Desta vez, não é sarcasmo.

— Valeu — agradeço, e a gente continua andando. Viramos na Rua Redoma e Audrey ainda está agarrada no meu braço. Eu queria que o cinema fosse mais longe.

— Aqui estão eles! — diz Bernie quando chegamos. Está todo empolgado. Na verdade fico até surpreso por ele não estar dormindo.

— Bernie — digo cheio de educação. — Esta é Audrey O'Neill.

— É um grande prazer, Audrey — Bernie sorri.

Quando ela vai ao banheiro, ele me puxa de lado todo alegrinho e fala baixinho:

— Ela é bem formosa, hein, Ed?

— Com certeza. Ela é mesmo.

Vou comprar a pipoca murcha, ou ao menos tentar (pois o Bernie, nas palavras dele, não vai aceitar meu dinheiro), e vamos então sentar perto do lugar onde sentei ontem.

Ele deu um ingresso pra mim e outro pra ela.

“Rebeldia Indomáável: 19:00.”

— O seu indomável tem três A? — Audrey pergunta.

Olho pro ingresso, surpreso. Tem três A mesmo, e parece perfeito pra esta noite, pois aqui dentro do peito meu coração faz “ááá!!!”.

A gente se senta e espera, e logo em seguida ouvimos alguém batendo lá em cima na janela de projeção.

— Estão prontos? — ouvimos a voz abafada.

— Estamos! — a gente grita e se vira pra tela de novo.

O filme começa.

Enquanto assistimos, fico pedindo a Deus para que Bernie esteja lá em cima, feliz, só lembrando de como era quando ele tinha a minha idade e vinha aqui.

Espero que ele ainda acredite que Audrey é realmente minha namorada ao olhar pras duas sombras sentadas de frente pra tela — duas silhuetas apenas.

Missão cumprida.

Só que eu não vejo a cara de Bernie. Tento captá-la nas pessoas na tela.

É isso aí: espero que o Bernie esteja feliz.

Espero que ele se lembre bem.

Audrey acompanha de leve a música do filme, e neste momento ela é minha namorada. Posso fazer de conta.

Esta é a noite do Bernie, mas eu também aproveito pra tirar uma casquinha.

Nós dois já assistimos a esse filme algumas vezes. Certamente é um dos nossos preferidos. Tem partes que sabemos os diálogos de cor, mas a gente se segura pra não falar junto com os personagens. O lance é ficar aqui sentados, só curtindo. Curtimos o cinema vazio, e eu fico curtindo a Audrey. Acho maneiríssimo estar aqui sozinho com ela.

“Só você e sua namorada”, lembro o Bernie dizendo isso ontem, e me dou conta de que ele realmente merece mais do que ficar sentado na cabine de projeção hoje. Falo baixinho pra Audrey:

— Tudo bem se eu chamar o Bernie pra descer e sentar com a gente?

Ela me dá a resposta que eu já esperava:

— Claro que sim.

Pulo as pernas dela e me mando pra cabine de projeção lá em cima. Encontro o Bernie dormindo, mas o acordo com calma, dando uma cutucada.

— Bernie?

— Hum... oi, Ed — ele tenta vencer o cansaço.

— A gente tá querendo que você desça pra assistir ao filme.

Ele protesta, se ajeitando na cadeira.

— Ah, não, Ed, eu jamais faria uma coisa dessas. Jamais! Tenho muito o que fazer aqui em cima, e vocês devem ficar sozinhos lá embaixo. Você entende... pra aprontar alguma.

— Para com isso, Bernie! Vamos nessa. A gente ia adorar ter a sua companhia lá embaixo.

— Não, não, não — ele se mostra inflexível. — Não posso.

Depois de uns minutos de discussão, eu entrego os pontos e volto lá pro cinema. Quando me sento, Audrey pergunta onde ele está.

— Ele não quis incomodar a gente — explico, mas, enquanto eu me ajeito na poltrona, a porta de trás se abre e Bernie está lá parado, na luz. Ele desce bem devagar em nossa direção e se senta do outro lado da Audrey.

— Que bom que você veio — ela sussurra.

Bernie olha pra gente.

— Obrigado — seus olhos exaustos piscam agradecidos, e ele olha pra tela, cheio de vida.

Talvez uns 15 minutos depois, Audrey encontra minha mão no descanso da poltrona. Ela desliza os dedos nos meus e os agarra. Quando ela me aperta suavemente, dou uma olhada pro lado e descubro que ela está segurando na mão do Bernie também. Às vezes só a amizade da Audrey já me basta. Às vezes ela sabe direitinho o que fazer.

A garota sempre age nos momentos mais apropriados.

Está tudo indo muito bem até que chega a hora de trocar o rolo.

Bernie está dormindo de novo. Nós o acordamos.

— Bernie — Audrey fala baixinho, dando uma leve sacudida nele.

Quando ele acorda, pula da poltrona e grita:

— O rolo! — e sai correndo pelo corredor, e quando eu me viro pra olhar pra cabine de projeção, eu percebo.

Já tem alguém lá.

— Ei, Audrey. Olha lá — e nós nos levantamos e olhamos fixamente pra janela. — Tem alguém na cabine de projeção — parece que o ar para de circular entre a gente até que eu finalmente começo a sair do lugar. Saio batido em direção ao corredor.

A princípio, Audrey fica sem saber o que fazer, mas logo eu ouço os pés dela atrás de mim. Passo correndo pelo corredor com os olhos atentos à sombra na cabine de projeção. A pessoa nos vê e começa a se mexer rapidamente. A criatura sai correndo da sala toda desesperada quando estamos bem perto da porta do cinema.

Lá no *foyer*, sinto o cheiro de tensão entre as pipocas murchas e o carpete. O cheiro de alguém que veio e saltou fora. Me mando pra porta com a placa “SOMENTE PESSOAL AUTORIZADO”. Audrey vem atrás.

Quando chegamos lá, a primeira coisa que vejo é o Bernie com as mãos trêmulas.

O choque escorre pela sua cara.

Passa pelos lábios e vai em direção à garganta.

— Bernie? — pergunto. — Bernie?

— Ele me fez uma terrível surpresa — ele diz. — Quase me derrubou no chão ao sair correndo — ele se senta. — Eu estou bem, Ed — logo, ele aponta pra uma pilha de rolos.

— O que é, Bernie? O que é? — pergunta Audrey.

— O primeiro rolo de cima — Bernie responde. — Não é meu.

Ele vai até lá e o pega. Dá uma olhada. No rolo tem uma etiqueta pequena com alguma coisa rabiscada. Está escrito: “ED”.

— Será que é pra nós projetarmos isto?

Fico parado por um tempo, mas digo que sim.

— Melhor então assistirem lá do cinema. Terão uma visão melhor.

Antes de ir, faço uma pergunta que acho que Bernie pode responder.

— Por que, Bernie? Por que eles ficam fazendo isso comigo?

Mas o Bernie só dá uma risadinha.

Ele diz:

— Você ainda não entende, não é mesmo, Ed?

— Ainda não entendo o quê?

Ele olha pra mim e suspira, sem pressa pra responder.

— Eles fazem isso porque podem — a voz está cansada, mas firme e verdadeira. Determinada. — Foi tudo planejado há muito tempo. Há pelo menos um ano.

— Eles te disseram isso?

— Sim.

— Com essas mesmas palavras?

— Sim.

Ficamos lá parados por uns minutos, pensando, até que o Bernie manda a gente sair.

— Vamos, vamos! Voltem lá pra baixo. Vou rodar este rolo em um minuto.

De volta ao *foyer*, eu me encosto na porta, e Audrey fala.

— É sempre assim?

— É — respondo, e ela simplesmente balança a cabeça e fica calada. — Melhor a gente ir — digo, e depois de algumas tentativas eu a convenço de voltar pro cinema. — Tá quase acabando — afirmo, e por algum motivo acho que Audrey pensa que eu estou falando do filme.

Logo eu?

Não penso mais no filme.

Não penso mais em nada.

Só em cartas de baralho.

Só em ases.



Enquanto descemos pelo corredor, a tela ainda está toda branca.

Quando a projeção começa, passa uma cena toda escura e vejo os pés de uns caras novos, andando.

Logo adiante, eles se aproximam de um vulto sozinho na rua.

É uma rua *desta* cidade.

O vulto é de uma pessoa *desta* cidade...

Eu paro de descer o corredor.

Imediatamente.

Audrey ainda caminha mais um pouco até que ela se vira e me vê ali, com os olhos grudados na tela.

No início eu só aponto.

Então eu digo:

— Aquele ali sou eu, Audrey.

Na tela, assistimos à filmagem dos irmãos Rose junto com os comparsas vindo pra cima de mim na rua e metendo o cacete.

Meus dedos se viram e ardem na pele que está cicatrizando.

— Sou eu — repito. Desta vez sai bem baixinho, e, perto de mim, os olhos de Audrey se voltam para baixo e choram no escuro do cinema.

A cena seguinte mostra eu saindo da biblioteca, carregando todos aqueles livros. Em seguida mostra as luzes da Estrada da Glória. É só uma filmagem deles sozinhos à noite — o poder e a glória. No início está tudo escuro, até que eles acendem as luzes, e a tela acaba iluminando a sala do cinema. Depois vem uma cena do ciclone da varanda, silêncio. Vejo minha mãe praticamente cortando meu rosto com suas palavras dolorosas, até que, bem devagar, saio caminhando quase que pra dentro da câmera. Assistimos à caminhada em direção ao cinema da Rua Redoma.

Por último, vemos umas palavras escritas diretamente no rolo:

“Tempos difíceis para Ed Kennedy. Parabéns, Ed! Hora de passarmos adiante.”

E a tela fica preta de novo.

Toda preta.

Ainda não consigo mexer os pés. Audrey tenta me puxar, mas nem adianta. Fico lá parado, com a cara grudada na tela.

— Vamos voltar pras nossas poltronas — ela diz e dá pra perceber que está preocupada

comigo. — Acho melhor você se sentar um pouco, Ed.

Devagar, vou levantando um pé e depois o outro.

— Posso voltar a projetar o filme? — Bernie grita pra gente.

Audrey olha pra mim com os olhinhos de quem quer saber.

Levanto um pouco a cabeça e volto a abaixá-la, fazendo um gesto afirmativo.

— Pode, sim, Bernie — responde Audrey.

Pra mim ela diz:

— Ótima ideia. Vai te ajudar a esquecer um pouco.

Por alguns segundos, me dá vontade de sair correndo e fazer uma vistoria em todo o cinema, procurando quem foi a pessoa. Quero perguntar pro Bernie se foram Daryl e Keith de novo. Quero saber por que disseram aquilo pro Bernie e por que me deixam no escuro.

Só que eu sei que não adianta.

“Eles fazem isso porque podem.”

Essas palavras se projetam na minha cabeça algumas vezes, e eu sei que estou exatamente onde era pra eu estar. Para o naipe de espadas, esta é a prova final na qual preciso me sair bem. Temos que ficar.

Quando começa a projeção, fico aguardando a famosa cena em *Rebeldia Indomável*, quando Luke enfim enfraquece e todos o abandonam. “Onde vocês estão agora?”, espero ele gritar logo, logo, de sua cama.

Enquanto voltamos pras nossas poltronas, Luke começa a se arrastar pela tela, completamente desesperado. Ele se vira e cai perto da cama. “Onde vocês estão agora?”, ele pergunta baixinho.

Onde vocês estão agora?, eu pergunto e me viro, na esperança de ver um vulto parado em algum canto do cinema. Imagino sentir alguns passos pelo chão, atrás da gente. Viro a cabeça pra olhar. O cinema está lotado, só que as poltronas estão vazias. Em cada espaço escuro que vejo, acho que localizei alguém, porém a escuridão aumenta cada vez mais e é tudo o que há mesmo: escuridão.

— O que foi, Ed? — Audrey pergunta.

— Eles estão aqui — respondo, embora eu não tenha certeza de nada. Foi o que aprendi com essa experiência. — Eles *têm* que estar — mas, quando meus olhos rastreiam todo o cinema, não vejo nada. Se estiverem aqui, não consigo ver ninguém.

Logo, eu me dou conta.

Eu me dou conta, quando estamos voltando pras nossas poltronas, que eles não estão aqui agora — mas estiveram.

Estiveram aqui, sim, pois bem ali na minha poltrona encontro um às de copas.

“Onde vocês estão agora?”, Luke grita na tela, e quem responde são meus batimentos cardíacos. As batidas me chacoalham todo por dentro como se fossem as batidas de um sino. O negócio incha e inflama quando engulo.

Pego a carta e a seguro na mão.

— Copas — digo baixinho.

É onde estou.

Sinto uma tentação danada pra ler o que está na carta, mas consigo me segurar e assistir ao resto do filme, segurando a danada na mão.

Assisto ao filme.

Assisto à Audrey e curto o momento, ou pelo menos o que restou dele.

Na mão, quase dá pra sentir a pulsação da carta cheia de corações, enquanto ela fica ali, só esperando.

P A R T E Q U A T R O

A MÚSICA DOS
CORAÇÕES

A Mala

Dívida de Sangue

A Princesa e o Plebeu

A



A MÚSICA DOS CORAÇÕES

Na minha cabeça, toca uma música vermelha e preta.

É a manhã seguinte.

A manhã do ás de copas.

Eu o sinto como se fosse uma ressaca.

Depois de checar se está tudo bem com o Bernie (ele estava dormindo quando o deixamos na cabine de projeção), caminhamos de volta pela Rua Redoma e penetramos na noite. Estava quente e úmido, e a única pessoa por ali era um cara novo, virado pro outro lado. Estava sentado num banco velho e descascado.

A princípio, eu estava atordoado, com a cabeça girando, só pensando no que tinha acontecido, e quando eu me virei, pra ver o cara de novo, ele não estava mais lá.

Tinha desaparecido.

Audrey fez uma pergunta, mas eu não consegui escutar. Sua voz estava na periferia do barulho infernal dentro dos meus ouvidos. No início fiquei sem saber o que era, mas, então, tive certeza. Eram corações vermelhos e palavras pretas, batendo.

O som de copas; o som dos corações.

Eu sabia que aquele rapaz era o que tinha sido enviado ao cinema.

Talvez ele pudesse ter me levado até a pessoa que está enviando as cartas.

Talvez muitas coisas.

À medida que caminhamos, o barulho dentro dos meus ouvidos diminuiu. Os passos e a voz de Audrey ficaram claros novamente.

Agora já amanheceu e estou ouvindo aquele som de novo.

A carta está no chão.

Porteiro está deitado perto dela.

Fecho os olhos, mas tudo está vermelho e preto.

Esta é a última carta, digo a mim mesmo, mas eu me viro e caio no sono de novo, apesar da música dos corações batendo na minha cama.

Sonho que estou correndo.

Num carro.

Com Porteiro no banco da frente.

Isso deve ser por causa do cheiro dele perto da cama.

É um sonho bonito, tipo fim de filme americano, onde o protagonista e sua garota saem dirigindo pelo resto do mundo.

Só tem uma coisa: estou dirigindo sozinho.

Sem garota nenhuma.

Só eu e Porteiro.

A tragédia é que, enquanto durmo, eu acredito. Acordar é um choque dos diabos, porque não estou mais na estrada. Estou em casa, isso sim, onde Porteiro ronca, com a perna traseira esticada por cima da carta no chão. Não dá pra pegar a carta agora nem por um decreto. Não gosto de mexer no Porteiro quando ele está dormindo.

Na minha gaveta, as outras cartas agora aguardam a chegada da última.

Cada uma delas está de certa forma completa.

Só mais uma, penso, e me ajoelho na cama, enterrando a cabeça no travesseiro.

Não rezo, mas chego perto disso.

Quando eu me levanto, viro Porteiro e leio a carta de novo. As letras pretas são as mesmas que aparecem nas outras cartas. Desta vez, aparecem os seguintes títulos:

A Mala
Dívida de Sangue
A Princesa e o Plebeu

Tenho quase certeza de que são todos títulos de filmes, embora eu não tenha visto nenhum. Lembro que *A Mala* é bem recente. Não teria estado em cartaz no cinema da Rua Redoma, mas tenho certeza de que rodou em um daqueles cinemas obscuros mas populares na cidade. Lembro que vi uns cartazes. Era um *remake* espanhol, se não me engano — uma comédia de gangster, cheia de matadores profissionais, balas e uma mala cheia de francos suíços roubados. Não conheço os outros dois filmes, mas sei quem pode me ajudar nessa.

Estou pronto pra começar, mas, nos poucos dias que faltam pro Natal, permito que o trabalho atrapalhe. Essa época é sempre movimentada, então tiro uns serviços extras e rodo uma porrada de noites. Guardo o ás de copas no bolso da camisa. A carta vai comigo pra todos os lados, e não vou largar dela enquanto não terminar tudo.

Mas será que isso vai ter um fim?, eu me pergunto. *Será que esse negócio vai largar de mim?* Eu já sei que tudo isso vai ficar comigo pra sempre. Vai me assombrar, mas o meu medo é que acho que vou ficar grato. Digo medo porque às vezes eu realmente não quero que isso vire uma lembrança bacana antes da conclusão. Também tenho medo de que, no fim, nada disso acabe. Enquanto a memória conseguir meter o machado numa parte macia e entrar na mente, as coisas continuarão aqui.

Pela primeira vez depois de anos, eu dou cartões de Natal.

A única diferença é que não dou cartões com Papai Noel nem árvores de Natal. Pego algumas cartas velhas de baralho e tiro os ases. Escrevo uma notinha na carta para cada lugar que visitei, coloco-a num pequeno envelope e escrevo “Feliz Natal. Ed.” Até mesmo

para os irmãos Rose.

Numa noite, antes de ir trabalhar, passo nos endereços para deixar as cartas e, na maioria dos lugares, consigo que ninguém me veja. Quando passo na Sophie, acabo sendo visto e devo confessar: eu meio que queria que ela me visse mesmo.

Por algum motivo, sinto um lance especial por Sophie. Talvez uma parte de mim a ame porque ela é a eterna corredora derrotada, igualzinho a mim. Mas eu também sei que é mais do que isso.

Ela é linda.

É o jeitinho dela.

Quando coloco o envelope na sua caixa de correio, eu me viro e saio andando, como faço em todos os outros lugares, mas sua voz me encontra lá de cima, da janela.

— Ed?

Quando eu me viro, ela pede pra eu esperar e rapidinho aparece na porta da frente. Ela está com uma camiseta branca e um short azul de corrida. O cabelo está preso pra trás, mas a franja flutua pelo rosto.

— Só passei pra te deixar um cartão de Natal.

De repente, sou tomado por uma estupidez e começo a me sentir esquisito, ali parado na entrada da garagem.

Ela abre o envelope e lê o cartão.

Pra ela, escrevi uma coisinha a mais, embaixo dos diamantes que representam o naipe de ouros.

“Você é linda”, escrevi, e vejo lágrimas se formarem nos seus olhos quando eles veem o que está escrito. É o que eu disse no dia dos pés descalços e do sangue no corredor esportivo.

— Obrigada, Ed — ela diz olhando fixamente pra carta. — É a primeira vez que recebo um cartão assim.

— É que acabaram os estoques dos cartões com Papai Noel e árvores de Natal.

É meio esquisito entregar as cartas a essas pessoas. Elas nunca saberão de verdade o significado disso, e em alguns casos não farão a menor ideia de quem diabos é esse tal de Ed. No fim, decido que não importa, e me despeço da Sophie.

— Ed?

Já estou no táxi e abaixo a janela.

— Oi, Sophie?

Ela diz com toda educação:

— Eu gostaria de saber o que eu poderia te dar. Você já me deu tanto...

— Eu não te dei nada, Sophie.

Mas ela me conhece bem.

Nada foi uma caixa de sapatos vazia, mas jamais a trocaríamos.

Nós dois sabemos.

O volante está quente, e eu vou embora.

A última carta que entrego é pro padre O'Reilly, que parece estar dando uma festa em casa

pra todos os casos perdidos da rua. Aqueles caras que tentaram malocar minha jaqueta e meu dinheiro e cigarros imaginários estão lá, todos comendo sanduíches de salsicha cheios de molho e cebola.

— Olha só — um deles aponta pra mim. Acho que é o Joe. — É o Ed! — ele tenta encontrar o padre. — Ei, padre! — ele chama, cuspiando metade do sanduíche com as palavras. — O Ed tá aqui.

Padre O'Reilly vem correndo e diz:

— E aqui está ele: o homem que fez toda a diferença no ano. Tenho tentado ligar pra você.

— Ando meio ocupado, padre.

— Ah, sim — ele balança a cabeça. — A sua missão — ele me puxa pro lado e diz: — Eu só quero lhe agradecer mais uma vez, Ed.

Sei que eu deveria me sentir bem com isso, mas não é o que acontece.

— Não vim aqui pra receber agradecimentos, padre. Só vim trazer um cartãozinho bem simples pro senhor.

— Mesmo assim eu agradeço, garoto.

Estou meio pra baixo por causa do meu último ás.

Justamente o de copas ficou por último.

Eu estava esperando espadas.

Peguei copas e, por alguma razão, este parece o mais perigoso de todos.

O naipe é de corações, cara, saca? Tem gente que morre de mágoa, um troço que afeta o coração. Uma porrada de gente morre de ataque cardíaco. E é o coração que mais dói quando as coisas dão errado e se desmoronam.

Quando volto pra rua, o padre sente minha apreensão e diz:

— Ainda não acabou, não é mesmo?

Ele sabe que ele foi apenas uma parte do que eu tenho que fazer. Apenas uma mensagem.

— Não, padre. Ainda não acabou.

— Vai dar tudo certo — ele me diz.

— Não, não vai. Não vou estar bem só por estar. Nunca mais.

É verdade.

Vou ter que fazer muito por merecer estar bem um dia.

A carta ainda está no meu bolso quando desejo ao padre um feliz Natal e saio pela noite. Sinto o ás de copas balançando dentro do bolso. Ele se inclina pra frente, tentando se aproximar do ar e do mundo que eu tenho que enfrentar.

— Para onde? — pergunto à primeira pessoa que pego no dia seguinte, mas não ouço a resposta. Só consigo ouvir o som dos corações de novo, gritando, esbravejando e batendo nos meus ouvidos.

Mais rápido.

Mais rápido.

Nada de motor.

Nada de tique-taque do letreiro luminoso, nada de voz de passageiro, e nada de chiado do trânsito. Somente os corações.

No meu bolso.

Nos meus ouvidos.

Na minha calça.

Na minha pele. No meu hálito.

Estão bem no meu interior.

— Somente corações — digo. — Por todos os lados.

Só que minha passageira não faz a menor ideia do que eu estou falando.

— Pode me deixar aqui — ela diz.

Ela tem uns 40 anos, usa um desodorante que tem cheiro de incenso adocicado e uma maquiagem da cor das rosas. Quando ela me dá a grana, fala, olhando pra mim pelo espelho.

— Feliz Natal.

A voz dela tem o som dos corações.



O BEIJO, O TÚMULO, O FOGO

Comprei tudo que preciso comprar. Mais birita do que comida, é claro, e quando todo mundo aparece pra véspera de Natal, encontra minha casa com cheiro de peru, salada de repolho e, é claro, de Porteiro. Por um tempo, o cheiro do peru consegue se destacar, mas o fedor desse cachorro supera qualquer coisa.

A primeira a chegar é a Audrey.

Ela traz uma garrafa e uns briosches que ela mesma fez.

— Desculpa, Ed, não vai dar pra ficar muito tempo — ela me diz ao entrar. Logo em seguida me dá um beijo no rosto. — O Simon tem um lance com os amigos, e ele quer que eu vá.

— Você quer ir? — pergunto, embora saiba que ela quer. Por que iria preferir ficar com três otários e um cachorro imundo? Só se fosse doida.

Audrey responde:

— Claro que sim. Você sabe muito bem que eu não faria nada que eu não tivesse a fim de fazer.

— Isso é verdade — respondo. E é mesmo.

Começamos a beber quando o Ritchie chega. Ouvimos a moto dele se aproximar lá do início da rua, e, quando para, ele nos chama pra abrir a porta. Está trazendo um isopor cheio de camarão daqueles bem grandes, salmão e limão fatiado.

— Nada mau, hein? — ele larga o isopor. — É o mínimo que eu podia fazer.

— Como você conseguiu trazer?

— O quê?

— O isopor. Como conseguiu trazer o isopor na moto?

— Ah, sim. Eu o preendi nas costas. Vim praticamente em pé o tempo todo. O isopor ocupou metade do assento — Ritchie pisca pra gente, com um ar de generosidade. — Mas valeu a pena.

O cara deve ter gasto metade do seguro-desemprego no conteúdo daquele isopor.

Agora a gente espera.

Pelo Marv.

— Quer ver só como ele não vem? — Ritchie aposta depois de se acomodar. Ele passa a mão nos pentelhos ásperos da cara, e o cabelo ensebado está mais sujo do que nunca. A expressão que se destaca em seu rosto é de alegria. Ele não vê a hora do lance acontecer. Sentado no sofá tomando uma cervejinha, ele relaxa os pés em Porteiro. É um preguiçoso, o Ritchie, deitado ali de pernas esticadas, todo confortável. De alguma forma, ele parece bem ali.

— Ah, ele vem, sim — garanto. — Senão, vou arrastar o Porteiro até a casa dele e fazer com que ele dê o beijinho lá mesmo — largo o copo. — Tem muitos anos que não me sinto

tão empolgado com o Natal.

— Eu também — responde Ritchie. Ele mal consegue esperar.

— Além do mais, tem comida de graça — continuo. — O Marv pode ter 40 mil no banco, só que mesmo assim ele não perde uma boca-livre nem a pau. Pode crer. Ele vem, sim.

— Êta mão-de-vaca dos infernos — diz Ritchie.

Isto sim é que é o espírito natalino mais puro.

— Será que devemos ligar pra ele? — sugere Audrey.

— Não. Deixe que ele venha até a gente — Ritchie dá um sorriso maldoso, e eu só sacando. Essa vai ser ótima. Ele olha pro cachorro e diz: — Tá animado, Porteiro?

Porteiro olha pra cima como se dissesse: *De que porra que tu tá falando, companheiro?* Ninguém disse pra ele o que ainda está por ocorrer esta noite. Coitado. Ninguém perguntou pra *ele* se estava tudo bem.

Finalmente, chega Marv de mãos vazias.

— Feliz Natal — ele diz.

— Tá, tá, pra você também — respondo. Aponto então pras mãos vazias. — Putz, vai ser generoso assim lá no inferno, moleque.

Mas eu sei como o Marv pensa.

Ele decidiu que, se tem que beijar Porteiro, é mais do que o suficiente este ano. Garanto que ele ainda está pedindo a Deus para que a gente tenha esquecido do lance.

Só que o Ritchie sai logo destruindo qualquer esperança.

Ele se levanta e diz:

— E aí, Marv? — ele está sorrindo.

— E aí o quê?

— Você sabe — Audrey se junta ao papo.

— Não sei, não — Marv insiste.

— Ah, não venha com essa merda pra cima da gente — Ritchie já vai colocando ordem. — Você sabe, sim. Nós sabemos — ele está se divertindo com a história. Só falta esfregar as mãos de prazer. — Marv — ele anuncia. — Tu vai beijar esse cão — ele aponta pro Porteiro. — E o pior, tu vai gostar, meu irmão. Tu vai fazer isso com um baita sorriso na cara, senão a gente vai te forçar a fazer várias vezes.

— Tá bem — Marv responde todo puto. Parece até um menininho contrariado. — Um beijinho na cabeça, certo?

— Ah, não! — Ritchie reclama. Ele se levanta, curtindo cada minuto disso tudo. — Acho que o acordo foi que você ia beijar o cão bem na boquinha e é exatamente lá que você vai beijar — ele aponta pro Marv.

Porteiro levanta a cabeça.

Ele parece desconfortável com todos nós ali olhando pra ele.

— Coitado de você — diz Ritchie.

Marv se queixa:

— Coitado de mim, mesmo.

— Não, cara — Ritchie discorda. — Coitado *dele!* — e joga a cabeça em direção ao

cachorro.

— Agora chega — diz Audrey. — Agora nada de gracinha que o negócio é sério — ela me passa minha câmera. — Vamos lá, Marv. Ele é todo seu.

Com o peso do mundo nos ombros, Marv se abaixa horrorizado e finalmente consegue se aproximar da cara do Porteiro. Porteiro olha tão nervoso que até chora — pelo preto e dourado e olhos cheios de lágrimas.

— Ele precisa colocar a língua pra fora desse jeito? — Marv me pergunta.

— Ele é cachorro — respondo. — Que mais você espera dele?

Extremamente infeliz e contrariado, Marv acaba dando o beijinho. Ele se inclina e beija o focinho de Porteiro, bem rápido, mas dando tempo suficiente pra eu tirar uma foto e pra Audrey e Ritchie comemorarem, baterem palmas e caírem na gargalhada.

— Tá vendo só? Até que não foi tão difícil, foi? — diz Ritchie, mas Marv já sumiu, foi correndo pro banheiro.

Coitado do Porteiro.

Eu mesmo vou lá e dou-lhe um beijinho na testa e um pedaço bem caprichado de peru.

Valeu, Ed, ele sorri.

Porteiro tem um sorriso bacana.

Mais tarde conseguimos fazer com que o Marv relaxe e ria um pouco, embora ele fique reclamando de estar com gosto de Porteiro nos lábios.

A gente come, bebe, joga, até que uma batida na porta anuncia a chegada do namorado. Ele bebe um pouco com a gente e come uns camarões. É um cara maneiro, decido, mas só de olhar eu já sei. Audrey não o ama.

Acho que é isso.

Depois que Audrey se vai, resolvemos não ficar ali bebendo e lamentando. Ritchie, Marv e eu comemos, bebemos e saímos perambulando pela cidade. Lá no início da rua principal, tem uma fogueira iluminando tudo, e é pra lá que vamos.

Por um tempo, é difícil andar direito, mas, quando chegamos lá, já estamos bem sóbrios. Está fazendo uma noite bacana.

Tem gente dançando.

Falando alto.

Algumas pessoas estão brigando.

Natal é sempre assim. A tensão do ano inteiro vem à tona.

Na fogueira, vejo Angie Carusso com os filhinhos, ou melhor, eles é que se aproximam de mim.

Sinto uma batidinha na perna e, quando olho pra baixo, vejo um dos meninos. O chorão.

— Oi, moço! — ele diz.

Quando eu me viro, vejo Angie Carusso segurando um sorvete. Ela me oferece e diz:

— Feliz Natal, Ed.

Eu aceito.

— Obrigado. Eu tava precisando mesmo de um sorvete.

— Às vezes todo mundo precisa.

A felicidade que ela sente em poder retribuir um favor fica estampada na cara.

Dou uma lambida e pergunto:

— Como você está, Angie?

— Ah... — ela olha pras crianças e de volta pra mim. — Estou sobrevivendo, Ed. Às vezes isso só já basta — ela se lembra de alguma coisa. — Ah, e antes que eu me esqueça, obrigada pelo cartão.

E então, aos poucos, Angie vai se afastando com as crianças.

— Não precisa agradecer — eu grito pra ela. — Divirta-se e aproveite a noite!

— Curta o sorvete — ela responde e sai contornando a fogueira.

— O que foi isso? — pergunta Marv.

— Ah, é só uma conhecida.

É a primeira vez que ganho um sorvete de Natal.

Ali parado, olhando a fogueira, deixo o friozinho doce encharcar meus lábios.

Atrás de mim, ouço um pai conversando com o filho.

— Se você fizer isso novamente, vou te meter um tabefe tão grande que você vai parar na fogueira — e a voz dele amolece, de ironia. — E não queremos que isso aconteça, não é mesmo? Papai Noel não vai gostar nada disso, certo?

Marv, Ritchie e eu achamos aquilo interessante.

— Aaaahh... — Ritchie suspira todo feliz. — Isto, sim, é Natal.

Todos nós ouvimos aquilo de nossos pais. Pelo menos uma vez.

Penso no meu velho, morto e enterrado. Este é o primeiro Natal que passo sem ele.

— Feliz Natal, pai — digo e mantenho os olhos longe da fogueira.

O sorvete derrete nos meus dedos.

A noite avança, dando lugar à manhã de Natal, e eu, Marv e Ritchie vamos nos separando. A multidão aumenta e, depois que a gente se perde um do outro, acaba a festa.

Volto andando pelas ruas e dou uma passada no cemitério pra visitar o túmulo do meu pai, onde fico um tempão. Do cemitério, vejo o brilho da fogueira, e eu me sento lá, olhando pra lápide onde está escrito o nome do meu pai.

Eu chorei no velório.

Deixei as lágrimas encharcarem minha cara num silêncio total, com um baita peso na consciência por não poder sequer arranjar coragem pra falar sobre ele. Eu sabia que todos ali estavam só pensando que ele era um pinguço, enquanto eu me lembrava das outras coisas também.

— Ele era um cavalheiro — falo baixinho agora.

Que pena que não disse isso um dia, penso, pois meu pai nunca falou mal de ninguém, nem agiu de forma grosseira. É bem verdade que ele não chegou a lugar nenhum e

desapontou minha mãe com promessas não cumpridas, mas acho que ele merecia que alguém da família dissesse umas palavrinhas naquele dia.

— Me perdoe — digo pra ele agora, enquanto me levanto pra ir embora. — Me perdoe, meu pai.

E vou embora, com medo.

Com medo, porque não quero que meu próprio funeral seja assim, triste e vazio.

Quero que alguém diga algumas palavras no meu velório.

Mas acho que isso significa que o cara precisa de vida em sua vida.

E agora caminho.

Só caminho.

Quando chego em casa, encontro o Marv dormindo no banco de trás de seu carro e Ritchie sentado na varanda. Ele está com as pernas esticadas pra fora e o corpo recostado na parede. Quando olho mais de perto, vejo que ele também está dormindo. Dou um puxão na manga de sua camisa.

— Ritchie — falo bem baixo. — Acorda, cara.

Ele abre os olhos numa porrada só.

— Quê? — ele pergunta todo apavorado. — O quê?

— Cê tá dormindo na minha varanda, maluco. Melhor ir pra casa.

Ele se sacode pra despertar, olha pra meia-lua e diz:

— Deixei as chaves na mesa de sua cozinha.

— Venha.

Abaixo a mão pra ele segurar e se levantar.

Lá dentro, vejo que são três e pouquinho da manhã.

Ritchie pega as chaves com os dedos.

— Quer comer ou beber alguma coisa? Tipo um café? — ofereço.

— Não, valeu.

Mas também ele não vai embora.

Por um instante, ficamos ali parados, sem graça, até que finalmente Ritchie olha pra mim e diz:

— Não tô a fim de ir pra casa hoje, Ed.

Percebo uma ponta de tristeza em seus olhos, mas logo passa, assim que ele vai relaxando. Ele só olha pras chaves, e eu fico me perguntando o que se espreita sob o exterior tranquilo e calmo de meu amigo. Morto de cansaço, fico me perguntando o que poderia incomodar alguém tão sossegado e preguiçoso como o Ritchie.

Ele arrasta os olhos de novo pra mim.

— Claro, velho. Pode ficar por aqui hoje.

Ritchie se senta à mesa.

— Valeu, Ed. Ei, Porteiro.

Porteiro entrou na cozinha enquanto fui buscar o Marv.

Por um instante tenho vontade de deixá-lo no carro, mas o espírito natalino consegue ter efeito até mesmo num cara como eu. Tento bater na janela, mas minha mão atravessa a danada.

É claro.

Não tem janela nenhuma.

Marv *ainda* não consertou essa droga desde o assalto lá no banco. Acho que ele fez um orçamento, mas o cara disse que a janela ia acabar saindo mais cara do que o carro.

Ele dorme com a cabeça nas mãos, e os mosquitos estão fazendo fila pra chupar seu sangue.

A porta da frente não está trancada, então eu a abro e aperto a buzina sem dó nem piedade.

— Meu Deus! — Marv grita.

— Vamos lá pra dentro, Marv.

Logo depois, ouço a porta do carro abrir e fechar numa porrada e seus pés se arrastando atrás de mim.

Ritchie fica com o sofá, Marv fica na minha cama, e eu resolvo ficar na cozinha. Digo pro Marv que não conseguiria mesmo dormir, e ele aceita a cama com todo gosto.

— Valeu, Ed.

Antes de ele entrar, aproveito pra ir lá no quarto e tirar todas as cartas da gaveta ao lado da cama. A pedrinha dos Tatupu também está lá.

Na cozinha, dou uma olhada nelas, lendo tudo de novo, embora a vista cansada faça com que as letras dancem na minha frente. Me sinto um caco.

Em alguns momentos de lucidez, eu me lembro do ás de ouros, revivo o ás de paus e até rio do ás de espadas.

Estou preocupado com o de copas.

Não quero dormir pra não ter que sonhar com os corações...



Tradição pode ser até um palavrão, sobretudo na época do Natal.

As famílias em todo o mundo se reúnem e curtem a companhia uns dos outros por alguns minutos. Por uma hora, eles se toleram. Depois disso, só tentam suportar uns aos outros.

Dou uma passada na casa da minha mãe depois de uma manhã monótona com Ritchie e Marv. Tudo que fizemos foi comer os restos da noite anterior e jogar umas partidas de Porre. Não foi a mesma coisa sem a Audrey, e não demorou muito pra gente arrumar as coisas e pros caras darem o fora.

Minha família geralmente se encontra ao meio-dia na casa de minha mãe. É esse o programa.

Minhas irmãs estão lá com os filhos e maridos, e o Tommy apareceu com uma garota linda que ele conseguiu conquistar na faculdade.

— Esta é Ingrid — ele apresenta, e vou dizer que Ingrid podia até posar pra revistas. Ela tem um cabelo comprido, castanho, um rosto lindo, bronzeado, e um corpinho no qual eu me deixaria derreter todo.

— Muito prazer — ela diz. E, pra completar, ela ainda tem uma voz encantadora. — Tommy já falou muito de você, Ed — é claro que é mentira, e decido não engolir. Este ano, eu simplesmente não tenho força pra isso.

Então respondo:

— Falou nada, Ingrid — mas digo isso com um tom simpático. Quase tímido. Ela é bonita demais pra me aborrecer. Garotas bonitas matam e ainda se safam na boa.

— Ah, *você* veio — minha mãe diz quando me vê.

— Feliz Natal, mãe! — grito todo animado e apostado como todos perceberam o sarcasmo na minha voz.

Comemos.

Trocamos presentes.

Brinco com os filhos da Leigh e da Katherine, pendurando os moleques nos ombros, brincando de aviãozinho, de cavalinho, até não aguentar mais e mal conseguir me levantar.

Pego o Tommy passando a mão na Ingrid, na sala de visitas. Bem perto da famosa mesinha de cedro.

— Puta merda, foi mal, pessoal — e saio batido da sala.

Boa sorte pra ele.

São quinze pras quatro e está na hora de ralar e pegar a Milla. Beijo minhas irmãs, aperto as mãos dos cunhados e me despeço da criançada.

— Último a chegar, primeiro a sair — diz minha mãe, soltando fumaça de cigarro. Ela fuma à beça no Natal. — E é o que mora mais perto.

O comentário quase que me faz perder a cabeça e falar umas boas pra ela.

A mulher chifra meu pai, penso. E ainda me insulta o tempo todo.

Fico com uma baita vontade de abrir o verbo com essa mulher ali parada na cozinha, contaminando o ar com a fumaça que expele dos pulmões.

Só que eu me controlo e só olho pra ela.

Falo entre a névoa quente.

— Você fica horrorosa fumando — digo e saio, deixando a velha abandonada entre a névoa.

Lá na grama da frente, quando estou saindo, ouço me chamarem duas vezes. Primeiro é o Tommy e depois é a minha mãe.

Tommy sai de casa e pergunta:

— Tá tudo bem com você, Ed?

Eu volto e respondo:

— Tá tudo bem, Tommy. Foi um ano muito doido, mas eu tô bem. E você?

A gente se senta nos degraus da escada da frente, metade dos quais está na sombra, e a outra metade, toda iluminada pelo sol. Obviamente, eu fico na parte da sombra e o Tommy se senta na luz. Mais simbólico do que isso, impossível.

Pela primeira vez no dia eu me sinto bem, conversando ali com meu irmão, trocando perguntas e respostas rápidas.

— Tá tudo bem na faculdade?

— Tá, as notas estão boas. Melhores do que eu esperava.

— E a Ingrid?

Paira um silêncio geral, até que não dá mais pra se segurar. A gente se rende e cai na gargalhada. Parece bem coisa de moleque, mas eu dou os parabéns pra ele, e ele se parabeniza.

— Até que ela não é má — ele diz, e, com toda sinceridade, eu digo ao meu irmão que tenho orgulho dele, e não é pela Ingrid. A Ingrid não significa nada comparada ao que estou me referindo.

— Que bom pra você, Tommy — apoio a mão nas costas dele e me levanto. — Boa sorte, maninho.

Quando estou descendo as escadas, ele diz:

— Depois eu te dou uma ligada pra marcar alguma coisa.

Só que, mais uma vez, não dá pra engolir essa. Eu me viro com uma tranquilidade que surpreende até a mim.

— Duvido muito que você ligue pra mim, Tommy.

Que sensação boa! É bacana emergir das mentiras.

Tommy concorda.

— Você tem razão, Ed.

Ainda somos irmãos, e quem sabe? Talvez um dia. Tenho certeza de que um dia a gente vai se encontrar, se lembrar e falar sobre uma porrada de coisas. Coisas maiores do que a faculdade e a Ingrid.

Só que ainda vai levar um tempo.

Por enquanto, vou cruzando a grama do jardim e digo:

— Tchau, Tommy. Obrigado por vir falar comigo — e estou satisfeito apenas com uma coisa:

Eu queria ficar na varanda com ele até o sol brilhar sobre nós dois, mas não fiquei. Eu me levantei e desci as escadas. Prefiro correr atrás do sol a esperar que ele venha incidir sobre mim.

Quando o Tommy entra, quem sai é minha mãe.

— Ed! — ela me chama.

Olho pra ela.

Ela se aproxima de mim e diz:

— Feliz Natal, tá?

— Pra senhora também. Sabe, mãe, é a pessoa que conta, não o lugar. Se a senhora tivesse saído daqui, teria sido a mesma em qualquer outro canto — é bem verdade mesmo, mas não consigo parar agora. — Se um dia eu sair deste lugar... — engulo saliva. — Vou tentar primeiro ser uma pessoa melhor *aqui*.

— Ok, Ed — ela fica atordoada, e eu sinto pena desta mulher parada na varanda de uma rua pobre em uma cidade qualquer. — Tudo bem.

— Tchau, mãe.

E vou embora.

Eu tinha que fazer aquilo.

Dou uma passada em casa pra beber alguma coisa e vou pra casa da Milla. Quando chego lá, ela está toda ansiosa esperando, com um vestido leve azul-claro e segurando um presente. Mal consegue disfarçar a empolgação.

— É pra você, Jimmy — ela me dá uma caixa bem grande e fina.

Eu me sinto meio mal, pois não trouxe nada pra ela.

— Me perdoe — começo a me desculpar, mas ela rapidinho me cala com a mão.

— Já me basta o fato de você voltar pra mim. Você não vai abrir?

— Não, vou esperar.

E ofereço o braço à velhinha. Ela segura e saímos, rumo à minha casa. Pergunto se devemos pegar um táxi, mas ela está feliz em caminhar, e, na metade do caminho, fico na dúvida se ela vai conseguir chegar. Ela tosse forte e respira com dificuldade. Eu me imagino tendo que carregá-la. Mas ela consegue, e, quando chegamos, eu sirvo um vinhozinho pra ela.

— Obrigada, Jimmy.

Ela se afunda na poltrona e apaga quase que de imediato.

Várias vezes dou uma checada pra ver se ainda está viva, mas sempre escuto sua respiração.

Acabo então me sentando na sala com ela enquanto o dia morre lá fora da janela.

Quando ela acorda, comemos peru da noite passada e um pouco de salada de feijão.

— Maravilhoso, Jimmy — a velhinha vibra. — Maravilhoso.

Seu sorriso estala.

Em circunstâncias normais, eu preferiria dar um tiro em alguém que use a palavra “maravilhoso”, só que combina muito bem com a Milla. Ela passa o guardanapo na boca, sussurra “maravilhoso” várias vezes, e tenho então a sensação de que o Natal está completo.

Com um ar mais disposto depois da soneca, Milla bate nos braços da poltrona e pede:

— Abra seu presente, Jimmy.

Eu então obedeço.

— Claro.

Vou até a caixa embrulhada e levanto a tampa. Dentro, tem um terno esporte preto e uma camisa azul-marinho. Provavelmente é o primeiro e último terno que ganho na vida.

— Gostou? — ela pergunta.

— É lindão — eu me apaixono pelo terno na hora, mesmo sabendo que vai ser muito ruim arranjar uma oportunidade pra usá-lo.

— Coloque-o, Jimmy.

— Vou colocar — respondo. — Já vou — e, depois que vou pro quarto, procuro um velho par de sapatos pretos pra combinar. Graças a Deus o terno não tem daqueles ombros superlargos. Fico todo empolgado pra voltar pra sala e mostrar à Milla como ficou, mas quando chego lá, ela está dormindo de novo.

Então eu me sento.

Com o terno no corpo.

Quando acorda, a velhinha diz:

— Nossa, que terno lindo, Jimmy — e passa a mão pra ver qual é o tecido. — Onde você conseguiu esta beleza?

Por um instante fico meio confuso, e então a ficha cai: ela se esqueceu completamente. Dou então um beijinho em seu rosto.

— Uma linda mulher me deu de presente.

A velhinha está maravilhada. Que velhinha maravilhosa!

— Está muito bem em você!

— Tá mesmo — concordo.

Ela tem razão.

Depois de tomarmos um cafezinho, chamo um táxi e a acompanho até sua casa. E o motorista é nada mais, nada menos que Simon, o “namorado”, ganhando um extra na bandeira dois no Natal.

Antes de sair do táxi e acompanhar a Milla até sua casa, peço pro Simon esperar. É pura

preguiça, eu sei, mas estou com grana hoje e dá pra voltar de táxi.

— Bem, mais uma vez obrigada, Jimmy — Milla agradece e caminha trêmula pra cozinha. Ela é tão frágil, mas, mesmo assim, tão linda. — Foi um ótimo dia — ela completa, e eu só concordo. Foi mesmo. Eu me dou conta de que o tempo todo fiquei pensando que estava fazendo um favor a esta velhinha, passando o dia de Natal com ela.

Quando estou saindo de sua casa, usando o terno preto, percebo que é o contrário.

Eu sou o privilegiado, e a velhinha sempre será maravilhosa.

— Te deixo em casa? — o “namorado” pergunta quando volto pro táxi.

— Sim, por favor.

Vou no banco da frente, e o “namorado” puxa conversa. Pro meu azar, infelizmente ele parece estar a fim de falar sobre a Audrey.

— Quer dizer então que você já é amigo da Audrey há muitos anos?

Olho pro painel.

— Provavelmente mais do que anos.

— Você a ama? — ele pergunta.

A franqueza do cara me pega de surpresa, ainda mais assim de cara, logo no início do papo. Chego à conclusão de que ele sabe que a corrida é bem rápida. Quer maximizar os resultados logo. Então pergunta de novo:

— E aí?

— E aí o quê?

— Ah, para de palhaçada, Kennedy. Você ama a garota ou não?

— O que você acha?

Ele esfrega o queixo e não diz nada, daí eu continuo.

— Não é exatamente isso que você quer saber. A questão aqui não é se eu a amo, mas se ela te ama — minha voz o espanca. Eu parto pra cima do coitado. — Né, não?

— Bem... — o cara hesita enquanto dirige, e acho que ele merece pelo menos algum tipo de resposta.

— Ela não *quer* te amar, cara — digo. — Ela não tá a fim de amar ninguém. A vida endureceu a Audrey. Ela acabou odiando as únicas pessoas que amou — começo a lembrar algumas cenas de nossa infância. Ela enfrentou muita mágoa e jurou que a coisa ia mudar. Não ia mais deixar que ninguém ferrasse com ela.

O “namorado” não diz nada. Percebo que ele é um cara pintoso. Mais pintoso do que eu. Tem os olhos maneiros e queixo quadrado. Com os pelos no rosto então, fica até parecendo modelo de revista.

Ficamos no maior silêncio até chegarmos na minha casa. Daí o “namorado” fala de novo:

— Ela ama *você*, Ed...

Olho pra ele.

— Mas ela quer *você*, cara.

E é aí que está o problema.

— Toma — passo a grana, mas ele não aceita.

— Nada disso, é por minha conta — ele diz, mas eu tento de novo e desta vez ele aceita.

— Não marque esta corrida, cara — sugiro. — Acho que merece embolsar esta só pra você hoje.

Passamos um momento juntos antes de eu descer.

— Foi bom levarmos um papo — digo e apertamos as mãos. — Feliz Natal pra você, Simon.

A partir de agora, nada mais de “o namorado”. Acho que ele é Simon mesmo.

Depois de entrar em casa, durmo no sofá sem tirar meu terno preto nem a camisa azul-marinho.

Feliz Natal, Ed.



Aqui por essas bandas fazemos feriado no dia 26 de dezembro, só que mesmo assim eu trabalho. No dia seguinte, faço uma visita a Bernie no cinema da Rua Redoma.

— Ed Kennedy! — ele grita quando chego lá. — Voltou pra mais um filminho, hein?

— Não, não. Tô precisando de sua ajuda, Bernie.

Imediatamente ele se aproxima e pergunta:

— Como posso ajudá-lo?

— Bem, você conhece seus filmes, certo?

— Claro, você pode assistir a qualquer coisa que...

— Shhh! Só me diga, Bernie. Me diga tudo que você sabe a respeito destes títulos aqui — tiro o ás de copas, embora eu conseguisse muito bem repetir todos os títulos sem a carta. — *A Mala*, *Dívida de Sangue* e *A Princesa e o Plebeu*.

Logo de cara, Bernie já vai logo arregaçando as mangas.

— Só tenho aqui *A Princesa e o Plebeu* — e ele me passa uma porrada de informações.

— *A Princesa e o Plebeu* é considerado um dos melhores filmes com Gregory Peck, produzido em 1953 e dirigido por William Wyler, o mesmo de *Ben-Hur*. Foi filmado belamente em Roma e ficou famoso pela atuação gloriosa de Audrey Hepburn, à qual Peck insistiu que fossem dados os mesmos créditos que a ele na publicidade do filme. Segundo Peck, se não fosse assim, ele viraria motivo de piada — tamanha a força da atuação de Audrey. Isso foi corroborado quando ela levou um Oscar...

Ele continua falando bem rápido, mas eu volto a uma palavra que Bernie disse.

Audrey, penso.

— Audrey — digo.

— Isso — ele olha pra mim desorientado pela minha ignorância. — Isso mesmo, Audrey Hepburn. E ela era absolutamente marav...

Não, não diga maravilhosa, imploro. *Essa palavra pertence à Milla*.

— Audrey Hepburn! — eu quase grito. — O que você sabe sobre os outros dois filmes?

— Bem, eu tenho um catálogo. É maior ainda do que aquele que eu te mostrei da última vez. Nele você encontra praticamente todos os filmes já lançados. Atores, diretores, cineastas, trilhas sonoras, partituras das músicas, tudo que você possa imaginar.

Ele pega o livro bem grosso e o passa pra mim. Dou logo uma olhada em *Dívida de Sangue*. Assim que acho a página, leio em voz alta:

— Estrelando Lee Marvin em um de seus mais famosos papéis...

Paro porque encontrei. Volto e leio o nome de novo. “*Lee Marvin*”.

Agora dou uma olhada em *A Mala*.

Assim que acho o filme, leio o elenco e o diretor. O diretor é um cara chamado Pablo

Sanchez. Ele tem o mesmo sobrenome do Ritchie.

E eu tenho então os três endereços.

Ritchie. Marv. Audrey.

A empolgação do início é logo substituída pela ansiedade.

Tomara que as mensagens sejam boas, penso, mas algo me diz que não vai ser fácil. Deve haver um bom motivo pra essa turminha ter ficado por último. Além de serem meus amigos, serão ainda as mensagens mais desafiadoras que eu vou ter que dar conta. Já estou até vendo.

Seguro a carta e largo o catálogo no balcão. Bernie fica preocupado.

— O que foi, Ed?

Olho pra ele e digo:

— Me deseje boa sorte, Bernie. Reze pra que eu consiga passar por essa.

Ele me deseje sorte.

Ainda com a carta na mão, saio andando pra rua. Lá fora, encontro a escuridão e a incerteza do que está por vir.

Sinto o medo, mas ando rápido na direção dele.

O cheiro da rua faz de tudo pra colocar as mãos em mim, mas eu não deixo, e vou andando. Toda vez que me dá um arrepio nos braços e nas pernas, eu aperto o passo, sem saber se Audrey está precisando de mim, ou talvez Ritchie ou Marv... Cara, tenho que correr.

O medo é a rua.

O medo é cada passo.

A escuridão aumenta na estrada, e eu começo.

A correr.

O primeiro impulso que tenho é de ir direto pra Audrey.

Quero chegar lá o mais rápido possível pra poder resolver qualquer problema que ela tiver. Nem tenho coragem de pensar na possibilidade de ter que fazer alguma coisa desagradável.

Só tenho que chegar lá, digo a mim mesmo, mas então é um outro impulso que assume o controle.

Continuo andando, mas levanto a carta e a seguro bem na frente dos olhos.

Checo a ordem.

Ritchie. Marv. Audrey.

Um sentimento bem forte dispara na minha frente e traz a noção de que tenho que seguir a ordem. A Audrey é a última por um motivo, e eu sei disso. O primeiro então é o Ritchie.

— É isso mesmo — concordo com meu próprio raciocínio, e continuo indo a toda. Vou pra casa do Ritchie na Rua Bridge. Pego um atalho pra lá e meus pés vão se movendo pra frente e cada vez mais rápido.

Será que estou correndo pra poder chegar logo na Audrey?, pergunto, mas não respondo.

Eu me concentro no Ritchie.

Imagino a cara dele quando passo embaixo dos galhos de uma árvore. Passo me esfregando nas folhas e o tiro da minha visão, ouvindo sua voz e os comentários durante as partidas. Lembro dele todo alegre no Natal ao ver o Marv beijar Porteiro.

Ritchie, penso. *Qual será a mensagem pro Ritchie?*

Já estou quase lá.

A esquina da Rua Bridge está logo ali na frente.

Meu coração acelera e toma impulso.

Quando dobro a esquina, vejo logo a casa do Ritchie. Uma questão de choque está ao meu lado e respira na minha cara.

Vejo as luzes na cozinha e na sala do Ritchie, mas me distraio com um pensamento que se recusa a desgrudar de minha cabeça.

E agora? O que eu faço? A pergunta fica martelando.

Os outros lugares até que foram relativamente fáceis porque eu não conhecia as pessoas (com exceção de minha mãe — e quando estava ali sentado naquele restaurante italiano, eu não fazia a menor ideia de que estava esperando por *ela*), de forma que não tive muita escolha. Só esperei a oportunidade pintar. Mas com o Ritchie, o Marv e a Audrey a história é bem diferente: não dá pra ficar parado do lado de fora da casa de cada um deles, que são pessoas que conheço muito bem. É a última coisa que eu faria.

Mesmo assim, penso, penso, tentando chegar a uma conclusão e acabo decidindo atravessar a rua e me sentar encostado a um velho carvalho pra esperar.

Já estou do lado de fora há quase uma hora e, pra ser bem sincero, até agora muito pouco aconteceu. Percebo que os pais do Ritchie já voltaram das férias. (Vi a mãe dele lavando a louça.)

Está ficando tarde e não demora muito pra luz da cozinha ser a única coisa acesa. Todas as casas na rua vão se apagando e o que sobra mesmo são as luzes dos postes.

Na cozinha da casa dos Sanchez, entrou um vulto sozinho e se sentou à mesa.

Tenho certeza que é o Ritchie.

Dá vontade de ir lá, mas, antes de conseguir me levantar, ouço umas pessoas vindo da rua na minha direção.

Quando olho, tem dois caras de pé na minha frente.

Estão comendo torta.

Um deles olha pra baixo e fala comigo. Ele me olha com um tipo de deboche familiar e diz:

— Disseram que você estaria aqui, Ed — ele balança a cabeça e joga uma torta, que certamente comprou numa loja de conveniência ali perto. E então se abaixa. — Tu é um escroto mesmo, né, não? Fala sério!

Olho pra cima, completamente perdido, sem saber o que dizer.

— E aí, Ed? — o outro resolve falar, e sei até que parece ridículo, mas é bem difícil

reconhecer os dois sem as máscaras de lã.

— Daryl? É você? — pergunto.

— Sou.

— Keith?

— Isso mesmo.

Daryl se senta e me dá a torta.

— Em nome de nossa velha amizade — ele explica.

— Sei — respondo, chocado. — Valeu.

De repente começo a me lembrar da última visita que esses dois me fizeram. Na cabeça me vêm imagens de sangue, palavras e do chão da cozinha imundo. Tenho que perguntar logo. — Vocês não vão... — ainda está meio difícil falar.

— O quê? — Keith fala desta vez, sentado do outro lado. — Te sentar o pau um pouquinho?

— É — respondo.

Como prova de boa-fé, Daryl desembulha minha torta e me passa.

— Ah, não, Ed. Nenhum corretivo hoje. Nada do tipo — ele dá um riso nostálgico de um jeito que parece até que somos velhos companheiros de guerra, ou coisa parecida. — Só pra você ter uma ideia, se você bancar o esperto com a gente...

Ele se acomoda no chão. O cara é pálido e tem a cara toda marcada de briga, mas ainda assim consegue ser pintoso. Keith, por outro lado, tem a cara cheia de espinhas, um nariz pontudo e um queixo que Deus me livre.

Olho pra ele e digo:

— Caraca, velho! Acho que gostei mais de você com a máscara.

Daryl dispara a rir. Keith, por sua vez, não fica impressionado, pelo menos não no início. Ele rapidinho se acalma, e entre a gente o clima é de bons amigos. Acho que é porque a gente vem passando por uns lances juntos, embora seja de lados totalmente diferentes.

Passamos uns minutinhos comendo.

— Tem molho aí? — pergunto.

— Eu disse! — Keith acusa Daryl.

— O quê?

— *Eu* disse que devíamos trazer um molho pra você, Ed — Keith explica —, só que o mão-de-vaca aí não deu ouvidos.

Daryl joga a cabeça pra trás antes de responder.

— Olha só, molho é muito perigoso — ele aponta pra minha camisa. — Dê uma olhada e me diga a cor desta camisa. Qual é, hein, Keith? Diga. Qual é a cor desta camisa?

— *Eu sei* qual é a cor, Daryl. Não precisa ficar todo cheio de sacanagem.

— De novo? E quando é que eu sacaneio, maluco?

Eles estão quase gritando um com o outro, e eu só ali no meio dos dois, tirando mais um pedaço da torta meio fria.

— Neste exato momento — continua Keith. Ele tenta me colocar na discussão. — E você, Ed? O que você diz? — ele está olhando bem pra mim. — O Daryl não tá de

sacanagem?

Resolvo responder a primeira pergunta de Daryl:

— Eu tô usando uma camisa branca.

— Exatamente — responde Daryl.

— Exatamente o quê?

— Exatamente, Keith, é simplesmente perigoso demais pro Ed chegar a pensar em comer essa torta com molho — agora sim ele está falando definitivamente num tom de quem está sacaneando. — Vai cair nesta linda camisa branca, e o infeliz ainda vai ter que lavar a desgraçada. E esta é a última coisa de que precisamos agora, concorda?

— O cara não vai morrer se tiver que lavar a camisa, maluco! — Keith diz isso com muita firmeza. — Ele pode até encher a máquina e deixar uma porrada de roupa batendo enquanto dá um banho naquele cão fedido. Vão ser necessárias umas duas horas mesmo.

— Alto lá, meu irmão. Deixe Porteiro fora dessa — protesto. — Ele não fez nada.

— Exatamente — Daryl concorda. — O comentário foi totalmente desnecessário, Keith.

Keith se acalma, abaixa a cabeça e admite:

— Eu sei — e até se desculpa. — Foi mal, Ed.

Dá pra notar que desta vez eles receberam ordens de se comportarem muito bem comigo. Talvez por isso estejam discutindo muito mais entre si.

Eles falam mais um pouco até que os dois pedem desculpas, e por um tempo batemos um papo que entra pela noite que caiu silenciosamente sobre a gente.

Estamos bem felizes, com o Daryl contando piadas sobre homens entrando em bares, mulheres com espingardas, esposas, irmãs e irmãos que dormiriam com o leiteiro por um milhão de dólares.

Sim, estamos todos bem felizes, até que as luzes da cozinha do Ritchie se apagam.

Eu então me levanto e digo:

— Que ótimo. Só faltava essa.

Eu me viro para os dois melhores briguentos que já conheci e digo que perdi uma chance.

Eles não dão a mínima.

— Sua chance de quê? — pergunta Daryl.

— Você sabe — respondo.

Mas ele só balança a cabeça e diz:

— Na verdade não sei, não, Ed. Só sei que esta é sua próxima mensagem e pelo visto você não tem a menor ideia do que é pra fazer — ele fala com voz tranquila, mas ao mesmo tempo alguma coisa a deixa pesada.

Verdade, penso.

É isso que está dando um peso na voz dele.

Ele tem razão. Eu realmente não sei o que estou fazendo. Ainda estou tentando adivinhar, na esperança de que a resposta simplesmente pinte a qualquer momento.

Daryl e Keith se levantam e ficam ali parados ao meu lado, embaixo do carvalho.

É o Keith quem faz as últimas perguntas.

Suas palavras penetram nos meus ouvidos enquanto ele fala com uma voz rouca, gentil e sábia.

Ele chega bem pertinho de mim e diz:

— O que você tá fazendo aqui, Ed? — as palavras vão aumentando de tamanho e penetrando no meu ouvido. — Por que você tá aqui parado, esperando? Você deveria *saber* o que fazer... — ele descansa um pouco antes de concluir com suas palavras finais, que inundam meus ouvidos. — O Ritchie é um de seus melhores amigos, Ed. Você não precisa *pensar* em nada, nem esperar, nem decidir o que fazer. Você *já* sabe, sem dúvida nenhuma. Não sabe? Diga aí, Ed: sabe ou não sabe?

Dou uma cambaleada pra trás e deslizo até o meu lugar original na árvore, onde eu estava sentado.

Os dois continuam de pé, olhando pra casa.

Minha voz se arremessa pra frente, caindo no chão aos pés deles.

Você sabe o que fazer, penso.

— Sim — respondo. — Eu sei.

Sou atacado brutalmente por visões.

Fico em pedaços espalhados pelo chão.

Keith e Daryl dão o fora.

Não sei qual deles grita:

— Iça!!!

Me dá vontade de sair correndo atrás deles e implorar para que me contem quem está por trás disso e por que motivo, mas...

Não consigo.

Só consigo ficar lá sentado, catando os pedacinhos de tudo que acabei de ver.

Vi o Ritchie.

Vi a mim mesmo.

Agora, com a árvore sobre mim, tento negar e me levantar, só que meu estômago cai, e eu me sento de novo.

— Desculpa aí, Ritchie — falo baixinho —, mas eu tenho que fazer isso.

Se meu estômago tivesse cor, penso, *seria preto como esta noite*, e eu me equilibro e dou início ao que parece uma caminhada sem fim até a minha casa.

Quando chego, vou pra cozinha.

Encaro uma pilha de louça que está na pia, e a última coisa que lavo é uma faca. Ela reflete a luz da cozinha e vejo meu rosto morno, dentro do metal.

Estou oval e distorcido.

Estou cortado nas beiradas.

As últimas coisas que vejo são as palavras que preciso dizer pro Ritchie. Então coloco a faca no escorredor, no topo da montanha de louças limpas. Ela escorrega e cai no chão, fazendo aquele barulho metálico, e então fica rodopiando feito um ponteiro de relógio.

Meu rosto aparece três vezes, enquanto a faca rodopia no chão.

A primeira vez, vejo o Ritchie nos meus olhos.

Depois vejo o Marv.

E então, a Audrey.

Pego a faca do chão e a seguro firme.

Pena que não dá pra abrir o mundo todo com ela. Se desse, eu cortaria o mundo em duas fatias e subiria em uma delas.

Na cama, fico só pensando.

Tem três cartas na minha gaveta e uma na minha mão.

O sono vem chegando e eu aperto de leve a beirada do ás de copas. A carta é fria e afiada.

Ouçõ o tique-taque de um relógio.

Tudo observa, impientemente.



O PECADO DO RITCHIE

Nome: David Sanchez
Também conhecido como: Ritchie
Idade: 20

Profissão: Nenhuma.
Realizações: Nenhuma.
Ambições: Nenhuma.

Probabilidade de chegar a uma resposta às três questões anteriores: Zero.

Quando volto à casa do Ritchie na Rua Bridge, encontro o lugar totalmente escuro. Quase vou embora, quando então a luz da cozinha se acende. A fluorescente pisca, pisca, até se estabilizar.

Chega uma silhueta e se senta à mesa da cozinha. Com certeza é o Ritchie. Dá pra sacar pelo formato do cabelo e pelo jeito com que ele se mexe e se senta.

Quando me aproximo, descubro que ele está escutando o rádio.

Dá pra ouvir de longe: é muita falação e algumas músicas espaçadas.

Eu me escondo o mais próximo possível sem ser pego, e escuto.

As vozes no rádio ficam abafadas e se aproximam. Palavras como braços, que param e se apoiam nos ombros do Ritchie.

Imagino toda a cena da cozinha.

Uma torradeira cercada de farelos.

Um forno meio sujo.

Os armários brancos, mas já amarelados pelo tempo.

As cadeiras vermelhas forradas com plástico cheio de furos.

Chão de linóleo barato.

E o Ritchie.

Tento imaginar a cara dele sentado ali, ouvindo. Me lembro da véspera de Natal e de suas palavras. “Não tô a fim de ir pra casa hoje.” Vejo os olhos que se arrastaram na minha direção e vejo agora que qualquer coisa seria melhor do que ficar sentado sozinho nesta cozinha.

É sempre difícil imaginar o Ritchie fazendo uma cara de sofrimento por causa de seu jeito relaxadão. Só que naquela véspera de Natal peguei um rápido momento de tristeza nele, e agora eu volto no tempo.

Também imagino as mãos dele.

Estão na mesa, dedos entrelaçados, se mexendo levemente empurrando pra baixo. Estão meio pálidas e frustradas. Não têm o que fazer.

A luz sufoca o Ritchie.

Ele passa quase uma hora lá sentado, e o rádio parece desaparecer gradativamente mais do qualquer outra coisa. Quando olho pra janela, ele está com a cabeça na mesa, dormindo. O rádio lá também, perto dele. Dou o fora. Não consigo. Sei que é pra eu entrar lá, mas não parece certo fazer isso hoje.

Vou pra casa sem olhar pra trás.

Nas duas noites seguintes a gente joga cartas. Uma vez na casa do Marv e outra na minha. Aqui em casa, Porteiro vem e se ajeita embaixo da mesa. Faço carinho nele com os pés e observo o Ritchie o tempo todo.

Na noite anterior, quando eu estava lá do lado de fora de sua casa, aconteceu a mesma coisa. Ele acordou, entrou na cozinha e ficou escutando rádio.

A tatuagem do Hendrix olha pra mim enquanto o Ritchie joga a dama de espadas e me ferra.

— Muito obrigado — digo pra ele.

— Foi mal, Ed.

A vida do cara se resume a passar as noites sozinho, acordar às dez e meia da manhã, ir pro *pub* por volta do meio-dia, atravessar a rua e aparecer na casa de apostas por volta de uma hora. Fora isso, pegar o cheque do seguro-desemprego, jogar umas partidas de carteadado, e é isso.

O povo está na maior gargalhada porque a Audrey está contando a história de uma amiga que foi procurar trabalho na cidade. Ela passou em uma dessas agências de emprego, que costumam dar um despertador de presente quando a pessoa encontra um serviço. Quando ela conseguiu a vaga, ela foi lá no mesmo dia pra agradecer ao pessoal que a contratou e acabou deixando o despertador no balcão do escritório central.

O relógio ficou lá na caixa.

Fazendo o tique-taque.

— E o pessoal se recusa a tocar nele — Audrey explica. — fica todo mundo achando que é uma bomba — ela joga uma carta. — Chamam o gerente da empresa, que praticamente se caga todo, porque ele tá dando uns pegas na secretária e acaba achando que a mulher descobriu e resolveu se vingar.

Audrey dá uma pausa, pra ver se estamos prestando atenção.

— Bom, evacuaram o prédio inteiro, chamaram esquadrão antibombas, polícia, a porra toda. O esquadrão chega e abre a caixa quando o alarme dispara — Audrey balança a cabeça. — Ela foi despedida antes de começar.

Quando termina a história, fico só de olho no Ritchie.

Quero trazer a atenção pra ele.

Quero deixar o cara sem graça, arrastá-lo de onde está e colocá-lo na cozinha de sua casa à uma da manhã. Se de alguma forma conseguir fazer isso, é provável que eu possa ver

uma versão mais longa de como ele fica e como se sente. É só uma questão de fazer o lance no momento certo.

E o momento chega meia hora mais tarde quando ele sugere que a gente vá jogar em sua casa.

— Oito horas tá bom? — ele pergunta.

Depois que todo mundo concorda e está quase se despedindo, eu digo:

— Pô, daí você aproveita e me mostra que estação de rádio você tem por lá — eu me forço a ser frio e calculista. — O programa da madrugada deve ser excelente.

Ele olha pra mim.

— Do que você tá falando, Ed?

— Nada — respondo e deixo por isso mesmo, pois acabo de ver mais uma vez a cara que ele fez, e sei o que quer dizer. Sei exatamente a cara que ele faz e o que ele sente quando fica lá na mesa da cozinha, paralisado sob a luz.

Entro na escuridão de seus olhos e o encontro em algum canto bem longe, passando por um labirinto de avenidas anônimas e vazias. Ele caminha sozinho. As ruas vêm e passam por ele, mas Ritchie nunca muda o passo nem o humor.

— Tá me esperando — ele diz, quando me acomodo perto dele, lá no fundo.

Tenho que perguntar:

— O que tá te esperando, Ritchie?

A princípio, ele só continua andando. Só quando olho pros nossos pés é que me dou conta de que na verdade não estamos indo a lugar nenhum.

É o mundo que se move — as ruas, o ar e os pedaços escuros de um céu interno.

Eu e o Ritchie estamos parados.

“Tá lá fora”, imagino o Ritchie dizendo. “Em algum lugar”. Ele agora caminha com mais firmeza. “Ele tá querendo que eu vá até ele. Quer que eu pegue.”

Agora tudo para.

Vejo bem claro nos olhos do Ritchie.

Dentro deles, onde estamos parados, eu pergunto:

— O que tá te esperando, Ritchie?

Mas eu sei.

Sem dúvida nenhuma, eu sei.

Só espero que ele consiga achar.

Quando a galera toda se vai, tomo mais um cafezinho com Porteiro. Depois de mais ou menos meia hora, alguém bate na porta.

É o Ritchie, penso.

Porteiro mexe com a cabeça sinalizando que concorda enquanto eu vou lá atender.

— Oi, Ritchie! Esqueceu alguma coisa?

— Não.

Eu o deixo entrar e a gente se senta na cozinha.

— Quer um cafezinho?

- Não.
- Um chá?
- Não.
- Uma cervejinha?
- Não.
- Cara, é difícil te agradar, hein!

Ele responde ao comentário ficando calado, mas não demora muito pra olhar pra mim. Ele então pergunta bem sério:

- Você anda me seguindo?
- Olho bem pra ele e respondo:
- Cara, eu sigo todo mundo.

Ele coloca a mão no bolso.

- Você é tarado, cara?

Que engraçado — a Sophie me fez esta mesma pergunta. Eu encolho os ombros.

- Não mais do que qualquer outra pessoa, acho eu.
- Ae, dá pra parar com esse negócio?
- Não.

Ele faz uma cara feia.

- Por que não?
- Não posso.

Ele olha pra mim como se eu estivesse de sacanagem. Seus olhos pretos dizem: “Será que dá pra esclarecer essa palhaçada, Ed?”, então eu esclareço.

Vou até o quarto e pego as cartas na gaveta e volto pra mesa da cozinha. Jogo-as na frente de meu amigo e digo:

— Lembra quando eu recebi aquela primeira carta pelo correio em setembro? Eu lhe disse que tinha jogado fora, mas eu menti — as palavras saem pela minha boca rapidamente. Olho bem pra ele. — E agora você tá em uma das cartas, Ritchie. Você é uma das mensagens.

— Tem certeza? — ele tenta mostrar que pode ser um engano, mas não dou ouvidos. Só faço que não com a cabeça e sinto o suor se acumulando embaixo dos braços.

- É você — digo.
- Mas por quê?

O Ritchie tenta me peitar, contrariado, mas eu não deixo que isso atrapalhe. Não posso deixá-lo fugir pra aquele lugar de escuridão dentro de si, onde seu orgulho está espalhado pelo chão em algum quarto escondido. No fim eu converso completamente isento de emoção.

Daí eu digo:

- Ritchie, você é uma desgraça pra si mesmo.

Ele olha pra mim como se eu tivesse acabado de atirar em seu cachorro ou dito que sua mãe tinha morrido.

Ele se senta na cozinha toda noite, e, independentemente do que as vozes digam no rádio, as palavras são sempre as mesmas. São as palavras que acabei de dizer, e nós dois

sabemos disso.

Ritchie fica olhando pra mesa.

Olho por cima de seus ombros.

Nós dois refletimos sobre o que acaba de ser dito. Ele fica ali sentado feito uma lesão.

E passamos um tempão assim, até que chega um certo cheiro — Porteiro entra.

— Você é um amigo bacana, Ed — Ritchie finalmente diz, e então sua expressão volta ao normal, tranquila como sempre. Ele luta pra se manter assim. — E você — ele diz pro Porteiro — fede que nem o esgoto.

Ele se levanta e vai embora.

As palavras se repetem ao meu redor à medida que ele dá partida na moto e sai sem destino pela rua escura e petrificada.

Cê pegou um pouco pesado, Ed, diz Porteiro.

E nós dois ficamos ali parados em silêncio.

Na noite seguinte, já estou eu lá de novo, do lado de fora da casa do Ritchie. Alguma coisa me diz que não dá pra pegar leve com ele.

Seu vulto fica visível na cozinha, só que desta vez ele vem até a porta da frente com o rádio numa das mãos e uma garrafa na outra. Seus pés caem, e sua voz me chama.

— Ei, Ed.

Eu saio da moita.

Ele diz:

— Vamos lá pro rio.

Seguimos o rio que cruza a cidade e nos sentamos lá, depois de andar desde a casa do Ritchie. Cada hora um pega a garrafa. O rádio fica lá falando baixinho.

— Sabe, Ed — Ritchie diz depois de um tempo —, eu achava que eu tivesse aquela Síndrome da Fadiga Crônica... — ele para, como se tivesse esquecido o que ia dizer.

— E daí? — pergunto.

— O quê?

— Fadiga Crônica...

— Ah, sim. Bem, eu pensei que eu sofresse desse lance, mas daí percebi que, na verdade, não passo de um grande preguiçoso: um dos maiores no planeta.

Acho o comentário engraçado.

— Cara, você não é o único.

— Mas a maioria das pessoas trabalha, Ed. Até o Marv trabalha. Até você, cara!

— Como assim, até eu?

— Ah... você não é o cara mais motivado que eu conheço...

Eu admito.

— Você tem toda razão — tomo um gole. — Se quer saber, nem acho que esse lance de dirigir um táxi seja um emprego de verdade.

— Se não é um emprego, então é o quê?

Penso um pouco antes de responder.

— Uma desculpa.

Ritchie não diz nada porque sabe que eu tenho razão.

A gente continua bebendo enquanto o rio vai correndo.

Já estamos aqui há uma hora.

Ritchie se levanta e entra no rio. A água sobe até seus joelhos. Ele diz:

— Nossas vidas são isso, Ed — ele agora está com essa história de que as coisas passam correndo pela gente. — Tô com 20 anos na cara e... — a *tattoo* de Hendrix-Pryor pisca pra mim sob o luar. — Olha só pra mim: não tem nada que eu queira fazer.

É inegável como a verdade pode ser brutal às vezes. Só dá pra admirá-la.

Geralmente passamos a vida acreditando em nós mesmos. “Eu tô bem”, dizemos. “Tá tudo bem”. Mas às vezes a verdade pega no pé e não tem santo que a faça desgrudar. É aí que percebemos que às vezes ela nem chega a ser uma resposta, mas sim uma pergunta. Mesmo agora, estou aqui pensando até que ponto minha vida é convincente.

Eu me levanto e vou pra perto do Ritchie no rio.

Ficamos os dois ali, com água até os joelhos, e a verdade acaba de arriar nossas calças.

O rio continua a correr.

— Ed? — Ritchie diz mais tarde. Ainda estamos dentro da água. — Só tem uma coisa que eu quero.

— O que é, Ritchie?

Sua resposta é simples:

— Querer.

DEUS ABENÇOE O HOMEM BARBUDO, A BOCA DESDENTADA E A POBREZA



Ritchie se afasta do *pub* e da casa de apostas no dia seguinte, e começa a procurar trabalho. Eu também pensei muito no que foi dito ontem à noite lá no rio.

Passo a vida levando as pessoas pra tudo quanto é canto da cidade, ouvindo gente me dizendo aonde ir e o que fazer. Observo as pessoas. Falo com elas. O tempo está bom hoje. O tempo está sempre alguma coisa.

Estou me queixando?

Reclamando?

Não.

Foi isso que escolhi fazer.

Mas é isso que você quer?, pergunto.

Por alguns quilômetros, minto pra mim mesmo, dizendo sim, é isso que eu quero. Tento me convencer que é exatamente isso que eu quero da vida, mas sei que não é. Sei que dirigir táxi e morar numa casa alugada não são a resposta final de minha vida. Não pode ser.

Tenho a sensação de que acabei de me sentar em algum ponto e disse: “Certo, este é Ed Kennedy”.

Sinto como se de alguma forma eu tivesse me apresentado.

A mim mesmo.

E aqui estou eu.

— Peraí, este é o caminho certo? — meu passageiro gorducho de terno pergunta lá de trás.

Olho pelo retrovisor e digo:

— Não sei.

Os dias seguintes são tranquilos. Jogamos umas partidas numa noite e percebo que preciso começar a ver o lance com o Marv. Ele é o próximo, já que as coisas com o Ritchie estão em andamento.

Eu o observo de canto de olho, pensando *Que diabos faço com o Marv?* Ele trabalha. Tem grana. É bem verdade que tem o pior carro da história da Humanidade, mas parece bem satisfeito, pois, se não estivesse, ele não pensaria duas vezes antes de usar aquela grana pra comprar um novo.

O que será que o Marv pode querer?

Do que será que ele precisa?

Com todas as outras mensagens, esperei que pintasse a solução.

Com o Marv, não sei, não. Tenho um pressentimento diferente com ele. Parece que o negócio sempre esteve por perto e eu nunca percebi. Devo ver a parada todo dia, mas existe uma grande diferença entre ver e encontrar.

De alguma forma, Marv está precisando de mim.

Não sei o que fazer.

Esta indecisão continua por mais 24 horas. A véspera do Ano Novo já veio e já foi. Os fogos já varreram os céus da cidade. Bêbados escrotos decoraram meu táxi, uma felicidade ruidosa que só pode acabar nos lençóis encharcados de bafo de cerveja e do peso do amanhã.

Foi todo mundo pra casa do Ritchie desta vez, e fiz de tudo pra chegar perto da meia-noite. Os pais dele estavam dando uma festa. Cumprimentei o Marv, o Ritchie e o Simon. Dei um beijo no rosto da Audrey e perguntei como ela conseguiu tirar uma folguinha à noite. Pelo visto foi pura sorte.

Depois disso, voltei pro trabalho e, então, pra casa de madrugada, pra companhia do Porteiro. É onde estou agora. Bebemos juntos pra comemorar, e eu digo:

— Esta é pra você, Sr. Porteiro. Que viva mais um ano.

Ele fica ali, deitado, com a cabeça virada pra porta, bebendo.

É esquisito eu estar tão sério e pensativo na véspera de Ano Novo. Acho que este ano não estou muito no clima de comemoração. Parte disso se deve ao fato de eu estar pensando no meu velho, que não está mais aqui pra este tipo de celebração. Natal. Ano Novo. Sei muito bem que ele nunca estava sóbrio o bastante pra marcar presença, mas ainda assim fico meio pra baixo.

Tiro as toalhas do banheiro e também o pano de prato imundo da cozinha. Era uma das esquisitices ou superstições de meu pai. Nunca deixe nada no varal quando o sol nascer no Ano Novo. Que bosta de herança, eu sei, mas é melhor do que nada.

Outro motivo pra este meu humor de Deus-me-livre é o Marv, e também porque não sei o que fazer.

Repasso tudo mentalmente: o que ele disse nos últimos tempos e o que ele fez.

Penso no Jogo de Verão, e a pura patetice de seu carro. E no fato de ele preferir dar um beijo em Porteiro a desembolsar uma graninha pro jogo do Natal na casa dele.

Quarenta mil no banco, mas sempre tirando o dele da reta quando o assunto é dinheiro.

Sempre, penso, e a pergunta me bate algumas noites mais tarde, enquanto assisto a um filme antigo:

O que será que o Marv pretende fazer com 40 mil dólares?

Isso!

Entendi.

A grana.

O que o Marv precisa fazer com a grana?

Esta é a mensagem.

Lembro do que Daryl e Keith disseram sobre o Ritchie. Disseram que eu devia saber, pois era um de meus melhores amigos. Isso praticamente me leva a achar que eu também devia saber o que o Marv precisa fazer com a grana. *Talvez esteja bem na minha cara*, penso, mas nada é imediatamente aparente, e entendo que com o Marv o que sei sobre ele é o que devo usar pra extrair *dele* a mensagem.

Posso desconhecer a mensagem, mas conheço o Marv e as opções que posso usar pra desvendar este mistério.

Sento com Porteiro na varanda e vejo o sol se pôr. Penso em três táticas pro Marv.

Tática número um: discutir com ele.

Esta é mole, mole: é só falar da droga do carro e perguntar por que ele se recusa a comprar um novo.

O perigo aqui é de o Marv ficar tão puto a ponto de sair da sala e me deixar no escuro, sem descobrir porra nenhuma. Seria um desastre.

A vantagem dessa opção é, em primeiro lugar, ser divertida e, fora isso, poder fazer ele comprar um carro novo.

Tática número dois: deixar o cara tão bêbado que ele acabe desembuchando a mensagem sem nem pensar.

Perigos: pra forçar o Marv a se embriagar, devo ficar bêbado também. Isso vai me deixar sem condições de compreender, que dirá de me lembrar do que tenho que fazer.

Vantagens: não será necessário forçar a barra pra ele cuspir a mensagem. Eu só ficaria esperando que ele abrisse a boca. Admito que é muito pouco provável, mas talvez valha a pena tentar.

Tática número três: perguntar na lata.

É a opção mais perigosa porque pode deixar o Marv totalmente puto, de cara feia (como

sabemos muito bem que ele pode ficar), sem querer me dizer nada. Se o Marv ficar bolado com minha súbita preocupação com ele (convenhamos: eu geralmente ajo como se estivesse cagando e andando pra ele), todas as outras esperanças e oportunidades iriam por água abaixo.

As vantagens são: é honesto, direto e consideravelmente simples. Ou dá certo ou não dá, só depende muito mais de agir no momento certo do que de qualquer outra coisa.

Qual dessas táticas devo tentar primeiro?

Taí uma pergunta difícil, e só vou encontrar a resposta certa depois de ter esquentado muito a cabeça pensando.

Acontece o impensável.

Pinta um quarto caminho bem na minha frente.

Onde?

No supermercado.

Quando?

Quinta-feira à noite.

Como?

Assim:

Entro lá e compro uma porrada de bagulho, o suficiente pra durar uma quinzena, e saio fazendo o maior esforço com as sacolas. Elas já estão até cortando minhas mãos quando saio pela porta, daí eu as coloco no chão pra me reorganizar.

Um velho sem-teto me confronta silenciosamente com sua barba, sua boca desdentada e sua pobreza.

Sua expressão sangra.

Ele pede uns trocados timidamente. Fala com humildade nos lábios.

Depois que pede, imediatamente abaixa os olhos de vergonha. Ele me tocou e nem sabe, até que me vê procurando a carteira na jaqueta.

Nesse exato momento, quando busco a grana com os dedos, a resposta me vem à cabeça. Cai direto nos meus pés e olha pra cima.

É claro!

A voz interna aumenta e dá a resposta em um pensamento instantâneo e perfeito. Chego até a falar, pra acreditar. Pra não esquecer.

— Oi? — o homem pergunta, ainda com sua voz baixinha e humilde.

— Peça dinheiro a ele — repito, mas desta vez eu falo mais alto. Não consigo me controlar.

Desacostumado com isso, o velho diz:

— Me perdoe, seu moço — e faz uma cara triste. — Me perdoe por te pedir um trocado.

Já tirei uma nota de cinco dólares do bolso e então dou pra ele.

Ele a segura como se o momento fosse até uma passagem bíblica. Deve ser muito raro ele receber notas.

— Deus te abençoe — ele parece muito, muito surpreso com o dinheiro quando me abaixo pra pegar as sacolas.

— Não — respondo. — Deus abençoe *o senhor* — e vou pra casa.

As sacolas machucam minhas mãos, mas eu nem ligo.



Ele trabalha. Bebe. Joga cartas. Passa o ano inteiro esperando o Jogo de Verão.

É assim.

A vida do Marv.

Bem, isso sem contar com os 40 mil.

Vou até a casa da Milla na terça-feira, pra ver como ela está. Eu nunca me canso de ser o Jimmy, embora *O Morro dos Ventos Uivantes* já esteja enchendo o saco. O problema é que Heathcliff é um tremendo imbecil amargo e Catherine me deixa muito frustrado. Só que o meu mais puro ódio é reservado pra Joseph, o empregado completamente cretino e infeliz. Além de todos os seus sermões e queixas, é difícil entender uma palavra do que ele diz.

A melhor coisa sobre a história é a Milla. Pra mim, é ela que está em cada página. Quando penso no livro, penso nela. Penso em seus olhinhos velhos e úmidos olhando pra mim e prestando atenção enquanto leio. Adoro fechar o livro e ver a velhinha descansando em sua poltrona. Acho que ela é minha mensagem preferida.

Só que também tem a Sophie, o padre O'Reilly e a família Tatupu. Até mesmo os irmãos Rose.

Está bem, está bem.

Incluir os Rose nessa é até sacanagem.

Ultimamente tenho andado pra caramba com Porteiro, e aproveito a ocasião pra me lembrar de todas as mensagens até agora. De certa forma, sinto como se estivesse trapaceando. Este tipo de recordação é pra rolar no final, e ainda não acabei. Ainda faltam duas mensagens. Dois de meus melhores amigos.

Talvez por isso, eu tenho me lembrado das mensagens anteriores.

Tenho medo do que possa rolar com o Marv e com a Audrey.

E comigo.

Os minutos vão passando e eu vou me cobrando: *Não posso deixar os caras na mão!*

Estou no maior cagaço.

Já pensou? Chegar até aqui depois de tudo que passei e vacilar justamente com aqueles que conheço há tanto tempo e de que mais gosto...

E vou passando por todas as mensagens de novo, da Rua Edgar até o Ritchie.

Cagaço total.

As mensagens me encorajam.

— E aí, já achou algum serviço? — pergunto ao Ritchie quando a galera se encontra na minha casa no domingo à noite.

Ele faz que não com a cabeça.

— Nada ainda, *brother*.

Marv se espanta e fica todo histérico:

— Como é que é? Você? Procurando serviço?

— Qual é o problema, Marv? — Audrey pergunta. Ritchie não diz nada e dá pra sacar que ele ficou um pouco chateado. Até o Marv. Ele tenta parar com a risadinha e segurar a onda.

Ele dá uma pigarreada.

— Foi mal, Ritchie.

Ritchie esconde mais um pouquinho a chateação e age como de costume, com seu jeito descolado de sempre:

— Tá tranquilo — ele diz. Na minha, dou graças a Deus que o Marv o tenha provocado um pouco. Agora mesmo é que ele não desiste de procurar serviço, só pra ver a cara que o Marv vai fazer quando ele for contratado em algum lugar. Vai ser um prazer esfregar isso na cara do Marv.

— Eu dou as cartas — diz Audrey.

O jogo termina lá pelas onze. Ritchie já se mandou e Marv oferece uma carona à Audrey lá na varanda. Por motivos óbvios, ela recusa.

— Por que não? — Marv questiona.

— Vai ser mais rápido ir andando, Marv — Audrey tenta argumentar com ele. — E vamos combinar, né, Marv? Tem mais mosquitos lá dentro do que aqui fora — ela aponta pra beleza de máquina estacionada na rua.

— Pô, ae, valeu — ele começa a se queixar.

— Marv, você tá lembrado do que aconteceu da última vez que você me deu uma carona, umas semanas atrás?

Muito contrariado, ele se lembra.

Mesmo assim, Audrey faz questão de lembrar.

— Acabamos tendo que empurrá-lo até sua casa — e ela então tem uma ideia. — Você precisa colocar uma bicicleta no banco de trás.

— Pra quê?

O negócio está ficando interessante.

Chega a ser divertido.

— Ah, qual é, Marv? Vou deixar você pensar nisso no caminho de casa, ainda mais se o carro parar.

Ela dá um adeusinho e se vai pela rua.

— Tchau, Audrey — digo baixinho. E ela já se foi.

Quando o Marv entra no carro, eu já espero pelo inevitável, e acaba acontecendo.

O motor para umas sete ou oito vezes; atravesso o jardim, abro a porta do passageiro e entro.

Marv olha pra mim.

— O que você tá fazendo, Ed?

Tranquilamente. Com toda a seriedade.

Eu digo:

— Tô precisando da sua ajuda, Marv.

Ele tenta dar partida de novo. Nada.

— Que tipo de ajuda? — ele pergunta e tenta de novo. — Tá precisando consertar alguma coisa?

— Não, Marv.

— Quer que eu dê cabo do Porteiro pra você?

— Cabo?

— É, sabe, tipo... acabe com a raça dele pra você.

— Que é isso, cara? Virou Al Capone agora, é?

Marv admira seu próprio humor e ainda insiste ali na ignição, o que me deixa extremamente irritado.

— Marv, dá pra parar um pouco aí e levar um papo sério por um minutinho? Poderia me dar a honra?

Ele vai tentar de novo, mas então eu arranco a chave da ignição.

— Marv — sussurro quase gritando. — Preciso da tua ajuda. Tô precisando de grana.

As coisas se acalmam e dá pra ouvir nossa respiração.

Fazemos um minuto de silêncio.

Esta é a morte da relação trivial que eu mantinha com o Marv.

Parece mesmo que alguma coisa morreu.

Não demora muito pro Marv se interessar. É assim que ele reage quando se fala em dinheiro. Ele me olha todo tenso, tentando entender. Não parece muito amigável, não.

— Tá precisando de quanto, Ed?

E eu vazo dali.

Abro a porta do carro.

Bato com toda a força.

Me abaixo e aponto o dedo pro meu amigo ao volante.

— Cara, eu já devia saber! Você é o filho-da-puta mais mão-de-vaca que eu conheço, Marv... — aponto pra ele com a maior agressividade possível. — Não acredito numa coisa

dessas!

Silêncio.

Rua e silêncio.

Eu me viro e me encosto no carro enquanto o Marv sai e dá a volta pra chegar junto.

— Ed?

— Sinto muito, cara — *tô indo bem*, penso. Faço um sinal negativo com a cabeça.

— Sente porra nenhuma.

— Marv, eu só pensei...

Ele me corta.

— Ed, eu não tenho... — as palavras dele se dissipam.

— Só pensei que você pudesse...

— Ed, eu não tenho a grana.

Taí uma notícia que me abala.

— Por que não, Marv? — dou um passo pra frente e o encaro. — Por que diabos não tem?

— Eu usei a grana.

A voz dele está em outro lugar. Não está saindo de sua boca. Parece que está vindo de algum lugar perto dele. Vago.

— Usou no que, Marv?

Estou ficando agitado.

— Não comprei nada, não — sua voz está voltando. É a voz dele de novo. — Eu investi num fundo e não posso usar por alguns anos pelo menos. Eu invisto e ganho nos juros — ele está bem sério agora. Pensativo. — Não posso sacar nada.

— Nadinha?

— Não.

— Nem mesmo numa emergência?

— Acho que não.

Aumento a voz de novo. Minha agressão parece deixar a rua pelada.

— Porra, por que você fez isso, moleque?

Marv desaba.

Ele desaba dando a volta no carro bem depressa e entrando de novo. Se segurando.

Marv chora baixinho.

Parece até que suas mãos estão se derramando no volante. As lágrimas tomam conta de sua cara. Elas dão uma parada e saem cortando tudo em direção ao seu pescoço.

Eu dou a volta.

— Marv?

Espero.

— O que tá pegando, Marv?

Ele vira a cabeça e me lança um olhar confuso.

— Entra aí — ele diz. — Quero te mostrar uma parada.

Na quarta tentativa, o Ford pega e Marv me leva pela cidade, pra lá da Rua Edgar. As lágrimas jorram pela sua cara. Menos relutantes agora. Parecem bêbadas.

Paramos num casebre de sarrafo e Marv sai do carro. Eu vou atrás.

— Lembra disso? — ele pergunta.

Eu me lembro.

— Suzanne Boyd — respondo.

As palavras vão saindo devagar da boca do Marv. Sua cara fica meio sombria, coberta, mas ainda consigo ver os contornos, as formas.

— Quando a família dela saiu da cidade — ele continua —, sumiu do mapa por um motivo...

— Ai, meu Deus — tento dizer, mas as palavras são aspiradas. Não conseguem sair de dentro de mim.

Marv fala uma última vez.

Quando ele se mexe, uma luz da rua o golpeia e as palavras acabam jorrando feito sangue. Ele diz:

— O bebê já tá com mais ou menos dois anos e meio.

Voltamos pro carro e sentamos em silêncio por um bom tempo, e Marv começa a tremer sem controle. Geralmente, por fazer serviço externo, Marv vive bronzeado, só que agora está branco feito papel.

Agora tudo faz sentido.

Consigo ver.

Como palavras sendo digitadas na cara dele.

Gravadas.

Preto no branco.

É isso mesmo, tudo faz sentido.

O carro patético.

O cuidado excessivo e a odiosa vigilância com a grana.

Até mesmo a disposição argumentativa, pra usar uma frase do estilo de *O Morro dos Ventos Uivantes*. Marv está sofrendo, completamente só, e usa todas essas coisas pra varrer a culpa do estômago, todos os dias.

— Quero dar alguma coisa pra criança, entende? Quando ela estiver mais velha.

— Ela? Então é uma menina?

— Cara, nem isso eu sei.

Marv tira um pedaço velho de papel da carteira. Quando ele desdobra o papel, percebo que o endereço foi escrito ali com muita força, e ainda reforçado várias vezes pra nunca apagar.

“Rua Cabramatta, 17, Auburn.”

— Alguns amigos dela... — Marv diz inexpressivamente. — Quando a família desapareceu, procurei os amigos dela e implorei pra que me dissessem pra onde ela havia ido. Cara, que mico. Chorei na frente da casa da Sarah Bishop, pelo amor de Deus! — as

palavras agora ecoam de sua boca, que parece parada. Quase dormente. — Ah, Suzanne... Minha doce Suzanne — ele solta uma risada sarcástica. — O pai dela era muito severo, aquele filho-da-puta... Mas ela conseguia dar umas escapadas algumas noites por semana, uma hora antes do amanhecer, e a gente ia até um campo velho onde um homem tinha um milharal — ele quase sorri agora. — Toda semana a gente pegava um cobertor, ia pra lá e mandava ver mais de uma noite... Ela era tão inteligente, Ed — ele olha diretamente pra mim, pois, já que vai me contar algo, quer fazer a coisa direito. — O gosto dela era muito bom, cara — o sorriso fica meio preso. — Às vezes a gente arriscava e ficava até o sol nascer...

— Que história bonita, Marv.

Eu disse essa última frase com a cara virada pro para-brisa — não dá pra acreditar que estou levando esse tipo de papo com o Marv. Geralmente a gente discute pra mostrar nossa amizade.

— O céu laranja — Marv continua —, a grama molhada... e eu sempre me lembro do calor dela. Dentro dela e na sua pele...

Eu consigo imaginar bem, mas o Marv destrói tudo instantaneamente, com um suspiro selvagem.

— Então um belo dia encontrei a casa vazia. Fui lá pro milharal, mas só encontrei os milhos.

A garota engravidou.

Nada estranho de acontecer aqui por estas bandas, mas obviamente nada que os Boyd consigam aceitar na boa.

A família saiu da cidade.

Nunca ninguém disse nada nem sentiu falta dos Boyd. As pessoas estão sempre vindo e partindo. Quando conseguem fazer uma grana, saltam fora, se mudam pra um lugar melhor. Quando se dão mal, se mudam pra um outro lugar tão ruim quanto este, pra tentar a sorte em outras bandas.

Marv diz depois:

— Acho que o pai dela ficou com vergonha de ter uma filha de 16 anos sendo enganada por um cara como eu. Acho que ele tinha razão de ser severo...

Nesse ponto, não tenho a menor ideia do que dizer.

— Eles saíram da cidade, sem dizer praticamente nada — ele continua, e agora, quando me olha, sinto seus olhos na minha cara. — E já vivo com isso há três anos.

Já vai acabar, penso, mas não tenho certeza.

Parece mais uma esperança no escuro, ou desespero.

Ele está mais calmo agora, mas se sente todo duro. Passa uma hora. Espero. E pergunto.

— Você já foi até esse endereço aí?

Ele se enrijece mais ainda.

— Não. Já tentei, mas não consigo — e então ele continua a contar a história. — Mais ou menos uma semana depois daquele dia lá na casa dos Bishop, Sarah me procurou lá no

trabalho. Ela me deu o bilhete e disse: “Prometi que não ia contar a ninguém, muito menos a você, só que não acho certo. Mas toma cuidado, Marv. O pai da Suzie disse que vai te matar se você se aproximar um centímetro dela”, e foi embora — a cara do Marv fica inexpressiva. — Tava chovendo naquele dia, eu me lembro. Tava caindo aquela garoa fininha.

— Sarah é aquela gatinha alta e morena?

— Isso mesmo. Depois do que ela disse, fui até a cidade algumas vezes. Uma vez eu cheguei a ir com dez mil no bolso, pra ajudar. É só o que eu quero, Ed.

— Eu acredito, cara.

Ele então passa a mão no rosto e diz:

— Eu sei. Valeu, cara.

— Pô, quer dizer então que você nunca viu a criança?

— Não. Nunca tive coragem nem de entrar na rua, sou um imbecil — ele começa a repetir —, imbecil, imbecil — e gentilmente, firmemente, fecha o punho e soca o volante. Acho até que ele vai explodir a qualquer momento, mas o Marv não consegue encontrar força pra qualquer expressão emotiva. Ele já passou dessa. Há três anos, desde que aquela garota foi embora, ele manteve uma fachada impecável. Agora a tinta começa a descascar de seu rosto, deixando sua verdade no volante.

Todo trêmulo, ele diz:

— É este o meu estado às três da manhã, Ed. Todo dia. Vejo aquela garota — aquela garota pobrezinha e espetacular. Às vezes vou até aquele milharal e caio de joelhos. Ouço meu coração batendo, mas eu não quero. Odeio as batidas do meu coração. São muito altas naquele campo. Elas caem. Direto de mim. Mas então voltam, igualzinho como eram.

Eu ouço.

Eu imagino.

As pernas dele se curvando.

Suas calças se arrastando na terra.

Ajoelhado lá, com os joelhos ralados e com o coração na boca.

O coração cai no chão perto dele, duro, e...

Bate. Bate.

Bate.

Ele se recusa a morrer ou se esfriar, sempre voltando pro corpo do Marv. Só que uma noite, com certeza, ele vai acabar sucumbindo.

— Cinquenta mil — Marv diz. — Vou parar quando chegar aos 50. No início eram dez, depois passou pros 20, mas não consegui parar.

— Não conseguiu parar de agir pela dor na consciência.

— É isso mesmo — ele faz algumas tentativas de dar partida e no fim a gente zarpa fora. — Mas não é a grana que vai me dar um jeito — ele para no meio do caminho. Os freios queimam, e o rosto do Marv se ascende. — Quero tocar naquela criança...

— Você tem que tocar nela mesmo.

— Tem muitas formas de conseguir isso.

— Mas só uma.

Marv concorda, fazendo que sim com a cabeça.

Quando ele me deixa em casa, a noite esfriou.

— Ei, Marv — digo logo depois que salto do carro.

Ele olha pra mim.

— Eu vou com você.

Ele fecha os olhos.

Faz que vai falar, mas não consegue. Melhor deixar assim por dizer.



Amanhã é o dia.

Depois de entrar, vou pra sala e sento lá, totalmente exausto, no sofá. Quase cinco minutos depois, Marv me liga. Nem diz alô e vai logo dizendo:

- Vamos amanhã.
- Tipo umas seis horas?
- Eu passo pra te pegar.
- Não. Vamos com o táxi.
- Boa ideia. Se eu levar uma surra, é melhor poder contar com um carro que dê logo partida.

Chega a hora e saímos às seis, chegando a Auburn perto das sete. Pegamos um trânsito pesado.

- Espero que a criança ainda esteja acordada — penso em voz alta.
- Marv não responde.

Ao parar o carro na Cabramatta, número 17, percebo logo de cara que os Boyd vieram morar num buraco bem parecido com a espelunca onde moravam antes. Estamos do outro lado da rua, num estilo típico de mensageiro.

Marv olha pro relógio.

- Vou entrar às sete e cinco.

Sete e cinco vem e nada.

- Tá bem. Sete e dez.

- Tudo bem, Marv.

Às 7:46, Marv sai do carro e dá uma parada.

- Boa sorte — desejo. Caraca, dá pra ouvir o coração dele batendo de dentro do carro.

Nem sei como o coração não está espancando o cara até a morte.

Ele fica lá parado. Por três minutos.

Atravessa a rua. Duas tentativas.

O jardim é diferente. Primeira tentativa — uma surpresa.

Quatorze tentativas de bater na porta. Quando finalmente ouço o cara batendo na madeira, parece até contusões.

Alguém atende a porta, e o Marv lá, de calça jeans, camisa bacana, botas. Falam alguma coisa, mas não dá pra ouvir nada, é claro. Estou preso na memória das batidas do coração do Marv e da batida na porta.

Ele entra e agora dá pra ouvir o *meu* coração. *Esta pode ser a maior espera de toda a minha vida*, penso. Só que estou enganado.

Uns 30 segundos depois, Marv sai batido pela porta. Numa porrada só. O cara vem tropeçando todo até o jardim. Henry Boyd, o pai de Suzanne, está dando uma coça que o Marv não vai esquecer tão cedo. Um pouco de sangue escorre do Marv, caindo na grama. Saio do táxi.

Só pra você ter uma ideia, Henry Boyd não é um cara grande, mas é fortão.

É baixo, mas pesado.

E o que não lhe falta é gás. Ele é uma versão em miniatura daquela mensagem lá na Rua Edgar. Só que tem um detalhe. Ele está sóbrio e eu, desarmado.

Quando estou atravessando a rua, o Marv está todo esparramado no jardim feito uma lagartixa.

Ele é chutado.

Com palavras.

É metralhado.

Pelo dedo indicador de Henry Boyd, esticado em sua direção.

— Agora vê se dá o fora daqui!

O baixinho, osso duro de roer, está de pé ali sobre o Marv, e agora começa a esfregar as mãos.

— Senhor — ouço o Marv suplicar. Apenas seus lábios se mexem. Nada mais. Ele fala para o céu. — Tenho quase 50 mil...

Só que Henry Boyd não está nem aí. Ele se aproxima pra ficar bem por cima do Marv.

Tem uma criança chorando. Os vizinhos estão se juntando na rua. Saíram todos pra assistir ao espetáculo. Henry vira e manda todo mundo recolher-se à sua insignificância turca. Só estou repetindo aqui o que ele disse. As palavras dele, não as minhas.

— E você! — ele castiga o Marv com sua voz de novo. — Nunca mais, nunca mais na sua vida volte aqui, tá ouvindo?

Chego e me agacho perto do Marv. Seu lábio superior está todo inchado e cheio de sangue. Ele não está lá muito consciente.

— E quem diabos é você?!

Fodeu, penso, muito nervoso, *acho que ele tá falando comigo*. Respondo rapidamente. Com respeito:

— Só estou pegando meu amigo aqui de seu gramado.

— Boa ideia.

Agora vejo a Suzanne. Está segurando a mão de uma criancinha na porta. Uma menina. Dá vontade de gritar pro Marv: *Vocês têm uma filhinha!* Mas tenho uma ideia melhor.

Mexo a cabeça cumprimentando a Suzanne.

— Suzie, entre!

Ela responde ao meu cumprimento.

— Agora!

A menina chora de novo.

Ela se vai, e eu ajudo o Marv a se levantar. Tem uma gota de sangue em sua camisa.

Henry Boyd está chorando de ódio agora. Suas lágrimas perfuram seus olhos.

— Esse filho-da-puta trouxe vergonha pra minha família.

— Sua filha fez o mesmo — nem acredito nas palavras que estou ouvindo de minha própria boca.

— Acho melhor vocês darem o fora, garoto, ou os dois voltarão pra casa feito irmãos gêmeos.

Que ótimo.

É aí que pergunto ao Marv se ele consegue se levantar. Ele consegue, e eu me aproximo de Henry Boyd. Não sei se ele está muito acostumado com isso. Ele é baixo, mas, quanto mais a gente se aproxima dele, mais poderoso fica. Nesse ponto, ele está perplexo.

Olho pra ele respeitosamente.

— Que criancinha linda que vocês têm lá dentro — digo. Minha voz sai firme, sem tremer. Isto é uma surpresa pra mim e me encoraja a continuar. — Não é mesmo linda, senhor?

Ele luta. Sei qual é o dilema em sua cabeça. Ele está louco pra me estrangular, mas sente o cheiro da confiança estranha que veste tudo que eu digo. Ele então acaba respondendo. Ele tem costeletas. Elas se mexem de leve antes de ele falar.

— Com certeza é uma lindeza.

Agora aponto pro Marv, enquanto estou ali de pé, o mais reto possível, na frente do Sr. Boyd. Os braços dele balançam. São curtos e musculosos. Eu então digo:

— Ele pode ter trazido vergonha pro senhor, e eu sei que vocês se mudaram por causa disso — mais uma vez, olho pra figura levemente ensanguentada que é o Marv. — Mas o que ele acabou de fazer foi encarar o senhor: isso é respeito. Mais decência e orgulho do que isso, impossível — Marv treme e engole um pouco do sangue. — Ele sabia que isso ia acontecer. Mas aqui tá ele — agora olho bem nos olhos dele. — O senhor conseguiria fazer o mesmo que ele fez? Teria encarado o senhor?

O homem fala baixo agora.

— Por favor — ele pede. Sinto uma tristeza muito grande por este homem. Ele tem sofrido. — Vá embora.

Eu não vou.

Fico ali mais uns minutos, dizendo: *Pense bem nisso*.

No carro, percebo que estou só.

Estou só porque um jovem com a boca ensanguentada deu uns passos a mais. Andou pra frente, em direção à casa, e quem está na varanda é a garota com quem ele se encontrava no milharal e fazia amor até amanhecer.

Estão se encarando. Olho no olho.



Passa uma semana.

No táxi daquela noite, voltando da Rua Cabramatta, Auburn, Marv ficou lá parado, sangrando no meu banco de passageiro. Ele tocou na boca, o lábio abriu, e o sangue jorrou. Quando manchou o assento, dei uma bronca nele, é claro.

Ele respondeu assim:

— Obrigado, Ed.

Acho que o cara ficou feliz por ainda ser tratado da mesma forma de sempre — embora nunca mais fôssemos amigos como éramos antes. Agora temos isso gravado em nossas memórias.

Enquanto estou saindo da TÁXI LIVRE certa manhã, Marge me para. Ela vem correndo, fazendo sinal pra eu reduzir. Depois que paro e abaixo a janela, ela respira fundo e diz:

— Que bom que consegui te pegar. Ontem à noite ligaram pedindo serviço pra você, Ed. Pareceu pessoal — hoje percebi que a Marge tem uma porrada de rugas. De alguma forma, elas só aumentam sua simpatia. — Eu não quis transmitir nada pelo rádio mais tarde...

— Onde é?

— Era uma mulher, Ed, ou uma garota, e ela pediu que fosse você, especificamente. Às doze horas hoje.

Eu sinto e sei.

— Rua Cabramatta? Auburn?

Marge faz que sim com a cabeça.

Eu agradeço, e ela diz:

— De nada, lindo!

E a primeira vontade que me dá é ligar pro Marv e contar pra ele. Fico na minha. O cliente vem sempre em primeiro lugar. Eu *sou* profissional, está achando o quê? Não. Em vez disso, dou uma passada pelo lugar onde ele está trabalhando atualmente, numa nova subdivisão lá perto da Estrada da Glória.

Ao meio-dia, paro o carro na frente da casa de Suzanne Boyd. Ela sai de imediato com a filha e uma cadeirinha especial pra carro.

Paramos por um instante.

Suzanne tem um cabelo comprido, parece mel, e olhos da cor de café, só que mais escuros do que os meus. Café sem leite. Ela é bem magrinha. A filha tem a mesma cor de cabelo, mas ainda está bem curtinho. Ele cacheia ao redor da orelhinha, e ela sorri pra mim.

— Esse é o Ed Kennedy — a mãe diz pra ela. — Diz oi pra ele, linda.

— Oi, Ed Kennedy — a menininha diz.

Eu me agacho.

— Qual é o seu nome?

Ela tem os olhos do Marv.

— Melinda Boyd — a menina tem um sorriso lindo.

— Ela é uma graça — digo pra Suzanne.

— Obrigada.

Ela abre a porta de trás e ajeita Melinda na cadeirinha. É quando me dou conta de que a Suzanne é mãe. Fico observando enquanto ela verifica se a menina está segura no assento. Ela continua linda como sempre.

Suzanne trabalha meio expediente. Odeia o pai. Ela se odeia por nunca lutar. Ela se arrepende de tudo.

— Mas eu amo a Melinda — diz. — Ela é a única coisa linda no meio desta feiura toda — Suzanne se senta ao lado da filha e olha pra mim pelo retrovisor. — Ela faz com que eu tenha certo valor, entende?

Dou partida e sigo em frente.

Enquanto Melinda Boyd dorme, só se ouve o som do motor, mas, quando ela acorda, brinca, conversa e dança com as mãos.

— Você me odeia, Ed? — Suzanne pergunta quando a gente se aproxima do subúrbio. Isso me faz lembrar da Audrey me perguntando a mesma coisa.

Só olho pelo retrovisor e digo:

— Por que eu deveria te odiar?

— Por causa do que fiz com o Marv.

As palavras que me vêm à cabeça são bem sucintas. Talvez eu as tenha ensaiado inconscientemente:

— Você era uma menina, Suzie. Marv era um garoto... E seu pai agiu como pai... De certa forma, tenho pena dele. O cara tá supermagoado.

— É, mas o que eu fiz com o Marv é imperdoável.

— Você tá aqui neste táxi, não tá? — olho de novo pra ela lá atrás.

Depois de pensar um pouco, Suzanne Boyd olha bem pra mim e diz, balançando a cabeça:

— Sabe, Ed... você foi a primeira pessoa que falou com meu pai desse jeito.

— E o Marv foi o primeiro a enfrentar o velho.
Ela faz que sim com a cabeça.

Digo que posso levá-la até o lugar onde o Marv está trabalhando, mas ela me pede pra parar num parquinho ali perto.

— Bem pensado — respondo, e a deixo esperando.

No canteiro de obras, o Marv está lá em cima, cheio de pregos na boca, martelando. Aproveito que ele deu uma parada e grito:

— Acho melhor vir comigo, Marv.

Ele vê a intenção na minha cara, pausa, cospe os pregos, tira o cinto de ferramentas e vem se encontrar comigo. No carro, acho que ele está mais nervoso do que na outra noite.

Quando chegamos no parquinho, saímos do carro.

— Elas estão esperando — digo, mas acho que ele não escuta. Eu me sento na capota do meu táxi e o Marv prossegue andando meio hesitante.

A grama está seca e amarela, toda maltratada. É um parquinho velho. Um dos bons, com um escorrega de ferro bem grande, balanços com correntes e uma gangorra bem forte — direitinho como é pra ser. Nada de plástico em nenhum canto.

Um ventinho suave mexe na grama.

Quando o Marv se vira pra olhar pra mim, vejo o medo em seus olhos. Ele vai andando devagar até o brinquedo, onde Suzanne Boyd o aguarda. Melinda se senta em um dos balanços.

Marv parece tão grande.

Seu andar, suas mãos e sua preocupação.

Não ouço nada, mas dá pra ver que eles estão levando um papo, e a mão enorme do Marv aperta a mãozinha da filha. Está na cara que ele quer abraçar a garotinha, mas ele se controla.

Melinda pula de volta pro balanço e, depois de olhar pra Suzanne pedindo permissão, Marv começa, com toda a delicadeza, a empurrar a filhinha no ar.

Após uns minutos, Suzanne sai de fininho e vem parar ao meu lado.

— Ele leva jeito com ela — ela diz suavemente.

— Leva mesmo — eu sorrio pelo meu amigo.

Agora ouvimos a vozinha fina de Melinda:

— Mais alto, Marvin Harris! Mais alto, por favor!

Ele vai aumentando a intensidade. Ele toca as costas da filha com as duas mãos e a lança aos céus, toda sorridente.

Quando ela se enche da brincadeira, Marv para de balançar. A menina desce e agarra a mão dele, e traz o papai pra perto da gente. Até mesmo de longe, dá pra ver claramente que o Marv está com lágrimas no rosto.

O sorriso do Marv e as lágrimas enormes em seu rosto estão entre as coisas mais lindas

que já vi.

AUDREY, PRIMEIRA PARTE: TRÊS NOITES DE ESPERA



Depois da aventura no parquinho, não consigo dormir naquela noite.

A cada instante vejo o Marv empurrando aquela menininha no ar ou me lembro dele vindo em nossa direção, segurando na mãozinha dela.

Perto da meia-noite, ouço a voz do Marv na porta. Quando abro, ele está lá parado, aparentando exatamente como está se sentindo.

— Dá um chega — ele diz e, quando saio, meu amigo Marvin Harris me abraça. O abraço é tão apertado que dá até pra sentir o cheiro dele, e o sabor da alegria que ele está transpirando.

Então é isso. Tarefa cumprida com o Ritchie e com o Marv. Entreguei essas mensagens da melhor maneira possível.

Agora só falta mais uma.

Audrey.

Não quero perder tempo. Já percorri uma estrada bem longa desde o assalto. Dei conta de 11 mensagens, e essa é a última. A mais importante de todas.

Na noite seguinte vou direto pra casa da Audrey e fico de butuca. Por um tempo, acho até que o Daryl vai dar as caras com o Keith mais uma vez, mas não aparecem, não. Eu sei o que estou fazendo, e sempre que isso acontece os caras me deixam em paz, na minha.

Não fico exatamente na frente da casa da Audrey, mas em um parquinho um pouco mais adiante. É um parquinho novo. Tudo pequeno e de plástico. A grama está aparada, toda maneirinha.

A casa dela fica em um desses complexos com mais ou menos umas nove casas. Parece que estão todas grampeadas, grudadas umas nas outras. Os carros ficam estacionados em filas na frente.

Dou uma passada por lá três noites seguidas. O Simon sempre aparece, mas nunca me vê acampando no parquinho. O cara está ocupado, pensando na Audrey e no programa que vão fazer. Mesmo de longe, aqui do parque, dá pra ver seu desejo quando chega de carro.

Depois que ele entra, eu me aproximo, até as caixas de correio, e dou uma olhada.

Eles comem.

Transam.

Bebem.

Transam de novo.

O som sai por baixo da porta enquanto estou lá parado, lembrando o papo que levei com o Simon no Natal, quando ele me apanhou na Milla.

Eu sei o que tenho que dar pra Audrey.

Audrey não ama ninguém.

Ela se recusa a amar.

Mas ela me ama.

Ela me ama e vai chegar um momento em que ela vai ter que ceder. Ela precisa encarar. Admitir por completo. Só por uma vez.

Passo as três noites ali, até amanhecer. Simon sai antes do sol se firmar. Ele deve estar na lista dos taxistas pra fazer corrida na cidade de manhã.

Na terceira noite, eu penso.

Amanhã.

É isso.

Vou fazer a parada amanhã.



Um pouco antes de eu sair pra casa da Audrey na noite seguinte, o Marv aparece na porta da minha casa de novo, desta vez com uma pergunta.

Eu saio e ele se recusa a me acompanhar.

Da varanda, ele diz:

— Você ainda tá precisando daquela grana, Ed? — ele me olha, todo preocupado. — Desculpa aí, cara. Eu esqueci dessa parada.

— Fica frio, *brother*. Acho que não vou mais precisar, não.

Estou com um toca-fitas velho, caindo aos pedaços, embaixo do braço, com uma fita dentro.

Quando começo a andar, Marv me faz virar, aumentando o tom da voz.

Ele olha pra mim, todo concentrado, e diz:

— Você tava mesmo precisando da grana?

Eu me aproximo dele.

— Não, Marv — balanço a cabeça. — Não tava, não.

— Então por que... — ele desce as escadas pra me encarar melhor. — Então por que você disse...

— Eu guardei aquela carta de baralho que recebi pelo correio, Marv — se o Ritchie mereceu a verdade, o Marv também merece. Explico tudo pra ele. — Marv, já passei por tudo quanto foi naipe: ouros, paus, espadas e ainda falta copas.

— É onde eu...

— É, Marv. Você tava na carta de copas.

Calado.

Perplexo.

Marv fica parado no meu jardim, sem a menor ideia do que dizer — mas parece feliz.

Quando já estou bem longe, ele grita:

— A Audrey é a última?

Eu me viro e olho pra ele, andando pra trás.

— Boa sorte, Ed!

Desta vez eu sorrio e aceno.



AUDREY, SEGUNDA PARTE: SÓ TRÊS MINUTOS

Tudo acontece como de costume, só que hoje o rádio que eu trouxe transpira perto de mim enquanto a lua aparece, vai caindo e some quando a manhã finalmente se aproxima. Por um instante eu me pergunto por que simplesmente não programei o despertador pra vir de madrugada, mas sei que tenho que fazer o negócio certo. Tive que sofrer à noite pra fazer tudo direitinho.

Minhas pernas se esticam, mas a noite se estica mais ainda. A primeira luz me assusta.

Estou quase indo dormir no parquinho quando escuto a porta bater e o carro do Simon dar partida. Ele sai da vila sem muito barulho, dirigindo meio tonto. Um minuto se passa, mas eu percebo que chegou a hora. Parece perfeito mesmo.

O rádio. A luz.

E, agora, meus passos em direção à porta da Audrey.

Bato.

Ninguém atende.

De novo, aperto o punho, mas, quando estou prestes a bater na porta mais uma vez, um estalo vem do corredor, e a voz cansada da Audrey sai através das frestas.

— Esqueceu alguma... — a voz dela se projeta.

— Sou eu — digo.

— Ed?

— É.

— O que você tá...

Minha camisa parece até concreto. Estou usando jeans de madeira, meias de lixa e sapatos de bigorna.

— Tô aqui por você — digo bem baixinho.

Audrey, a menina, a mulher, está usando uma camisola cor-de-rosa.

Ela abre a porta e para ali, descalça, espantando o sono dos olhos com os punhos. Ela me lembra aquela menininha, Angelina.

Pego em sua mão bem devagar e a trago pra fora. O peso já saiu de mim e agora somos só nós dois. Coloco o toca-fitas no jardim cheio de cascas, me abaixo e aperto o *play*.

A princípio, um ruído de estática paira no ar. Então começa a música e ouvimos o desespero lento, quieto e doce de uma canção que não vou dizer qual é. Imagine a canção mais bonita, mais suave e mais forte que você conhece, e vai ter uma ideia. Respiramos o som, e nossos olhos se encontram.

Chego mais perto e pego suas mãos.

— Ed, o que...

— Shh.

Eu a envolvo agora, passando os braços pelos seus quadris e ela me abraça também.

Coloca a mão em volta do meu pescoço e descansa a cabeça no meu ombro. Sinto o cheiro de sexo nela, e minha única esperança é de que ela sinta o cheiro do amor em mim.

A música abaixa.

A voz aumenta.

Mais uma vez, é a música de copas, a música dos corações — só que bem melhor desta vez — e a gente dança; a respiração da Audrey se acomoda no meu pescoço.

— Mmmm... — ela geme de leve, e dançamos no caminho. Agarradinhos. Chega uma hora em que eu solto e a giro devagar. Quando ela retorna, dá um beijinho no meu pescoço.

Dá vontade de dizer: “Eu te amo”, mas não é preciso.

O céu flui com fogo, e eu danço com a Audrey. Mesmo depois que a música acaba, a gente continua um pouquinho mais; acho que a gente dançou por uns três minutos.

Três minutos pra dizer que eu a amo.

Três minutos pra ela admitir que me ama também.

Ela me diz quando nos soltamos um do outro, mas nenhuma palavra de amor sai de sua boca. Ela só meio que pisca o olho pra mim e diz:

— Quem diria, Ed Kennedy, hein?

Dou um sorriso.

Ela aponta pra mim e diz:

— Mas é só você, não é?

— É — concordo. Olho os pés descalços da Audrey, seus tornozelos, suas canelas, e vou subindo até seu rosto. Tiro uma foto mental. Seus olhos cansados, cabelo bagunçado cor de palha. O sorriso arranhando de leve seus lábios. As orelhinhas pequenas e seu narizinho fino. E os últimos vestígios de amor, estranhamente ainda ali...

Ela se permite me amar por três minutos.

Será que três minutos podem durar pra sempre?, eu me pergunto, mas já sabendo a resposta.

Provavelmente não, respondo. *Mas talvez durem tempo suficiente.*



Pego o toca-fitas e ficamos ali parados por mais uns instantes. Ela não me convida pra entrar, nem eu peço.

O que era pra ser feito, foi feito; eu me viro e digo:

— Então é isso. Até logo, Audrey. Talvez a gente se veja no próximo jogo. Talvez antes.

— Vamos nos ver logo — ela garante, e com o toca-fitas embaixo do braço começo minha caminhada de volta pra casa.

Entreguei 12 mensagens.

Quatro ases completinhos.

Esse é o melhor dia da minha vida.

Estou vivo, penso. Eu venci. Sinto a liberdade pela primeira vez em meses, e um ar de alegria e contentamento me acompanha em todo o caminho. E até continua comigo quando entro em casa, beijo Porteiro e faço um cafezinho pra gente.

Quando já bebemos quase tudo, a sensação muda completamente.

Não sei por que, mas a alegria some de uma hora pra outra quando Porteiro olha pra mim. Ouvimos um trinco se abrir e se fechar lá fora e uma pessoa correr.

Saio pela porta bem devagar, vou até as escadas da frente e desço pro jardim.

Minha caixa de correios está lá. Levemente torta. Parece culpada.

Meu coração dispara.

Sigo em frente e me arrepio todo quando abro a caixa.

Ah, não, penso. Não, não. Não!

Minhas mãos chegam até a caixa e meus dedos agarram um último envelope. Vejo meu nome escrito e, dentro, já dá pra ver.

Tem uma última carta.

Um último endereço.

Fecho os olhos e caio de joelhos no jardim.

Meus pensamentos se estremecem.

Uma última carta.

Sem pensar, vou abrindo o envelope devagar, e, quando vejo o endereço, todos os pensamentos são cortados e abandonados.

Está escrito:

Rua Shipping, número 26

Este endereço é *meu*.

A última mensagem é pra mim.

P A R T E C I N C O

O C U R I N G A

Rua Shipping, 26



A rua está vazia e silenciosa.

O curinga ri pra mim.

O único som presente é o da risada silenciosa do palhaço nas minhas mãos. Ele chega a rugir.

A grama está coberta de suor e fico ali sozinho com o curinga entre os dedos. Esse tempo todo eles me vigiaram, mas eu nunca me senti tão vulnerável ou julgado como agora.

Lá dentro, penso desesperado. O que está aguardando lá dentro?

— Entre lá — digo, e vou andando pela grama suada. É claro que não *quero* entrar, mas não me resta outra escolha. Se tiver alguém lá dentro, não vou poder fazer nada. Meus pés úmidos marcam a varanda de cimento.

Vou direto pra cozinha.

— Tem alguém aí? — grito.

Mas.

Não tem ninguém.

Na.

Minha cozinha.

Na verdade, não tem ninguém na casa, só mesmo Porteiro, o curinga e eu. Quase vou olhar embaixo da cama, mesmo sabendo que não combinaria com o estilo do que vem acontecendo. Os caras estariam tomando do meu café, mijando no meu banheiro, tomando um banho ou coisa parecida. Não tem nada nem ninguém na minha casa. O silêncio toma conta do ambiente até que Porteiro boceja e lambe os lábios.

Horas se passam até que tenho que ir trabalhar.

— Vai pra onde?

— Martin Place, por favor.

Cada passageiro que pego, fico entorpecido, e pela primeira vez rodo o dia inteiro sem falar com ninguém. Não falo sobre o tempo. Não falo sobre quem ganhou no final de semana, sobre como estão as ruas, nem sobre nenhuma besteira que preencha o vazio dentro do táxi.

Este é o primeiro dia.

O segundo é a mesma coisa.

No terceiro dia, alguma coisa acontece.

Estou voltando pra casa e, quando chego num cruzamento, quase bato numa Kombi, que está tentando sair. Em vez de prestar atenção na Kombi, eu olho pra direita. O veículo dá uma parada brusca, os freios gritam aos meus pés, e eu consigo parar a alguns centímetros da placa da Kombi.

O curinga estava no banco do passageiro.

Neste instante, ele sai voando.

Vai parar no chão do carro.

E solta uma gargalhada.



Você já alongou as pernas ou tocou nos dedos dos pés e tentou pra cacete? É esta a sensação que os dias e as semanas estão causando agora, enquanto eu trabalho e espero o curinga se revelar.

O que vai acontecer na minha casa, na Rua Shipping, número 26?
Quem vai chegar?

No dia 7 de fevereiro, alguém bate na porta, e eu meio que corro, meio que paro enquanto estou indo atender. Será que é agora?

É a Audrey.

Ela entra e diz:

— Você anda quieto ultimamente, Ed. O Marv diz que tá tentando te ligar, mas não te encontra em casa.

— Tô trabalhando pra caramba.

— O que mais?

— Esperando.

Ela se senta no sofá e pergunta:

— Esperando o quê?

Sem a menor pressa, eu me levanto e vou até a gaveta no quarto e pego as quatro cartas. Quando volto pra sala, repasso todas elas:

— Ouros, missão cumprida — eu solto a carta e a vejo voar até o chão. — Paus, missão cumprida — mais uma vez, a carta vai parar no carpete. — Espadas e copas, as duas cumpridas.

— E agora? — Audrey vê que eu estou pálido e abatido.

Tiro então o curinga do bolso.

— E agora isso — explico. E imploro. Quase choro quando continuo. — Me diz uma coisa, Audrey: por favor, me diz que é você. Diga que é você que vem mandando estas cartas. Diga que você só queria que eu ajudasse as pessoas e...

— E o que, Ed?

Fecho os olhos.

— Melhorasse um pouco como pessoa, fazendo eu me sentir útil.

As palavras caem no chão, onde estão as cartas, e Audrey sorri. Ela sorri, e eu fico só esperando que ela admita.

— Diga, Audrey! Diga...

Ela responde.

Ela diz a verdade.

As palavras fluem quase que inconscientemente de sua boca.

— Não, Ed — diz lentamente. — Não fui eu — ela balança a cabeça e olha pra mim.

— Desculpa, Ed. Desculpa mesmo. Antes fosse eu, mas...

Ela não termina a frase.



Finalmente, chega a hora.

Outra batida chacoalha minha porta, e eu sei que é agora. É tarde, a mão é bem firme, e eu calço os sapatos antes de atender.

Respire fundo, Ed.

Eu respiro.

— Fique aqui — digo pro Porteiro quando a gente se esbarra no corredor, mas ele me segue até a porta.

— Ed Kennedy?

É um careca com um bigode enorme.

— Sim — respondo.

Ele se aproxima e diz:

— Eu tenho uma coisa pra você, posso entrar?

Ele é bem-educado e simpático, e decido que, se quer entrar, melhor deixá-lo entrar. Ando pro lado, abrindo caminho pra ele passar. É um sujeito alto, de meia-idade, com uma fala educada e uma voz firme.

— Aceita um café? — ofereço, mas ele recusa.

— Não, obrigado.

É a primeira vez que vejo a maleta em sua mão.

Ele se senta e abre a maleta, onde traz um almoço embrulhado, uma maçã e um envelope.

— Aceita um sanduíche? — ele oferece.

— Não, obrigado.

— Garoto esperto. O sanduíche que minha esposa prepara é um horror... Eu não tive estômago pra comer hoje.

Ele vai direto ao ponto, me passando o envelope.

— Obrigado — falo todo ansioso.

— Você vai abrir?

— Quem te mandou aqui?

Olho bem firme pra ele, e o homem fica surpreso por um instante.

— Abra.

— Quem te mandou?

Só que não consigo mais me controlar. Meus dedos vão se enfiando no envelope e então dou de cara com a caligrafia já conhecida.

*Caro Ed,
O fim está próximo.
Acho melhor você se dirigir ao cemitério.*

— Ao cemitério? — pergunto, e sei que amanhã faz exatamente um ano que meu pai morreu.

Meu pai.

— Meu pai — digo pro homem. — Foi ele, cara?

— Não sei do que você tá falando.

— Por que não? — eu quase agarro o sujeito.

— Eu...

— O quê?

— Recebi ordens de vir aqui.

— Ordens de quem?

Mas o cara só abaixa a cabeça. Fala as palavras com muita firmeza.

— Não sei. Não sei quem ele é...

— Meu pai tava por trás disso? Ele deixou tudo isso organizado antes de morrer? Ele...

Ouço o que minha mãe me disse no ano passado.

“Você é igualzinho a ele.”

Será que meu pai deixou instruções para alguém organizar isso? Eu me lembro de tê-lo visto andando pelas ruas à noite enquanto eu dirigia o táxi. Ele andava pra se livrar do efeito do álcool. De vez em quando eu lhe dava uma carona enquanto ele voltava do *pub*, indo pra casa...

— É por isso que ele sabia do endereço — digo em voz alta.

— O quê?

— Nada — respondo, e não digo mais nada, pois já estou saindo. Estou correndo pela rua, direto pro cemitério. Está fazendo uma daquelas noites bem escuras, preto-azuladas. As nuvens pesadas feito concreto pairam no céu, formando um teto em camadas.

Vou me aproximando do cemitério e me viro pra área onde se encontra o túmulo do meu pai. Tem uns seguranças parados lá perto.

São mesmo seguranças?

Não.

São Daryl e Keith.

Dou uma parada, e eles me observam. Daryl fala.

— Meus parabéns, Ed.

Recupero o fôlego.

— Meu pai?

— Você é igual a ele — Keith me explica. — E, como ele, era provável que morresse da mesma forma: um quarto do que você poderia ter sido...

- Então ele enviou vocês pra fazer isso? Deixou tudo organizado antes de morrer?
- Daryl responde, se aproximando.
- Sabe, Ed, você sempre foi um zero à esquerda, igualzinho ao seu velho. Sem querer ofender.
- Tudo bem.
- E fomos contratados pra te testar... pra ver se você consegue evitar *esta* vida — ele aponta pro túmulo.
- Keith se aproxima e diz:
- O único problema é que não foi seu pai quem nos enviou.

Leva um tempo pra eu digerir isso.

Não é a Audrey. Não é meu pai.

De repente, começo a me sentir como se surgissem milhares de perguntas na minha frente, como se fosse uma porrada de gente saindo de um estádio de futebol ou de um show de rock: empurrando, dando cotoveladas, puxando, dando tropeçadas. Algumas conseguem sair. Outras ficam sentadas esperando pintar uma oportunidade de se levantarem.

— Então o que vocês estão fazendo aqui? Como sabiam que eu estaria exatamente aqui neste exato momento?

— O chefe nos mandou — Daryl responde.

— Ele nos disse que você estaria aqui — Keith fala de novo. Estão trabalhando bem hoje. — Então nós viemos — ele sorri pra mim, quase que com pena. — Ele ainda não errou nenhuma.

Tento pensar, pra ver se entendo essa parada toda.

— Bem — começo, mas parece que não tenho mais nenhuma palavra pra dar continuidade à frase. Então acho algo. — Quem é o chefe de vocês?

Daryl balança a cabeça de um lado para o outro.

— Não sabemos, Ed. Só cumprimos ordens — ele começa a concluir as coisas. — Mas é isso mesmo, Ed. Você foi enviado aqui hoje pra se lembrar de que você não quer morrer como seu pai. Tá entendendo?

Faço que sim com a cabeça.

— E agora temos uma última coisinha pra te dizer, e então vamos desaparecer de sua vida pra sempre.

Eu me preparo pra ouvir com toda atenção.

— O que é?

Eles já começam a se afastar, indo embora.

— É que você vai ter ainda que esperar mais um pouco, falou?

Fico lá parado.

O que mais posso fazer além de ficar lá parado?

Vejo Daryl e Keith sumirem tranquilamente pela noite. Eles se foram, e eu jamais os verei novamente.

— Obrigado — digo, mas não dá pra eles me ouvirem. Que pena que eles nunca vão

ouvir o agradecimento.

Depois de alguns dias, percebo que não tem mais nada que eu possa fazer além de esperar. Já estou quase desistindo quando, numa madrugada, estou voltando do trabalho. Um cara novo faz sinal. Ele usa uma calça jeans, uma jaqueta e um boné.

Ele entra e se senta atrás.

Como sempre.

Pergunto onde ele vai ficar.

Como sempre.

Então ele responde.

— Rua Shipping, número 26.

Essa é nova.

As palavras me paralisam e eu quase paro o carro.

— Siga em frente, Ed — só que ele não levanta a cabeça. — Como eu disse: Rua Shipping, número 26.

Sigo em frente.

Ficamos calados o tempo todo, até chegarmos no subúrbio. Estou dirigindo com cuidado, com os olhos nervosos e o coração quase na boca.

Viro na minha rua e paro na minha casa.

Finalmente, a pessoa atrás tira o boné e levanta a cabeça pra que eu o veja pela primeira vez, no retrovisor.

— É *você!* — eu grito.

— Sim.

Estou muito mais do que chocado ou surpreso. Mal consigo pensar ou reagir, pois no banco de trás do meu táxi está o assaltante azarado do começo desta história. O bigodinho ruivo ainda está lá e ele continua feio como sempre.

— Os seis meses acabaram — ele explica. Desta vez, parece simpático.

— Mas...

— Não faça perguntas — ele interrompe. — Só dirija. Me leve pra Rua Edgar, número 45.

Eu obedeco.

— Tá lembrado deste lugar?

Eu lembro.

— Agora vamos pra Avenida Harrison, número 13 — e então o assaltante azarado me leva pra cada um dos lugares, um a um. Passamos pela Milla, Sophie, pelo padre e Angie Carusso, e pelos irmãos Rose.

— Tá lembrado? — ele me pergunta cada vez que passamos por um deles.

— Tô, sim — respondo.

— Bom. Agora vamos pra Estrada da Glória.

— Rua Fantoche, e pra casa da tua mãe.

— Rua Redoma.

— E você sabe quais são as últimas três.

Dirigimos pelas ruas da cidade enquanto o sol vai esquentando. Vamos até a casa do Ritchie, passamos pelo parquinho com a grama maltratada e pela casa da Audrey. Em cada lugar, vou me lembrando de tudo enquanto dirijo. Às vezes dá vontade de parar e ficar lá.

Ficar lá pra sempre.

Com o Ritchie no rio.

Com o Marv nos balanços.

E dançando com a Audrey no fogo silencioso da manhã.

— Pra onde vamos agora? — pergunto quando voltamos pra minha casa.

— Saia — ele manda, e agora não dá pra evitar.

Digo:

— Foi você, não foi? Você assaltou o banco sabendo que...

— Dá pra calar a boca, Ed?

Paramos ao lado do táxi embaixo do sol da manhã.

Metodicamente, ele tira alguma coisa do bolso da jaqueta. É um espelhinho.

— Tá lembrado do que eu te falei no meu julgamento, Ed?

— Tô lembrado, sim — e, por algum motivo, sinto um calor nos olhos.

— Diga aí o que foi.

— Você disse que, toda vez que eu me olhasse no espelho, deveria lembrar que tava olhando para um homem morto.

— Isso mesmo.

O ladrão azarado vem e para na minha frente. Dá um sorrisinho e levanta o espelho pra mim. Eu olho pra mim mesmo.

Ele diz:

— Você tá olhando pra um homem morto agora?

Numa enxurrada dentro de mim, vejo todos aqueles lugares e pessoas de novo. Abraço a criança na varanda de sua casa e me passo por Jimmy para uma velhinha maravilhosa. Vejo uma garota correndo com os mais lindos pés ensanguentados do mundo.

Acho graça da empolgação estampada na cara de um homem religioso. Vejo os lábios de Angie Carusso cheios de sorvete e sinto a lealdade dos irmãos Rose. Vejo a escuridão de uma família ascender o poder e a glória, permito que minha mãe liberte a verdade, o amor e a decepção de sua vida, e me sento no cinema de um homem solitário.

Olhando pro espelho, estou parado num rio com meu amigo. Vejo o Marvin Harris empurrando a filha pro alto num balanço, e danço com amor e com a Audrey por três

minutos sem parar...

— E aí? — ele pergunta de novo. — Você ainda tá olhando para um homem morto?
Desta vez, eu respondo.

— Não.

E o criminoso fala:

— Bem, então valeu a pena...

Ele foi pra cadeia por causa dessas pessoas.

Ele foi pra cadeia por minha causa, e, agora, ele se vai com umas palavrinhas finais.

— Adeus, Ed. Acho melhor você entrar.

E ele vai embora.

Assim como Daryl e Keith, nunca mais vou ver este cara.



Com o máximo de calma possível, entro em casa. A porta da frente estava aberta.
No meu sofá, está um cara novo, tranquilo e contente, acariciando Porteiro.

- Quem é...
— Oi, Ed. É bom conhecer você finalmente.
— Você é...
Ele faz que sim com a cabeça.
— Você mandou...
Ele faz que sim de novo.

Quando ele se levanta, diz:

- Cheguei nesta cidade um ano atrás, Ed.
O cabelo dele é bem curto, castanho, ele é baixinho e está com uma camisa, calça jeans preta e tênis azul. A cada minuto que passa, ele vai parecendo mais com um garoto do que com um homem, embora sua voz não seja de menino.
— É, foi mais ou menos há um ano, e eu vi seu pai enterrado. Vi você e seus carteados, seu cachorro e sua mãe. Toda vez eu dava uma passada aqui, ficava olhando, o mesmo que você fez nesses endereços... — ele se vira por um instante, quase envergonhado. — Eu matei seu pai, Ed. Organizei o assalto fajuto pra quando você fosse lá. Mandeí aquele homem brutalizar a esposa. Mandeí Daryl e Keith fazer todas aquelas coisas com você, e seu amigo que te levou até as pedras... — ele olha pra baixo e então levanta a cabeça. — Fiz isso tudo com você. *Transformei* você num taxista pra lá de incompetente e o forcei a fazer todas aquelas coisas que você achava que não conseguiria — agora ficamos ali parados, olhando um pro outro. Esperando mais palavras. — E por quê? — ele para, mas não se mexe pra trás. — Eu fiz isso porque *você* é o verdadeiro símbolo e modelo da banalidade, Ed — ele me olha todo sério. — E se um cara como você consegue fazer o que você fez por toda essa gente, talvez todo mundo consiga. Talvez todos possam superar seus próprios limites de capacidade — ele agora se empolga. Fica emotivo. Isso é tudo. — Talvez até *eu* consiga...

Ele volta pro sofá.

Tenho de novo a sensação de que a cidade à minha volta é fictícia, inventada. Será que

isso está acontecendo?

Está sim, e o cara está bem ali, passando a mão no cabelo.

Calmamente, ele se levanta e olha pro sofá. Tem uma pasta amarela, meio desbotada, sobre a almofada.

— Está tudo aí — ele diz. — Tudo. Tudo que escrevi pra você. Todas as ideias que tive. Cada pessoa que você ajudou, machucou ou encontrou por acaso.

— Mas... — as palavras parecem não querer sair. — Como?

— Até *isto* — ele responde — está aí dentro: esta discussão.

E fico ali, chocado, impressionado, passado.

Depois de um tempo, acabo conseguindo voltar a falar.

— Eu sou real?

Ele nem pensa. Não precisa.

— Olhe na pasta. No final. Tá vendo?

Nuns garranchos bem grandes no lado em branco do porta-copo, está escrita. Sua resposta está escrita ali de caneta preta: “É claro que você é real — como qualquer pensamento ou qualquer história. É real quando você participa.”

— Melhor eu ir nessa. Você provavelmente tá querendo analisar o conteúdo da pasta e ver se tem consistência. Tá tudo aí.

Por um momento, eu me desespero. É a sensação que a pessoa tem, parecendo que está caindo, quando tem certeza de que perdeu o controle do carro, ou cometeu um erro que não tem como reparar.

— O que faço agora? — pergunto desesperado. — Diga! O que faço agora?

Ele continua calmo e tranquilo.

Olha bem pra mim e diz:

— Continue vivendo, Ed... Só as páginas é que param por aqui.

Ele fica por mais uns dez minutos, talvez, provavelmente por causa do trauma que me abateu. Permaneço de pé, tentando pensar e me recuperar do que acabou de rolar.

— Acho melhor eu ir embora — ele diz novamente, desta vez com mais firmeza.

Com dificuldade, eu o acompanho até a porta.

A gente se despede na varanda, e ele volta pra rua.

Eu me dou conta de que ainda não sei como ele se chama, mas com certeza não vai demorar muito pra eu descobrir.

Tenho certeza de que o safado escreveu sobre isso. Tudinho.

Enquanto caminha pela rua, ele tira um caderninho do bolso e escreve alguma coisa.

Isso me faz pensar que talvez eu mesmo devesse escrever sobre tudo isso. Afinal, fui eu quem fez todo o trabalho.

Eu começaria pelo assalto ao banco.

Mais ou menos assim: “O assaltante é um mané.”

Só que, muito provavelmente, ele já me ganhou nessa.

Não será o meu nome na capa de todas essas palavras, mas sim o dele.

É ele quem vai levar o troféu.

Ou ovo podre, se o trabalho sair uma droga.

Mas lembre que fui eu — não ele — quem deu vida a estas páginas. Fui eu quem...

Ah, para de se queixar, Ed, uma voz interna me diz.

É uma voz familiar.

Passo o dia pensando numa porrada de coisas, por mais que eu tente não pensar. Dou uma olhada na pasta e encontro tudo como ele disse. Todas as ideias estão escritas e as pessoas estão esboçadas. Uns trechos malfeitos estão rabiscados em pedaços de papel, todos grampeados. Inícios e finais se misturam.

As horas vão passando.

Os dias se seguem.

Não saio de casa nem atendo o telefone. Mal consigo comer. Porteiro fica ali comigo, enquanto os minutos vão passando.

Por um bom tempo, eu me pergunto o que estou esperando, mas entendo que é exatamente como ele disse.

Acho que é pra vida inteira, além destas páginas.



Uma tarde, ouço o que parece ser a última batida na minha porta: é a Audrey, parada ali na minha varanda rachada.

Ela dá uma olhadinha rápida com os olhos frouxos e pergunta se pode entrar.

No corredor, ela fecha e se encosta na porta e pergunta:

— Posso ficar, Ed?

— Claro que você pode passar a noite — mas ela balança a cabeça, e seus olhos frouxos finalmente caem. Audrey se aproxima de mim.

— Não é só esta noite. Pra sempre.

A gente afunda no chão do corredor, e Audrey me beija. Seus lábios se juntam aos meus e sinto o sabor de seu hálito; eu o engulo e quero mais. Sua respiração penetra em mim e despeja correntes e mais correntes de sua beleza. Seguro seu cabelo amarelo. Passo a mão em seu pescoço macio, e ela continua a me beijar. É isso que ela quer.

Quando terminamos, Porteiro se aproxima e se acomoda ao meu lado.

— Oi, Porteiro — Audrey diz, e, mais uma vez, seus olhos brilham. Ela está radiante.

Porteiro olha pra gente. Ele é o sábio. Ele é a sabedoria.

Já estava mais do que na hora, gente!, ele diz.

Ficamos no corredor por quase uma hora, e eu conto tudo pra Audrey. Ela escuta atentamente enquanto acaricia Porteiro, e ela acredita em mim. Percebo que Audrey sempre acreditou.

Estou prestes a relaxar completamente quando uma pergunta final surge de novo.

— A pasta — digo.

Eu me levanto e corro até a sala. De joelhos, dou uma olhada na pasta, incessantemente. Eu me sento e vou passando as páginas. Vou passando e remexendo, analisando os papéis soltos.

— O que você tá fazendo? — Audrey pergunta. Ela veio pra sala e agora está de pé atrás de mim.

Eu me viro e olho pra ela.

— Tô procurando *isto aqui* — respondo. Balanço a mão pra nós dois. — Tô procurando por nós dois juntos.

E Audrey se agacha. Ela se ajoelha comigo e segura na minha mão, pra me fazer largar os papéis.

— Acho que não tá aí — diz suavemente. — Eu acho, Ed... — ela agora segura meu rosto com as mãos. A luz laranja do final de tarde está direto nela. — Acho que isso só diz

respeito a gente.

Já anoiteceu, nós três — Audrey, eu e Porteiro — tomamos um cafezinho na varanda. Ele sorri pra mim quando termina e cai no seu sono tranquilo de sempre, perto da porta. A cafeína não faz mais efeito nele.

Os dedos da Audrey se seguram aos meus, a luz permanece acesa um pouco mais, e ouço de novo as palavras que ouvi hoje de manhã.

“Se um cara como você consegue fazer o que você fez, talvez todo mundo consiga. Talvez todos possam superar seus próprios limites de capacidade.”

E é aí que a ficha cai.

Em um belo, doce e cruel momento de clareza, eu sorrio, olho pra uma rachadura no cimento e digo pra Audrey e pro Porteiro adormecido. Digo o que estou lhe dizendo:

Eu não sou o mensageiro.

Eu sou a mensagem.

Sobre o autor



MARKUS ZUSAK nasceu em Sydney, em 1975, filho de pai austríaco e mãe alemã. Vive até hoje na cidade. Tem cinco livros publicados, dos quais *Eu sou o mensageiro* é o terceiro. Publicou seu primeiro romance, *The Underdog*, em 1999, e o segundo, *Getting the Girl*, em 2001. Seus trabalhos mais recentes são *Fighting Ruben Wolfe* e o grande sucesso internacional *A menina que roubava livros*.

Conheça os livros do autor



Eu sou o mensageiro



A menina que roubava livros